



Passo Fundo Nome Próprio Feminino

Dr. Geraldo Cogrossi Silva
Selma Gandini Costamilan

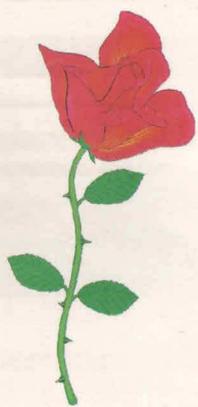
310

Maria Visabab

MISS 1981

MISS 1980





[Faint, illegible text covering the majority of the page, likely bleed-through from the reverse side.]

00005605

5345

**LIVRO SÓ PARA
CONSULTA LOCAL.**

AUTOR - DR. GERALDO COGROSSI SILVA

Co-autora: Professora Selma Gancini Costamilan

Biblioteca Pública Municipal
« ARNO VIUNISKI »
Passo Fundo - RS

PASSO FUNDO NOME PRÓPRIO FEMININO



1ª EDIÇÃO - 2001

PASSO FUNDO NOME PRÓPRIO FEMININO

Primeira Edição: Dezembro de 2001.

Autoria, criação, correção e capa: **Dr. Geraldo Cogrossi Silva.**

Impressão:



DIREITOS AUTORAIS EXCLUSIVOS DO AUTOR - PROIBIDA REPRODUÇÃO

Exemplares avulsos podem ser adquiridos nas livrarias em geral ou diretamente com o autor, através dos telefones (54) 311-0026 ou (54)99840382, ou através de correspondência a: Dr. Geraldo Cogrossi Silva - Rua Benjamin Constant 672
Centro CEP 99010-130, Passo Fundo – RS.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Algumas palavras ao leitor	9
Ada Maria Postal de Castro	13
Adelaide Ghezzi Morsch	15
Adelina Formigheri Madalosso	16
Aiesa Magali Sousa Zauza	18
Albertina Machado Rosado	19
Alessandra Alves da Silva	20
Alice Sana Costi	21
Alvarina Krueel	23
Ana Cristina Ferrareze Cirne	24
Ana Maria Bier Melgarejo Grazziotin	26
Andréia Menegon Silva	28
Andressa Aparecida Pagnussat	30
Angélica de Castro Otto	31
Anita Mariana Hoffmann Tissot	33
Anna Luiza Ferrão Teixeira	34
Anna Theodora Oliveira da Rocha (Nhá Rica)	35
Antonina Xavier Oliveira	36
Armida Bergamini Miotto	37
Branca Ribas Machado	39
Briane Trentin De Witt	40
Bruna Leonardi Bebbler Fontana	42
Carmem Teresinha Lucca	44
Carmem de Carvalho Rossetto	45
Cecília Borges Kneipp	46
Cecy Leite Costa	47
Celi Maria Costi Ribeiro	48
Cinara Liane Frosi Tedesco	49
Cláudia Cristina Santos da Rocha	50
Cláudia Madalosso Zanin	52
Clelci Camozatto Zaffari	54
Clélia Martins Pinto	57
Craci Terezinha Ortiz Dinarte	58
Delcídia Biasuz Ughini	59
Delcídia Ughini Crusius	61
Delma Rosendo Gehm	63
Dinah Orocil de Medeiros Franco	65
Dirce Biancini Michelin	66
Djanira de Oliveira Lângaro	67
Dulce Helena Aparecida Caseiro de Magalhães	69
Elba Ferreira da Costa	70
Elfried (Elfrida) Hubscher	71
Eliane Maria Bertagnolli	72

Elisabeth Finardi Squassoni.....	73
Elly Ely	76
Elohy Lurdes Bertoldo Alessandri.....	78
Eneyda Thevenet Rosa	80
Eny Borges Ughini.....	81
Erna Maria Helbling Bastian	82
Eulina Bernardes Braga	83
Flora Cândida Alves Machado	84
Francinne Morandi e Silva	86
Gabriela Volff	88
Georgina Dreyer Rosado	90
Gilda Festa	91
Gilda Galeazzi	92
Gisele Volpi Frigeri	94
Glacir Hausen Lopes	95
Gladis Maria Marson.....	97
Guilhermina Zügel Borges	99
Haydée Maia De Cesaro	100
Helena Engelsing Lângaro	101
Helena Lângaro Dipp	102
Helena Rotta de Camargo	104
Heloisa Goelzer de Almeida.....	106
Herbeni Otto Fachini.....	107
Iara Oliveira Lucas	108
Iara Salete Forcelini Caierão	109
Ida Luz Della Méa	111
Iedda Ceratti de Azambuja	113
Ignéz Alonso Rossato	114
Iola Merce Rodrigues	116
Ione Mari Ughini Mentz	117
Irene Lúcia Knack Lopes	118
Irene Neff Sciessere	119
Irma Helena Annes Salton	121
Irma Maria Trombini	123
Itália Durgante	124
Ivanilde Ana Volpi Marini	125
Izabel Loureiro Krueel	126
Janete Schell Stand	127
Jocenira Oliveira da Silva Ferreira	129
Josephina de Oliveira Voltolini	131
Jovina Leite Vergueiro	132
Julieta Bastos Engelsing	133
Jurema Carpes do Valle	134
Laura Borges Felizardo	135
Laura Junqueira da Rocha	136
Leda Rosa Rampazzo	137

Lenira Zimmermann Battisti.....	138
Leofrida Thevenet Barbieux (Dona Gringa)	139
Leonilda Terezinha Fernandes Reveilleau	140
Leonora Brígida Lachno	141
Linda Degrazia Sarturi.....	143
Lorena Maria Pierdoná Ramires	144
Lori Kreische Corá	146
Lourdes da Silva Pithan	147
Lúcia Terezinha Saccomori Palma	148
Luciane Amaral Correa	150
Luciane Merlin Bernieri	151
Lucila Vieira Schleder Ronchi	152
Lurdes Canelles	153
Lydia Onghero Fazolo	154
Manoela Bertagnolli.....	155
Mara da Graça Carpes do Valle.....	157
Mara Lúcia Bertoldo Balen	158
Márcia Kozma Benincá	159
Márcia Simone Grassi	162
Maria Amabile Zambenedetti (Irmã Guiomar).....	163
Maria Angélica Weissheimer	165
Maria Augusta Corrêa Tagliari	167
Maria Célia Giongo	168
Maria da Glória França da Silva	170
Maria de Lourdes Paes Leme	172
Maria Elizabeth de Oliveira	173
Maria Ely Xavier.....	175
Maria Emília Cavalheiro Lima (Maria Galves)	176
Maria Fialho Crusius	178
Maria Gregórie	180
Maria Helena Andreis Lorenzatto	182
Maria Lílian Moogen	183
Maria Lucina Busato Bueno	184
Maria Luisa Oliveira Camozzato	186
Maria Osaíla Virgínio	187
Maria Teresinha Susin	189
Mariana Tagliari.....	190
Marília Mattos	191
Marilúcia da Rosa Xavier	192
Marina Xavier e Oliveira Annes	193
Marisa Pottens Zílio	194
Marivone Terezinha Castelli	196
Marlene Teresinha Volpi Frigeri.....	198
Marlusa Sfair da Silva	200
Marly Piccinini de Sousa.....	201
Mathilde Wally Koerich Ferreira	202

Meibe Ribeiro	203
Miriam Busato	205
Modesta Vanzo	206
Moema de Toledo Rodrigues	208
Nair Giacomelli Gomes	209
Natália Battisti Bonella	211
Neusa Maria Henriques Rocha	212
Nídia Nessi Carnacini	214
Nilse Lopeteguy Graeff	215
Nilda Oliveira Cornélio	216
Noelly Sagebin Albuquerque	217
Noemy Damian	218
Odila Minúscoli Stolfo	220
Olga Bortolás Coppetti Menegaz	221
Olga Caetano Dias	222
Olga Durgante Poletto	223
Ondina Marques Daudt	225
Paula Zimmermman Battisti	227
Rejane Maria Bernardon	228
Rosa Thereza Sachetti	229
Salette Maria Possan Nunes	231
Sandra Mara Serrano Carneiro	232
Santina Rodrigues Dal Paz	233
Selma Gandini Costamilan	234
Silésia Menegaz do Amaral Corrêa	237
Silly Anita Borgmann de Miranda	238
Siloé Rocha Bordignon	239
Simone Muller Cardoso	242
Sinara da Costa Alarcony	243
Sirlei França Cardoso	244
Sirley Terezinha Dossa Marchiori	246
Solange Loreci Simões	247
Solange Teresinha Laus	249
Tânia Mariza Kuchembecker Rösing	250
Terezinha Aparecida Zanette	253
Thereza Zulmira Araújo Almeida	255
Valéria Gehm da Costa	256
Valnira Zanoni Schaeffer	258
Vera Lúcia Gonçalves dos Santos	260
Zaida da Silva Camargo	262
Zaira Marlusa Verardi	264
Zeli do Carmo Campos	265
Zelinda Brugnera de Tomas	266
Zelir Salete Lago Busato	267
Ziza de Araújo Trein	270

PREFÁCIO

“Passo Fundo, nome próprio feminino”, veio para ficar na história de Passo Fundo, porque resgata o brio e a grandeza da mulher passo-fundense, o que de mais belo e de mais altruístico existiu, existe e existirá na terra que foi fundada por um homem Joaquim Fagundes dos Reis.

Pode parecer estranha a idéia que Geraldo Cogrossi Silva, seu autor, e Selma Gandini Costamilan, sua co-autora, tiveram de editar entre nós um livro que tratasse, de modo sistematizado e exclusivo, dos feitos históricos e dos empreendimentos políticos, sociais e profissionais de mulheres que nasceram ou viveram na hoje capital do Planalto Médio.

Certamente, o que me surpreendeu na obra foi a coragem e a maneira informal, amena e direta por meio das quais o autor e redator dos textos, o advogado Geraldo, e a co-autora das pesquisas, a professora Selma, conduziram o fio literário dos relatos, vinculando-os à pobreza e à insegurança dos dados familiares, dos nomes, das datas, das idades, das profissões, das entidades públicas e privadas e dos ideais políticos, sociais e religiosos que cada personalidade biografada representou ou representa no contexto social, para extrair dos documentos, das memórias, das informações e dos registros manuseados um conteúdo histórico de valor inédito, de interesse literário e de afirmação da cidadania de um rol de mais de duzentas mulheres de Passo Fundo.

É por isso mesmo que penso que o livro tem amplo interesse para ambos os sexos: feminino e masculino. A obra mostra que o velho e surrado princípio da igualdade entre homem e mulher, há muito tempo, vem sendo contestado e, de certo modo, já perdeu a significação como forma de discriminar os sexos.

A sociedade contemporânea (e o livro é um exemplo evidente) tem lutado para que a discriminação dos sexos – que ainda constitui fenômeno transgeográfico e transcultural – desapareça do mundo econômico, social e jurídico; à medida que os países (e o Brasil é um exemplo) avançam na busca do princípio da igualdade entre homens e mulheres, menos problemáticas se tornam a vivência, a convivência e a sobrevivência dos homens, lado a lado e sem distinções, no mercado de trabalho e na conquista dos galardões das melhores profissões na sociedade política e civil.

A obra “Passo Fundo, nome próprio feminino”, que ora prefacio e que os autores publicam, dignifica o trabalho histórico e literário realizado por Geraldo Cogrossi Silva e por Selma Gandini Costamilan. O livro vem preencher uma lacuna na história de Passo Fundo, já que introduz dados mais fiéis e completos acerca de pessoas já falecidas e atualiza investigações mais precisas e claras sobre personalidades vivas e atuantes do sexo feminino.

No conjunto, a obra histórica, que se transformou num presente literário à comunidade passo-fundense, fica à inteira disposição dos leitores, uma vez que autor e co-autora conseguiram situar a história mais recente das mulheres de

Passo Fundo num quadro político, social, econômico e profissional mais vasto que reflete as conquistas, as responsabilidades e os direitos do sexo feminino, como parceiro igual ao sexo masculino na construção intelectual, cultural e material das sociedades humanas.

5 de novembro de 2001.

Benedito Hespanha
Professor da Universidade de Passo Fundo

1. Do que trata o livro.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que “PASSO FUNDO NOME PRÓPRIO FEMININO” não é um livro só de biografias de mulheres importantes no município, ainda que pareça isso, no princípio. Minha intenção, nesta obra, é, usando Passo Fundo como modelo, mostrar uma fotografia literária do que está acontecendo no mundo, neste começo de século e de milênio, em relação às mulheres na sociedade em geral. Assim, além de mostrar resumos de biografias de mulheres que são nomes de ruas, praças ou colégios da cidade, dentro das limitações de tempo e páginas de que dispunha, pretendi mostrar que, em Passo Fundo, como no resto do mundo, as mulheres em geral, algumas jovens, outras nem tanto, estão ocupando cargos, posições, executando tarefas e serviços que, até muito pouco tempo atrás, eram privilégios masculinos. Desse modo, o leitor encontrará aqui mulheres já conhecidas por terem dedicado uma vida inteira em benefício da sociedade, como será agradavelmente surpreendido ao ver que jovens senhoritas, perfeitamente adaptadas aos novos tempos, competem, em igualdade de condições, com os homens, nas mais diversas e curiosas atividades, mostrando que a mulher do Terceiro Milênio não mais escolhe trabalho ou profissão perguntando primeiro se “isso é coisa para mulher”. Pretendi, também matar a saudade ou a curiosidade de muitos, incluindo algumas mulheres que, mesmo que elas mesmas achassem que não fizeram grandes obras, seguidamente são lembradas nas conversas sociais tipo “ lembra da Maria? O que será que anda fazendo?” ou “Para onde foi a Maria? Faz tempo que não a vejo.”. Por isso, longe de pretender ser uma enciclopédia, este livro é para ser folheado com calma e prazer, para que, a cada página, a cada foto, a cada história, o leitor vá reconhecendo algumas mulheres e conhecendo outras das quais nunca ouviu falar. Por essa razão, a intenção inicial de dividir a obra em capítulos, como “pioneiras”, “rainhas”, “empresárias” e outras, foi abandonada em favor da democrática ordem alfabética. Até por uma questão prática, a ordem alfabética ficou melhor porque não discrimina ninguém, seja por idade, atividade ou importância. Outro motivo é que, como o leitor verá em seguida, algumas dessas mulheres são, ao mesmo tempo, pioneiras, rainhas, educadoras e empresárias. Em qual categoria colocar essas mulheres que, como se verá, são muitas? Assim, ficou facilitada a pesquisa para o leitor.

2. Como foi elaborado.

Partindo da idéia de mostrar um painel abrangente, ainda que muito resumido, do maior número de atividades exercidas por mulheres, hoje, em Passo Fundo, comecei a separar categorias como: Judiciário, Segurança, Executivo, Legislativo, Serviços, Educação, Comércio, enfim, o maior número possível de funções e atividades diferentes onde houvesse uma mulher atuando, para coloca-la como uma espécie de representante de sua área. É claro, que, antes disso, foi feita uma lista com os nomes de senhoras pioneiras, que, muitas já falecidas, deixaram seu

nome marcado na história da cidade. Foi então que a participação da professora Selma Gandini Costamilan teve grande importância, devido ao seu inigualável círculo de amizades e à sua facilidade de acesso a documentos e fotografias, os quais, sem o seu empenho, não seriam encontrados. A partir daí, então, este livro, de singular, passou a ser plural, com a co-autoria de dona Selma, incansável na coleta de dados e informações. É importante que se diga que todas as personagens foram solicitadas a dar informações. Quando isso não era possível, ou porque a pessoa não mais residia na cidade ou porque já havia falecido, primeiro era procurado um parente próximo e, por último, um terceiro que afirmasse ter conhecimento dessa pessoa. Assim, obviamente, não espere o leitor desta obra um rigorismo acadêmico quanto às datas, principalmente, ou denominação de títulos, locais ou eventos, porque não é essa nossa intenção. Dona Selma e eu, tivemos, muitas vezes, para não deixar de fora deste volume uma figura pitoresca ou que achamos imprescindível, que nos basear apenas em depoimentos verbais de pessoas de boa fé que nos contaram algumas histórias. Como ficou claro, nenhum de nós recorreu a cartórios em busca de registros para conferir a exatidão dos dados, porque, como já foi dito, o leitor deverá olhar este livro como um grande álbum onde se encontram fotos e comentários sobre mulheres interessantes da cidade, mas nada além disso. Se, daqui a muitos anos, este livro for usado como obra de pesquisa, ficaremos lisonjeados. Esta, porém, não é nossa intenção principal. Mesmo assim, cerca de duzentas mulheres estão fazendo parte deste livro. Com as famílias de seus pais, são quatrocentas famílias registradas. Como a maioria é casada, somando-se as famílias dos sogros e sogras, são oitocentas famílias diretamente relacionadas aqui. Para um Passo Fundo de 1960, com pouco mais de 15 mil pessoas residentes na cidade, acreditamos ter atingido uma excelente porcentagem das pessoas que fizeram e fazem o progresso deste município. À medida que este livro ia se materializando, porém, ficou evidente que um número muito maior de mulheres merece a mesma atenção e destaque das que neste livro estão presentes. Por isso, se esta obra tiver uma boa aceitação pelo público, certamente o volume 2 estará a caminho, incluindo aquelas amigas que, por absoluta falta de tempo, não foi possível entrevistar ou coletar informações.

3. Gratidão.

É evidente que, num trabalho como esse, que consumiu quase um ano de nossas horas vagas e muitas roubadas de nossas atividades profissionais, efeito de um trabalho quase solitário e não remunerado, sem qualquer apoio oficial, numa iniciativa absolutamente particular, eu e dona Selma desejamos agradecer sinceramente a todas as pessoas que, entendendo nossas intenções, e, com a capacidade de vislumbrar a importância que um trabalho como esse, o primeiro, nessas dimensões, já realizado em Passo Fundo, pode vir a ter num futuro não muito distante, entusiasmadamente prontificaram-se a colaborar conosco, fornecendo informações, fotografias e até sugestões para que este livro se tornasse realidade. Agradecemos também, muito especialmente, aquelas que colaboraram através de pequenas contribuições financeiras, apenas para custear os arremates

finais antes da impressão, propriamente dita, cujos logotipos de suas empresas estão reproduzidos na parte final deste livro, possibilitando um acabamento mais condizente com a importância das mulheres aqui retratadas. Particularmente, devemos registrar a colaboração pessoal, em nome de uma amizade de muitos anos com os autores deste livro, do Deputado Federal Aírton Dipp do PDT, do também Deputado Federal pelo PSB Beto Albuquerque e do engenheiro e professor, José Eurides, também do PSB. Esta atenção, este carinho recebido, ficará eternizado junto com as histórias e as vidas aqui relatadas. Muito particularmente, ao insigne mestre, doutor, professor, mas, principalmente, amigo de muitos anos, de gigantesco conhecimento e comovente simplicidade, Benedito Hespanha, cujo prefácio ostentamos com o orgulho de uma medalha de ouro olímpica, muito caridoso em suas palavras com nossa primeira obra, desejamos dizer que sua aprovação compensou todos os problemas, incompreensões e algumas indiferenças encontradas durante o árduo trabalho de elaboração deste livro.

4. Sobre o autor.

O dr. Geraldo Cogrossi Silva é advogado, formado pela UPF em 1978.



O dr. Geraldo entre os filhos Francis e Francinne, e, abaixo sua esposa, Tânia.

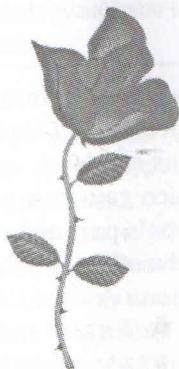


Diretor do jornal O Tempo em Marau(RS), na década de 70, e foi diretor do Diário da Manhã naquela cidade por muitos anos, até 1986, quando voltou a residir em Passo Fundo. Único gaúcho e passo-fundense nato de toda uma família de pais paranaenses (seu pai, Sebastião Francisco da Silva , era oficial do Exército, e sua mãe, Lícia Cogrossi Silva, era dona de casa), ficou em Passo Fundo ao casar-se com Tânia Maria Morandi Silva (filha de Darcy Morandi e Jandira Borella Morandi, de Marau), formada em Filosofia com habilitação para Psicologia, pela UPF, que foi professora de diversas escolas estaduais de Marau e Passo Fundo, até se aposentar.

O casal tem os filhos Francinne Morandi e Silva e Francis Morandi e Silva, ambos acadêmicos de Direito da UPF.

5. Só para as mulheres.

Volto a falar na primeira pessoa para umas palavras finais. Ao longo dos meus 52 anos, sempre admirei essas criaturas tão diferentes, estranhas, difíceis de compreender, tão belas e cativantes que são as mulheres. Nos cinco anos e meio, de 1990 a 1995, durante os quais, à exceção de algum professor, convivi com quarenta jovens mulheres, colegas no Curso de Letras da UPF, tive a confirmação de todas as minhas teorias: elas são inteligentes, aplicadas, dedicadas, aventureiras, sonhadoras e corajosas como qualquer homem. Vi meninas de 17 anos trabalhando turno integral durante o dia e estudando à noite, preocupadas com seu futuro. Vi jovens futuras mães carregando seus filhos ainda no ventre para a sala de aula, assim como vi crianças quietinhas esperando as mães terminarem as provas, sinônimo de uma casa vazia onde não tinha ninguém para fazer companhia ao filho menor. Vi muitas dessas meninas, nestes pouco mais de cinco anos depois da formatura, tornarem-se mulheres de posição na escala social, mantendo, entretanto, o mesmo brilho e entusiasmo dos tempos de acadêmicas. Vi minha filha crescer e tornar-se responsável e, em algumas de suas atitudes, me parece ver reflexos de mim mesmo, quando era jovem. Por isso tudo, minha admiração por esse ser que é meu oposto, porém tão parecido, paradoxo que procurei demonstrar já no título deste livro, só aumentou, à medida que as conheci melhor. Até por isso a presença de dona Selma Costamilan foi inevitável: não poderia escrever um livro sobre mulheres sem a co-autoria e colaboração de uma delas. Se algum mérito a este livro for dedicado, ele pertence a cada uma das personagens aqui descritas. Um livro só é grande se grandes forem suas personagens. A elas, portanto, a palavra final de carinho e admiração.





Ada e Múcio no dia do casamento.

ADA MARIA POSTAL DE CASTRO - Natural de Guaporé, nascida em 15 de junho de 1920. Filha de Amadeu Postal, que era nascido na Áustria, e de Elisa Gasparotto Postal. Casou-se em 10 de outubro de 1940 com o jornalista e político Múcio de Castro, fundador do jornal O NACIONAL, um dos marcos da imprensa riograndense. O casal teve seis filhos: Tarso de Castro (jornalista nacionalmente conhecido por ter sido um dos fundadores do jornal satírico O PASQUIM, editado no Rio de Janeiro na época do regime militar e que se tornou o único órgão de imprensa que se atreveu a enfrentar o poder político de então) já falecido, Gilka de Castro, Paulo, Vera, Mara e Múcio de Castro Filho (hoje na direção da

empresa O NACIONAL). Dona Ada, hoje viúva, tem ao seu redor os netos Múcio de Castro Neto, Fernando de Castro, João Vicente Barbosa Castro, Rafael de Castro, Janaina de Castro Tasca, Alessandra de Castro Polssoni, Karen Paula de Castro Polssoni e Luiza Veríssimo de Castro. Tem ainda um bisneto, Alexandre de Castro Gebes.

Esposa de um jornalista independente e político ativo como foi Múcio de Castro, dona Ada nem por isso ficava à sombra do conhecido marido. Foi uma das sócias fundadoras da Liga Feminina de Combate ao Câncer e da SAMI (Sociedade de Amparo à Maternidade Infantil), através de um projeto idealizado pelo Rotary Clube de Passo Fundo. Foi também uma das idealizadoras do monumento "A Mãe" juntamente com outras senhoras da sociedade local. Sempre presente

justo às
campanhas sociais
e atividades
benemerentes,
dona Ada foi
companheira de
seu esposo na
direção de O
NACIONAL. Como
membro do Rotary
Clube, participou
de todas as
campanhas reali-
zadas pela enti-
dade. A forma



Dona Ada e o saudoso filho Tarso de Castro.

segura, carinhosa com que sempre tratou seus filhos, provavelmente foi o fator mais forte da união de todos no crescimento e consolidação da família Castro na área da comunicação, criando uma tradição nesse setor, iniciada pelo esposo Múcio e continuada pelos filhos Tarso, Gilka e Múcio Filho, o genro Ivaldino Tasca e os netos Fernando e Janaína, não nos esquecendo de mencionar ainda o neto João Vicente, filho de Tarso, que é ator e teatrólogo no Rio de Janeiro. Na foto abaixo, uma rara oportunidade:: todos os membros da família, até a terceira geração, reunidos com dona Ada.





ADELAIDE GHEZZI MORSCH - A professora de música filha de Henrique Scarpelini Ghezzi(ex-prefeito de Passo Fundo) e Vicentina Ghezzi nasceu em Santa Maria(RS) em 10 de janeiro de 1914. Estudou no Colégio Notre Dame e Escola Osvaldo Cruz já em Passo Fundo. Iniciou seu aprendizado de música clássica aos nove anos de idade, formando-se em Porto Alegre. Mais tarde, casou-se com o empresário Diogo Morsch e assumiu a cadeira de piano do Instituto de Belas Artes em Passo Fundo, onde lecionou até completar 65 anos. Nos anos 50, participou, junto com seu esposo, da comissão de obras que concluiu a construção da Catedral Nossa Senhora Aparecida. Juntamente com o marido Diogo, foi uma das pessoas que

fundaram a Cultura Artística, movimento cultural de Passo Fundo, que trouxe à cidade grandes nomes da música clássica nacional e internacional. Manteve, durante dois anos, um programa semanal com músicas eruditas na antiga Rádio Municipal.

Numa época sem televisão, sem a facilidade dos telefonemas interurbanos (uma ligação para fora do estado tinha de ser pedida com dias de antecedência, às vezes), dona Adelaide e seu esposo conseguiam trazer para Passo Fundo artistas de fama internacional, como Roberto Szidon, Iara Bernardete, Ruben Varga, Glória Queiroz, Jackes Klein, Henriette Morineau, Arnaldo Cohen, Antonio Guedes Barbosa e o Quarteto Vocal Gómez Carrillo de Buenos Aires, por exemplo. Para se ter uma idéia da importância desses artistas, vale dizer que era o equivalente a trazer um Plácido Domingo, um Julio Iglesias e até um Roberto Carlos para se apresentar num Passo Fundo com pouco mais de 10 mil habitantes! O grupo de dona Adelaide trouxe também conjuntos estrangeiros com o Hamburg Bach Choir, o Quarteto Stanley da Universidade de Michigan, o Quarteto Americano de Saxofones e, em 1957, no primeiro Centenário de Passo Fundo, os mundialmente famosos Meninos Cantores de Viena. As apresentações eram realizadas nos cinemas Real e Imperial (e, na década de 60 no cine Pampa) e nos clubes Caixeiral e Comercial. À frente da Cultura Artística, dona Adelaide criou, entre 1956 e 1971 o Desfile de Corais de Passo Fundo, um show no qual participavam corais da cidade e de toda região. De figura delicada e beleza serena, Adelaide Ghezzi foi eleita em 1930, rainha do Cine Coliseu (onde depois foi construído o Cine Real) alcançando a extraordinária marca de 1.883 votos contra apenas 352 da segunda colocada, Maria Loureiro.





ADELINA FORMIGHERI MADALOSSO – Filha de Celeste Formigheri e Erina Serena Formigheri, nasceu em Passo Fundo, em 17 de fevereiro de 1913 a menina Adelina, que iria casar-se em 25 de maio de 1929 com Abrahão Madalosso. O casal teve os filhos Adair (já falecido), Suely, Gessy (já falecida), Carlos Antonio, Dulce e Luiz Fernando. Destes, Suely casou-se com o ex-prefeito Firmino da Silva Duro e lhe deu o neto Dário (casado com Jeanine Stahran) e bisneto Léo; a neta Denise (casada com Darwin Reis) e bisneto João Pedro e o neto Gregório. Gessi lhe deu os netos Luiz Roberto (casado com Kátia e Umberto Luiz (casado com Rosana) e os bisnetos Tainá, Yuri e Luiza. Carlos Antonio (casado com Celina Scussel Madalosso) deu-lhe o neto Carlos Augusto (casado com Alexandra

M. Guareschi Madalosso) e a saudosa Cláudia (casada com Ricardo Zanin) mãe dos bisnetos Ricardo e Eduardo. Dulce Madalosso casou-se com Francisco C. de Bittencourt e teve os filhos Francisco, Fernanda e Fabíola. Por fim, Luiz Fernando, casado com Adriana, deu-lhe o neto Luiz Henrique. O avô materno de dona Adelina trouxe da Itália uma imagem de Santo Antonio de Pádua. Como era muito religioso, construiu um capitel (pequena capela) na localidade onde moravam. Seu avô e seu pai uniram-se aos Ricci e começaram a construir o que seria a Igreja Santo Antonio da Vila Ricci. Dona Adelina era menina, mas ajudava carregando madeira e assim levantaram a primeira capela. Mais tarde, junto com seu avô e seu pai, fizeram o altar e os bancos.

Depois de casada com Abrahão Madalosso, ela e o marido entraram no ramo do comércio, onde atuaram até 1960. O sentimento religioso e de caridade nunca abandonou dona Adelina: apesar de ter muito trabalho no armazém, na época do Natal ela trabalhava até tarde da noite fazendo cucas (um tipo de bolo) para distribuir aos pobres. Uma ocasião, ela notou que, perto de sua residência, havia um grupo de famílias que precisava de auxílio e passou a sustenta-las. Percebendo o que ela fazia, uma Irmã da Ordem Vicentina, chamada Irmã Leopoldina,

convidei-a para que ajudasse a formar o grupo chamado Damas de Caridade, pois a Ordem recebia donativos da Alemanha e não tinha tempo e estrutura para visitar as famílias carentes e entregarem as doações. Trabalharam muito na antiga "Vila Sapo" (umas duas ou três quadras atrás do I.E. no Boqueirão) e até casas conseguiram construir para aquelas famílias com material angariado de sobras de construções. Como as doações já não eram suficientes, as Damas de Caridade passaram a visitar o comércio e as pessoas solicitando doações de alimentos, principalmente. Com o passar do tempo, transferiram a sede para o Salão do Círculo Operário. As Damas de Caridade encerraram as atividades quando as Irmãs foram transferidas em meados dos anos 60. Então, as ex-damas de Caridade se uniram e começaram a trabalhar com os Vicentinos (Sociedade São Vicente de Paula). No início da construção da Vila Santa Izabel, dona Adelina e dona Eneida alugaram uma carroça e saíram as duas, com o carroceiro, arrecadando material de construção. Começaram com três famílias. Fizeram as casas e ajudavam com roupas e alimentos. Quando uma mulher engravidava elas providenciavam assistência médica e quando a criança nascia davam o enxoval e toda a alimentação até atingir a idade para ser encaminhada à Creche. Construíram a Creche e a Capela (com dinheiro vindo da Alemanha). O salão de festas foi construído em três etapas. As famílias foram aumentando e novas casas foram construídas nos terrenos doados pelo então prefeito Edu Azambuja. Até o ano de 1999 dona Adelina organizava chás, almoços feiras, recolhimento de carnes entre as sócias e recebia os donativos e com estes eram feitas as feiras na Vila Santa Izabel. As roupas e calçados eram vendidos por preços simbólicos. Como franciscana, dona Adelina atendia o Asilo dos Velhinhos, levando doces e outras coisas semanalmente. Organizava chás nos dias festivos (Dia das Mães, Pais, Páscoa, Natal etc.). Uma vez por mês cortava os cabelos e fazia a barba nos velhinhos. A personalidade disposta e prestativa fez com que dona Adelina tivesse grandes satisfações atuando nas obras assistências e caridosas. Para ela, nunca a frase "o que se planta, colhe" foi mais verdadeira. Sua saudosa neta Cláudia era uma jovem que mantinha viva a fé cristã na solidariedade para com os empobrecidos, especialmente os idosos. Visitava frequentemente o Asilo Vicentino, influenciada, provavelmente, pelo vivo exemplo da vó Adelina. Todos os filhos de dona Adelina são católicos praticantes e colaboram com as obras sociais criadas por ela. Seu grande número de descendentes mostra que ela seguiu à risca os ensinamentos de Cristo quando disse "crescei e multiplicai-vos". É uma bela história a ser preservada.





AIESA MAGALI SOUSA ZAUZA - A professora, pedagoga e psicóloga Aiesa, filha de Aristóteles Seixas de Sousa e Mathilde Marques de Sousa nasceu em Porto Alegre em 12 de novembro de 1939. Casada com o médico Getúlio Vargas Souza, sem filhos, Aiesa realizou seus estudos básicos no colégio Rui Barbosa, em Porto Alegre e formou-se em História pela URS. Depois de lecionar no Colégio Sevigné e no Instituto Santa Maria, bem como nas cidades de Tapes e Guaíba, em 1974 veio morar em Passo Fundo, formando-se em Pedagogia, na UPF, EM 1977. No ano seguinte, passou a estudar Psicologia na 1ª turma da UPF. Fez pós-graduação em Psicologia escolar na PUC, em Porto Alegre. Depois disso, lecionou no colégio Cecy Leite Costa, onde também foi

supervisora e psicóloga. Mantém consultório em Passo Fundo, onde trabalha com Psicologia Transpessoal, um trabalho mais voltado ao espírito do que exclusivamente ao cérebro. A Psicologia Transpessoal é, atualmente, segundo Aiesa, uma corrente mundial. Estudou Yoga em Porto Alegre e é praticante há trinta anos. Possui uma escola para praticantes de yoga em Passo Fundo há 17 anos. Esta mulher de múltiplas atividades costuma dizer que uma das coisas que aconteceram em sua vida e que permitiu que ela trabalhasse com o que gostasse foi a liberdade religiosa. Diz que, desde criança, aprendeu a conviver com várias doutrinas religiosas e que escolheu a que achou melhor, o Budismo, que pratica até hoje. Aiesa trabalha como voluntária no núcleo de ostromizados de Passo Fundo, uma pequena instituição onde se ajuda a diminuir o preconceito e o sofrimento dos que sofrem com essa doença.



ALBERTINA MACHADO ROSADO - Nascida em Passo Fundo, em 7 de novembro de 1917, filha de Tancredo Machado e Luiza Berthier Machado, dona Albertina casou-se com Antonio da Cruz Rosado. Desse casamento vieram os filhos Ivone Rosado Lewis (casada com Ulisses Bacchini Lewis), Ione Rosado Ortega e Ivon Rosado. Esta professora e militante política lecionava no Colégio Protásio Alves, em Passo Fundo, quando faleceu, em 5 de fevereiro de 1953, com apenas 36 anos de idade, deixando os três filhos ainda crianças. Era uma mulher bondosa, altiva, culta, de extrema simpatia e beleza. Teve a coragem de, nos anos 50, logo após a Segunda Guerra Mundial, ser militante do Partido Comunista, numa época em que ser comunista ou simpatizante destes já era motivo de apreensão e suspeitas. Escrevia crônicas e artigos para o jornal O NACIONAL. Em 1951 candidatou-se à Câmara de Vereadores pelo PSP mas não se elegeu. Faleceu vítima de um câncer fulminante, que em poucos meses causou sua morte. Seu esquife baixou ao solo coberto por uma bandeira do Partido Comunista.





ALESSANDRA ALVES DA SILVA – Esta cirurgiã-dentista é filha de Hélio Alves da Silva e Maria Salete Lady da Silva, e nasceu em Erechim, no dia 6 de maio de 1972. Tem as irmãs Cristiane e Geisa Alves d Silva, e o irmão Hélio Alves da Silva Filho. Já pertencente a uma geração na qual as mulheres não eram tão discriminadas, mesmo assim Alessandra é das poucas cirurgiãs-dentista de Passo Fundo. Passou sua infância num a pequena cidade do interior do estado, e, aos 10 anos, seus pais se mudaram para Passo Fundo.

Freqüentou o Colégio Conceição até concluir o 2º Grau. Desde pequena, seu sonho era ser médica pediatra e pianista. Para isso, fez muitas aulas de piano, e conseguia tocar muitas músicas “de ouvido”, conquistando o interesse e a admiração da professora Virgínia, que investiu muito na sua formação de pianista. Quanto à medicina, depois de tentar o vestibular por dois anos, acabou por se decepcionar e, percebeu que poderia seguir a carreira da pessoa que mais admira: seu pai. Entrou para a Faculdade de Odontologia e formou-se cirurgiã-dentista pela UPE. Hoje, Alessandra percebe que o destino tem caminhos misteriosos quando, quase realizada, tem como colega de profissão seu pai, que continua seu amigo e protetor, para todas as horas. Jovem e bonita, Alessandra mantém-se sempre informada e atualizada em sua profissão, acompanhando as constantes evoluções da ciência. Trabalha com entusiasmo e cada paciente merece tratamento especial. Preocupada com o meio social, Ale (como é chamada pelas amigas), diz que se sente enriquecida ao atender as pessoas carentes no Posto de Saúde e no Ambulatório Municipal porque esse trabalho gratuito, espontâneo, realizado também para as pessoas deficientes, a engrandece como ser humano. Ela diz que não importa o local de atendimento: as pessoas são tratadas como amigas e ela age como terapeuta, e essa atenção lhe dá, como retorno, muito carinho e reconhecimento. Alessandra ama sua família, respeitando a individualidade de cada um. Acredita ser uma pessoa de sorte por poder contar com verdadeiros amigos, sendo os primeiros seu pai e sua mãe. Ela lamenta a perda de seu avô, Amadeu Verardi, do qual foi a primeira neta e dele recebeu toda a atenção. Guarda desse grande amigo e companheiro as melhores lembranças, como quando jogavam bocha ou sinuca. Alessandra lembra ainda que, curiosamente, até os cinco anos de idade, pronunciava as palavras às avessas, tipo maca (para cama), poco (para copo) e assim por diante.



ALICE SANA COSTI – Dona Alice Costi, como é conhecida, nasceu em Estrela (RS) no dia 13 de agosto de 1917. Foi casada com o saudoso industrial Zeferino Demétrio Costi, proprietário dos Frigoríficos Costi, que durante muitos anos foram referência para a cidade de Passo Fundo. O casal teve as filhas Celi Maria Costi Ribeiro (casada com o dr. Eronilde Ribeiro), Denise Maria Costi Colossi (casada com Ailson Colossi), Marilice Costi (arquiteta, residente em Porto Alegre) e Miriam Raquel (já falecida). Escrever sobre dona Alice é fácil: quase não se encontra um movimento, uma obra assistencial, um movimento de expressão nos últimos anos em que não haja a marca da presença dessa senhora combativa, idealista e sempre pronta a ajudar. Difícil é lembrar todas essas ocasiões sem esquecer

alguma de maior importância. Dona Alice chegou em Passo Fundo em 1948, vinda de Porto Alegre. Seu esposo, dois anos antes, havia se instalado com frigorífico em nossa cidade. Foram uns dos primeiros moradores do antigo bairro Exposição, hoje São Cristóvão. Talvez por ser aquela região de poucos moradores, dona Alice começou a visitar os barracos próximos à sua casa, onde viviam as famílias de operários do frigorífico do esposo e verificou muita miséria. Teve, então, a idéia de trabalhar como assistente social da empresa. Passou a ajudar as famílias com alimentos, roupas, medicamentos, assistência médica. Fazia o trabalho até de psicóloga, aconselhando os casais e incutindo neles o espírito fraternal entre as famílias.

Nesta época, foi uma das fundadoras da instituição Damas de Caridade. Na ocasião das comemorações do primeiro centenário de Passo Fundo, o então prefeito Wolmar Salton quis dar uma nova roupagem à cidade, instalando água, luz e calçamento no bairro Exposição. Dona Alice ficou encarregada da arborização e ajardinamento dos canteiros. Ainda estão, até hoje, os coqueiros plantados por alunos da escola Jerônimo Coelho, a escola do bairro, incentivados e coordenados por Alice Costi. Foi por sua iniciativa e de seu esposo, aliás, que reformas foram feitas nessa escola, que era apenas uma pequena casa, cheia de goteiras. Também a escola Cecy Leite Costa foi criada por iniciativa do casal Costi, que foi recebido

pelo governador Ildo Meneghetti. A idéia era a criação de uma escola profissionalizante, pois eram imensas as dificuldades para se encontrar eletricitistas, soldadores, etc. com alguma formação especializada. A Brigada Militar doou a área e o Governo construiu o prédio. Inicialmente chamou-se Escola Vocacional de Passo Fundo. Dona Alice, entretanto, preocupava-se principalmente com as pessoas. Certa vez, sabendo que a filha de um funcionário sofrera paralisia infantil, dona Alice a levou ao médico em Porto Alegre. Era no auge do chamado Movimento da Legalidade comandado por Leonel Brizola. Com a criança nos braços, atravessou o tumulto do centro de Porto Alegre até a Santa Casa de Misericórdia. Após ser atendida pelo dr. Satte, voltou a Passo Fundo com todas as recomendações e o tratamento adequados para o caso. A menina, sua afilhada, cresceu e, em cadeira de rodas, cursou o 1º grau. O 2º grau foi feito no Instituto Educacional que autorizou que operários contratados por dona Alice demolissem uma escada criando uma rampa para facilitar o acesso à sala de aula. Hoje, essa menina tem curso superior e é professora estadual e municipal. O casal Costi foi o idealizador da construção do Clube Industrial. Juntos trabalharam como coordenadores, durante 12 meses, na campanha para o término da Catedral. Quando participante das Damas de Caridade, com o auxílio da sra. Francis Schisler, esposa do reverendo William Schissler, reitor do IE, enviava cartas aos Estados Unidos pedindo donativos. Em resposta, recebia grandes quantidades de alimentos e peças de vestuário. M 1967, num artigo publicado no jornal, dona Alice apoiou outro artigo assinado pelo então Secretário de educação do município, professor Antonio Donin, colocando-se à disposição para ajudar na criação de uma escola para crianças excepcionais. No dia seguinte recebeu a visita de senhoras que tinham filhos nessa condição e queriam que a idéia prosseguisse. Partir daí, dona Alice movimentou autoridades municipais, estaduais, conseguiu o apoio do prefeito Mario Menegaz para a compra da área. Do comércio e indústria locais conseguiu doação de material de construção. Da Alemanha Ocidental (na época, havia duas Alemanhas: a democrática Ocidental, e a comunista Oriental). Funcionários da empresa Z.D. Costi trabalhavam na mão de obra. Em meados de 1974 a escola já funcionava em prédio próprio, ainda que inacabado. Em 1976, o funcionamento era integral. Dona Alice permaneceu por 20 anos na presidência da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), sendo que seu nome tornou-se quase que um sinônimo da entidade em Passo Fundo. Afastou-se somente por causa da enfermidade do sr. Zeferino. Ainda hoje faz parte do conselho, trabalhando ativamente para ampliação e melhoria da escola. Que é, cabe ressaltar, a única do gênero no Brasil a possuir Ginásio de Esportes. Hoje, com 83 anos, dona Alice Costi acabou de fazer um curso de italiano, voltará a estudar língua inglesa, com uma alegria e disposição que só as grandes pessoas possuem. Ela gosta de afirmar que "a solidariedade é apenas um dever do ser humano".



Alvarina, à direita, nas Cataratas do Iguaçu.

ALVARINA KRUEL - filha de João Kruel e Aurora Loureiro Kruel, dona Alvarina nasceu em Passo Fundo no dia 24 de junho de 1905. O Cine Theatro Coliseu foi inaugurado em 6 de março de 1918 e situava-se em frente à praça Marechal Floriano. Na

década de 50 foi consumido por um incêndio e, depois de reconstruído na mesma época por seu proprietário, sr. Arthur Preto, foi vendido à empresa de Cinemas Rossi, passando a chamar-se Cine Real. Nos anos 20 o Cine Coliseu promovia o concurso "Rainha do Coliseu", que seria o primeiro concurso de beleza oficial da cidade de Passo Fundo. Todas as moças da cidade eram concorrentes. Bastava preencher um cupom que vinha junto com o ingresso do cinema colocando o nome que desejasse e depositá-lo na urna. O jornal O NACIONAL divulgava o resultado parcial, em duas edições semanais. Em 1928, Alvarina Kruel, uma jovem excepcionalmente bonita, venceu o concurso, recebendo 7.650 votos, contra 6.042 votos da segunda colocada, Zinah Pinto. Esta eleição fez com que Alvarina ganhasse muitos fãs, que lhe entregaram até uma placa de prata elogiando sua beleza. Apesar de tudo, Alvarina jamais se casou, falecendo solteira em 1988.





ANA CRISTINA FERRAREZE CIRNE – Natural De Ciríaco (RS), filha de Vitassir Ângelo Ferrareze e Geni Meneghini Ferrareze, a dra. Ana Cristina, Promotora de Justiça, casada com o também Promotor dr. Paulo da Silva Cirne, mãe do Gabriel Ferrareze Cirne (nascido em 5.6.1999) conseguiu uma unanimidade ao assumir seu posto na área judicial em Passo Fundo: é uma das imagens mais bonitas já reproduzidas nos jornais e revistas locais, nas colunas sociais ou nas notícias sobre a vara da Infância e da Juventude na qual ela atualmente se encontra. Talvez por isso a dra. Cristina, profissionalmente, tem um currículo de fazer inveja ao mais calejado profissional das leis. Como a provar que beleza nunca interferiu com inteligência

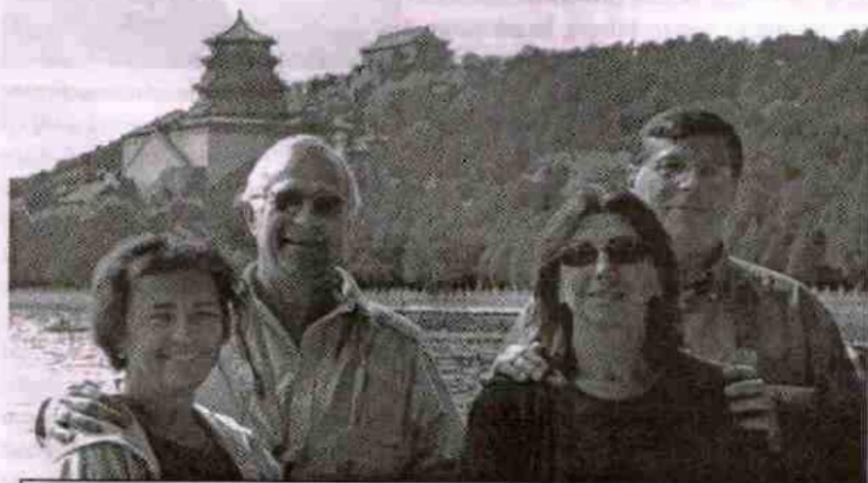
ou capacidade, sua atuação, suas palestras, suas intervenções fazem com que todos a admirem e respeitem ainda mais pelo conhecimento jurídico que possui, além da pessoa educada e acessível que sempre foi. A dra. Ana Cristina formou-se em Direito na UPE em 1.989, tornando-se a primeira mulher oradora de uma turma de formandos na UPE. Após a conclusão do curso de Direito, freqüentou a Escola do Ministério Público e a Escola Superior da Magistratura. Fez o concurso para a Promotoria e assumiu na comarca de Ronda Alta em 31 de maio de 1.993. Trabalhou como Promotora Titular e Substituta em Não Me Toque, Planalto, Nonoai, Sarandi, Constantina, Tapera, Marau e Sananduva entre outros municípios do interior do estado. Em novembro de 1.996 foi transferida, por merecimento, para Passo Fundo. Na sua área de atuação, a dra. Ana Cristina entende que somente a articulação entre os diversos segmentos da sociedade no sentido de promover a conscientização social e a mudança de mentalidade trazida pela lei 8069/90, que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente, trará uma melhor qualidade de vida para as próprias crianças e adolescentes e aos cidadãos de um modo geral. Ela acha que esse trabalho transcende a esfera da Justiça, que deve ter uma ligação direta com a comunidade. Nessa linha, a promotora tem realizado diversos trabalhos, como ação comunitária contra o consumo de bebidas alcoólicas pelo menor; trabalho de prevenção contra drogas nas escolas; direito a aprender, isto é, garantindo o acesso das crianças à escola. Sensível aos

problemas que encontra, a dra. Cristina gosta de repetir uma frase dita por Gabriela Mistral (Premio Nobel de Literatura) "O futuro das crianças é sempre hoje. Amanhã já é tarde". Acredita que o trabalho com crianças dever ser contínuo, com a participação de todos os setores da sociedade. A disposição com que enfrenta os desafios demonstra que ela gosta do trabalho que faz. Ela também costuma dizer que esse é um trabalho que vem acompanhado de pequenas vitórias pessoais, quase diárias. Cada criança a mais que passa a freqüentar a escola ou cada adolescente recuperado representam uma vitória pessoal. Cada criança adotada ou cada família recuperada são pequenas vitórias que compensam todo o tempo gasto e as dificuldades encontradas. No ano 2.000, a dra. Ana Cristina recebeu o prêmio "Melhor Arrazoado Forense" instituído pela Associação do Ministério Público, com o trabalho intitulado "Adoção por homossexuais", que causou muita polêmica, evidentemente pelo tema tratado. Vale dizer que nesse concurso participaram Promotores e Procuradores de Justiça de todo o estado. Numa área em que, há pouco mais de vinte anos atrás, a mulher era uma exceção, a dra. Ana Cristina está provando, mais uma vez a capacidade intelectual destas que, há muito pouco tempo, eram proibidas até de se candidatar aos cargos públicos de maior importância. Com sua participação na área judicial comprovamos que a Justiça pode ser cega, mas é cada vez mais competente, atuante e, claro, linda.



ANA MARIA BIER MELGAREJO GRAZZIOTIN – A mulher ao lado do presidente das empresas Grazziotin nasceu em Passo Fundo, filha de Gregório Melgarejo e Maria Bier Melgarejo. Casou-se com Gilson Grazziotin e tem os filhos Renata Grazziotin Albrecht, Marcus Melgarejo Grazziotin, Lucas e Matias Melgarejo Grazziotin. A professora e empresária fez seus estudos no CENAV (antigo Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro) e ENOC (Escola Normal Osvaldo Cruz). Completou sua formação com o curso superior de Belas Artes da UPF. Durante doze anos lecionou as disciplinas de técnicas domésticas e técnicas industriais no Colégio Protásio Alves. Nas empresas da família Grazziotin, das quais o marido Gilson é presidente, trabalhou como uma espécie de assistente social, procurando integrar funcionários e familiares, em festas de confraternização, como, por exemplo, a festa de Natal dos funcionários, sempre procurando levar alegria e bem estar às suas famílias.

Criou o Clube das Esposas dos Gerentes das Empresas, em cujas reuniões eram ministradas palestras sobre os mais variados assuntos. Este Clube servia também para que se procurasse resolver eventuais problemas particulares, como os de



Ana Maria, Gilson, seu cunhado e a esposa deste, na viagem à China.

relacionamento, familiares, etc., tudo visando a harmonização familiar dos funcionários, pois funcionário feliz é a base para uma boa empresa. Em duas ocasiões Ana Maria presidiu a Convenção Feminina do CDL, sendo que a primeira convenção feminina foi realizada em Passo Fundo. Atualmente, a dinâmica Ana Maria realiza trabalhos assistenciais, como voluntária, em diversos bairros e vilas pobres da cidade. Sua função é ensinar técnicas culinárias para donas de

casa. Foi também proprietária, durante os últimos quatro anos, do Café Bistrô, tendo encerrado suas atividades em março de 2001. Ana Maria costuma dizer que o que mais a fascina são as viagens que costuma realizar com seu marido Gilson. Recentemente, ficou impressionada com sua viagem à China, onde a impressionaram o desenvolvimento e a disciplina dos seus habitantes. Da mesma forma, quando esteve na África do Sul, na era do apartheid, chamou-lhe a atenção o clima tenso e doloroso da segregação racial que lá reinava. Como que completando uma volta ao mundo, Ana sentiu-se à vontade na Austrália e Nova Zelândia, países que tem uma população alegre, comunicativa e hospitaleira, semelhante à brasileira.



ANDRÉIA MENEGON SILVA – Ainda hoje, no ano 2001, é comum associar-se às atividades relacionadas com veículos – automóveis, caminhões, ônibus – , tais como oficinas, postos de combustível e outras à imagem de um homem grande, forte, com macacão sujo de graxa, de pouca instrução. As coisas não são mais assim. A jovem Andréia é um exemplo de como as mulheres estão presentes nestas atividades antes exclusivamente masculinas e como seu trabalho modificou até a filosofia de atendimento nestas áreas. Com apenas 23 anos, Andréia trabalhava numa fábrica de confecções, e nunca havia pensado em tornar-se frentista. Estudou até completar o 2º grau e não fez vestibular por não ter tempo para frequentar uma faculdade, pois precisava trabalhar. Com a redução de pessoal na empresa, ela viu-se na situação de ter que procurar outra atividade, e ouviu dizer que, no novo Posto BR que havia inaugurado, estavam contratando. Ela confessa que não tinha noção do que teria de fazer, mas, conversando com o proprietário, sr. Vanderlei Federizzi, explicou que não tinha qualquer experiência nesse gênero, mas que era muito comunicativa e aprendia fácil. Para sua surpresa, o sr. Vanderlei a contratou imediatamente, e ela está há quase dois anos nesta atividade. Tem um turno das sete da manhã às três da tarde, com intervalo de uma hora. Tem mais cinco colegas mulheres, fato que ainda causa estranheza em muitos motoristas que, quando chegam vêem só mulheres uniformizadas para atende-los. Alguns ainda ficam cuidando, com receio de que elas façam alguma coisa errada, ou risquem o carro na hora de por a bomba de combustível. Para Andréia e as colegas Denise, Mara e Valéria, porém, não há problema algum. Mesmo lidando com um produto altamente inflamável e perigoso, elas dizem que, se forem tomadas as precauções necessárias, não há perigo algum. Andréia gosta do que faz, e o ordenado, nessa profissão, é maior do que em outras atividades. Quanto a ser jovem e mulher, a parte da vaidade não é prejudicada. As máquinas são modernas e, quando preciso, usa luvas. Mesmo assim, diz que qualquer mancha sai com álcool e um creme para as mãos. Nada de unhas sujas ou manchas de graxa. O mais interessante, porém, na história deste posto atendido



Vanderlei, Andréia, Denise, Valéria, Mara.

quase que só por mulheres, é o perfil de seu proprietário, sr. Vanderlei, que, por sua trajetória profissional, teria tudo

para ser o típico gaúcho que jamais confiaria no trabalho feminino. De mentalidade progressista e liberal, ele não é assim. Filho de Ernesto Federizzi e Carmelina Sana Federizzi, nascido em sede Independência, município de Marau,

famílias simples de agricultores, o menino Vanderlei sempre teve dentro de si uma vontade de ser empresário, e, ao servir o exército, aos 18 anos, na cidade de Uruguaiana (RS), viu que a vida poderia lhe dar essa chance, e, ao voltar para casa dos pais, disse que os amava muito mas iria procurar um destino melhor. Ele lembra emocionado que, com duas mudas de roupa e um par de tênis, foi com sua mãe até a Rodoviária de Passo Fundo, com a intenção de ir para São Paulo, mas, alguns amigos que ele encontrou, convenceram-no a ir até Ponte Serrada, cidade catarinense onde havia muito trabalho e lá ele teve sua primeira carteira assinada numa empresa de asfalto. Lá trabalhou por nove anos e conheceu uma moça, Rita Boscatto, e desta união teve os filhos Verlei e Tiago Federizzi, coincidentemente, ambos empresários em Passo Fundo com atividades ligadas às mulheres em geral. Voltando para Passo Fundo, onde havia deixado suas raízes, Vanderlei foi trabalhar numa garagem de estacionamento em frente ao Hospital São Vicente de Paula, onde ficou muito conhecido de médicos e empresários das mais diversas áreas. Graças ao seu trabalho de extrema dedicação e a uma observância fiel aos ensinamentos de seus pais, pelos quais deixa transparecer um grande carinho, de manter os princípios de honestidade e transparência em tudo o que fizesse, Vanderlei foi progredindo financeiramente, teve outras atividades até tornar-se proprietário do Auto Posto BR Petrópolis, bem junto ao trevo que leva à UPF e que dá acesso para as praias catarinenses e para o centro do país. Vanderlei sente-se muito agradecido à cidade de Passo Fundo, e, talvez por ter conseguido sucesso através de muito esforço e dedicação, sente um grande



prazer em ajudar os outros. Talvez este seja um dos motivos que o levou a contratar jovens inexperientes que hoje são capacitados profissionais.

Em sua visão, tudo o que ele faz para melhorar e embelezar sua empresa é uma obrigação que tem para com sua cidade do coração. Ele diz que, por situar-se num lugar privilegiado, junto à BR 285, por onde passam turistas argentinos, uruguaios, paraguaios, chilenos e bolivianos, entre outros, seu Posto deve ser como um cartão de apresentação da cidade. Daí que a presença de jovens mulheres, educadas, eficientes, ajuda muito nesse sentido e ele tem o maior orgulho de suas funcionárias. Mesmo com todas essas atividades, e sua contribuição para ampliar a área de trabalho para as mulheres, o sr. Vanderlei costuma dizer que não se arrepende do que fez, mas do que deixou de fazer e que ficará satisfeito se deixar sua marca, seu estilo, de inovação e honestidade e assim ser lembrado no futuro.



ANDRESSA APARECIDA PAGNUSSAT

– Em 28 de dezembro de 1981 nasceu em Curitiba (PR), filha do casal Dorli e Neiva Pagnussat a menina Andressa Aparecida, que, dezessete anos depois, concorrendo por Passo Fundo, viria a se tornar a mais jovem 1ª Princesa do Rio Grande do Sul (o concurso foi em maio de 1999). O título era ainda inédito para o município e foi motivo de grandes festas para a enorme sociedade tradicionalista local. Andressa iniciou-se no tradicionalismo em 1983 e, até agora (2001), já participou de mais de 350 eventos de CTGs e entidades afins do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Foi palestrante em mais de 40 eventos relativos ao tradicionalismo. Já

fez parte dos quadros dos CTGs União Campeira e Osório Porto, e, atualmente, faz parte do CTG Lalau Miranda. Andressa começou sua carreira de vitórias sendo 1ª Princesa Mirim do Osório Porto, 1ª Princesa Juvenil do Osório Porto, 3ª Princesa Juvenil da 7ª Região do MTG, 1ª Princesa Juvenil do Lalau Miranda, 1ª Princesa Adulta do Lalau Miranda, 1ª Princesa Adulta da 7ª Região do MTG e finalmente 1ª Princesa Adulta do Rio Grande do Sul, tornando-se a primeira jovem concorrendo por Passo Fundo a vencer este concurso, tanto na 7ª Região (que abrange 37 municípios), como no Estado do Rio Grande do Sul. Andressa, além de possuir uma beleza exuberante, é uma moça simples e de grande cultura regionalista. Estudou e preparou-se com afinco durante um ano para o concurso, que, ao contrário dos demais concursos, não examina somente a beleza física das candidatas, mas, principalmente, o seu conhecimento sobre a história, hábitos e costumes dos gaúchos. Além disso, são feitas perguntas sobre História e Geografia, provas de tradição e folclore, prova de atualidade, de redação, música, dança, declamação, desenvoltura, expressão e prova de artesanato. Como se vê, é mais do que um vestibular. Andressa concorreu com mais 29 candidatas. Quando foi proclamada vencedora, Andressa diz ter sentido a maior emoção de sua vida e que conseguiu tornar realidade uma expectativa criada por sua família, a quem dedicou sua vitória. Após esse título, foi muito requisitada para entrevistas, fotos, etc. inclusive uma entrevista ao Jornal do Almoço, na RBS TV de Porto Alegre, e isto influenciou para que Andressa escolhesse a faculdade que iria fazer. Atualmente está cursando a Faculdade de Comunicação, com especialização em radialismo.



ANGÉLICA DE CASTRO OTTO – Filha de Ernesto Alves de Castro e Maria Magdalena M. de Castro, nasceu, em 31 de março de 1891, na cidade de Rio Grande (RS), Angélica de Castro Otto, que, anos mais tarde, viria a ter importância vital para muitas famílias passofundenses. Dona Angélica casou-se com Gustavo Adolfo Otto e teve nove filhos: Emy Otto Haesbert, casada com Orlando Haesbert; Gladis Otto Petracco, casada com o dr. Ademar Petracco; Gustavo Adolfo Otto, casado com Goiacy Cornélio; Herbeni Otto Facchini, casada com o dr. Eurípedes Facchini; Eduardo Gustavo Otto, casado com Adiles da Silva Otto; Edna Otto, viúva de Nery Jacques; Henrique (Kurt) Gustavo Otto, casado com Désia Marques Otto; Oto Gustavo Otto (reverendo), casado com Rute

Bayer Otto ; Angélica Otto Bayer, casada com o Ver. Paulo N. Beyer. Dona Angélica e seu esposo fixaram residência em Passo Fundo no ano de 1919, sendo que o sr. Gustavo passou a exercer a gerência do antigo Banco Pelotense. Mais tarde, deixou o banco e estabeleceu-se comercialmente, dedicando-se ao comércio de tecidos, etc. Ele faleceu em Passo Fundo em 16 de setembro de 1926. Enviuvando muito cedo, dona Angélica teve que exercer atividades fora do lar para a manutenção da família, que não era pequena. Resolveu, então, estudar em Porto Alegre para obter o diploma de parteira, regressando a Passo Fundo onde passou a exercer essa atividade profissional. Durante os muitos anos em que atuou como parteira no município, dona Angélica atendeu a centenas e centenas de parturientes, sempre com a devida assistência médica. São inúmeras as famílias radicadas em Passo Fundo que ainda recordam o atendimento profissional, sempre solícito e prestimoso, que dona Angélica lhes dispensou na ocasião do nascimento de suas crianças. Dona Angélica sempre foi portadora de uma fé cristã invejável, crente fervorosa no poder da oração e da graça divina e foi igualmente colaboradora eficiente na formação espiritual da juventude. Por muitos anos, foi inestimável a sua contribuição ao desenvolvimento da Igreja Metodista em Passo Fundo. Já naquela época uma das grandes preocupações de dona Angélica era

seu trabalho em favor do menor carente e da juventude com problemas de conduta. Estava sempre interessada em dar sua colaboração, por mais modesta que fosse. Um traço marcante de sua personalidade bondosa era o firme desejo de ver sempre reunidos seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos, para ser mantida a unidade familiar. O desaparecimento de Dona Angélica, que sempre se manteve lúcida até o dia de sua morte serena (25 de agosto de 1972), representou sentida lacuna, não só no meio de seus íntimos, como no vasto círculo de suas relações pessoais. Sua personalidade meiga, seu espírito cordato e sua fé inabalável serão sempre lembrados por todos que a conheceram.





ANITA MARIANA HOFFMANN TISSOT – Filha de Erno Roberto Hoffmann e Erna Maria Hoffmann, natural de Passo Fundo, a professora, delegada de ensino, sindicalista e política Anita Mariana começou seus estudos fazendo o Curso Fundamental no Colégio Bom Conselho, seguiu o Magistério na Escola Normal Osvaldo Cruz, cursou a Faculdade de Educação Física na UPF e fez a pós-graduação

em Ciências Aplicadas à Educação Física também na UPF. Foi professora estadual na escola de 1º e 2º graus Joaquim Fagundes dos Reis durante 24 anos, sendo que trabalhou 28 anos como professora de Educação Física da Rede Pública Estadual. Durante esses anos, exerceu diversas outras atividades, todas relacionadas ao Ensino. Foi Vice-Diretora do Fagundes dos Reis, professora em Academias de Ginástica, participou dos JEG como treinadora das equipes de handebol, basquete e vôlei. Foi também coordenadora, na 3ª Acisa, da Colônia de Férias promovida pelo Ministério do Exército no 1º Fron 3º/1º RCM, participou de projetos, encontros e palestras na área da Educação. Foi Delegada Adjunta da 7ª Delegacia de Educação e Delegada de Educação da mesma Delegacia. Atualmente é coordenadora dos Cursos Profissionalizantes Municipais – SEMCAS. Na área sindical, foi representante de escola no 7º Núcleo do CPERS Passo Fundo, fez parte do Comando de Greve da entidade, foi conselheira e vice-diretora deste núcleo. Anita Mariana pertence ao PSDB, sendo fundadora do partido em Passo Fundo, e faz parte da Comissão Provisória. Foi Delegada Estadual do partido, e fez parte do Diretório Estadual. Atualmente, é Presidente do Diretório do PSDB e pertence ao PSDB Mulher como vice-presidente. Mariana herdou de seus pais, que pertenciam à Sociedade São Vicente de Paula e atendiam asilos de idosos e a população carente, o desejo de realizar algo mais pela comunidade em que vive, daí resultou ser uma mulher lutadora, consciente dos objetivos que persegue, com garra e entusiasmo.

ANNA LUIZ FERRÃO TEIXEIRA (Dona Zoca) – Uma das fundadoras do Colégio Elementar, hoje Protásio Alves, dona Zoca nasceu em São Gabriel em 29 de abril de 1879. Era filha de Pedro Ferrão e Maria Augusta de Carvalho Ferrão. Foi casada com o representante comercial Mathias Teixeira e teve como descendentes Olavo Terras Teixeira, Stela Teixeira Cora, general Rafael Ferrão, Antonio Ferrão Teixeira, Rita Ferrão

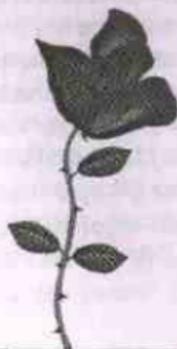


Teixeira, Ondina Ferrão Teixeira, Mathias Ferrão Teixeira, Ana Ferrão Teixeira, Pedro Ferrão Teixeira e coronel Eugênio Ferrão Teixeira. Professora por escolha e vocação, foi uma das fundadoras do Colégio Elementar, hoje Protásio Alves. Lecionava as disciplinas de Português, Matemática, Estudos Sociais, Música, Desenho e Artes Domésticas. Pertenceu à elite literária de Passo Fundo, com diversos trabalhos publicados em jornais. Lecionou por quarenta anos. Foi também uma das fundadoras do Hospital de Caridade, hoje Hospital da Cidade. Foi ainda sócia benemérita da Loja Maçônica de Passo Fundo, onde era recebida como Veneranda. É nome de Escola Estadual, na Vila Fátima. Dona Zoca, como era carinhosamente chamada, era uma mulher de extrema beleza na alma e grande coração, a tal ponto que chegou a ser denominada “mestra das mestras”. Foi uma figura humana impar, que jamais traumatizou um aluno se fosse preciso admoestá-lo. Nunca soube repreender, mas sim aconselhar. Era um exemplo de educação, postura e serenidade, tanto em seus gestos como nas suas expressões e no modo de trajar. Um de seus hábitos era usar chapéu, que tirava assim que entrava na sala de aula. Dona Zoca faleceu em março de 1940, com 61 anos de idade.



ANNA THEODORA OLIVEIRA DA ROCHA (Nhá rica) – filha de Fidêncio José de Oliveira e Francisca Maria Vieira, nasceu em Vacaria, em 1858. Teve sete filhos: Aurelino, Benvenuto, Lucinda, Etelvina, Ubaldina (Picucha), Julieta e Alaíde. Foi a primeira mulher que exerceu o papel de líder político em Passo Fundo. Quem a conheceu conta que Nhá Rica, como era chamada, era uma mulher forte, corajosa, destemida, que tinha, de família, um grande poder financeiro. Dona de uma imensidão de terras, que iam de Passo Fundo até Água Santa, com vasta plantação de pinheiros. Possuidora de uma liderança política natural, mobilizava as campanhas eleitorais. Ferrenha defensora do PTB, era amiga de Getúlio Vargas, que lhe dava muita atenção. Era uma mulher de fibra, compreensiva e caridosa. Quando o assunto era

política, porém, ou quando lhe faltavam com a palavra, sabia ser severa. Era conhecida por defender os injustiçados, e, ao mesmo tempo, prestar caridade para com os necessitados. Acolhia em sua residência moças do interior, que vinham a Passo Fundo para estudar. Entre outros feitos, Nhá rica foi membro da comissão do Centro Republicano Liberal, presidente honorária do Grêmio Feminino Liberal, fundado em 1934, além de manter laços políticos e de amizade com Getúlio Vargas, Flores da Cunha e outros políticos influentes daquela época. Tinha criação de mulas, atividade de muita importância econômica. Depois do falecimento de seu marido, ela mesma comandava a tropa de mulas que saía de Passo Fundo para a cidade paulista de Sorocaba. Foi uma mulher valente e destemida, que dirigia a própria charrete e, devido ao seu poder econômico e político também era chamada por alguns de “coronela”. Dona Anna faleceu em Passo Fundo em 1941.





ANTONINA XAVIER OLIVEIRA - A segunda filha do casal Francisco Antonino Xavier Oliveira e Anna Joaquina Xavier Oliveira nasceu em Passo Fundo em 23 de abril de 1900. Herdou certamente do pai, o advogado e jornalista Antonino Xavier o gosto pelas letras e pelo jornalismo. Fazendo parte de uma família de onze irmãos, Antonina Xavier trabalhou na Casa Bancária Armando Annes, que se situava na esquina da avenida Brasil com a rua 15 de novembro. Começou a escrever ainda muito jovem, colaborando com jornais da época como "A Voz da Serra" e "A Época". Com a criação do Jornal "O Nacional", que passou a contar com a colaboração de seu pai, Antonina começou a trabalhar efetivamente no

jornal, tornando-se, assim, uma das primeiras jornalistas da cidade. Mesmo assim, o preconceito, na época, ainda era grande, e Antonina tinha que usar pseudônimos masculinos em suas matérias e crônicas, pois não se admitia artigos assinados por mulheres. Entre seus colegas jornalistas da época estavam Lady Berleze de Lima, Pedro Ferrão Teixeira e o próprio Múcio de Castro, fundador de O Nacional. Mais tarde, sendo seguidora da doutrina espírita, Antonina fundou o "O Orientador", um jornal destinado à difusão da doutrina espírita. Ela era diretora, redatora, revisora e ainda fazia as remessas postais para vários estados brasileiros e até para o exterior. "O Orientador" era um jornal do Centro Espírita Bezerra de Menezes. A impressão era feita fora. Antonina adquiriu uma tipografia na cidade de Ibirubá, que foi montada no Centro, que já possuía uma sede própria na rua Capitão Eleutério, onde permanece até hoje. Essa sede foi construída em terreno doado pelo dr. Cezar Santos. O sr. Armando Araújo Annes doou a laje de concreto. Foi graças ao prestígio pessoal de Antonina, aliado ao do presidente Ney Vaz da Silva e outros abnegados que muitas pessoas colaboraram, possibilitando a realização da obra. Muito dedicada à família, Antonina ajudou a criar os sobrinhos, que eram como filhos para ela. Segundo consta, Antonina pediu um epitáfio para seu túmulo com o seguinte teor: "Nascer, crescer, viver, morrer, renascer ainda. Tal é a lei." Antonina nunca se casou. Faleceu em 12 de março de 1963.



ARMIDA BERGAMINI MIOTTO – a primeira mulher que exerceu a profissão de advogada em Passo Fundo, nasceu em Serafina Correa (RS), em 2 de abril de 1916. Filha mais velha entre nove irmãos do casal João A. Miotto e Adelina Bergamini Miotto, formou-se em Direito na UFRGS EM 1939. Foi colega de turma do então futuro Presidente João Goulart, e, durante o curso de Direito, amiga do cantor e compositor Lupicínio Rodrigues, que, na época, era porteiro da UFRGS. Em 1940 instalou seu escritório de advocacia em Passo Fundo, junto ao prédio de seu pai, dono da Loja Miotto, ao lado do Clube Caixaerial. No começo das suas atividades, seus colegas advogados e até

a população em geral estranhavam a presença de uma mulher advogada, mas nunca houve qualquer hostilidade ou preconceito por isso. A dra. Armida foi a primeira advogada a atuar no Tribunal do Júri em Passo Fundo. Ainda na década de 40, foi para Porto Alegre trabalhar na banca de advocacia do dr. Couto e Silva. Mais tarde, fez concurso para cátedra em Goiânia e passou a lecionar Direito Penal na Universidade Federal de Goiás. Sempre dinâmica, sempre atualizada, fez seu doutorado em Direito Penitenciário na Itália, em Roma. Dentre os incontáveis cursos, encontros, palestras de que participou, destaca-se o IV Congresso da ONU, no Japão, em 1970, que tinha como tema: “A prevenção do crime no tratamento do criminoso”. Seu trabalho apresentado foi “regras mínimas para o tratamento dos presos, à luz dos últimos acontecimentos no âmbito penitenciário”. A dra. Armida escreveu artigos sobre Direito Penal e Penitenciário para a Revista Brasileira de Criminologia de Direito Penal. Também escreveu artigos para as revistas “Anais Internacionais de Criminologia”, “Revista da Associação Internacional de Direito Penal” (da França), e “Revista de Direito

Penal e Criminologia” (do Ministério da Justiça da Bélgica), entre outros. Foi conferencista no Congresso Internacional de Direito Penal, em Roma, e no Colóquio Internacional de Direito, em Praga. Sua tese de doutorado em Direito Penal, em Roma, foi aprovada com distinção e louvor. Sempre pioneira, a dra. Armida também foi a primeira mulher a atuar no Tribunal do Júri em Porto Alegre. Atualmente, a dra. Armida Miotto é considerada uma das maiores autoridades em Direito Penitenciário do mundo. Residindo em Brasília, foi assessora direta dos ministros da Justiça Mendonça Falcão, Alfredo Buzaid e Ibrahim Abi Ackel. É autora de diversos livros e monografias sobre Direito Penal, entre eles “Pressupostos para a noção de crime” (editado em 1958), “Curso de Direito Penitenciário” (editado em 1975), “A violência nas prisões” (editado em 1992) e “Temas Penitenciários” (editado em 1992). Ainda hoje, aos 85 anos, a dra. Armida continua escrevendo livros, proferindo palestras e lecionando em cursos para oficiais de polícia. Sempre que é possível visita Passo Fundo, para não se afastar de suas raízes e rever os amigos e parentes.





BRANCA RIBAS MACHADO – A primeira mulher nomeada Delegada de Ensino em Passo Fundo é filha do casal Tancredo Ribas Machado e Olympia Ribas Machado. Nasceu em Passo Fundo mesmo, em 24 de maio de 1917. A jovem Branca formou-se na Escola Complementar em 1937, passando a lecionar, no ano seguinte, no então distrito de Pontão. Mais tarde, em 1938, passou a lecionar na Escola Fagundes dos Reis, e, daí, foi trabalhar na Delegacia de Ensino, como secretária. O Delegado de Ensino era o professor Manoel Marins Mano. No período de 1947 a 1950, devido ao impedimento do titular, a professora Branca exerceu o cargo de Delegada de Ensino da 7ª DE.

Em 5 de maio de 1950 ela foi nomeada, pelo governador do estado, Walter Jobim, como titular do cargo. Assim, dona Branca tornou-se a primeira mulher a exercer o cargo de Delegada de Ensino, anteriormente ocupado pelos professores João Aloysio Braun (pai do compositor e poeta nativista Jaime Caetano Braun)), Luiz Antonelli e Manoel Marins Mano. Como substituta, entretanto, a professora Cecília Borges Kneipp já havia substituído o primeiro Delegado de Ensino de Passo Fundo, João Aloysio Braun. Branca, além de ser a primeira Delegada de Ensino efetiva de Passo Fundo, tem seu lugar marcado na lembrança de todos os que com ela convivem devido à sua simpatia e alegria contagiantes. Dona Branca nunca se casou. Na foto ao lado, Branca, como Delegada de Ensino, ao lado de suas secretárias.





BRIANE TRENTIN DE WITT -

Não é fácil encontrar, em Passo Fundo, uma mulher elegante que não reconheça este nome. Durante muitos anos Briane foi a pioneira nos lançamentos de marcas e produtos que só eram encontrados nas grandes capitais do país. Nascida em Passo Fundo, em 12 de março de 1954, filha de Zélio e Elsira Maria Trentin, Briane começou seus estudos no Colégio Conceição, fez o 1º grau no Protásio Alves, o 2º no Colégio Notre Dame e, finalmente, a Faculdade de Ciências Naturais da UPE. Participou de diversos cursos, entre os quais o Curso de Parapsicologia da Faculdade de Educação da UPF e o Curso de Psicologia da Personalidade, também da UPE. Sua vocação para a moda, porém, deve ter-se aprimorado com os cursos de

Vitrinismo, do SENAC, além de sua experiência com o gerenciamento e vendas do grupo de modas que comandou com o falecido marido, Odilon De Witt. Dotada naturalmente de uma personalidade cativante, esplendorosa nos seus quarenta e poucos anos, Briane diz sentir-se muito feliz por ser lembrada por tantas pessoas devido ao trabalho com moda que desenvolveu em Passo Fundo. Nascida e criada no centro da cidade, na famosa rua Morom, numa casa onde hoje existe um clube noturno, bem humorada, ela (que continua a morar na Morom, na quadra seguinte) diz que, às vezes, fica a imaginar as pessoas dançando ao som techno no lugar onde seus pais e sua família plantaram tantas sementes de esperança, amor e carinho. Acha engraçado, mas é o progresso, conforma-se. Esse seu carinho pela rua, por essas quadras próximas ao centro, que é compartilhado pelos poucos moradores originais que ainda permanecem neste local, é justificado pelas inúmeras amizades que desenvolveu quando criança e que, quando adulta, deram-lhe as oportunidades de negócios que a tornaram tão conhecida. Essa afeição transparecia até na publicidade de suas lojas, então chamadas O Grupo da Moda, cujo slogan dizia: "O Grupo da Moda - todas na Morom". Na época, foram as primeiras lojas exclusivamente masculinas e exclusivamente femininas, inovando no comércio local, até então formado por grandes lojas com produtos misturados. Foram as primeiras Boutiques especializadas que surgiram na cidade,

em 1973. A Boutique Lady, sob o comando de Briane, com seu carinho e dedicação somados ao reconhecimento de suas fiéis clientes, foi crescendo e se fortalecendo até ficar conhecida em todas as cidades da região, de onde as mulheres de bom gosto vinham para Passo Fundo só para comprar alguma coisa diferente na Lady, como era mais conhecida a boutique. Sempre adiante no tempo, Briane foi a primeira empresária a realizar os hoje tão badalados desfiles-show, para os quais eram contratados artistas do cinema e da televisão, além das modelos e manequins mais famosos do país. É comum as pessoas lembrarem da abertura de um Mega-Desfile no qual a já famosa estrela e apresentadora Xuxa se apresentou vestida apenas com asas feitas com plumas naturais. Foi um espetáculo inesquecível muito apreciado por todos. Briane, por seu espírito corajoso e inovador, já faz parte da história da Morom, e, conseqüentemente, de Passo Fundo. Junto com o marido, chegaram a ter quatro lojas no centro da cidade: Lord, Lady, Vinicius e Emanuelle, cada uma destinada a um tipo específico de público. Hoje, ela pode contar aos filhos Bruna e Vinicius que ela e seu pai colaboraram para o desenvolvimento da cidade. Otimista, Briane acha que as mulheres têm mesmo um compromisso e uma parceria com a história de suas cidades, e são o espelho dos seus pensamentos e aspirações. Nesse aspecto, tem certeza de que Passo Fundo tem mulheres maravilhosas. Tem o maior orgulho por seus filhos serem passo-fundenses natos e passou a eles o compromisso de continuarem a contribuir para o crescimento e desenvolvimento da cidade que tanto ama.





Seu casamento, em 1944.

BRUNA LEONARDI BEBER FONTANA - Nascida em Galópolis (Caxias do Sul RS) em 8 de maio de 1926, filha de Emilio Beber e Virgínia Leonardo Beber, dona Bruna, anos mais tarde, casou-se com Antonio Viriato Fontana. Teve dois filhos - Maria Belém Fontana Paim (casada com Deodato Paim) e Carlos Alberto Fontana, e um neto, Maurício Paim (radialista na Rádio Planalto). Mulher

de hábitos simples, de costumes tradicionais, que percorre as vilas e centro de Passo Fundo divulgando a fé e a devoção a Santo Antonio de Pádua há mais de cinquenta anos, dona Bruna é conhecida por grande parte da população. Nessa sua peregrinação diária, ela chega a distribuir, por mês, cerca de mil calendários de Santo Antonio, pela Associação Antonina Pão dos Pobres, sem receber qualquer remuneração. Ela é muito gentil com as pessoas que visita ou aborda, ensinando-lhes remédios caseiros, receitas culinárias e, até mesmo, bordado e crochê. Com 12 anos de idade trabalhou na Casa A Moda, cuja proprietária era dona Izabel Frisberg, ao mesmo tempo em que já se dedicava aos trabalhos na Igreja, pertencendo ao movimento Legionárias de Maria e ao Coral



Bruna, sentada, com Leda Morandi (que seria mãe de Maria Elisabeth de Oliveira, a santinha) com uniforme da Casa A Moda, onde trabalhavam, na época.

da Igreja Matriz da Conceição. Hoje, aos 75 anos, dona Bruna, através da fé e das graças das trezenas, procura transformar o mal pelo bem e diminuir os males físicos e espirituais daqueles que a recebem ou procuram. A foto abaixo, mais recente, mostra dona Bruna entre seu grupo de cursilho, para renovar e reciclar suas ações de fé (com o então vigário, padre José Spuldaro).



CARMEM TERESINHA LUCCA – a Miss Objetiva Internacional, concorrendo por Passo Fundo e Rio Grande do Sul, nasceu em Soledade em 19 de abril de 1942. Filha de Romeu Júlio Lucca e Ibrhaima Lucca, Carmem começou sua meteórica carreira nos concursos de beleza quando, em 1963, concorrendo como representante do Sport Club Gaúcho, ganhou o título de Miss Passo Fundo. Foi disputar o concurso Miss Rio Grande do Sul na cidade de Novo Hamburgo, ficando em segundo lugar. Quem ganhou de Carmem? A vencedora foi outra morena do interior do estado chamada Ieda Maria Vargas (que depois seria Miss Brasil e Miss Universo). Com essa colocação, Carmem Lucca ganhou também o título de Miss Objetiva do Rio Grande do Sul. Como era praxe, naquela época, os concursos de beleza não se restringiam ao aspecto puramente físico das candidatas. Assim, os requisitos para tornar-se Miss Objetiva eram beleza, fotogenia e cultura, além de boas maneiras. Carmem era professora no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, por isso, além da beleza, cultura e distinção não lhe faltavam. Foi disputar o título de Miss Objetiva do Brasil em São Paulo, patrocinada e representando a Associação dos Cinegrafistas e Repórteres Fotográficos do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre. Vencedora em São Paulo, ganhando o título nacional, foi para a competição internacional, que aconteceu no Rio de Janeiro. Sua vitória foi um marco para a nossa cidade, pois ela estava representando o município, e, devido à importância que esses concursos tinham naquela época, o Brasil inteiro ouviu falar de uma cidade chamada Passo Fundo. A chegada da Miss Objetiva Internacional ao aeroporto local Lauro Korts foi apoteótica. Todas as autoridades locais lá estavam para recebê-la e ela desfilou em carro aberto pela Avenida Brasil e pelo centro da cidade, acompanhada de outras divas como Sheila Fazolo (Rainha dos Estudantes), Zulmara Bertoldo (Rainha do CENAV), Jussara Lopes (Rainha do Caixaerial), Denise Pan (Rainha do Comercial), Elaine Bertagnolli (Miss Simpatia) e Ana Luiza Rache (Miss Brotinho). Em todo o trajeto da carreta a Escola de Samba Garotos da Batucada entoou uma marchinha composta pelo maestro Alfredinho, dedicada a Carmem. Recebeu ainda do prefeito Benoni Rosado a chave da cidade, em ouro, confeccionada pela Joalheria Hexsel. Com a fama conquistada, conhecendo centenas de pessoas e lugares diferentes, Carmem encontrou-se com Carlos Camargo, jornalista da Revista Manchete, radicado no Rio de Janeiro. Com ele se casou e, em 1965, foi para a capital carioca onde fixou residência e nunca mais voltou.





CARMEN DE CARVALHO ROSSETTO - a filha de Zéca Cúrio e Anita gosta de dizer que teve uma infância feliz da qual ainda lembra com muito carinho, como parte de uma família com quatro irmãos, hoje espalhados por lugares distantes, cada um responsável pelo seu destino. Casada com Plínio Rosseto, comerciante, sócio de conhecida loja de ferragens de Passo Fundo, Carmem, uma pessoa simples como as demais mulheres, hoje está dedicada ao trabalho social

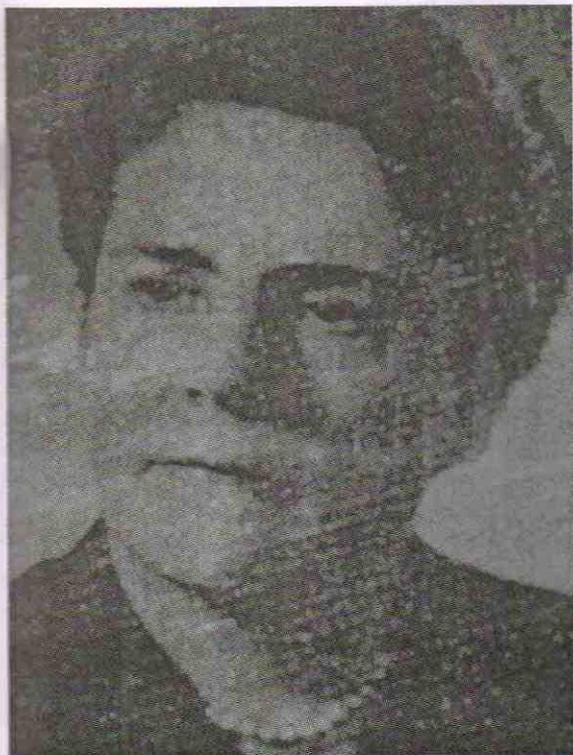
voluntário. Mãe de cinco filhos (dos quais tem o maior orgulho) que são: Maria Célia (psicopedagoga, casada com o dr. Edmar Viane Marques Daudt), Stela Maris (Professora, diretora do CNEC em Concórdia SC), Maria Cláudia (nutricionista, casada com o dr. Domingos Justen), Marcelo (engenheiro agrônomo), e Maria Lúcia (administradora de empresas em P Alegre) e avó dos netos Gabriela, Francisco, Heloísa (filhos de Cláudia e Domingos), André Vítor e Letícia (filhos de Maria Célia e Viane), Carmem iniciou seu magistério ainda cedo no Grupo Escolar Monte Castelo, onde trabalhou por 17 anos, sendo que ocupou o cargo de diretora em duas ocasiões. Dedicou-se tanto a esse trabalho que passou a considerar a escola como parte de sua vida. Por convite da professora Valéria Ghem da Costa, Delegada de Ensino, foi para a 7ª DE como coordenadora de sua assessoria técnica. Depois de desempenhar essas funções com muita capacidade, mais tarde, por motivo de saúde, foi para a EENV, onde permaneceu até sua aposentadoria. Nessa escola trabalhou como orientadora de estágio. Sua maior satisfação é ver hoje ex-alunas suas como professoras de seus netos. Carmem costuma dizer que ser professora foi muito gratificante, e, se tivesse que recomeçar, provavelmente faria tudo de novo, apesar de todos os problemas que, historicamente, a classe dos professores sempre enfrentou. Hoje, aposentada, realiza trabalhos junto à Liga Feminina de Combate ao Câncer, eventualmente como presidente. Neste grupo, juntamente com todas as voluntárias, que são pessoas especiais e de coração grandioso, procuram amenizar a dor de pessoas carentes que sofrem por causa dessa doença. Carmem está agora muito empenhada ao iniciar a obra no Centro Assistencial à Criança com Câncer "Morena Bevengnú", que irá acolher as crianças que dela necessitam. Carmem faz questão de afirmar ser uma pessoa feliz. É grata a Deus e à vida por tudo que recebeu.



CECÍLIA BORGES KNEIPP –

Natural de Santa Clara, distrito de Santa Maria (RS), onde nasceu em 17 de fevereiro de 1913, a filha de José Maria Borges (nascido em Bragança, Portugal) e Guilhermina Zugel Borges (nascida em Stuttgart, Alemanha) fez do magistério e da busca do aperfeiçoamento para melhor ensinar a sua razão de vida. Concluiu o curso de magistério na Escola Complementar de Passo Fundo (hoje Escola Protásio Alves) em 1931, e já no ano seguinte passou a lecionar. Casou-se com o professor Oscar Kneipp e teve dois filhos: Leda Kneipp Giaretta (casada com o advogado Atilio Giaretta) e Oscar Borges Kneipp (arquiteto, residente em Brasília). Em 1938 foi nomeada Orientadora de Ensino da Delegacia Estadual de Ensino.

Cursou Biopsicologia e fez Curso de Orientação de Educação Primária, em Porto Alegre, e participou do 1º Congresso Latino-Americano de Psicologia, nos anos 40 e princípio de 50. Cursos desses níveis eram raros, naquele tempo, e inacessíveis para a maioria das pessoas. Dona Cecília não se interessou apenas pelo magistério, porém. Ela também se dedicou à pintura e, com sua mãe, Guilhermina, suas irmãs Adelaide Barbisan e Laura Felizardo, mais os professores Célia Amaral, Vera Nicolodi e Sabino Santos, fundaram a 1ª Escola de Belas Artes de Passo Fundo, no dia 8 de dezembro de 1952. Seu esposo, Oscar Kneipp, era professor e diretor do internato do Instituto Educacional (IE). Segundo relatos de ex-alunos, o casamento do professor com dona Cecília foi um grande alívio para eles, que eram tratados com rigor e austeridade por Oscar, enquanto solteiro. Depois do casamento, dona Cecília passou também a atender o internato, com mais carinho e compreensão, transformando o grupo de estudantes internos numa grande família. Com a reforma de ensino no estado, Passo Fundo passou a sediar a 7ª Delegacia Regional de Ensino. Dona Cecília, juntamente com Maria de Lourdes Ferreira e Beatriz Pillar, foram nomeadas Orientadoras Educacionais, com a incumbência de organizar o ensino na região. Seu esposo, Oscar, foi um dos fundadores do grêmio Passofundense de Letras, depois transformado em Academia Passofundense de Letras, no dia 7 de abril de 1938.



CECY LEITE COSTA – A mulher que dá nome a uma das primeiras escolas profissionalizantes do estado, nasceu em Porto Alegre no dia 10 de dezembro de 1897. Era filha de João Andrade Leite e Maria Urbana Dessesart Leite. Casou-se em 1919, em Taquari, com o Dr. Adroaldo Mesquita Costa, sendo que, no dia seguinte ao casamento, o casal embarcou no vapor Brasil e foi para Porto Alegre, onde fixou residência. Tiveram dez filhos: Maria, Helena, Carmem, Carlos, Terezinha, Izabel, Heloisa, Antonio, João, José e Celina Maria. A professora e atriz de teatro Cecy Leite Costa foi uma mulher muito religiosa, era madrinha da congregação das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria. Amava as artes, daí ser

declamadora e atriz de teatro. Sua irmã Jovina foi casada com o dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, o primeiro médico de Passo Fundo, depois nomeado intendente, deputado estadual e federal eleito pela região. Seu esposo, dr. Adroaldo, foi Secretário da Justiça e da Educação do Rio Grande do Sul. Dona Cecy fez parte do Grêmio Dramático de Passo Fundo, que foi fundado em 1910 e, no mesmo ano, levou a cena a peça dramática de Anicet Bourgois “A queda da Bastilha”. Fizeram parte do elenco, além de dona Cecy, Louise Coty, Universina Ribas Rosendo (mãe de Delma Rosendo Ghem), Vicente Paiva Bueno, Afonso Lima, Alfredo Pinheiro, Adão Morsch, Otávio Godinho, Píndaro Annes e Adão Schell Loureiro. Pela brilhante atuação, o elenco foi brindado, pela sociedade de Passo Fundo, com uma jóia de ouro para cada um. Dona Cecy recebeu um finíssimo relógio de ouro. Junto com o marido, dona Cecy viajou por toda a Europa, Oriente Médio e Norte da África. Em outra ocasião, foi recebida em audiência especial pelo Papa Pio XII no Vaticano. Faleceu em 26 de outubro de 1959. Apesar de ter morado poucos anos em Passo Fundo, foi homenageada pelo Governador do Estado Ildo Meneghetti, em 1964, que deu seu nome ao então Ginásio Orientado para o Trabalho (hoje Cecy Leite Costa), situado na avenida Pres. Vargas, bairro São Cristóvão.



CELI MARIA COSTI RIBEIRO – Casada com o cirurgião dentista Eronilde Ribeiro, a filha de Zeferino Demétrio Costi e Alice Sana Costi tem três filhos: Miriam Costi Ribeiro (médica oftalmologista), Ricardo Costi Ribeiro (publicitário) e Lúcio Demétrio Costi Ribeiro (jornalista). A professora exemplar, lembrada por suas ex-alunas, hoje formandas em cursos superiores, as quais dizem que tiveram as melhores notas no vestibular justamente em Língua Portuguesa, cuja mestra foi a eficiente Celi, começou seus estudos primários na escola Normal Osvaldo Cruz. Fez o ginásio no CENV e o magistério na Escola Normal Notre Dame. Graduiu-se em Letras na UPF, fez Especialização em Língua Portuguesa também na UPF em 1982. Em 1996 participou do curso de Língua Espanhola da UPF e

recebeu o Certificado de Espanhol Básico da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires em 1995. Tem também o diploma Básico de Espanhol da Universidade de Salamanca, Espanha, que recebeu em 1996. Profissionalmente, começou a lecionar no Grupo Escolar Raimundo Correa, no então distrito de Ernestina, em 1963. De 64 até 1970 lecionou no Grupo Escolar Arco Verde, na Vila Petrópolis, em Passo Fundo. Mais tarde, foi professora de 1º e 2º graus no EENAV, onde também foi Coordenadora da área de Ensino Religioso na implantação do Ensino Religioso na Escola Pública. Como professora em cursos superiores, atuou no Curso de Férias da UPF em 1979 e, posteriormente, em 1982, disciplina de Português, também na UPF. Foi diretora do Núcleo de Voluntariado da Fundação Brasileira de Assistência em Passo Fundo, no período de 1981 a 1985. Na 7ª Delegacia de Educação, trabalhou no setor de Programação e Avaliação em 1985, e, em 1986 a 1987, foi Delegada de Educação. Pertence ao quadro de funcionários efetivos da Universidade de Passo Fundo desde abril de 1987, e, atualmente, é a Chefe de Gabinete do Reitor. O traço mais marcante, entretanto, da professora Celi, foi o seu amor pela Língua Portuguesa. Ainda hoje suas colegas lembram ter sido ela a maior incentivadora da leitura e da frequência à biblioteca das escolas onde lecionou. Dedicou-se em tempo integral ao assessoramento à Reitoria da UPF, com a mesma dedicação e eficiência dos tempos da sala de aula.



CINARA LIANE FROSI TEDESCO - A primeira Procuradora Geral do Município de Passo Fundo é passofundense nata. Filha do casal Wolmir e Iria Frosi Tedesco (ambos oriundos de Veranópolis RS), começou seus estudos na escola estadual Gomercindo dos Reis, onde cursou o jardim e a primeira série. Depois, estudou no Colégio Notre Dame até a 5ª série, sendo que da 6ª até a 8ª no Colégio Menino Jesus. Cursou o 2º Grau no Colégio Conceição, concluindo o mesmo em 1983. Para a formação superior, começou com Administração de Empresas, à noite, para, durante o dia, trabalhar com o pai no seu estabelecimento industrial. Mas como sempre se interessou pela Faculdade

de Direito, em meados de 1985 resolveu mudar de curso, prestando vestibular em junho a fim de que pudesse continuar trabalhando com seu pai durante o dia. Como é comum à maioria dos acadêmicos de Direito, no penúltimo ano a dra. Cinara iniciou estágio no escritório de advocacia, para aprender a profissão na prática, e saiu-se tão bem que foi convidada para integrar a banca de advocacia do dr. Victor Hugo Lacerda. Então, logo após a formatura, cursou a Escola Superior da Magistratura, ao mesmo tempo em que desenvolvia suas atividades como advogada. Um ano depois foi convidada pelo governo municipal de Osvaldo Gomes (1993) para trabalhar na Procuradoria do Município. Pouco tempo se passou até que recebesse o convite para comandar aquele órgão, no cargo de Procuradora Geral do Município, sendo a primeira vez que esse posto era ocupado por uma mulher. E a dra. Cinara tinha apenas 28 anos naquela ocasião. No mesmo período, ela também foi convidada a ministrar aulas de Teoria Geral do Processo I e II na Faculdade de Direito da UPF, e lá permaneceu por três anos. No ano de 1997, novamente integrou os quadros da Procuradoria do Município, desta vez a convite do prefeito Júlio Teixeira, exercendo, no primeiro ano, o cargo de supervisora geral e, nos últimos três anos do mandato, novamente o cargo de Procuradora Geral. Desde o ano 2000 novamente leciona aulas de Teoria Geral do Processo I e II na UPF e presta serviços de advogada, com título de especialização na cidade de Passo Fundo, atendendo principalmente as empresas da cidade e região e a clientela particular na área cível. Solteira, a dra. Cinara costuma dizer que, como pessoa, procura sempre tratar bem os semelhantes, e fazer crescer e desenvolver sua capacidade para alcançar os objetivos a que se propõe sem, contudo, ferir interesses alheios, e ainda auxiliar os que com ela convivem também a crescer. Acredita que, além do esforço pessoal que cada um deve fazer, não se deve desanimar diante das dificuldades da vida. Há sempre o que melhorar, sem ignorar que a felicidade plena – satisfação de todas as necessidades – não é um estado, mas um dever do ser humano.



CLÁUDIA CRISTINA SANTOS DA ROCHA – A pessoa que estiver a ler este livro, daqui a alguns anos, digamos, lá por 2035 ou 2050, talvez não entenda a surpresa que se tinha, neste ano de 2001, quando se encontrava uma jovem como a dra. Cláudia. Culta, jovem, inteligente, com uma linguagem bem articulada, loira, bonita, delicada nos gestos e na postura, esta advogada, nascida em Rio Grande (RS), filha única do casal Laureano Cabral da Rocha e Maria Alice Santos da Rocha é a primeira Delegada de Polícia de Passo Fundo, uma das últimas atividades exclusivamente masculinas ainda pouco ocupadas pelas mulheres. Formada em Direito pela PUC de Porto Alegre em 1989, a dra. Cláudia, depois de especializar-se em Direito Penal para, ocasionalmente, tentar uma carreira como Promotora de Justiça, acabou participando de outro concurso, desta vez para

Delegado de Polícia. Aprovada, integrou uma turma de aproximadamente 150 alunos, dos quais quarenta eram mulheres. O número de candidatos, naquela ocasião, era superior a cinco mil. Depois de quase dois anos, durante os quais passou por diversas provas de seleção oral, física e psicotécnica, ficaram 147 candidatas para cursar a Academia de Polícia. Lá foram sete meses de aulas onde os alunos receberam preparação teórica e prática para exercer o cargo, tal como aulas de defesa pessoal, tiro ao alvo, sendo que o treinamento não fazia distinção de sexo: era apenas uma questão de horário. Isto significa que, muitas vezes, era preciso treinar defesa pessoal, por exemplo, com colegas homens, e não somente mulher com mulher. Na verdade, isso até era necessário porque, numa situação de risco, a delegada precisa agir como titular que é, não importando sua condição feminina. A dra. Cláudia diz que, durante o curso, as mulheres foram alvo de algumas brincadeiras por parte dos colegas, talvez porque ainda pareça, a eles, um tanto estranho ter mulheres na Academia de Polícia. Ela formou-se na 40ª Turma de Delegados de Polícia do Estado e, desde 10 de novembro de 1999 é a Delegada Titular do Centro de Operações em Passo Fundo, tornando-se a primeira mulher a exercer essa função no município. O que leva uma jovem a se tornar Delegada de Polícia? Para Cláudia foi uma consequência de sua formação em Direito, porque, quando pequena, ela dizia que seria médica. Hoje, porém, acredita ter feito a melhor escolha. Costuma dizer que, formada há doze anos, foram os dois últimos, nos quais está atuando na Polícia, os mais gratificantes, sem desmerecer, é claro, a atividade de advogada que chegou a exercer. É que, para ela, a atividade policial é fascinante. As pessoas se surpreendem quando a conhecem por causa do estereótipo que a sociedade criou do policial: grande, feio, truculento, trabalhando em salas sujas e escuras. Esta imagem de há muito está mudando. Ela diz que o policial, atualmente precisa ter os atributos que

Stephen Kanitz um articulista da Revista Veja escreveu: “a rapidez de um executivo, o discernimento de um juiz, a paciência de um padre e o senso de entender as pessoas de um psicólogo”. Esta mudança está ocorrendo na área policial indistintamente, entre os homens e as mulheres. No caso das mulheres, é evidente que, nas situações de conflito corporal, o sexo masculino leva vantagem, devido à maior força física, mas ela acha que elas compensam esse lado com outras qualidades: as mulheres são mais minuciosas, perfeccionistas, tem aquele detalhe de esmiuçar, de ir atrás. Além disso, Polícia não é só força. Polícia é uma mistura de força com inteligência. Tem de haver um equilíbrio entre estes fatores. Ela observa que as pessoas, muitas vezes, vão conhece-la e se dizem surpreendidas, porque achavam que ela era “velha, mal-encarada, mal-humorada”. O problema, portanto, é a imagem errada que ainda se tem da Polícia. Pessoalmente, Cláudia leva uma vida social um tanto reservada, devido aos horários incertos que sua profissão exige. Sente-se realizada, porém, porque faz o que gosta. Não gosta de ficar só no gabinete. Gosta de participar das diligências e já esteve em todos os lugares mais perigosos da sua jurisdição. Sua arma de uso pessoal é uma pistola semi-automática, que usa sempre, como instrumento de trabalho. Já teve que usa-la, mas ainda não precisou atirar em ninguém. Essa perspectiva, aliás, não a preocupa, porque, se isso acontecesse, ela não teria escolhido essa profissão. Como hobby, gosta de cantar (tem um aparelho de karaokê) e diz ter “cometido algumas poesias” eventualmente., além de ter uma gata persa, Pituca. É seu lado humanista aflorando, mantendo o equilíbrio que a torna uma figura tão bonita quanto agradável de se tratar. É solteira, e sabe que um futuro companheiro terá que aprender a conviver com as limitações de tempo e situações que sua atividade exigem. Acredita que as mulheres irão avançar rapidamente na área policial, assim como já o fazem no judiciário, por exemplo, onde, no último concurso, 57% das candidatas aprovadas são mulheres. Enquanto isso, incentiva as jovens para que ingressem na Polícia, uma atividade fascinante, para quem gosta de enfrentar novos desafios.





CLÁUDIA MADALOSSO ZANIN -

Uma coisa que se aprende desde cedo, em relação aos humanos, é que ninguém é perfeito. Cada um tem seus defeitos e suas virtudes. É a proporção dessas duas características que vai determinar, ao longo da vida, se alguém merece ou não ser admirado ou desprezado. O que ainda nos surpreende, porém, é a falta de explicações racionais que respondam por que pessoas jovens, reconhecidamente virtuosas e queridas por todas as outras que as conhecem, são levadas tão cedo do nosso convívio, deixando aquela ausência, aquele vácuo que nunca mais é preenchido, aquele pontinho de luz que piscava no canto da grande sala escura, qual um teimoso vagalume a que estávamos acostumados

a ver e que agora se tornou uma lembrança, apenas uma lembrança, neste mundo cada vez mais triste e sombrio. Cláudia nasceu em Passo Fundo, filha de Carlos Antonio Madalosso e Celina Scussel Madalosso. Era a segunda filha do casal, irmã de Carlos Augusto Scussel Madalosso. Formou-se pela Faculdade de Direito da UPF em 1989, e, no mesmo ano, no dia 13 de maio, casou-se com Ricardo Luiz Zanin. Teve dois filhos: Ricardo Madalosso Zanin, nascido em 19 de maio de 1992 e Eduardo Madalosso Zanin, nascido em 23 de novembro de 1993. Cláudia era uma pessoa simples, espontânea. Por onde passava, deixava um raio de luz com seu sorriso aberto e contagiante. Era uma pessoa altruísta, desapegada e sempre pronta a dar o melhor de si. Era voltada para o justo, o correto e o exemplar. Aos 14 anos foi estudar nos Estados Unidos e, certa vez, mandou uma carta que dizia: "Mãe, existe coisa melhor do que amar a todos e tudo? Mas amar mesmo, do fundo do coração! Eu estou tão feliz! Disseram-me que sou muito infantil, mas agora eu vejo que o coração da criança é o mais puro e o mais feliz. Tem coisa melhor do que querer bem a todos? Mãe, hoje estou amando a vida, meus amigos e todas as pessoas. Mãe! Ame, mas ame mesmo tudo e todos e tenha sempre um coração de criança, pois assim serás feliz!" Esta é a imagem que dona Celina, mãe de Cláudia, tem de sua filha: querida, desprendida, humilde e de grande sabedoria. A menina que ia à missa diariamente, pois tinha uma fé

inabalável em Deus Misericordioso. Diz dona Celina: “Quando me lembro dela sinto uma grande paz interior, pois tenho a certeza que, apesar de sua curta permanência, deixou uma marca indelével entre nós. Um canto de amor à vida, de alegria e de fé. Este fato deixa-me confortada e forte nesta caminhada que ainda devo percorrer. Tenho certeza que a Cláudia foi muito feliz e realizada em seu convívio familiar. Sempre voltada a ajudar ao próximo e mostrar a todos o valor de seus princípios éticos, morais e espirituais. Deus habitava o coração da Cláudia, que transmitia a seus familiares e amigos um testemunho de fé e de amor.” Cláudia partiu com pouco mais de vinte e cinco anos devido a um acidente automobilístico numa viagem a trabalho entre Passo Fundo e Porto Alegre.



CLELCI CAMOZZATO ZAFFARI - A quarta filha entre dez irmãos (quatro homens e seis mulheres) do casal José Camozzato e Severina Marin, nasceu em Sananduva, (RS), mas , já em 1958, toda a família mudou-se para Passo Fundo, onde havia mais condições de estudo e trabalho. Foi fácil adotarem a cidade como o município de seu coração. Seu José fundou a Casa Camozzato, onde dona Clelci trabalhou



até 1963, quando se casou com João Zaffari, que possuía um armazém nas proximidades da loja. Clelci e João tiveram quatro filhos: André Luiz e Paulo (já falecidos), Sérgio e Tiago, todos criados e educados em Passo Fundo. A família foi aumentando com a chegada das noras Lisiane, Nara e Denise e dos netos Mariana, Henrique, Paula , Juliana e Luíza.. O armazém construído por João Zaffari em 1957, na rua Prestes Guimarães, bairro Cruzeiro, em Passo Fundo, foi o ponto de partida para a formação de um dos grupos mais conhecidos na área de supermercados do Rio Grande do Sul. Num trabalho incessante, a partir da década de sessenta, a cada ano eram criadas novas lojas, fato que gerou a necessidade da criação de um Depósito Central e um Centro Administrativo. Estava consolidada a Comercial

Zaffari Ltda. Iniciou-se uma nova jornada para a família Zaffari, que criou uma forte rede de supermercados, com grandiosos planos e investimentos para Passo Fundo e região. Durante este processo de expansão, a sra. Clelci trabalhou vigorosamente para o crescimento dos mais novos empreendimentos da cidade, atuando em diversos setores da empresa – como operadora de caixa, repositora, recursos humanos, tesoureira, compradora e vice-presidente – adquirindo experiência e vivências no setor varejista. Estas experiências foram muito valiosas, pois lhe deram os necessários suporte e conhecimento para enfrentar os imprevistos do destino, quando, após a morte de seu esposo, assumiu a direção da empresa Comercial Zaffari, como diretora-presidente. Dentre os principais empreendimentos dessa empresa, destacam-se: Stock Center – com o slogan “Você vende, nós estocamos”, foi introduzido um novo conceito de comercialização por atacado em auto –serviço. Funciona junto ao depósito central da Comercial Zaffari e abastece armazéns, mini-mercados, lancherias e restaurantes da cidade e região. Frutabel Agropastoril Ltda. –empresa composta por quatro unidades agropastoris, serve como criatórios de bovinos, ovinos, suínos, peixes e realiza o cultivo de milho, pastagens (cevada, aveia), pomares de maçã, pêssigo, ameixa, laranja, ponkan, caqui, além de uma área de reflorestamento de eucaliptos. Bella Città Shopping Center – este empreendimento da Comercial Zaffari é o maior

shopping de compras da região do Planalto Médio, inaugurado em 4 de novembro de 1998. Há também a Praça Paulo Zaffari, uma homenagem ao seu filho, localizada no bairro Edmundo Trein junto a um de seus supermercados e, recentemente, houve a adoção, pela empresa, de um canteiro central junto às esquinas das avenidas Brasil e Sete de Setembro, denominado Largo João Zaffari, uma homenagem a seu esposo. O objetivo é manter sempre um canteiro florido, alegre e aprazível, para embelezar o centro da cidade, encantando os moradores e visitantes de outros locais. Como se não bastassem os afazeres na presidência dessa grande empresa, a sra. Clelci participa ativamente nos assuntos da comunidade em geral. Foi membro da diretoria do Clube Caixeiral Campestre ao lado do esposo durante quatro anos, nos quais ele foi presidente da entidade social. Católica praticante, o desejo de ajudar ao próximo é o motivo pelo qual se envolve - seguidamente em atividades da Igreja, fazendo parte da diretoria da Paróquia Santa Terezinha e Matriz da Conceição, tendo participado também do Conselho da Cristandade e da Romaria de Nossa Senhora Aparecida. Como empresária, assumiu o cargo de Diretora de Promoções do CDL de Passo Fundo e atualmente, é Diretora do Comércio da ACISA. Todo esse envolvimento com a comunidade rendeu-lhe, no ano de 1998, a homenagem destaque "Talento VIP Empresarial". Em setembro de 2000 recebeu o título de "Cidadã Honorária de Passo Fundo", distinção da Câmara Municipal de Vereadores por relevantes serviços prestados ao município. Por tudo isso, a sra. Clelci virou sinônimo da empresa Comercial Zaffari, e, em nome dela, comparece a eventos do setor, como Convenção da Associação Brasileira de Supermercados; Convenção em Chicago; Convenção da Associação Gaúcha de Supermercados do Rio Grande do Sul; Feira Internacional da Alimentação nos Estados Unidos; Feiras em São Paulo, San Diego (EUA) e Buenos Aires. Também é patrocinadora de grandes eventos culturais tais como a Jornada Nacional de Literatura, Festival Internacional do Folclore, FICCA, Rodeio Internacional de Passo Fundo, Museu de Artes Ruth Schneider e colaboradora de entidades assistenciais e clubes de serviço, como Leão XIII, Creche, APAE, Vicentinos e Hospital Bezerra de Menezes. Um de seus projetos institucionais mais recentes é a coordenação da Escola Técnica Comercial Zaffari/Projeto Pescar, que auxilia na manutenção da educação, ensino e alimentação de adolescentes do município que se encontram em situação financeira precária, viabilizando oportunidades para conseguirem melhores empregos no mercado de trabalho. Todas as ações e pensamentos da Sra. Clelci Zaffari são baseados em sua filosofia de vida: trabalhar com amor e fé, transmitindo esses sentimentos a toda a família - seu principal motivo de orgulho e pela qual se dedicou - aos seus funcionários e às empresas. Os amigos e as viagens são uma constante em sua vida, pois acredita ser esta uma das melhores formas de viver e de ampliar os horizontes da sabedoria. O objetivo de sua empresa, norteia todas as atividades e negócios da Comercial Zaffari, resume o seu

compromisso com o desenvolvimento de Passo Fundo e região: oferecer serviços e produtos de qualidade, visando soluções ao consumidor, valorizando os funcionários através da qualificação de pessoal e influenciando no meio ambiente através de programas sociais. A Comercial Zaffari caracteriza-se por ser uma empresa que busca sempre "reinventar-se" na área de serviços ao consumidor, e, para tanto, seus diretores e profissionais estão em constantes viagens de aprendizado e fazendo cursos de aperfeiçoamento. Teria uma idéia do que lhe reservava o futuro a mocinha que, em 1958, um dia após ter se mudado com a família para Passo Fundo, conheceu João Zaffari, com quem viria a casar-se, em 1963? E quem diria que o armazém da vila Cruzeiro, cujo nome de fantasia era Casa Brasília, era o embrião dessa empresa hoje nacionalmente conhecida como Comercial Zaffari Ltda.? Acreditar, trabalhar, investir, crescer. Estas palavras definem o lema que a Comercial de Cereais Zaffari Ltda. implantou em todas as atividades que envolvem o município de Passo Fundo e leva adiante durante todos estes anos. A empresária casou-se, em segundas núpcias, em outubro de 2001, com o advogado e empresário Dr. Jorge Osório Lopes Rodrigues.



CLÉLIA MARTINS PINTO – Natural de Passo Fundo, em 17 de setembro de 1936, filha de Túlio Fontoura e Lucila Lima Fontoura, nasceu a professora Clélia Martins Pinto. Filha do jornalista e político, fundador do jornal Diário da Manhã (28.11.1935) Túlio Fontoura, a menina Clélia, filha única, encontrou na música



uma forma de amenizar o espírito forte de seu pai. De presença delicada, agradável, dona Clélia jamais foi esquecida por qualquer um dos seus alunos. Casada com Dyógenes Aulido Martins Pinto, advogado, ex-funcionário do Banco do

Brasil e que viria a se tornar Diretor Presidente da Empresa Jornalística Diário da Manhã, tiveram três filhos: Péricles Martins Pinto, engenheiro (casado com Lillian Annoni Martins Pinto), Vinicius Martins Pinto (casado com Ilânia Pretto Martins Pinto) e Janesca Martins Pinto, solteira, atual diretora-presidente da Empresa Jornalística Diário da Manhã. Junto com o marido, dona Clélia ajudou a fazer parte da história de Passo Fundo. Como esposa do Governador do Lions Clube (em duas ocasiões) Ela sempre esteve na liderança de inúmeros movimentos filantrópicos. Junto com Dyógenes foi a fundadora do Hospital de Olhos de Passo Fundo, que presta atendimento pelo Serviço Único de Saúde a mais de cem municípios conveniados na região e, desde sua criação, já realizou mais de vinte mil consultas e cerca de três mil procedimentos. São mais de cem cirurgias realizadas por mês, e 2.700 consultas. Dona Clélia, atualmente, trabalha como voluntária no Hospital e ainda é Diretora do Departamento Cultural do Jornal Diário da Manhã. Clélia é uma pessoa de espírito altruísta, com uma personalidade voltada para o bem. Sempre soube aprender, a sentir o belo, onde quer que estivesse. Como professora de música, será sempre aquela presença marcante para seus alunos. Como esposa, foi a companheira dedicada até o momento do adeus definitivo. Como mãe e avó (dos netos Guilherme Annoni Martins Pinto e Túlio Pretto Martins Pinto) está sempre a promover um ambiente familiar e acolhedor.

CRACI TEREZINHA ORTIZ DINARTE – Filha do dentista Francisco de Marco e de Paulina Wairich de Marco, nasceu em Guaporé, no dia 15 de outubro de 1932, a poetisa Craci Terezinha. Desde jovem ela já percebia que tinha uma atração especial pelas artes. Além de cantar (era soprano), pintava quadros a óleo e tinha muita facilidade para escrever. Casada com Jairo Ortiz Dinarte, que era delegado de Polícia, dona Craci teve três filhos, Carlos Antonio, Graciela Fátima e João Carlos de Marco Ortiz. Como a profissão de seu esposo fazia com que ela ficasse muito tempo sozinha, seu espírito alegre sofreu com a solidão, e ela passou por um período de depressão. Numa tarde, entretanto, ao contemplar a natureza em volta de sua casa, veio-lhe a inspiração, e começou a escrever os primeiros poemas. Neste dia escreveu “Horas Perdidas”. Seu amigo de infância, Dyogenes Martins Pinto, diretor do Diário da Manhã, incentivou-a a publicar seus poemas no jornal, e ela assim o fez por cerca de oito anos. Dona Craci ingressou na Academia Passosfundense de Letras em 1989, e seu patrono é o escritor Paulo Setúbal. Uma mulher de coragem, fibra e intensa sensibilidade, dona Craci diz sentir-se muito bem na Academia, que, segundo ela, “é uma reunião de pessoas cultas, que reconhecem na simplicidade a melhor forma de viver”. Publicou, em 1997, os livros de poesias “Permita-me Sonhar” e “Um passe de mágica”. Dentre seus mais de 300 poemas, alguns são especiais. Um deles chama-se “Noite”:

“Tiram-me o dia
Mas a noite é minha.
Libero-me, na noite.
Viajo pelos montes,
Mares
E cidade.
Faço-me bela
E danço na minha rua,
Onde o vento é minha orquestra.
Uma energia forte
Desprende-se de mim,
Fazendo as flores
As estrelas,
A lua
E as árvores
Participarem comigo
Na noite que é minha.



DELCIDIA BIASUZ UGHINI – A matriarca da família Ughini, de Passo Fundo, nasceu em São Francisco de Paula (RS) em 1918. A filha do casal João Biasuz e Joana Zago Biasuz casou-se com Camilo Ughini em 1936. Dona Delcídia teve os seguintes filhos: Luiz Wilson (o Branco), Gelson Valeriano (já falecido), José Ari (já falecido), Sérgio e Hélio Airton , Dulce Teresa Ughini Grazziotin e Ione Mari Ughini Mentz. Junto com o marido, dona Delcídia fundou, em 1937, na localidade de Água Santa, o primeiro armazém de secos e molhados da família Ughini. Como



Da esq. para a dir.: José Ari (Juca), Gelson, Luiz Wilson (Branco) e o esposo Camilo. Na frente: Ione, Dilce, Delcídia, Hélio (no colo) e Sérgio.

era um estabelecimento rústico, dona Delcídia, que era costureira, decorava o armazém com cortinas, panos pintados, para atrair as clientes femininas. Ela tinha uma visão de vanguarda para a época. Para que o armazém vendesse mais tecidos, ela se propunha, sem custos adicionais, fazer as costuras para suas clientes. Com o aumento dos negócios, em 1943 o casal Ughini mudou-se para Passo Fundo, onde abriram uma filial da empresa Irmãos Ughini, com sede em Porto Alegre. A firma se estabeleceu no tradicional prédio da rua Bento Gonçalves, no centro, em 1946. Sempre atuante, dona Délcia, como era chamada, acompanhava o marido nas viagens de negócios, fosse fazendo compras em São Paulo ou nas reuniões da empresa em Porto Alegre. A partir de 1972, devido ao falecimento do sr. Camilo, dona Délcia passou a ocupar o cargo de conselheira da Ughini S.A. até o ano de sua morte, 1993. Seus descendentes são unânimes em dizer que dona Délcia foi de imensurável valia para todas as realizações da

família, devido ao seu espírito dinâmico, criativo, jovial, de extrema bondade e forte personalidade. Era comum, em meio ao expediente da loja, o seu marido, sob o pretexto de comer uma fruta, subir até o andar superior, onde moravam, para trocar idéias e aconselhar-se com a esposa. Outra coisa que dona Délcia não abria mão era o hábito de realizar sempre as refeições com a família reunida. Servia sempre uma mesa farta e bem posta, sentava-se ao lado do marido, e cada filho tinha seu lugar reservado. Após o falecimento do esposo, dona Délcia desenvolveu seu lado artístico. Não se importando com a idade, freqüentou aulas de pintura no colégio Notre Dame e passou a pintar telas, retratando a natureza, paisagens e as próprias netas.





Delcídia no casamento com Paulo Sérgio.

DELCÍDIA UGHINI CRUSIUS (Tita) – A Rainha do Colégio Bom Conselho que marcou época nas famosas quermesses, nasceu num dia de festa, 15 de novembro, em Tapejara (RS), para alegria do casal Luiz Domingos e Maria Gandini Ughini. “Tita”, como é chamada desde a infância, veio com a família residir em Passo Fundo quando tinha quatro anos. Caçula em uma família com sete filhos, era a “princesa” de pais, irmãos, tios e primos, talvez até por ser a filha temporona entre os seis irmãos adultos. Iniciou seus estudos no Colégio Notre Dame, e, após dois anos, foi para o Bom Conselho, onde completou o 1º e 2º graus (magistério). Embora “paparicada”, como dizia

sua mãe, Tita foi criada conforme os costumes rígidos da época (década de 60). Muito comunicativa, porém, e dotada de uma forte personalidade, Tita foi crescendo sem abrir mão de apresentar seus pontos de vista, ocupando um espaço que, alguns anos atrás, as mulheres tinham de lutar para conquistar. Muito inteligente, demonstrava liderança nas turmas dos cursos que frequentou. Aos quinze anos, concorreu a Rainha do Colégio Bom Conselho, e foi eleita com uma votação muito superior à esperada por seu grupo de apoio. Foi coroada como “Rainha do Colégio Bom Conselho” e depois considerada a “Rainha de Beleza” dos estudantes da UPE (União Passofundense de Estudantes), numa campanha liderada por seu primo Bem-Hur Costamilan e outros membros da diretoria daquela entidade estudantil. Naquela época, os jovens ainda não tinham o hábito da televisão e sequer se falava de computador ou videogames. Por isso, um dos eventos que reuniam os jovens era a “quermesse”, uma festa, promovida pelos colégios (geralmente), onde havia dança, música, brincadeiras, enfim, motivos diversos para que os jovens se encontrassem com as meninas (ou brotinhos, como eram chamadas), sem aquela conotação do “ficar”, por exemplo, como

acontece atualmente. Foi nessa realidade que Tita ficou conhecida e até hoje é lembrada como a Rainha do "Bom Conselho", por causa da beleza esfuziante e por ser extremamente comunicativa. Nessa mesma época, logo após seu debut no Clube Comercial, aos quinze anos, Delcídia iniciou seu namoro com o jovem Paulo Sérgio Crusius, então estudante de medicina na URGS, o qual, poucos anos depois, viria a ser seu marido. Após o casamento, partiram para a Inglaterra, onde ficaram dois anos, onde Paulo Sérgio fez especialização em Neurologia e Neurocirurgia, especialidades nas quais, hoje, é reconhecido até internacionalmente. Quando voltaram ao Brasil e a Passo Fundo, Tita fez o Curso de Belas Artes da UPFO. O casal teve os filhos Luciano (agrônomo), Marcelo (médico), Cassiano (estudante de medicina) e Mariano (preparando-se para cursar medicina).



Delcídia e o pai no baile de debutante..



DELMA ROSENDO GEHM – A educadora, historiadora e professora Delma Rosendo Gehm nasceu em Passo Fundo, no dia sete de outubro de 1918. Filha do casal Manoel Thomaz Rosendo e Universina Ribas Rosendo, casou-se com o comerciante Waldemar Daniel Gehm. Coursou o primário (na época o equivalente ao 1º grau) no Colégio Elemental (atual Protásio Alves). Após, diplomou-se com distinção na 3ª turma do Curso Complementar (atual EENAV) para finalmente cursar o artigo 100, correspondente ao Curso Colegial (o equivalente aos últimos anos do 2º grau). Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul frequentou cursos intensivos de Português, Latim, Grego e Sociologia. Fez também os

... cursos de Espanhol, Francês, Música e Stenografia pelo sistema Pittman. Iniciou sua carreira no Magistério em 1934, quando da instalação do Grupo Escolar de Passo Fundo, então 5º Distrito de Passo Fundo, durante o governo municipal de Armando de Azevedo, sendo oradora oficial do evento. Permaneceu naquele colégio até o ano de 1937. Foi professora primária e do ensino médio no Grupo Escolar Protásio Alves, Escola Normal Osvaldo Cruz, Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro e Instituto Educacional. Também lecionou em caráter gratuito na Escola de Ermagem do Hospital da Cidade e na Escola Rural Pres. Vargas. Foi Presidente da Sociedade de Senhoras dos Caixeiros Viajantes, na década de 50. Em 1942, com o eclosão da 2ª Guerra Mundial, foi Secretária Geral do Núcleo de Assistência da Cruz Vermelha. Durante as comemorações do Primeiro Centenário de Passo Fundo, foi Oradora oficial da Sociedade Amigos de Passo Fundo. Sempre participante dos movimentos assistenciais, foi membro fundadora da Sociedade Imparo à Maternidade e Infância de Passo Fundo, a SAMI, onde também foi socia desde a fundação da entidade, em 1944. Ocupou os cargos de Secretária e posteriormente, Presidente da SAMI, quando foi criada a Creche e lançada a escola fundamental das novas instalações, onde foi instalado o Jardim da Infância, tudo pelo então prefeito Mário Menegaz. Nos anos de 1971 a 1975 foi Secretária e depois Presidente da Legião Brasileira de Assistência. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo como membro efetivo, e foi coordenadora dos cursos da Fundação Gaúcha do Trabalho. Foi a primeira mulher passofundense a ocupar o cargo de Secretária de Educação e Cultura neste município, no período

de 1967 e 1968. Ocupa a cadeira número 27 da Academia Passofundense de Letras, da qual foi presidente no biênio 1971/1972. Foi presidente do Conselho Superior da Liga Feminina de Combate ao Câncer, Núcleo de Passo Fundo, vice-presidente da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE – desde sua criação, em 1967. Pertence ao Conselho Deliberativo do Hospital da Cidade, do qual é filha de membro fundador, foi presidente do Centro de Professores do CENAV (1965/1966). Dona Delma também foi atuante nos meios políticos. Embora filha de republicano, pertenceu ao extinto Partido Libertador, e, mais tarde fez parte do Diretório da extinta ARENA (hoje PPB) De seu casamento com Waldemar Daniel Gehm, em 2 de setembro de 1939, vieram três filhas: Valéria Gehm da Costa, casada com Polidoro Mendes da Costa; Silvana Gehm Moraes, casada com José Carlos Moraes e Carla Gehm Hoff, casada com Paulo Sérgio Dumoncel Hoff. Como historiadora, dona Delma publicou diversos e substanciosos artigos sobre a história de Passo Fundo nos jornais locais. Sua trilogia “Passo Fundo Através do Tempo” é uma obra indispensável para os estudos e pesquisas sobre a História desta cidade.





DINAH OROCIL DE MEDEIROS FRANCO –

Esta professora pioneira, uma das fundadoras do Centro de Professores Primários do Estado do Rio Grande do Sul, nasceu em Passo Fundo no dia 25 de outubro de 1915. Filha de Luiz Orocil de Medeiros e Conceição Rosado de Medeiros, Dinah casou-se com o major Ney Franco. O casal teve os filhos Luis Orocil de Medeiros Franco, Sérgio de Medeiros Franco, Alba Regina Medeiros Franco e Rejane Leopoldina Medeiros Franco. Dona Dinah foi professora no Colégio Elementar, Escola Protásio Alves,

Escola Visconde de Pelotas (em Porto Alegre), Escola Luciana de Abreu e Escola Afonso E. Massot (também em Porto Alegre) e Escola Fagundes dos Reis. Em 1959 foi nomeada Delegada de Ensino da 7ª DE, onde permaneceu até 1963, quando se aposentou. Era uma pessoa íntegra, responsável e preocupada com a educação. Dotada de forte personalidade, forjou amizades e distribuiu sabedoria a todos que com ela conviveram. Ajudou milhares de crianças e jovens a dar os primeiros passos no caminho do saber, e sempre teve orgulho de ver muitos deles ocupando posições de destaque na sociedade local. Faleceu em 4 de julho de 1979.





Dirce, no centro, de vestido preto, e o marido Diógenes, entre debutantes do Comercial.

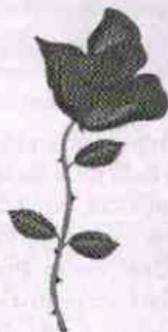
DIRCE BIANCINI MICHELIN – Esta senhora, que é considerada um dos pilares da sociedade passofundense no tradicional Clube Comercial, nasceu na cidade de Volta Grande (SC), em 20 de janeiro de 1938, filha do casal Francisco Luís e Elly Biancini. É irmã do médico Julmar Inácio Biancini e Cleunice Biancini Volcato. Casou-se em 1958 com Diógenes Fiorindo Michelin na cidade de Marcelino Ramos. Tem duas filhas, Dionara e Linéia, casadas com Carlos Alexandre Gehm da Costa e Ernani Bins Filhos. É avó dos netos Alexandre Gehm da Costa e Marina Michelin Bins. Sua vida em Passo Fundo começou em 1960, quando a família Biancini adquiriu a Casa Moda. Aqui residindo, Dirce foi professora, por 25 anos, nas Escolas Monte Castelo e Protásio Alves. Nesta mesma época, foi convidada pela sra. Selma Costamilan para atuar junto à Secretaria de Educação, no atendimento a alunos carentes, na gestão do prefeito Firmino Duro. Graças ao excelente trabalho desenvolvido na Secretaria de Educação, assumiu a função de Secretária Municipal da Assistência Social, onde, dentre tantas realizações, uma das mais importantes foi a criação do Núcleo Habitacional Jaboticabal, com a colaboração do Rotary, Lions, Exército e comunidade local. Em 1976, o casal Dirce e Diógenes assumiu a Presidência do Clube Comercial, até 1980. Graças à atuação realizada, o casal voltou ao posto em 1992 e 1998, onde até hoje, dedica-se ao seu clube do coração, promovendo festas, bailes, palestras, encontros, juntamente com um grupo de amigos e formando novos. Dirce é possuidora de uma grande simpatia, que lhe permite integrar a sociedade passofundense com a habilidade de unir também grupos de outras entidades sociais. De fato, após tantos anos, o casal Michelin tornou-se a face do Clube Comercial. Dirce, sempre ativa e dedicada aos seus projetos, divide seu tempo hoje no atendimento da tradicional loja A Moda, Clube Comercial e afazeres de carinhosa esposa, mãe e avó.



DJANIRA DE OLIVEIRA LÂNGARO - Esta mulher que, um dia foi eleita "A Mais Bela Gaúcha dos Pampas", nasceu em Passo Fundo, no dia 13 de janeiro de 1903. Filha de Floriano José Lucas de Araújo e Rosalina Lima Oliveira, Djanira casou-se com o industrial Arthur Lângaro em 1925. Teve apenas uma filha, Maria de Lourdes Lângaro Markus, casada com o dr. Bruno Markus. Dona Djanira era uma mulher bonita e extrovertida. Em 1919 foi eleita Rainha do Carnaval do Clube Diamantino

de Erechim. Quatro anos depois, representando sua cidade de Passo Fundo, foi eleita rainha do concurso "A Mais Bela Gaúcha dos Pampas". Após o casamento com o industrial Arthur Lângaro, em 1925, dona Djanira desenvolveu uma intensa vida social, fosse promovendo bailes e festas no Clube Comercial, ou arrecadando fundos para a construção da Catedral, como Presidente da Comissão de Apoio. Para esse fim, dona Djanira criou vários eventos e promoções até hoje lembrados por quem deles participou. Fez parte da fundação Damas de Caridade e também participou da criação do Asilo Lucas Araújo, cuja área foi doada em testamento pelo primo de seu pai. Em 1942, foi eleita Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, núcleo de Passo Fundo. Na mesma época, criou o núcleo da LBA (Legião Brasileira de Assistência) e fez curso de enfermagem. Com a explosão da 2ª Guerra Mundial, a atuação de dona Djanira à frente da Cruz Vermelha Brasileira foi fundamental, especialmente na parte do atendimento aos pracinhas que retornavam da guerra,

dando-lhes conforto emocional e auxiliando seus familiares naquilo que fosse possível. Tanto esforço e dedicação não poderiam passar despercebidos e, em 1947, Djanira Lângaro foi agraciada com a Medalha de Guerra, condecoração concedida pelo próprio Presidente da República da época, Marechal Eurico Gaspar Dutra. Recebeu também a "Ordem do Mérito", pelos relevantes serviços prestados durante a 2ª Grande Guerra, condecoração dada pela Presidente da Cruz Vermelha Brasileira Nacional, sra. Odila Gay da Fonseca. Em 1962, recebeu a homenagem máxima da entidade, a Comenda da Cruz Vermelha Brasileira.. Incansável, teve intensa participação nas campanhas filantrópicas e assistenciais, em benefício das pessoas carentes de Passo Fundo. Administrou Clubes de Mães, dirigiu cursos profissionalizantes, ajudou na organização de escolas públicas, bibliotecas e fundações assistenciais. Sua figura imponente, forte, marcante, teve um reconhecimento nacional quando o comediante Chico Anysio criou a personagem "Salomé de Passo Fundo" (uma senhora que ligava diretamente para o Presidente da República, chamando-lhe a atenção), inspirada na sua pessoa, inicialmente com textos apresentados pelo passofundense Tarso de Castro. Esta mulher inesquecível faleceu no dia 13 de junho de 1994.





DULCE HELENA APARECIDA CASEIRO DE MAGALHÃES - Nascida em 24 de maio de 1957, em Presidente Prudente (SP), filha de José Antonio Joaquim Caseiro e Helena Colnago Caseiro, com sete irmãos: Durval, Odolir e José Antonio caseiro, Darcy Caseiro oliveira, Doraci Caseiro do Canto e Roselena Caseiro Nogueira Lopes, a médica dra. Dulce Helena é casada com o dr. Zenóbio Pereira Terto de Magalhães e tem os filhos Agamenon Afonso Henrique e Henrique Eduardo

Colnago Caseiro Terto de Magalhães. Neta de imigrantes portugueses, de parte paterna, e imigrantes italianos, por parte de mãe, seus pais são agricultores, inicialmente no estado de São Paulo, em Presidente Prudente, e posteriormente se transferiram para o estado de Mato Grosso do Sul, cidade de Eldorado., todos os sete irmãos moram em Mato Grosso do Sul. Iniciou seus estudos em Presidente Prudente, onde cursou até o 2º ano do 2º grau. Com a decisão de cursar a Faculdade de medicina, concluiu o 2º Grau e cursou o pré-vestibular em Curitiba (PR). No ano de 1979, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo. Concluiu o curso em dezembro de 1984. Foi um período de superação de dificuldades e de grandes conquistas na área de conhecimentos técnico-científicos e intelectuais, além de conquista de importantes e inesquecíveis amizades. Conheceu seu esposo como professor da Faculdade de medicina. Contraíu matrimônio em 1982, sendo mãe de Agamenon Afonso Henrique Caseiro Terto de Magalhães e Henrique Eduardo Colnago Terto de Magalhães. Além de médico e professor, seu esposo exerce a Presidência da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, estando em sua segunda legislatura. Como médica, exerceu, por longos anos, atividade nos ambulatórios das Vilas Planaltina e Victor Issler, posteriormente realizou curso de especialização em ultra-sonografia em São Paulo. A partir de 1992 se dedicou a essa especialidade junto ao hospital Dr. César Santos. Em 1998 realizou curso de especialização em Medicina do trabalho, passando também a exercer esta especialidade junto à Labor - medicina do Trabalho, Assessoria e Consultoria Ltda., prestando serviços a diversas empresas de nossa cidade. Nas entidades médicas, é sócia da Unimed, Unicred, AMRIGS, AMEPLAN, e Sócia-fundadora da Sociedade Brasileira de ultra-sonografia. Durante sua vida profissional, integrou-se ao ECOCLINIC, através de significativas parcerias, empresa que presta serviços na área de ecografia, junto ao Hospital Beneficente Dr. César Santos (Hospital Municipal de Passo Fundo). Através da ECOCLINIC, presta importante colaboração na área social, realizando atividades profissionais com atendimento diferenciado às camadas sociais mais carentes.



ELBA FERREIRA DA COSTA – A professora Elba nasceu em Erebangó (RS), filha do casal Delmídio Antonio Ferreira e Leopoldina Silva Ferreira. Casou-se com Cassemiro José Lourival da Costa, hoje professor aposentado e agricultor. Tem os filhos Silvana da Costa Lima (psicóloga), Otávio Antonio Ferreira da Costa (empresário) e Sinara da Costa Alarcony (bacharel em dança clássica). Os netos são Daniele, Francine, Luiz Otávio, Nicole, Isadora e Leonardo. Fez o Curso Superior de Canto em Santa Maria, o Curso de Formação Técnico Administrativo para Escolas do Premem da URGs, Pedagogia com habilitação em Administração Escolar da UPF e fez

Especialização em Psicologia na UPF. Foi professora primária e de Educação Artística na rede estadual de ensino e também Orientadora de Educação Musical na 7ª DE, onde idealizou e fundou, juntamente com a professora Beatriz Nothen, a Escolinha de Arte Infantil “Carlos Barone”, sendo sua primeira diretora. Foi diretora da Escola Polivalente, hoje Adelino Pereira Simões e Coordenadora Pedagógica do Instituto Educacional. Atualmente, é professora dos cursos de Música e Educação Artística da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF. Já realizou vários festivais de arte infantis e coordenou onze edições do programa “Momento de Incentivo ao Canto” promovido pela Rádio Planalto, com o objetivo de incentivar a criação de grupos corais infantis e despertar o gosto pelo canto coral. Também participou de atividades na área social, tendo sido Presidente do COMDICA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente). Foi Coordenadora da eleição do Conselho Tutelar e Conselheira do CEAMES – Centro Educacional e Assistencial Metodista – Edith Schissler. Faz parte do Rotary Integridade e foi secretária da APAE. Recentemente, foi coordenadora do movimento “Sinal Vermelho para a Esmola”. Segundo diz, sua caminhada como educadora foi iniciada com um diploma na mão e um grande ideal no coração. Nesta jornada, entretanto, nunca esteve só. Sempre teve pessoas dispostas a caminhar ao seu lado, encorajando-a e apoiando-a na sua luta por mundo melhor para as crianças. É com esse incentivo que renova diariamente seu entusiasmo e persistência, com a consciência das possibilidades e limitações, sempre dando o melhor de si mesma.

ELFRIED (ELFRIDA) HUBSCHER – Em 22 de novembro de 1907, nascia em Varsóvia, capital da Polônia, aquela que viria a ser o símbolo das enfermeiras do Hospital da cidade. Ainda criança, com apenas quatro anos, seus pais a trouxeram para o Brasil, fugindo da Primeira Guerra Mundial, e instalaram-se na cidade de Santo Ângelo (RS). Elfrida, como os brasileiros a chamavam, formou-se em enfermagem em dezembro de 1932, no Deutschen Krankenhaus, hoje Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. No ano seguinte veio para Passo Fundo, trabalhar no hospital de Caridade, hoje Hospital da Cidade. No princípio, enfrentou muitas dificuldades, especialmente para fazer-se entender, pois não conseguia ainda falar fluentemente o português. Isto foi superado, porém, e, em 1940, Elfrida foi professora do 1º Curso de enfermagem da cidade de Passo Fundo. Em seu trabalho como enfermeira, naquela época, ela enfrentou muitos problemas que, hoje, pareceriam absurdos: assim que chegou ao hospital, viu que nele não havia água encanada. As poucas pessoas que ali trabalhavam, tinham que ir buscar água em baldes, até para dar banho nos pacientes. Elfrida ficou conhecida no Hospital da Cidade como “shwester” (pronuncia-se chuéstá), que, em polonês ou alemão, significa “irmã”, tal é o carinho com que a tratam. A “shwester” sempre se emociona ao falar de pacientes que, muito doentes, se apegavam a qualquer esperança para viver, mas acabavam falecendo, vencidos pelas enfermidades. Sua maior satisfação é ver pacientes que se recuperam e voltam para casa. Até hoje, com mais de 90 anos de idade, essa verdadeira irmã de todos ainda trabalha, ajudando, especialmente com orações e palavras de conforto, aqueles que sofrem. Elfrida diz que gostaria de continuar a fazer manipulação de medicamentos, ofício que aprendeu no próprio Hospital. Nas décadas de 40 e 50, foi, diversas vezes, diretora do Hospital da Cidade, onde mora e trabalha até hoje, solteira, inteiramente dedicada a diminuir o sofrimento de seus semelhantes.





ELIANE MARIA BERTAGNOLLI – Algumas pessoas são lembradas pelas outras, muito tempo depois, mesmo que não tenham feito coisas espetaculares ou sensacionais. Na verdade, muitas mulheres não se dão conta da impressão que causam justamente porque não se preocupam com isso. Esse, provavelmente, é o caso desta jovem senhora que, especialmente durante a época dos antigos ginásio e científico, na década de 60, era um dos rostos femininos mais bonitos na área estudantil, até hoje lembrada em qualquer reunião de ex-colegas quando o tema é beleza, educação e atitude. Filha de Pedro Bertagnolli, conhecido agricultor desta região, e Nelly Alzira Bertagnolli, Eliane tem os irmãos

Clélia Elaine Bertagnolli Borella, José Ronald Bertagnolli, Paulo Fernando Bertagnolli, Liana Lúcia Bertagnolli da Rosa e Pedro Gilberto Bertagnolli. É mãe de Luciana, Andréa e Mariana. Fez os estudos básicos no colégio Notre Dame e, depois, a faculdade de Educação Artística na UPF. Viajou por todo o Brasil, conhecendo bem suas diferentes regiões. Conhece, também, os países da América do Sul. Eliane é uma pessoa reservada, que não gosta de se expor. Tem hábitos simples e, hoje, considera sua maior riqueza suas filhas, sua neta, seus pais, irmãos, genro, sobrinhos e cunhados. Com sua discreta simplicidade, considera-se hoje, apenas uma mãe e avó. Na foto abaixo, todos os irmãos Bertagnolli reunidos: Elaine, Ronald, Eliane, Paulo Fernando, Liana Lúcia e Pedro Gilberto.





A foto de Deoclides Czamanski mostra Elisabeth Finardi com a faixa de Miss Passo Fundo, em maio de 1998, no solário da casa dos Finardi, que ficava em frente ao atual Fórum.

ELISABETH FINARDI SQUASSONI – A primeira e única, até 2001, passo-fundense que ganhou o título de Miss Rio Grande do Sul, nasceu em Passo Fundo, no dia 26 de outubro de 1949, filha de Aido Santo Finardi e Norma Maria Borella Finardi. De família numerosa, Beth (como é chamada em família) tem sete irmãos: João Alberto, Jorge Luiz, Vitor Aido, Alexandre, Fernando, Marcelo e Luciano Finardi. Elisabeth Finardi fez os estudos básicos em Passo Fundo, formando-se Professora Primária no colégio Notre Dame, em 1970. Mais tarde, fez a faculdade de Administração de Empresas na Faculdade Luzwell, em São Paulo. Na Diocese de Santo Amaro, fez o Curso Trienal de Teologia – ODEC-, de 1993 a 1995, e ainda o Curso de Sagradas Escrituras no Instituto superior de Filosofia e Ciências Religiosas São Boaventura (SP), de 1996 a 1998 e o Curso de Aperfeiçoamento e Extensão em Ensino Religioso Escolar nas Faculdades Associadas Ipiranga, de 1999 a 2000. Beth marcou seu nome na história de Passo Fundo quando, em 1968, numa época em que os concursos de misses eram acompanhados pelo público com o

interesse de uma Copa do Mundo, arrebatou para a cidade o título inédito de Miss Rio Grande do Sul. Deve-se lembrar que, naqueles anos, só havia um tipo de concurso, sem as diversas categorias hoje existentes como mirim, infantil etc. A seleção das moças era rigorosa e a competição tinha um ar quase que oficial, com autoridades de todos os escalões participando do julgamento em suas etapas municipais, estaduais e nacional. Pois foi nesse clima que Elisabeth Finardi fez sua carreira vitoriosa. Em abril de 1968 veio o primeiro convite para ser Rainha do Clube Comercial, o qual ela aceitou. Em maio do mesmo ano, representando o Clube no concurso Miss Passo Fundo, ela foi a vencedora. No mês seguinte,

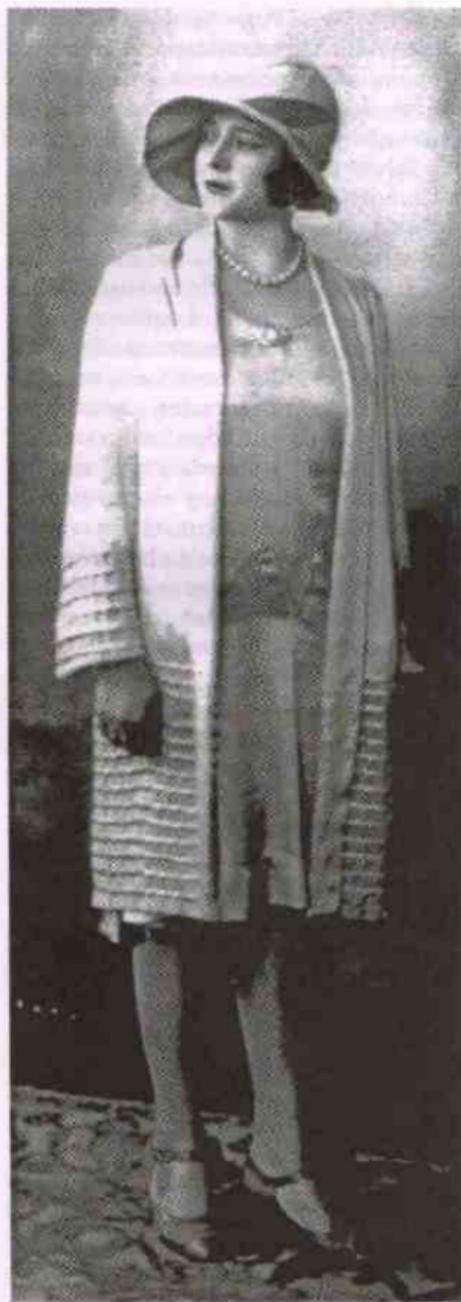
junho, na capital Porto Alegre, ela foi eleita Miss Rio Grande do Sul, fato inédito para a cidade, que comemorou o feito por muitos dias, fazendo com que Elisabeth tivesse que viajar muito, comparecendo a todos os eventos importantes no estado. Em julho de 1968, Beth vai representar o Rio Grande no concurso Miss Brasil, no Rio de Janeiro, perante um Maracanazinho lotado, onde a escolhida foi Marta Vasconcelos (que seria eleita Miss Universo no mesmo ano). Beth revolucionou o desfile, que tinha três etapas: traje típico, gala e maiô. Na categoria Traje Típico, compareceu com um figurino chamado Gaúcho Estilizado, que ganhou o primeiro lugar, e até hoje, ainda é imitado por algumas participantes gaúchas. Em julho de 1969, em reconhecimento pela divulgação e pelos títulos conquistados para Passo Fundo, Elisabeth Finardi recebeu, da Câmara de Vereadores, o título de Rainha da Cidade. Hoje, casada com Enéas Squassoni, residente em São Paulo (SP), com os filhos Christian Max, Vanessa e Rafael Finardi Squassoni, Elisabeth lembra com prazer aqueles momentos de alegria, dizendo que gostaria de agradecer a todas as pessoas que a incentivaram e que todas permanecem em seu coração. Sua gratidão maior é para sua mãe Norma, sempre forte e otimista, que ensinava o amor de Deus e tinha uma fé inabalável. Ela diz que se hoje tem a alegria de viver voltada para a família, religião e comunidade, é porque sempre seguiu seus conselhos, como quando ela lhe dizia: "Beth, vamos cuidar da alma, o resto fica". Ela tem muita admiração, também, pelo pai, Aido Finardi, empresário e piloto de corridas, com a famosa carreteira número 8, onde estava escrito "O Rei das Curvas", que, com seu jeito simples de ser, conquistou o carinho e a afeição de muitos. Beth diz que uma das coisas mais lindas da vida é a amizade, e ela pode urgir nas formas mais inesperadas. Foi o que aconteceu com ela, no verão de 1998, em Capão da Canoa (RS) ela assistia a uma missa de sábado no salão da Zona Nova daquele balneário. Da igreja só havia os alicerces. Ela viu chegar um sacerdote apressado. Sendo ela ministra do altar e da Eucaristia na sua paróquia em São



Beth, já com a faixa e o manto de Miss Rio Grande do Sul 1968.

Paulo, onde mora, aproximou-se do padre e perguntou: "Posso ajuda-lo?" "Pode." Ele respondeu. Ao término da celebração, ela pediu ao padre Atanásio Francisco Schwartz para acompanhá-la até a casa dos pais, onde um dos seus irmãos estava enfermo, correndo risco de vida. O padre foi, deu-lhe a bênção da saúde. Dois dias depois o padre retornou, trazendo a comunhão e a relíquia do seu fundador, bem-aventurado Luis Guanella. Seu irmão foi melhorando e a amizade com o padre se fortalecendo cada vez mais. Como há 17 anos ela aguardava a oportunidade de poder ajudar na construção de uma igreja, surgiu ali a idéia de construir um santuário em honra a Nossa Senhora do Trabalho. No mesmo ano iniciaram a obra, conforme suas palavras, "fundamentando tudo na ajuda visível da Divina Providência". E foi erguido um monumento de fé, orações e graças especiais. A comunidade local, contando com o apoio dos veranistas e outras pessoas amigas, inclusive de São Paulo, começou a colaborar e, em breve, o sonho tornou-se uma feliz realidade que todos podem apreciar, mesmo que ainda não esteja totalmente concluído. Para Beth, essa amizade é muito valiosa, e ela aprendeu muito. Agora, em São Paulo, está empenhada em ajudar na campanha dos 44 vitrais da Igreja Divino Salvador. Nesses vinte anos de envolvimento nas comunidades, acabou ganhando mais um título, muito carinhoso: "Miss do Senhor". Na verdade, até foi criado um site na Internet para ela o missdosenhor@globo.com. Sempre preocupada com o semelhante, Beth diz que a igreja necessita da ajuda dos leigos, do serviço fraterno. Com essa fé, ela diz tranquilamente que "fundamentado nisso, posso afirmar que a felicidade existe".





ELLY ELY – A primeira representante de Passo Fundo no concurso Miss Rio Grande do Sul nasceu em Nova Prata (RS), em 3 de julho de 1911. Filha de José Carlos Ely e Alzira Harris Ely, ela foi a representante da cidade devido à renúncia de Rita Ferrão Teixeira, que, numa carta aberta ao Jornal O Nacional, desistia do título de Miss Passo Fundo, alegando que “falatórios estavam lhe causando muito mal” e que abdicaria também das homenagens, presentes e concessões que havia recebido. Elly Ely, que era a segunda colocada, foi então declarada vencedora. O concurso Miss Rio Grande do Sul, e, por consequência, os concursos municipais, eram patrocinados pela empresa jornalística Diários Associados, cujo representante no Rio Grande do Sul era o Diário de Notícias de Porto Alegre. Eram publicados cupons para que os leitores votassem em candidatas pré-escolhidas. O ano de 1929 foi o primeiro em que a empresa colocou a cidade de Passo Fundo entre as que mandariam suas representantes. Assim, Elly Ely representaria Passo Fundo pela primeira vez num concurso estadual de beleza. Uma comissão composta pelos srs. Frederico C. de Carvalho, Ney de Lima Costa e Mauro Pereira Machado foi designada pelos patrocinadores para conversar com os pais de Elly e convence-los a participar do evento, no que foram bem sucedidos. Entre as dez candidatas de todo o Estado, Elly Ely ficou em 3º lugar. Na sua volta de Porto Alegre, foi homenageada por dezenas de pessoas com uma passeata puxada pela banda do 8º Regimento de Artilharia. Em frente à sua residência,

discursaram os srs. Valdemiro Portugal, Dr. Celso da Cunha Fiori e Jefferson de Carvalho Dantas, que enaltecera a beleza da miss. O Cinema Coliseu homenageou a miss com uma sessão cinematográfica. No ano seguinte, em 1930, usando os mesmos critérios para a escolha da Miss Passo Fundo, os leitores do Diário de Notícias começaram a votar maciçamente em Elly Ely, que, nas primeiras apurações, chegava a estar com mais de 200 votos à frente da 2ª colocada.. Muito antes da apuração final, porém, Elly renunciou, dizendo que outras belas passofundenses deveriam ter oportunidade no concurso. Poucos anos depois, sua família foi embora de Passo Fundo. Elly casou-se com Cezar dos Santos Ortiz, de Soledade, e teve os filhos Sérgio Ely Ortiz (pecuarista), Celso Ely Ortiz (professor) e Vera Maria Ortiz Tatim, casada com o médico Deodoro Tatim. Anos depois, com o marido assumindo a Prefeitura de Soledade, Elly, como Primeira Dama do município, dedicou parte de sua vida às obras assistenciais e, mesmo depois de deixar a Prefeitura, continuou permanentemente envolvida com obras filantrópicas, demonstrando sua grande beleza também de alma. Elly faleceu em Soledade, em 3 de fevereiro de 1987.





ELOHY LURDES BERTOLDO ALESSANDRI – Embora conhecida como *terra de passagem*, Passo Fundo também tem sabido atrair e cativar, ao longo de sua história, homens e mulheres nascidos em outras localidades que para cá se transferem e dedicam o melhor de seus esforços para o crescimento material e espiritual da comunidade que adotam em definitivo. Entre as pessoas que chegaram e deixaram sua marca nesta

cidade acolhedora está Elohy Alessandri, nascida em Getúlio Vargas (RS), em 3 de julho de 1936. Filha de Ernesto e Alzira Dall Igna Bertoldo, ela, como fizeram muitas adolescentes de seu tempo, veio para Passo Fundo continuar seus estudos. Este fato traçou seu destino. Em 1953 Elohy conheceu um jovem e aventureiro italiano, nascido na histórica Roma, que a cativaria para sempre: era Aldo Alessandri, com quem casou no ano seguinte e de cujo matrimônio nasceram Leonardo (atualmente residindo em Porto Alegre) e Adriana. De família descendente de imigrantes italianos e casada com um romano, logo adquiriu dupla cidadania, e, alado do marido, começou seu interesse pelas atividades que reconciliariam o coração de um povo capaz de amar duas pátrias. Pelo trabalho que passou a realizar junto aos descendentes de italianos no sentido de uma aproximação cultural e econômica com a Itália, Aldo Alessandri foi nomeado, em 1975, Agente Consular desse país em Passo Fundo e região, posto que ocupou, com brilhantismo, durante 25 anos. Desde o momento que assumiu a responsabilidade de ser uma ponte entre brasileiros com sangue italiano e a Itália, Aldo sempre teve ao seu lado, como principal assessora, a esposa Elohy. Fascinada e ciente da importância dessa missão – tanto para as pessoas que buscam suas raízes na Europa quanto para os dois países, no sentido de estreitamento de suas relações em busca de benefícios recíprocos – ela aperfeiçoou seu italiano, aprofundou seu conhecimento sobre os dois povos, e tornou-se especialista em todos os assuntos consulares, facilitando o trabalho de Aldo. Num período de 25 anos, através da ação efetuada pela Agência Consular da Itália de Passo Fundo, centenas de pessoas desta região – e até de longínquas cidades – obtiveram a dupla cidadania, puderam realizar o sonho de rever a terra e os familiares de seus ancestrais e incontáveis empresas gaúchas e brasileiras ampliaram seus negócios, numa aproximação que, hoje, serve como exemplo para outras etnias e outros países. Esse trabalho, onde grande número de brasileiros e italianos puderam estreitar relações e conhecimentos, e que foi realizado com muita eficiência por Aldo, teve diuturnamente a presença dedicada de Elohy. Assim, nada mais natural que fosse ela a assumir o posto quando o

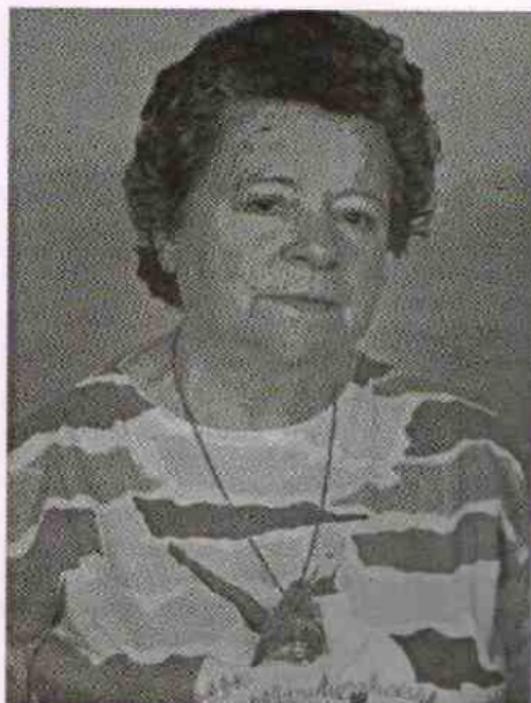
marido, por limite legal de tempo para o exercício da função, teve que se afastar do comando da Agência. A decisão do Cônsul Geral da Itália, em Porto Alegre, de nomear Elohy Bertoldo Alessandri para dirigir a Agência, em substituição ao Aldo, foi um reconhecimento do mérito que ela soube construir durante 25 anos de trabalho. Foi o coroamento de uma longa jornada, de um trabalho quase anônimo, onde ela fez de seu lar uma extensão da Itália para os italianos e o início da ponte pra os brasileiros sequiosos de conhecer e sentir a pátria de seus avós e bisavós. Após um ano de atividades à frente do comando da Agência Consular da Itália em Passo Fundo, Elohy teve a confirmação de sua nomeação pelos presidentes da República do Brasil e da República da Itália, assumindo oficial e legalmente suas atividades nesse organismo em julho de 2000. No cargo, ela vem intensificando atividades que divulgam a cultura, a língua, a dança, o canto italiano em Passo Fundo e região, inclusive através da Società Italiana Leonardo Da Vinci, da qual foi uma das fundadoras e presidente do Comitê Feminino. Nestes tempos de tantas divergências entre povos e nações, com acontecimentos dolorosos para todos, esse trabalho desenvolvido com fibra e determinação pela passofundense de coração, Elohy Alessandri, ganha ainda

mais importância. É um trabalho que visa estreitar os laços culturais, sentimentais, sociais e econômicos de dois povos que, amando a duas pátrias, desejam se conhecer melhor para juntos consolidarem um mundo mais unido e humano.



Deputado Éden Pedroso, Adriana, Aldo e Elohy com o título de Cidadão Passo-fundense Honorário, entregue pela Câmara.

consolidarem um mundo mais unido e humano. Pessoalmente, só aqueles que tiveram a feliz oportunidade de privar da amizade do casal Elohy e Aldo podem descrever o que eram (e ainda são), as pequenas reuniões que o casal eventualmente promove, sempre para poucas pessoas de cada vez, nas quais, bem à vontade, provam-se petiscos dos mais variados cantos do mundo, trocam-se idéias e informações sobre negócios e oportunidades, contam-se experiências de viagens e muito, muito mais. Talvez seja absolutamente correto dizer que dificilmente se poderá encontrar alguém que tão bem represente o espírito alegre, aberto, simples (ainda que respeitoso) do povo italiano mesclado com a franca hospitalidade e o eterno bom humor dos brasileiros.



ENEYDA THEVENET ROSA -

Será difícil encontrar alguém que, na década de 60, tenha sido aluno do CENAV e não tenha boas lembranças daquela senhora meio baixinha, sempre alegre, comunicativa, simpática, prestativa, que era a dona Eneyda. Nascida em Uruguaiiana em 14 de novembro de 1913, filha de Mario Thevenet e Mathilde Passano Thevenet, Eneyda casou-se, em primeiras núpcias, com Armando Martins Ferreira. Com o falecimento deste, Casou-se novamente com Lindolpho Rosa. Do primeiro casamento teve dois filhos, Armando Ferreira Filho (engenheiro agrônomo) e Rafael Ferreira, (engenheiro florestal). Sempre disposta a ajudar os semelhantes, dona Eneyda ingressou na Congregação Vicentina e foi

fundadora da Conferência Vicentina Feminina. Foi a grande idealizadora e fundadora da Vila Santa Izabel, obra vicentina, no bairro Lucas Araújo, que congrega um asilo, uma creche, uma capela e um salão comunitário. Exerceu atividades como Inspetora de Alunos no colégio Protásio Alves, e, posteriormente, no Colégio Estadual Nicolau de Araújo vergueiro (CENAV). Ali também praticava a filantropia, distribuindo uniformes e material escolar para alunos carentes. Sua figura tornou-se inesquecível para quem a conheceu. Quando faleceu, em 15 de junho de 1992, em Passo Fundo, Gilberto Borges escreveu o seguinte texto, no jornal O Nacional: "Morreu uma das mulheres de maior fibra que Passo Fundo teve. Conheci dona Eneyda quando o antigo CENAV ainda funcionava junto ao Protásio Alves, por volta de 1960, e ela já era uma educadora valorosa e mão de estudantes pobres, que eu sempre fui. Nestes últimos tempos, de volta a Passo Fundo, encontrei-a muitas vezes caminhando com seu porte altivo pelas ruas da cidade, a postura firme de quem lutava bravamente contra uma doença incurável. Como um animal nobre, por não me reconhecer, presumo que ela não reconhecia ninguém na caminhada final de sua vida. Uma das mais importantes educadoras que a cidade teve. Não há como não sentir um pouco de tristeza."



ENY BORGES UGHINI – Uma das fundadoras da Casa da Amizade, Eny nasceu em Soledade, filha de Deodato Borges e Iracema Pedroso Borges. Veio para Passo Fundo com 14 anos de idade, para frequentar melhores escolas. Completou o ensino médio nos colégios Notre Dame e Bom Conselho, formando-se, posteriormente, em Estudos Sociais na UPF. Casada com Delvo Ughini, tem os seguintes filhos: Alexandre Augusto (médico), Eliziany (comerciante), André Luiz (agrônomo) e Luciana (psicóloga). Seus netos são: Eduardo Ughini

Grazziotin, Marina Ochoa Ughini, Augusto Ochoa Ughini, e Bibiano e Mariana Ughini Goldschimit. Após a formatura na UPF, dona Eny passou a lecionar em Escolas Estaduais, onde até hoje ministra suas aulas com dedicação e carinho, pois encara a atividade como uma vocação, mais do que uma profissão. Além de fundadora da Casa da Amizade, foi uma de suas primeiras presidentes. Essa entidade visa prestar assistência às pessoas carentes e é dirigida por esposas de rotarianos. Durante sua gestão, que iniciou em 1982, deu ênfase a inúmeras promoções que beneficiaram creches, asilos, hospitais, deficientes físicos, abrandando o frio e a fome de centenas de pessoas carentes e auxiliando a locomoção de enfermos. Consciente de que uma grande obra não se faz sozinha, Eny gosta de lembrar sua diretoria na Casa da Amizade, que era assim constituída: Presidente – Eny Ughini; vice-presidente – Lygia Lacerda; 1ª Secretária – Ione Ughini Mentz; 1ª tesoureira Olga Menegaz. Lembra também das companheiras Arnilda Cabeda, Ambrosina Benincá, Helena Patussi, Eliane Giongo, Ivanilza Corralo, Avani Bresolin, Silvia Azevedo, Fany Tavella, Dilce Borges, Selma Bayer, Ivete Patussi, Marilene Benvegnu, Estela Picolli, Linda Esfacia, Therezinha Holzbach, Maria de Lurdes Paes Leme e Heloisa Almeida. O lema escolhido pelo grupo era: “Dar de si sem pensar em si”.-



ERNA MARIA HELBLING BASTIAN
- Filha de Jacob Helbling e Maria Maldaner Helbling, nasceu em Passo Fundo no dia 15 de março de 1942. Fez seus estudos básicos nos colégios Bom Conselho e Notre Dame, e o curso Normal (equivalente ao Magistério) na Escola Osvaldo Cruz. Seu pai, Jacob Helbling, um dos comerciantes mais conhecidos de Passo Fundo, foi proprietário da Loja Arno, uma das primeiras lojas especializadas em material elétrico da região, a partir da década de 50. Foi o primeiro representante exclusivo dos produtos da marca ARNO. A conduta de seu pai influenciou muito o comportamento da jovem Erna. A honestidade, o respeito pelo semelhante e o trabalho como mola impulsionadora da vida, além da credibilidade do nome, foram valores que a jovem adotou para o resto da vida. Quando concluiu o curso Normal, Erna passou a lecionar na localidade

de Santa Cecília, interior do município de Tapejara. Em 1964, prestou vestibular na UPF e foi aprovada para fazer a faculdade de Odontologia.. Para pagar os estudos, continuou lecionando. Como precisava ir para Tapejara, porém, viagem demorada, naquela época, em estrada sem asfalto e sem as facilidades de hoje, Erna teve de ficar o ano de 1965 sem poder assistir às aulas da faculdade. Conseguiu, no ano seguinte, ser transferida para lecionar na Escola Leão XIII, em Passo Fundo, retomando seus estudos universitários. Formou-se em 1969, e não esquece a frase proferida pela sra. Alice Cunha (esposa do médico Luiz Felipe da Cunha), que lhe disse, na cerimônia de formatura: "Se tem alguma pessoa que merece estar aqui, é você." Estas palavras jamais foram esquecidas porque resumiam numa frase todas as dificuldades enfrentadas por Erna para conseguir seu ideal. Foi Rainha da Odontologia no famoso Baile dos Calouros que era realizado naquela época, e, nessa ocasião, começou a namorar seu marido, o também dentista, dr. Ruy Bastian. O casal tem dois filhos: Luciano Helbling Bastian (médico em Passo Fundo) e Alexandre Helbling Bastian (piloto comercial e de helicópteros no centro do país).

EULINA BERNARDES BRAGA – Nascida em Gravataí (RS), em 21 de dezembro de 1886, filha de Mauricio Bernardes Braga e Generosa da Silva Bernardes Braga, esta educadora que hoje é nome de uma escola estadual na Vila Annes, foi casada com o exator estadual Mário Braga. O casal teve os filhos Mário Braga Filho (advogado, já falecido), Alba Braga Silveira (casada com Plínio Silveira, já falecida), Marília Braga Porto (casada com Bento Oliveira Porto) e Rui de Lemos Braga (casado com Terezinha Braga). Dona Eulina lecionou no Colégio Complementar de Passo Fundo e, com o apoio do dr. Nicolau Araújo Vergueiro, pleiteou a construção do prédio do Colégio Protásio Alves, com capacidade para 1.500 alunos matriculados. Trabalhou muito para a construção da Escola da Vila Rodrigues. Tinha muita preocupação com o ensino para os jovens. Era uma professora muito enérgica, severa e austera. Sua severidade, porém, tinha um caráter educativo, e só aparecia quando o aluno realmente merecia. Conta dona Zilda Braga, sua aluna e, mais tarde, sua nora (casada com o sr. Mário Braga Filho), que, quando Eulina era Diretora do Protásio Alves, impunha um respeito hierárquico absoluto. Da sua sala, às vezes, ouvia conversas de alunos pelos corredores. Ia imediatamente verificar o que se passava e, quando estava no meio das escadarias, apenas pigarreava ou tossia, e os corredores ficavam desertos e silenciosos novamente, em questão de segundos. Em 38 anos de magistério, ficou afastada apenas seis meses, para tratamento de saúde. Com o auxílio do sargento Barreto, do 8º Regimento de Infantaria (que depois se tornaria o 1º do 20º RC), fundou o primeiro grupo de escoteiros de Passo Fundo. Faleceu em 5 de março de 1958. Na foto que ilustra este texto, dona Eulina aparece bem no centro, durante uma homenagem que lhe foi prestada no Colégio Protásio Alves.





FLORA CÂNDIDA ALVES MACHADO – A terceira filha do capitão Pedro Antonio Alves e de Maria Joaquina Martins Alves nasceu em Pinheiro Marcado (RS), em 31 de julho de 1911. Passou sua infância em Boa Vista de Erechim, onde seu pai trabalhava, juntamente com a família. Veio, já moça, para Passo Fundo, a fim de estudar, e morou, por alguns anos, com a família Bastos no Bairro Boqueirão. Desde jovem participou de movimentos religiosos da Igreja Católica e dedicou-se à catequese e aos trabalhos sociais. Na década de 30, entrou para a Congregação Mariana, um movimento ligado à Igreja, que fazia um trabalho para ajudar os necessitados. Organizou e dirigiu a JOC (Juventude Operária Católica) e a JEC (Juventude Estudantil Católica). Fundou

o grupo "Filhas de Maria" e trabalhou por muitos anos preparando Benjamins e Aspirantes. Casou com o senhor Elyn Mendonça Machado, mas continuou a trabalhar junto à Igreja. Organizou o Movimento de Ação Católica e participou de todas as atividades religiosas para leigos. Como voluntária, lecionou catecismo nos anos de 1940 a 1943 no Colégio Elementar Protásio Alves. No ano de 1944, submeteu-se a uma cirurgia delicadíssima em Porto Alegre, ocasião em que o médico deu-lhe apenas três meses de vida. Sua fé, porém, era tanta, que ela respondeu: "Doutor, o senhor pode dizer que vou morrer neste instante, mas eu não acredito. Acima do senhor existe Deus". Permaneceu acamada e engessada por quase dois anos, mas continuava a ensinar catequese, e, junto com o marido, realizava reuniões de paroquianos em sua residência, demonstrando que, apesar de doente, não esquecia suas obrigações com Deus. Foi a primeira leiga a trabalhar na catequese e nos movimentos religiosos de Passo Fundo. Participou e ajudou a organizar o 1º Congresso Eucarístico de Passo Fundo. Coordenou toda a solenidade de Consagração de Dom José Gomes, quando este foi designado Bispo de Bagé.

Organizou e participou do Coral Matriz Nossa Senhora da Conceição. Após a criação da Paróquia da Catedral, organizou e presidiu por vários anos o Coral da Catedral. Por muitos e muitos anos, aos sábados à tarde, junto com suas amigas, entre elas Olga Benincá, Adelaide Morsch e Ilka Leite, arrumou o altar da Catedral. E dezenas de casamentos aconteceram embalados pelo canto de dona Flora, acompanhada de sua fiel amiga Ondina Marques Daudt, na Catedral Nossa Senhora Aparecida. Ajudou nas despesas e na formação de vários seminaristas. Ajudou, também financeiramente, crianças carentes da Fundação Leão XIII. Colaborou com a fundação Beneficente Lucas Araújo e foi coordenadora do Serra Clube e do HOS (Hora de Oração pelos sacerdotes). Foi a primeira agente de SESC (Serviço Social do Comércio) em Passo Fundo. Nesta atividade junto aos comerciários, deixou sua marca de doação, de trabalho comunitário e de sua religiosidade quando organizava o Natal dos filhos dos comerciários, bem como a escolha da Rainha dos comerciários, baile da entidade, o Coral do SESC (que tinha como regente Carino Corso), cursos de pintura, bordado, culinária, serviços odontológicos, médicos e atividades esportivas. Também funcionava no SESC o Berçário, onde eram confeccionados enxovais destinados às crianças carentes. Em 1979, já aposentada, organizou o "Cenáculo", juntamente com um grupo de senhoras da sociedade passofundense, onde o objetivo principal era trabalhar para os necessitados, organizando enxovais para recém-nascidos, entregues nos hospitais da cidade. Anualmente, em sua residência, organizava um jantar que reunia o clero de Passo Fundo para uma confraternização e para agradecimento pelos trabalhos prestados à comunidade. Hoje, aos 90 anos, sofrendo do "Mal de Alzheimer", dona Flora continua rodeada pelo carinho de seus familiares e amigos. Como diz sua irmã, a ela poderia se aplicar o pensamento de Albert Schweitzer: "Somente o que importa, quando nos formos daqui, são os rastros de amor que tivermos deixado." Estes rastros dona Flora já os deixou, mesmo antes de nos deixar.





FRANCINNE MORANDI E SILVA - Legítima representante da nova geração feminina, Francinne, filha do dr. Geraldo Cogrossi Silva e Tânia Maria Morandi Silva, irmã do Francis Morandi e Silva, leva a independência e a liberdade de pensamento no nome, que, no diminutivo germânico significa "livrezinha". Nascida em Marau, no dia 30 de dezembro de 1974, terra dos seus avós e bisavós, onde o bisavô Alberto Borella é nome de avenida, ela fez seus estudos básicos no Colégio Conceição, em Passo

Fundo, para onde vinha todos os dias, pequena ainda, com o ônibus dos estudantes que vinha para o cursinho ou para a universidade. Seu avô paterno, Sebastião, que residia em Passo Fundo, ia esperá-la diariamente em frente ao colégio, onde o ônibus a deixava, e ia buscá-la ao final das aulas, religiosamente. Tanto cuidado dava muita segurança à Francinne, que, longe de estranhar o trajeto, gostava muito dessa rotina, que considerava um passeio diário. Foi muito aplicada até terminar o 2º grau. Depois de fazer o cursinho, agora já com seus pais residindo definitivamente em Passo Fundo desde 1986, ela, com 17 anos, cursando Pedagogia na UPF, trabalhou na SOCREBE como professora do maternal durante um ano. Gostou da experiência, mas, com o passar do tempo, viu que desejava mesmo era fazer a Faculdade de Direito, onde deve se formar em 2002, e depois tentar uma carreira na área judiciária, fazendo concurso para juiz, promotor, ou coisa do gênero, porque é muito idealista e acredita que todos devem lutar pelos seus direitos e ideais até o fim. Gosta de tudo que for novidade e, devido às viagens com os pais e o irmão, aprendeu a experimentar de tudo. Já andou em todos os tipos de aeronaves, desde ultraleves, pequenos monomotores e Boeing 707 até helicópteros, sendo que uma de suas experiências mais emocionantes foi sobrevoar as Cataratas do Iguaçu de helicóptero, dentro da famosa Garganta do Diabo. Aos oito anos dirigia os automóveis sentada no colo de seu pai, e, aos doze, dirigiu sozinha, pela primeira vez, um Landau automático, porque não precisava fazer mudanças de marcha. Gosta de cachorros grandes e, sempre que tem tempo, sai caminhar com sua mastim napolitana Shana, que, estranhamente, apesar do tamanho, a obedece fielmente quando está na rua. Além disso, gosta de praticar esportes e frequentar academias para manter a forma. Outra experiência que ela achou emocionante foi ter assistido, ao vivo, no Maracanã do Rio de Janeiro, ao show histórico dos Rolling Stones, em sua primeira

apresentação no Brasil. A emoção e a vibração de mais de cem mil pessoas, além da presença física de um grupo mitológico da música mundial, foram uma espécie de experiência mística, até. Adora a praia, tal como seu grupo de fiéis amigas, que, todos os anos, escolhem cuidadosamente uma praia, geralmente de Santa Catarina, para alugar uma casa e passar o período de férias. Nessa época, Fran, como é chamada pelas amigas, tira muitas fotografias e a revelação e organização dessas fotos, quando volta das férias, estende-se por mais um mês, prolongando o passeio. Exemplo típico da novíssima geração, Francinne é expert em Internet, e a maior diversão são os e-mail engraçadíssimos que troca com os internautas de diversas partes do mundo, especialmente com Mark Farha, um jovem americano brazuca que morou recentemente em Passo Fundo, por quase um ano, deixando por aqui muitos amigos. Sempre alegre e comunicativa, Francinne, como as jovens atuais, acha que a mulher tem que decidir primeiro o seu caminho, e seu futuro companheiro deve entender essas aspirações e acompanhar sua evolução. Por isso, acha que, atualmente, as mulheres jovens pensam primeiro em suas carreiras, sua realização. O resto é consequência. Recebe todo o apoio de seus pais e de sua avó Lícia, a qual ela quer muito bem. Até hoje, gosta muito de dirigir, principalmente em viagens, porque lhe dá uma sensação de liberdade.





GABRIELA VOLFF – Nascida em Passo Fundo, numa bela quarta-feira da Semana da Páscoa, no dia 26 de março de 1975, filha de Guilherme Locatelli Volff e Elisete Helena Volff, irmã de Rafael e Manoel Antonio Volff, a pequenina Gabriela certamente não teria idéia de que seria ainda uma das poucas médicas veterinárias do século XXI, apesar do crescente ingresso de mulheres nessa profissão marcadamente masculina, até pouco tempo atrás. Quando criança, era sapeca e comunicativa. Sua mãe conta que, no primeiro aniversário, a maior dificuldade foi tirar suas fotografias, pois

ela não parou um instante sequer. Aos seis anos entrou para o Jardim de Infância do Colégio Menino Jesus. No ano seguinte, foi para o Colégio Conceição, lá ficando desde o pré-escolar até o primeiro semestre da 6ª série, quando foi estudar novamente no Colégio Menino Deus, só para acompanhar o irmão, que tinha ido estudar naquela escola. Ficou até o 2º ano do 2º grau e terminou os estudos no EENAV. Depois de fazer o curso pré-vestibular pensando em cursar Odontologia, mas não passou no primeiro vestibular. Com a separação dos pais, foi morar em Goiânia com o pai, onde ficou por um ano. Lá, experimentou fazer Fisioterapia, mas voltou para Passo Fundo e, desta vez, passou no vestibular para Administração Hospitalar na Unisinós, em São Leopoldo (RS). Frequentou as aulas durante seis meses, não gostou do curso, voltou para Passo Fundo e, desta vez, entrou na Faculdade de Medicina Veterinária da UPE, onde, em 22 de dezembro deste ano de 2001, vai receber seu Diploma. Depois de tantos cursos e experiências, sua mãe, com bom humor, diz que haverá festa e muitos foguetes. Durante esta trajetória estudantil experimental, viajou por quase todo o Brasil, e ficou 40 dias em Porto Seguro, na Bahia, local que adorou. Gabriela, entretanto, levou a sério sua profissão escolhida por último, e fez estágios extracurriculares na área de veterinária em Rosário do Sul (RS), Garibaldi (RS) e na UFRGS, em Porto Alegre. Em outubro de 2000, fez um concurso do ministério da Agricultura e passou, estando a exercer a função na Inspetoria Federal junto à Frangosul de Passo Fundo, como Agente de Inspeção. Sempre hiperativa, Gabriela dirige desde os treze anos, e diz-se que é ótima motorista. Adora animais, confirmando o acerto de sua escolha profissional. Sua ida anual para a praia com as amigas é digna de um filme. Sua mãe é que se diverte com os telefonemas de lá, telefonemas de cá, alugam, não alugam casa, vão tal dia, depois mudam, mas, no fim, tudo acaba bem. Só que, numa dessas confusões, Gabriela perdeu sua nécessaire com tudo o que tinha direito dentro: perfumes, óculos, documentos, cremes, dinheiro, etc.

Até anúncio no rádio foi colocado, mas até hoje, nada. Talvez, daqui a alguns anos, algum leitor identifique uns velhos documentos e os entregue à , quem sabe, senhora Gabriela.Sua ligação com animais vem de longe. Quando era menina, um dia, na praia, foi separar dois cãezinhos brigando e acabou mordida. Seu irmão levou-a até sua mãe, que estava numa vizinha. A vizinha preparou água com sal para lavar o ferimento, mas Gabriela não queria por a mão na bacia. A vizinha disse: Gabriela, veja, é igual à água do mar, não vai fazer mal. Gabriela respondeu, se é igual à água do mar, cadê as ondas? A gargalhada foi geral.





GEORGINA DREYER ROSADO – Em 29 de junho de 1899 nascia em Estrela (RS), filha de Tobias Dreyer e Maria José Dreyer, a menina Georgina, que, anos depois, teria um importante papel na área educacional de Passo Fundo. Casada com Euclides Rosado, o casal teve os filhos Paulo Rosado (já falecido), Benoni Rosado (ex-vice-prefeito e ex-prefeito de Passo Fundo, já falecido), Zary Rosado Lampert e Adauto rosado. Dona Georgina ingressou no magistério em 1919, na cidade de Venâncio Aires (RS). No início da década de 30, veio para Passo Fundo, onde começou a lecionar no colégio Fagundes dos Reis, que, antes de ter o prédio atual, passou por vários

locais: num casarão que existia na avenida Brasil, esquina com 20 de setembro: um velho prédio na rua Paissandu, esquina com Marcelino Ramos (onde era o Hospital São Vicente) e, demolido, deu lugar ao atual EENAV; o antigo prédio do Colégio Conceição, na rua Teixeira Soares, em frente ao Hospital São Vicente de Paula e no quartel do Exército, antigo 1º do 20º RC. Até, finalmente, em 1966, no prédio em que se encontra até hoje. Entre 1941 e 1945, a professora Georgina foi diretora da escola, e, nos anos seguintes, foi coordenadora do Fagundes dos Reis, até 1954, quando se aposentou. Ela sempre declarava ser mestra por vocação e nunca se viu exercendo outra atividade. Naquela época, para tornar-se professor, o pretendente tinha que passar pelo concurso do magistério, que tinha, entre os ocupantes da mesa examinadora, a professora Georgina. Além da aplicação da prova, dona Georgina incentivava os concorrentes, motivando-os. Este exemplo de dedicação ao magistério faleceu em 4 de janeiro de 1982.



GILDA FESTA - Filha de Arcângelo Festa e Helena Cauz Festa, a 1ª Escrivã Judicial de Passo Fundo nasceu em Sarandi (RS). Quando criança, Gilda ficava a se imaginar trabalhando, um dia, no tabelionato de Sarandi. Achava extremamente interessante o trabalho datilográfico e o manuseio de documentos tão importantes. Seu sonho, então, era o de trabalhar na área judicial. Quando completou 18 anos, passou a trabalhar no Cartório Eleitoral, passando para o cartório de Órfãos e Ausentes e, depois, para o Cartório Judicial. Em 1966 assumiu o cargo de Contadora, Partidora e Distribuidora de Sarandi. No ano de 1981 assumiu

como Escrivã Judicial na mesma comarca. Ela lembra que, quando prestou concurso, falavam muito sobre o preconceito, existente na época, contra as mulheres exercendo essa atividade, que, até então, era considerada atividade exclusivamente masculina. A comarca de Sarandi chegou a ser alvo de uma reportagem nacional, por um canal de TV, porque naquela cidade o judiciário tinha muitas mulheres ocupando os cargos na área judicial. De fato, além de Gilda, escritã, a juíza era a dra. Maria Benenice Dias (hoje desembargadora), havia uma Promotora, uma contadora, uma oficial de justiça além de outras funcionárias. Em 1986 Gilda foi transferida para Passo Fundo, assumindo a 3ª Vara Criminal. Ela lembra que, no começo, os advogados chegavam ao cartório curiosos em conhecer a primeira mulher escritã da comarca de Passo Fundo. Em 1991, Gilda aposentou-se. Em 1993, a convite da amiga Maria Terezinha Susin, foi uma das sócias fundadoras do Lions Clube Passo Fundo Amizade. Atualmente, continua fazendo trabalho voluntário no Lions, coisa que muito a agrada.





GILDA GALEAZZI – A primeira mulher coordenadora do Movimento Tradicionalista Gaúcho no Rio Grande do Sul nasceu em Marau, em 3 de março de 1954. A filha de casal Alberto Ângelo Galeazzi e Julieta Ribeiro Galeazzi casou-se com Carlos Medeiros de Mello e tem duas filhas: Carla Liane de Mello (casada com Sílvio Jarosceski) e Giliane de Mello (estudante). Num círculo outrora tão restrito, como o dos tradicionalistas gaúchos, onde peões e prendas só se misturavam durante os bailes, Gilda Galeazzi foi de um pioneirismo corajoso. Em 1996 foi eleita por aclamação

pelo Conselho de Patrões dos CTGs, Coordenadora do MTG, sendo a primeira mulher a chegar a esse posto, que coordena a 7ª Região do MTG, congregando 40 municípios. Sua entidade de origem é o CTG Fagundes dos Reis, de Passo Fundo. Como o cargo de coordenadora tem eleição anual, Gilda foi eleita por aclamação por cinco anos seguidos. Somente no ano 2000 foi apresentado outro candidato, que perdeu a eleição por 37 votos a 7. Durante a gestão de Gilda, a 7ª Coordenadoria conseguiu construir sua sede própria. Ela destaca como acontecimentos relevantes de suas gestões a organização administrativa da entidade e a credibilidade que a 7ª Coordenadoria voltou a ter junto à Coordenadoria Geral e junto aos CTGs filiados. Salienta também que, nos últimos cinco anos, a 7ª Coordenadoria foi premiada com os seguintes títulos: dois títulos da Festa Campeira Estadual do RS, dois troféus Cuia de Ouro (premição máxima na parte artística), 1ª Prenda Adulta do RS, 1ª Prenda Juvenil e 3ª Prenda Mirim, tudo no biênio 99/2000. Como era de se esperar, Gilda encontrou, no início de seus mandatos, muitas barreiras devido ao preconceito, porque, num recanto masculino, onde quem manda é o homem, muitos, mesmo inconscientemente, tinham certa resistência em aceitar o comando de uma mulher. Era até natural que surgissem comentários do tipo “o que uma mulher vai querer mandar nos homens?” Com calma, determinação, educação e firme-

za, Gilda foi impondo seu estilo e, hoje, tudo está mudado e, em alguns eventos, quando ela toma a palavra para fazer algum pronunciamento, é ouvida com muita atenção e respeito, e, geralmente, muito aplaudida. Na foto, com Gilda ao centro, de vestido com rendas no colo e na cintura, estão, da esquerda para a direita: Osmar da Rosa, Ana da Rosa, Elizabete Prates, Lurdes Canelles, Ileda Soares, Carlos Mello, Gilda Galeazzi, Valdemir Soares, Maris Fraga, Marlene Guntzel, Elenir da Silva, Flaminio da Silva e, na frente, a menina Priscila Mello.



GISELE VOLPI FRIGERI – A Rainha da Imigração Italiana no Brasil nasceu em Passo Fundo, em 25 de março de 1978. Filha de Nelson Dino Frigeri e Marlene Volpi Frigeri, é casada com Douglas Paulo Tortelli. De origens italianas por parte de pai e mãe, a bela Gisele foi eleita Rainha da Società Italiana Leonardo Da Vinci de Passo Fundo para 99/2000. Em seguida, sua beleza típica foi novamente premiada ao ser escolhida Rainha dos 125 anos da Imigração Italiana no Brasil,



pelo comitê Piazza Itália, com reconhecimento internacional.. Em 2000 foi convidada a participar da recepção ao Presidente da República da Itália, Carlo Azeglio Ciampi, em São Paulo, para as comemorações dos 125 anos da imigração italiana no Brasil. A maior comitativa era a do Rio Grande do Sul, liderada pelos cônsules Aldo e Eloi Alessandri, sendo que Gisele recebeu o Presidente italiano, de quem recebeu honrarias e o reconhecimento por sua beleza, cultura e simpatia. O evento reuniu mais de 500 pessoas, entre elas várias autoridades de todo o país, e foi transmitido pela RAI na Itália e pelo o SBT no Brasil. Gisele permanecerá como soberana da imigração italiana no Brasil até o ano de 2.025, ocasião em que será eleita uma nova Rainha. Formada em Letras pela UPEL, com especialização em Língua Inglesa ,

atualmente é professora de Inglês na Escola Wizard de idiomas.Recebeu Honra ao Mérito pela excelente classificação nos exames de proficiência em Língua inglesa Falada, nos níveis 5 e 7 do concurso Trinity da Inglaterra, reconhecido, atualmente, em mais de 40 países. Gisele diz ter sido uma experiência única para ela representar a Società Italiana Leonardo Da Vinci e ser escolhida Rainha da Imigração Italiana no Brasil, pois, além de homenagear seus antepassados, guardará esses momentos com muito carinho por toda a vida.



**GLACIR
HAUSEN
LOPES**
(*Glacir Lopes
de Souza*) –

Esta morena de beleza típica do pampa gaúcho nasceu em 17 de março de 1949, filha do casal Felix Cândido Lopes e Orchelita Hausen Lopes. Começou seus estudos no colégio Notre Dame, e, aos dezoito anos, ganhou o título de Miss Objetiva de Passo Fundo 1967, e no concurso estadual, ficou em segundo lugar, com o título de 1ª Princesa do Miss Objetiva do RS. Sua beleza não tinha contestação, e ela

também foi eleita Rainha das Piscinas do Sport Clube Gaúcho. No começo do ano de 1970, casou-se com o professor Volmar Antonio de Souza, passando a usar o nome de Glacir Lopes de Souza. No mesmo ano ingressou na faculdade de Educação Física da UPF e, já em 1975, tornou-se professora de Atletismo e Prática Desportiva da Faculdade de Educação Física da UPE. Fez também pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior na UPE. Tem dois filhos, Volmar Lopes de

Souza, também formado em Educação Física e fazendo Mestrado na UNIG (Rio de Janeiro) e Adriene Lopes de Souza, cursando Psicologia na UPF. Atualmente, além de dar aulas na Faculdade de Educação Física, coordena o SAE (Setor de Assistência ao Educando) na UPE.



Glacir, à esquerda, como 1ª Princesa do Concurso Miss Objetiva do Rio Grande do Sul.





GLADIS MARIA MARSON – A eterna Rainha da VII Festa Nacional do Trigo, realizada durante as comemorações do 1º Centenário de Passo Fundo sempre considerou esta cidade como a sua cidade natal. Nasceu em Caxias do Sul, mas sua família mudou-se para Passo Fundo quando ela era muito pequena. Seus pais, Antonio Marson e Judith Tagliari Marson, estabeleceram-se no município na década de 40, primeiramente no comércio de automóveis, juntamente com seus tios maternos, e, no início dos anos 50, fizeram parte do grupo de pioneiros no plantio de lavouras mecanizadas de trigo e, depois, soja. Assim como sua irmã, estudou no Colégio Notre Dame, e seu irmão no Colégio Conceição. Estudou dois anos no Bom

Conselho de Porto Alegre, mas finalizou seus estudos no Notre Dame. Como filha de tricultor, foi convidada a participar do concurso para a escolha da Rainha da VII Festa Nacional do Trigo, que seria realizada durante os festejos do 1º Centenário de Passo Fundo. Eram dezessete garotas. O júri foi composto por pessoas de outras cidades, formado por jornalistas, diretores de bancos e até um casal de chineses que possuía terras na região. Durante o baile, foi feito um desfile e entrevistas com os jurados. Ao ser proclamada a vencedora, Gládis dirigiu-se à mesa dos jurados, onde foi coroada, simbolicamente, com uma coroa feita com espigas de trigo, muito bonita e original. Seguiu-se um período de muitas festas e solenidades, como a inauguração da II EFRICA, no local onde hoje está construída a Prefeitura Municipal. Por exigência de seu pai, Gladis não deixava de freqüentar as aulas, mesmo tendo de comparecer a dois ou três bailes por semana, coisa que, na época, exigia muita preparação, vestidos etc. Para o Baile da Coroação os preparativos foram muitos. Seu vestido foi confeccionado e oferecido pela Casa A Moda, então de propriedade da dona Isabel Friedberg. Era suntuoso, branco, com todo o bordado em dourado, lembrando os trigais. Sua coroa foi oferecida pela Metalúrgica Eberle, de Caxias do Sul. Também lhe foi ofertado um belo anel de diamantes pela Joalheria Falleiro. A Varig deu-lhe duas

passagens para o Rio de Janeiro. Uma curiosidade sobre o baile: o general Henrique Geisel, irmão do também general Ernesto Geisel (que viria a ser presidente da República), tinha plantação de trigo nos arredores da cidade. Quando ele estava em Londres, como Adido Militar do Brasil, aconteceu a coroação da Rainha Elizabeth II, à qual ele e sua esposa compareceram. Pois bem, sua esposa, dona Cidinha, fez a gentileza de preparar a entrada de Gládis no salão do Clube Caixeiral, para o grande baile, do mesmo modo como a rainha Elizabeth havia feito na sua coroação. É claro que a cerimônia foi deslumbrante e Gládis disse sentir-se levitando de tanta emoção. Ela foi coroada pela rainha da festa anterior, que havia sido em Cachoeira do Sul. O dr. Ruy Rache fez uma bela saudação à nova soberana. Toda a sua família estava muito orgulhosa. Inesquecível foi o desfile do 1º Centenário. Os carros alegóricos estavam magníficos. Os estudantes desfilavam com garbo e orgulho. As bandas marciais dos colégios IE e Conceição caprichavam nas evoluções, e desfilaram as escolas de ensino técnico, os clubes esportivos, cavalarianos dos CTGs da região, todos proporcionando um espetáculo como nunca mais foi visto na região. Gládis, a Rainha do Trigo e Márcia Kozma, Rainha do 1º Centenário, abriram o desfile, e, em seguida, seus carros foram posicionados de frente para o antigo Altar da Pátria (ao lado do Clube Comercial), para que assistissem a seqüência do mesmo. Como eram muitas as atrações, lá pelas tantas, começou a cair uma garoa persistente, e alguém alcançou um guarda-chuva para Gládis. A cena ficou engraçada, pois, num carro com as damas de honra vestidas com roupas estilizadas de camponesa, somente Gládis portava um guarda-chuva enorme e



preto. Entre tantos acontecimentos sociais, ela acabou por conhecer aquele que seria seu marido por 25 anos e pai de seus cinco filhos. Hoje está divorciada e tem duas lindas netas, Isabela e Carolina. O povo de Passo Fundo sempre foi muito caloroso com sua rainha e, ainda hoje, passados tantos anos, Gládis ainda é chamada de “nossa Rainha” ou

palavras semelhantes. Ela diz guardar belas recordações dessa época, que foi sua “idade de ouro” e que será sempre grata a esta cidade que ama muito. Mesmo tendo ficado alguns anos ausente, retornou e aqui nasceram seus três filhos.



GUILHERMINA ZÜGEL

BORGES – Uma das pioneiras nas Artes Plásticas em Passo Fundo, nasceu em Stuttgart, na Alemanha, em 1º de novembro de 1.884. Filha de *Ludwig Zügel e Guilhermina Zügel*, chegou ao Brasil com 15 anos, no final do século XIX. Logo que a família chegou em Porto Alegre, foram assaltados. Perderam todo o dinheiro que possuíam, tendo que mudar radicalmente os planos que haviam feito para se instalar no Brasil. Partiram para N. Wurtemberg, hoje Panambi, no interior do Estado. O pai de Guilhermina fazia pinturas, esculturas e decoração em várias cidades gaúchas, e era acompanhado pela filha, que o ajudava nos trabalhos. Assim ela desenvolveu o gosto e a habilidade nas artes plásticas. Em 1915, já casada com José

Maria Borges, português de Bragança e escultor, dona Guilhermina veio residir em Passo Fundo. Criou seu ateliê de pintura e passou a dar aulas particulares e lecionar no Instituto Ginásial, hoje IE. Suas telas retratavam a fauna, naturezas mortas, figuras humanas e, principalmente, a flora. As rosas eram suas preferidas. Para realizar seu trabalho, tinha que superar todas as dificuldades para obter material de pintura na despojada Passo Fundo daquela época. Seu esforço valeu a pena, pois, até hoje, mais de vinte anos depois de seu falecimento (em 22 de dezembro de 1979) a artista ainda é lembrada por todos seus antigos alunos e admiradores de sua obra. Dona Guilhermina teve os seguintes filhos: Eulália Borges, Adelaide Borges Barbisan, Cecília Borges Kneipp, Rosa Borges Kilmar, Laura Borges Felizardo e Luís Borges.

HAYDÉE MAIA DE CESARO – Nascida em Jaguarão (RS), em 29 de janeiro de 1909, filha do casal Vicente Maia e Aurora Macedo Maia, esta senhora alegre, comunicativa, charmosa e elegante, inicialmente morou em Guaporé (RS), onde conheceu o empresário Maggi De Cesaro, filho de João De Cesaro, também empresário e construtor, com um vasto relacionamento em Passo Fundo. Casada, teve os filhos Ivar Maia De Cesaro (arquiteto, casado com Elenir Aita De Cesaro) já falecido, e Sérgio De Cesaro (economista e administrador de empresas, casado com Maria Esther Becker De Cesaro). Dona Haydée sempre foi uma figura marcante nos acontecimentos sociais de Passo Fundo. Dona de delicada beleza e uma contagiante simpatia, nenhum evento social estaria completo sem a sua presença. Mesmo assim, ela tinha enorme zelo pelas coisas familiares e por sua casa, dedicando grande parte do seu tempo diário aos afazeres domésticos. Talvez por isso sua elegância sobressaísse, pois era um dom natural, sem afetação, com a simplicidade que só dona Haydée demonstrava. Em 1962, com o falecimento de seu esposo, ela viu-se frente a um desafio: administrar as empresas da família – a loja de material de construção, a construtora e a Cerâmica São João. Com o apoio do seu filho Sérgio, ainda jovem, juntos conseguiram vencer as dificuldades que encontraram. Dona Haydée faleceu em 22 de novembro de 1978. Seu filho Sérgio lembra, com muito orgulho, que, pouco tempo antes de sua mãe falecer, foi apontada pelo cronista social Décio Ilha como a “dama das damas” de Passo Fundo em todos os tempos, uma espécie de “hors concours” entre as mulheres elegantes de Passo Fundo.



A foto mostra , da esquerda para a direita: sr. Maggi De Cesaro, dona Haydée, dona Leda Dal Pont e sr. Mário Dal Pont.



HELENA ENGELSING LÂNGARO – “Nome do Ano” em 1975, dona Helena nasceu em Passo Fundo, no dia 28 de fevereiro de 1918, filha de Lindolpho Engelsin e Valdomira Goelzer Engelsing. Casou com Waldemar Lângaro e teve os filhos Valena Lângaro Reolon, Alberto Lângaro, Edgar Lângaro (já falecido), Cezar Lângaro (falecido), Valda Lângaro Bernardes e Eduardo Lângaro. No começo dos anos 70, dona Helena e as amigas Maria da Glória França da Silva e Maria Bastos deram início ao trabalho de arrecadação de fundos para construção do Hospital Espírita bezerra de Menezes. Ao grupo, juntou-se logo depois, a sra. Nidia Carnacini. Arrecadavam de tudo, desde latas, garrafas vazias, jornais velhos, embalagens plásticas e outros objetos que pudessem vender. Todo o dinheiro

conseguido ia para um caixa, com a finalidade de comprar um terreno para iniciar a construção. Cinco anos depois, em 1975, conseguiram, com recursos próprios, adquirir uma área para a construção do hospital. Neste mesmo ano, dona Helena Lângaro foi escolhida “O Nome do Ano”, numa promoção do Jornal O Nacional, pelo jornalista Meirelles Duarte, num reconhecimento público por sua participação nas obras assistenciais e benemerentes. Continuou a trabalhar para a construção do hospital até sua morte, em 15 de abril de 1984. Acometida de câncer, reuniu todos os filhos, e afirmou que partiria por volta das três horas da madrugada seguinte, e que queria um enterro muito simples. O dinheiro que os filhos pensavam em gastar com seu funeral deveria ser doado ao Hospital Bezerra de Menezes. Tudo o que ela disse, realmente aconteceu. Dona Helena faleceu seis anos antes da inauguração do Hospital Espírita Bezerra de Menezes, que foi inaugurado em 24 de março de 1990. Após sua morte, sua filha Valena Lângaro Reolon deu continuidade ao trabalho de sua mãe, e é hoje a 1ª vice-presidente da instituição, desde a sua inauguração.





Helena e Daniel na cerimônia de casamento.

HELENA LÂNGARO DIPP - Filha de Apparício Lângaro e Noemy de Lima Lângaro, nascida em Passo Fundo, em 25 de março de 1921, dona Helena é viúva de Daniel Dipp, advogado e professor, que foi Vice-Prefeito de Passo Fundo (1947 a 1950), deputado estadual pelo antigo PTB (de 1951 a 1952), Prefeito de Passo Fundo (de 1952 a 1954, deputado federal, ainda pelo antigo PTB (em 1962) e candidato a deputado federal pelo MDB (em 1966 e 1970), falecido em 26 de novembro de

1987. Daniel era filho de Isa Dipp e Salima Dipp, ambos naturais da Síria. Dona Helena teve os irmãos Luiz de Lima Lângaro (já falecido), casado com Norma Ilse Jachims Lângaro (também falecida) e Raul de Lima Lângaro, casado com Ângela Bertoldo Lângaro. Filha de família tradicional do Município, frequentou o Colégio Bom Conselho em Porto Alegre e posteriormente, Notre Dame de Passo Fundo, onde cursou o ginásio. Pela sua maneira gentil, conquistou um grande



O casal Dipp e os três filhos.

círculo de amizade, entre elas recorda, Angelina Bonella, Dalva Giavarina, Arminda, Clélia e Diva Mioto. Helena, moça de destaque na elegância e beleza da sociedade Passo-fundense fazia seus passeios em frente aos cinemas, onde também, era costume os rapazes fazerem o "flerte". Aí, então, conheceu o Daniel Dipp. Foi "paixão à primeira vista", afirma. Tempos depois, passou a frequentar sua casa. Os pais de Helena foram muito receptivos. Após um ano

de namoro e noivado, ambos casaram-se em 30.12.43, em Passo Fundo. O casamento aconteceu na casa dos pais da noiva, onde foram também recepcionados todos os convidados. Foi montado um altar especialmente para a cerimônia religiosa. Foram padrinhos de casamento: Olinto de Oliveira e Iracema Lângaro de Oliveira, Artur Lângaro e Dejanira Lângaro. Da união de Daniel Dipp e Helena Lângaro nasceram: Gilson Lângaro Dipp, atualmente Ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), em Brasília; casado com Luíza, e tem uma filha chamada

Mariana. Hamilton Lângaro Dipp, advogado em Porto Alegre; foi casado com Maria Angela, tiveram uma filha chamada Manoela. Airton Lângaro Dipp, engenheiro civil, Deputado Federal e Presidente Regional do PDT, ex-prefeito de Passo Fundo. Casado com Maria Cristina Händell Dipp, filhos: Alexandre e Guilherme Dipp. Helena Dipp, casada, adaptou-se com facilidade aos costumes árabes de seu esposo. Entre eles, as comidas típicas como o quibe. Esposa muito dedicada ao lar e à educação de seus filhos. Hoje, todos em posição de destaque nas diversas áreas em que atuam. Mulher de fibra, fazia política de forma reservada, porém sua postura foi determinante para o bom desempenho de seu marido. Como 1ª Dama, atuou com destaque na área social. Fez diversas viagens, inclusive ao

exterior: Espanha, Itália, Oriente Médio e outros. Companheira exemplar em todas as ações de seu esposo, tanto familiar, quanto política. Quando viajavam, os filhos ficavam aos cuidados dos avós, Apparício e Noemy, porém, não descuidava-se da educação dos mesmos, sempre acompanhando o desempenho escolar dos meninos, dos quais sempre teve muito orgulho. Os pais de Daniel Dipp, trabalhavam na área do comércio. Tinham uma



Daniel Dipp cumprimentando o Sheik árabe.

mercearia e também forneciam alimentação, principalmente para os madeireiros da região, que eram atendidos pelo próprio casal. Daniel Dipp teve um papel muito importante na política municipal, quando foi Prefeito de Passo Fundo. Também, destacou-se em nível nacional, sendo até indicado para ser 1º Ministro, no período do Parlamentarismo, perdendo para a ala mineira de Tancredo Neves. O casal, Helena e Daniel, residiram um período em Brasília, época da inauguração daquela cidade. Estiveram presente no ato de Fundação da Capital Federal, um dos acontecimentos mais importantes da história moderna do Brasil. Helena, recorda com saudades, dizendo que gostou muito de Brasília. Quando lá residiram, os filhos menores, Hamilton e Airton ficaram com os avós maternos, apenas o Gilson, os acompanhou. Família bem estruturada, sempre teve uma boa caminhada. Airton, filho mais novo, inicialmente atuou na área de engenharia civil. Após, entrou na política, onde conquistou seu espaço. Ela entende, que seu filho tem um grande compromisso, isto é, de dar continuidade a missão política de seu pai. Helena reside na casa onde nasceu e criou seus filhos, na Rua Bento Gonçalves. Casa de portas e janelas altas, que mantém a arquitetura da época. Pelas características, o local é merecedor de ser considerado patrimônio histórico do Município.



HELENA ROTTA DE CAMARGO – Primeira filha entre oito irmãos, nasceu, em 19 de setembro de 1938, na cidade de Espumoso (RS), a menina Helena, para alegria dos pais Henrique Rotta e Ângela Faoro Rotta, que iniciou seus estudos no grupo Escolar José Clemente Pereira, na mesma cidade. Em 1950, como aluna interna, ingressou no Colégio N. S. Aparecida, em Carazinho, para cursar o ginásio. Foi ali, no convívio diário com as Irmãs da Congregação de Nossa Senhora, que começou a interessar-se pela vida religiosa. Aos 14 anos foi encaminhada pelas freiras ao Provincialado Notre Dame, em Passo Fundo, onde, enquanto prosseguia os estudos no curso científico e depois na Universidade, também se preparava para seguir os caminhos do Senhor. Formou-se em Letras Anglo-Germânicas em 1961, começando, no mesmo Notre Dame, sua carreira

profissional como professora, na qual se destacou por sua competência e dedicação. Foi sempre uma mestra respeitada e querida por toda a comunidade escolar. Quando a maturidade e a reflexão a levaram a buscar outros caminhos, Helena abandonou a vida religiosa e voltou à casa dos pais. Em Espumoso, assumiu de imediato a direção da Escola Cenecista João Batista Rotta e, em Tapera (RS), atuou como professora-fiscal do ensino particular na Escola Normal N.S. da Pompéia. Em 1968 voltou a residir em Carazinho, ao contrair matrimônio com Ailton Batista de Camargo, do qual se divorciou em 1995. Desse casamento teve três filhos: Gabriela, Gustavo e Giancarlo. Também foi em Carazinho que vivenciou suas melhores experiências profissionais, como professora no Colégio Estadual Cônego João Batista Sorg, como Chefe do Departamento Municipal de Educação, no período de 73 a 77, e como Supervisora do Posto de Supervisão da 7ª Delegacia de Educação. Atuou ainda nas escolas La Salle, N. S. Aparecida e no curso de Estudos Adicionais da Universidade de Passo Fundo. Em seqüência ao curso de graduação, Helena especializou-se em Língua Portuguesa e Administração Escolar. Dentre as funções exercidas, a que mais gostou foi a de conduzir os destinos da educação municipal, em Carazinho, no período da implantação da reforma do ensino, decorrente da Lei 5692/72, quando coordenou a elaboração e implantação do Plano Operativo de Educação Municipal. Foi de tal magnitude o trabalho realizado que transpôs as fronteiras do município, sendo apresentado como modelo para o Rio Grande do Sul e para o país. Após sua aposentadoria no magistério, em 1983, Helena atuou como jornalista na redação da Folha Espumosenense, como professora municipal em Passo Fundo, como Delegada de Educação Adjunta na 7ª DE e, por fim, como Técnica Judiciária no Tribunal regional do Trabalho, em Porto Alegre. Em todas as tarefas que desempenhou,

primou sempre por seu empenho na promoção humana e na qualificação do serviço público. Nas mais diversas áreas, seu trabalho ficou marcado por uma atuação segura, corajosa e eficaz. Dotada de grande sensibilidade e capacidade de expressar em versos suas idéias, Helena dedica-se à Literatura, como membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras, na qual ocupa a cadeira nº 36, cujo patrono é o poeta Mário Quintana. Conta com quatro livros de poemas publicados (Sol Encoberto, Paredes Nuas, Cântaros de Junco, Violetas da paixão) e dois em preparação (Sonho, Seiva, Semente e Cem Gotas de Inspiração). Também é autora da letra dos hinos oficiais do Cinquentenário de Carazinho e da Universidade de Passo Fundo., escolhidos por concurso, respectivamente, nos anos de 1981 e 1998. Foi a revisora da Lei Orgânica do Município de Passo Fundo e co-fundadora e primeira secretária da sociedade dos Pequenos Cantores da Catedral. Participou do Conselho Consultivo da APAE por vários anos e atuou como secretária da Academia Passo-Fundense de Letras de 1990 a 1992, durante a presidência do acadêmico Dr. Irineu Gehlen. Hoje, divide seu tempo entre a família, os versos e a tarefa de produtora e revisora de textos, além de acompanhar com dedicação e euforia o crescimento da graciosa neta, Betânia.



HELOISA GOELZER DE ALMEIDA – A primeira mulher a ingressar no Rotary Club de Passo Fundo nasceu no dia 17 de março de 1927, neste município. Cresceu na fazenda ao avô, Fernando Goelzer, no distrito de Butiá, em meio à natureza, brincando com animais e plantas. Ela acredita que sua vivacidade, ainda presente aos 74 anos de idade, vem dessa época, por ter sido criada “como um piá”, segundo suas próprias palavras. Aos cinco anos foi alfabetizada pela mãe, e, criada sob a doutrina católica, fez seus estudos regulares no Colégio Notre Dame, como interna. Desde criança, Heloísa ouvia falar que os espíritos não sofriam com o falecimento de algum ente querido, e isso não mais saiu de seus pensamentos. Aos dezoito anos converteu-se ao espiritismo, em razão de um fato estranho ocorrido consigo. Uma amiga da mesma idade, que residia no Butiá, faleceu, e, na mesma noite, Heloísa começou a sentir muito frio, e não conseguiu dormir por mais de um mês. Levada aos médicos, estes nada encontraram, e Heloisa continuava sem dormir. Foi então que uma pessoa sugeriu



Heloisa entre os ex-prefeitos Firmino Duro, Wolmar Salton e Guaracy Marinho

que ela fosse até um centro espírita, porque seu problema poderia ser de ordem espiritual. Logo ao chegar no local, ela não gostou, mas, mesmo contra a vontade, foi levada à sessão de passes. Aí, depois de passar 48 noites sem dormir, Heloísa finalmente pode descansar. Este acontecimento levou-a a estudar a doutrina espírita, que ela pratica até hoje. Dona Heloisa foi a primeira mulher a ingressar no Rotary Club, que só aceitava membros titulares homens, e hoje ela é presidente do Rotary Integridade. Foi uma das fundadoras da Casa da Saúde de Passo Fundo e é integrante do Comitê de Cidadania local. Neste comitê, dona Heloisa passa o dia todo trabalhando. Ela mesma conta que sobe no furgão, recolhe e entrega alimentos trinta e duas vezes por dia, apesar da idade avançada. Como espírita, afirma que o trabalho filantrópico diário que pratica não lhe parece uma atividade dolorosa, mas sim uma oportunidade para melhorar. Diz ainda, como kardecista convicta, que acredita no reencarnacionismo, e está nessa vida pagando dívidas de vidas passadas. Diz ainda que, mesmo a contra gosto, foi vereadora em 1976 pelo MDB, mas que esse período não foi bom porque deixou de realizar várias coisas em prol dos efetivamente necessitados.



HERBENI OTTO FACHINI – Descendente de nobre família portuguesa por parte materna (seu bisavô tinha o título de “Barão de Trás dos Montes”) e, por parte paterna, de russos e alemães, dona Herbeni nasceu em Pelotas em 23 de abril de 1918. Já no ano seguinte, porém, seus pais mudaram-se para Passo Fundo, trazendo Herbeni e seus irmãos. Estudou os primeiros anos no Instituto Educacional de Passo Fundo, terminando seus estudos dirigidos ao magistério no Colégio Centenário de Santa Maria. Casou-se, em 1942, com o dr. Eurípedes Fachini, Juiz de Direito e professor universitário. O casal tem

cinco filhos (Gláucia, Gládis, Euterpe, Suzana e Eugênio - também Juiz de Direito), quatorze netos e três bisnetos. Devido ao trabalho de seu esposo, morou em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Lecionou o IPINHA de Jaguarão (RS) e no Centro Cultural de línguas daquela cidade. Em 1948 frequentou as aulas da “Southern Methodist University” em Dallas, Texas (USA). Mais tarde, passou a lecionar no IE de Passo Fundo, onde voltou a residir a partir de 1957. Foi a 1ª Presidente do Lar da Vovó da Vila Schisler no qual atua, junto com seu esposo, quase que diariamente. Sente-se feliz em colaborar com a Sociedade Metodista na assistência às pessoas idosas, muitas vezes abandonadas pelas próprias famílias. Com satisfação, ela viu o prédio que abriga 35 idosas, passar por reformas e melhoramentos graças às contribuições inseridas nos carnês de sua própria responsabilidade. Dona Herbeni realiza ainda um trabalho, como voluntária, no Berço do Bebê, uma creche que pertence à Igreja Metodista. Faz parte, desde 1991, da Oficina do Corpo e da Oficina Literária do CREATI – Centro Regional de Estudos e Atividades da terceira Idade – unidade 3. Nessa última oficina ela escreveu muitos textos, poesias e contos, alguns deles premiados em concursos literários. Tem diversos trabalhos publicados em jornais da cidade. Há trabalhos seus na antologia “Retalhos de Vida” e “Mil Poetas Brasileiros”. Aos oitenta anos de idade, publicou um livro só seu: “Experiências e Esperanças”, contendo crônicas, poemas e contos. Assiste sempre as Jornadas de Literatura da UPF, como também cursos, palestras e seminários da 3ª Idade. Continua lendo e escrevendo, sendo esses seus principais hobbies, juntamente com seu envolvimento com entidades filantrópicas e assistenciais. Há mais de cinquenta anos acompanha o esposo nas atividades do Rotary Club, onde ambos são participantes assíduos. Trabalha também, ativamente, na Igreja Metodista, colaborando com suas entidades e promoções. Frequentemente ainda um grupo de Pró Memória, um grupo de Inglês, a Sociedade Metodista de Mulheres, a Casa da Amizade das esposas de rotarianos, entre tantas atividades interessantes que lhe enchem os dias que desfruta com alegria e disposição.



IARA OLIVEIRA LUCAS – No início de século XXI, será difícil encontrar alguma pessoa que tenha morado em Passo Fundo até 1990, mais ou menos, que não tenha visto, ouvido falar ou tivesse qualquer lembrança dessa que foi o símbolo das grandes festas da cidade. A presença de Iara Lucas em qualquer evento era garantia de sucesso. Essa morena linda, exuberante, muito, muito alegre e educada, tinha o dom de afugentar pensamentos sombrios e tristes, e, em sua companhia, ninguém se dava conta das horas que passavam. Iara nasceu em Passo Fundo, no dia 29 de março de 1929, filha do casal Álvaro Lucas e Nedi Oliveira Lucas. Viveu intensamente todos os anos de sua vida. Nascida de família de posses (seu pai era gerente do extinto Banco Nacional do Commercio), ela aproveitou as benesses que o dinheiro e a vida lhe proporcionaram. Bonita e

comunicativa, deu-se o direito de não querer nada com os estudos. Passou pelos colégios Notre Dame, Protásio Alves e IE. Na escola, sua passagem mais marcante foi ter sido Miss Estudantil, o primeiro, aliás, dos muitos concursos de beleza que iria ganhar. Gostava mesmo era de viajar, hospedar-se em bons hotéis, participar de lautos jantares e ter namoros furtivos. Foi namorada daquele que seria o dono de um império da comunicação no RS, Mauricio Sirotski Sobrinho. Foi Rainha do Carnaval, Miss Passo Fundo 1949 e venceu o concurso da Mais Bela Gaúcha no mesmo ano. Ao mesmo tempo em que participava de festas memoráveis, Iara aprendeu a arte de bordar. Tornou-se bordadeira de grandes costureiros, e confeccionava suas famosas fantasias que brilhavam nos carnavais de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. Sua irmã Mary conta que a grande paixão da vida de Iara foi Bolívar Anoni, com o qual chegou a noivar, mas seus inúmeros compromissos sociais, por causa dos vários títulos de beleza que possuía, acabaram afastando-a de seu amado. Iara Lucas faleceu em 1998, deixando a todos que a conheceram uma grande saudade e uma lembrança de alegria, otimismo e paixão pela vida.



Sara Paim, à esquerda, junto com Iara Caierão no Congresso Mundial de Psicopedagogia.

IARA SALETE FORCELINI CAIERÃO –Filha de Adolfo Forcelini e Ema Roso Forcelini, casado com João Batista Caierão, tem os filhos Eduardo, Juliana e Fernando Caierão. Seus irmãos são Dimerk Nelson Forcelini, Elza Maria Forcelini, Zelma Chaves, Aldina Lurdes Felkl, Elsinio Forcelini e Ivone Forcelini. Nasceu em Passo Fundo em 16 de novembro de 1950. Coursou o ensino primário no então Grupo Escolar Monte Castelo e o Ginásio na Escola Menino Jesus. O segundo Grau, do qual

muito tem orgulho, foi cursado no Colégio Notre Dame ali aprendeu o ofício de ensinar, o ofício de mestre o qual até hoje se dedica quer na Universidade, quer nos grupos de professores de diversos municípios onde presta assessoria pedagógica. O curso Normal fazia brotar nas normalistas a paixão por ensinar e aprender, fazia brotar nas moças que lá estudavam, a vocação de educar. Após o curso de licenciatura em LETRAS cursou PEDAGOGIA com habilitação em Supervisão Escolar. Neste campo foi fundadora da Associação de Supervisores Escolares do Planalto Médio, que até hoje contribui grandemente com os Coordenadores Pedagógicos das escolas. Foi buscar junto à Escola Psicopedagógica de Buenos Aires a formação de Psicopedagoga para atuar junto às crianças e adolescentes que apresentam problemas de aprendizagem. Tendo como mestres Alicia Fernandez (Argentina) e Sara Paín (França) entre outros, aprendeu os diferentes caminhos da aprendizagem, os encantos e desencantos que as crianças tem com a aprendizagem que lhe é oferecida pela escola. Aprendeu a sutileza da inteligência das crianças que escondem aquilo que sabem e muitas vezes se deixam passar por deficientes. Fez o mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -PUC/RS- e defendeu dissertação com o tema "A CRIANÇA DA PERIFERIA: A RELAÇÃO DA VIDA DA ESCOLA COM A ESCOLA DA VIDA". Este trabalho foi resultado de uma pesquisa realizada na vila Bom Jesus em 1991 e 1992. Em setembro de 1993 apresentou a referida pesquisa para a banca de mestrado da PUC/RS, obtendo o grau máximo. Está realizando o doutorado de forma gradativa e paralela aos trabalhos da Clínica Psicopedagógica, onde realiza acompanhamento de crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizagem mas principalmente ajudando para que eles se descubram como sujeitos capazes de aprender, capazes de dizer a sua palavra, como nos ensinou nosso mestre Paulo Freire. Vinte e três anos como professora da rede estadual de ensino lhe

proporcionaram um bom conhecimento do ofício de mestre, já que foi professora do MOBREAL, ensino supletivo, séries iniciais, e também como professora de português no primeiro e segundo grau. Hoje exerce a docência em cursos de Pós-Graduação em Psicopedagogia, na UPF e outras Instituições de Ensino Superior, mas principalmente no CENTRO DE FORMAÇÃO DOCENTE-GEFORD, instituição de caráter privado criada com a finalidade de abrir espaço para estudo e pesquisa na área da aprendizagem, além de proporcionar aos professores das séries iniciais uma contínua atualização na sua área de atuação. Presta assessoria a diversos municípios do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Em questões relativas ao fazer pedagógico, à aprendizagem e à relação professor-aluno. Educar educando-se tem sido um dos focos que mais tem estudado e partilhado com os professores, que hoje não podem mais ser lecionadores, mas verdadeiros educadores. As jornadas pedagógicas são outra frente de trabalho da professora Iara e versam em torno do tema "PREVENÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR E O RESGATE DO PRAZER DE ENSINAR E APRENDER". Sobre este tema muito tem refletido com os professores e pais. Ostentar o uniforme do Colégio Notre Dame: saia azul marinho, camisa branca (volta ao mundo) herdada dos irmãos mais velhos, sapato preto, meia branca, e para completar uma gravata com o símbolo da congregação das irmãs de Nossa Senhora, foi sempre motivo de orgulho para quem "ser professora" era mais que uma profissão, era um modo de se ser e de se viver. Diz Iara: "Se é verdade que nos constituímos sob o olhar e desejo do



Dimerk, Elza, Zelma, Aldina, Elsino, Iara, Ema e Ivone.

outro, não apenas no primeiro ano mas no decorrer de toda a vida, na Escola Normal esse alguém tem o nome de Irmã Maria Gregório, cuja crença e apoio foram decisivos. Mas nada disso teria acontecido se não tivesse havido alguém com muita paciência e desejo de ensinar, uma educadora com nome de rainha, Regina Pivatto Panizzi, que me aproximou das letras e dos números, que me alfabetizou... A essas mestras, ambas de importância decisiva em minha vida, meu carinho e minha gratidão."



IDA LUZ DELLA MÉA – A primeira mulher aviadora do município é passo-fundense nata, filha do casal Pio Della Méa e Ercília Luz Della Méa. Iniciou seus estudos na Escola Elementar (hoje Protásio Alves), concluindo-os em Porto Alegre. Na capital, cursou a Escola Superior de Educação Física, cujas aulas eram ministradas por militares do Exército, com aulas práticas realizadas no antigo

campo do E.C. Cruzeiro, onde hoje é o Cemitério João XXIII. Começou a lecionar nas seguintes cidades: Porto Alegre, Santa Maria, Julio de Castilhos, Passo Fundo, Jaguari, Caçador (SC), Sertão, Rio Grande, Lagoa Vermelha e Palmeira das Missões. Foi aluna do 1º Curso de Pós-Graduação em Orientação Educacional no Rio Grande do Sul. Dona Ida brinca, dizendo ter sido “cobaia”, pois o curso teve duração de dois anos, com aulas ministradas por professores do Brasil e Europa. Fez cursos de danças folclóricas e ginástica rítmica em Porto Alegre. Formou-se em acordeom (teoria e solfejo), pelo Liceu Musical Palestrina de Santa Maria. Numa atitude inusitada para a época, fez o curso de piloto na Escola de Aviação na primeira turma de Passo Fundo. Esse curso foi ministrado pelo seu irmão, Ruy Della Méa, aviador, que, na verdade, foi um dos fundadores do Aero Clube de Passo Fundo e o primeiro a implantar o curso de piloto civil. A escola ficava num velho galpão, situado onde hoje está construído o edifício popularmente conhecido como “redondão” (atrás do Hospital São Vicente de Paula). Tinha um simulador de voo, feito de madeira, imitando um teco-teco (pequeno avião monomotor para apenas duas pessoas) para as aulas teóricas. Avião de verdade, porém, Ida só pilotou para a conclusão do curso e recebimento do certificado, pois sua mãe proibiu-a de voar, dizendo que “bastava um louco na família”, referindo-se ao seu irmão. Durante muitos anos foi funcionária da Secretaria de Educação do Estado, ocupando os mais diversos cargos de chefia. Aceitou trabalhar no Ministério de Educação na recém implantada, pelo ministro Tarso Dutra, Campanha Nacional de Alimentação Escolar. As cidades gaúchas a serem beneficiadas foram Porto Alegre e Pelotas. Dona Ida lutou muito para que Passo Fundo fosse também beneficiada. Graças à sua insistência, além de Passo Fundo, Caxias do Sul também foi incluída no programa. Por causa da doença de seu pai, Ida voltou a Passo Fundo e passou a coordenar a campanha. Sob sua liderança, 45 municípios da região, de Marcelino Ramos a Irai, foram beneficiados pelo programa. A quantidade de alimentos dava para alimentar 60 mil crianças

por dia, na região. Foi também uma iniciativa de dona Ida a criação do Dia da Servente Escolar, para a valorização daquelas trabalhadoras, quase anônimas e esquecidas. Em Passo Fundo, criou também, com auxílio das autoridades e Rotary Passo Fundo Norte, três gabinetes dentários, especializados na aplicação de flúor, para crianças carentes, em 1966. Trabalhou na Delegacia de Educação de Passo Fundo, sob a direção da professora Olga Caetano Dias, na época em que o prédio ficava onde antigamente funcionara o Cassino da Maroca. Dona Ida irritou-se por muito tempo com esse endereço, porque era comum as pessoas informarem onde ficava a Delegacia de Ensino dizendo "fica lá no Cassino da Maroca". Escreveu uma carta ao governador Ildo Meneghetti reclamando da situação, e ele providenciou a transferência do local. Sempre participante, dona Ida fundou, juntamente com Heloísa Almeida, autoridades e pessoas de prestígio, a Escola Municipal Manoel Peres, no Centro Espírita Dias da Cruz. Essa escola tinha como finalidade recolher crianças de rua, leva-las para a escola, higieniza-las, trocar suas roupas sujas, alimenta-las e alfabetiza-las. Para isso, arrecadavam fundos para a construção de banheiros, sanitários, cozinha e salas de aula. Ela lembra que o comandante do exército, major Grey Belles, ajudou muito nessa obra. Outra obra realizada em conjunto com Heloísa Almeida foi a fundação da Casa Lar, que recolhia meninas de rua, gestantes solteiras e prostitutas, dando-lhes assistência médica, roupas, alimentação e abrigo, além de ensinar-lhes alguns ofícios, como artesanato, costura, tricô, etc. Dona Ida criou um método de alfabetização com duração de 20 horas. Apresentou o projeto à Secretaria de Educação, mas, por razões que desconhece, o método foi reprovado. Algum tempo depois, com pequenas modificações, foi implantado na gestão de outra Secretaria. Também foi Secretária de Educação de Carazinho, na gestão do Prefeito Loreno Graeff. Dona Ida foi casada com Frederico Ernesto Bucholz, falecido em 1955, no exercício do cargo de Prefeito de Rio Grande. Seu idealismo é tanto que ela quer continuar trabalhando como educadora, e seu projeto agora é arrumar uma sala de aula para alfabetizar alunos adultos. "Darei aulas de graça", diz ela. Aliás, em sua casa, ela está alfabetizando uma senhora de 67 anos. Após sua aposentadoria, no dia 1º de setembro de 1980, recebeu um convite para trabalhar em Brasília no SESI Regional da capital federal, através do seu superintendente, que era o dr. Benhur Costamilan. Como era para trabalharem juntos em benefício das crianças, dona Ida aceitou. Lá encontrou artesanato em grande estilo, tapeçarias, bordados em geral, pinturas e, principalmente, gente com muita vontade de vencer na vida. Além disso, criou um Jardim de infância e Creche. Tudo foi realizado com firmeza e dedicação. Permaneceu nesse "mundo encantado", como costuma dizer, até o dia 1º de novembro de 1992, quando o dr. Benhur terminaria o seu mandato. Isto representou a coroa de louros para encerrar seu trabalho de tantos anos dedicados à educação.



IEDDA CERATI DE AZAMBUJA – Nascida em Passo Fundo, no dia 4 de fevereiro de 1928, filha de Pedro Cerati e Izaura Cerati, dona Iedda casou-se com o conhecido médico dr. Paulo Loureiro de Azambuja (já falecido). Teve quatro filhos : Maria Inês de Azambuja Buba, Amazília de Azambuja Tagliari, Paulo Cerati de Azambuja e Débora Cerati de Azambuja. Iedda faz parte, atualmente, do grupo de danças “Estrela da Maior Idade”, fundado em 1991, cujo objetivo principal é reunir mulheres com idade superior a 50 anos para dançar números folclóricos. O grupo é o único no gênero no Brasil e tem representado Passo Fundo em vários estados brasileiros e também no exterior. Este grupo, que, na verdade, é uma demonstração pública

de que as mulheres continuam lindas e capazes depois dos cinquenta anos, foi fundado pelas sras. Iedda Azambuja, Geni Giordano, Therezinha Mazzoleni, Zenilda Miranda, Neusa Trentin, Iria Tedesco, Joanita Chiaradia, Nilce Graeff, Miguelina Vargas, Therezinha Peruso, Rose Bittencourt, Iolanda Zimmermann, Leri Moraes, Maria Tereza Trombini e Alice Saraiva. Além de sua participação no grupo, dona Iedda foi eleita a 1ª Miss RS da Feliz Idade - Continental 2000. Como é uma pessoa que transborda alegria e gentileza, e está sempre pronta a colaborar com todos que a solicitam, transmitindo um contagiante otimismo e bem estar, Iedda já se prepara para concorrer, este ano, ao título de Miss Brasil Feliz Idade - Continental 2001. Ela sempre diz que a integração e o apoio entre as pessoas são fundamentais para o bem viver, mesmo quando há divergências quanto a idéias. Diz não ter preconceito algum em relação à idade, e, segundo ela, após os



setenta anos sente-se muito feliz distribuindo alegria e amor pela vida. O segredo para isso, especialmente para as mulheres, é evitar a solidão. Por isso, é com a maior alegria que se reúne com os netos, que são: Letícia, Henrique e Fernando Voltolini de Azambuja; Fausto e Paula de Azambuja Buba; e Roberta, Priscila, Cecília e Ramiro de Azambuja Tagliari. Ilustra este texto uma apresentação do grupo em Sananduva (RS), em 1993.



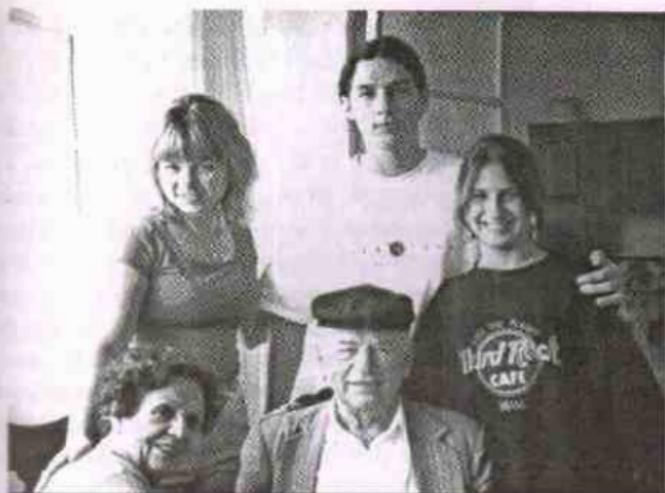
A jovem Ignez e o marido Paulo, no dia do casamento.

IGNEZ ALONSO ROSSATO - Em 8 de abril de 1921, nascia em Passo Fundo a filha do casal Manoel Chao Alonso e Bernardina Rodrigues Alonso, ele de nacionalidade espanhola e ela, brasileira. Ignez viria a se casar com o descendente de imigrantes italianos, e natural de Caxias do Sul(RS), sr. Paulo Rossato, que começava se tornar um grande empreendedor do ramo agrícola, cuja empresa é, hoje, uma das maiores na sua área de atuação. De fato, foi com o apoio de dona Ignez, sempre otimista e alegre, transbordando energia, que seu marido criou a Mecânica Agrícola Rossato Ltda., em 1965, mais tarde transformada em Semeato S/A.. Além disso, anos mais

tarde, foi criada também a Agropecuária Rossato e Sementes Fortuna, empresas nas quais seu marido Paulo foi sócio fundador. Paulo e Ignez tiveram cinco filhos:



Paulo Ernesto, Roberto Otaviano, Alexandre, Nadja e Luiza. Os netos são 16: Gabriel, Rodrigo, Diego, Paulo, Juliana, Clarissa, João Manoel, Marcelo, Carolina, Roberta, Carlo, Franco, Bárbara, Cícero, Alexandra e Fernanda. Pessoa de temperamento agradável, dona Ignez gostava de manter a família unida. Gostava de preparar massas para os almoços com os filhos e netos, ocasiões em que sua alegria ficava mais



Esta é a última foto de dona Ignez com o esposo e os netos João Manoel, Clarissa e Bárbara. Ela escreveu no verso "janeiro 1998 - Alegria"

evidente. Católica, cultivava sua religiosidade. De mentalidade aberta, gostava da Seicho-No-Ie, filosofia de vida japonesa que prega gratidão e amor a todas as coisas celestes e terrenas, e foi uma das fundadoras da sede dessa seita em Passo Fundo. Nos últimos anos, dona Ignez e o marido Paulo dividiam o tempo entre Ponta Grossa (PR) e a Fazenda Batalha, em Minas Gerais, pois o

filho Roberto de há muito vinha dirigindo, com sucesso, as empresas da família. As pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com dona Ignez são unânimes ao se referirem a ela como uma mulher muito bem quista, especialmente pelo seu modo de encarar a vida, sempre com o característico entusiasmo e serenidade, contagiando e cativando a todos com seu sorriso e bom humor, nunca lhe faltando uma palavra de otimismo para transmitir às pessoas. Ela faleceu numa madrugada de domingo, na cidade de São Paulo (SP), no dia 12 de julho de 1998, aos 76 anos. Sua alegria ainda faz falta.



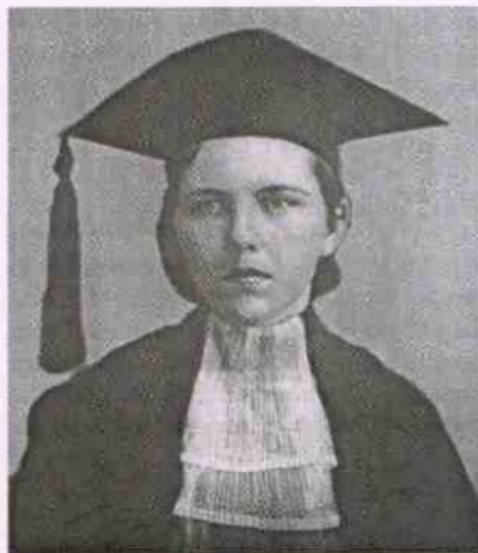
IOLA MERCE RODRIGUES – esta contabilista filha de Venesio Rodrigues e Ebraina Merce Rodrigues iniciou seus estudos na Escola Primária da Viação Férrea (seu pai era ferroviário) e depois no Colégio Notre Dame. Em 1972, formou-se na 1ª Turma de Ciências Contábeis da Universidade de Passo Fundo, e considera esse fato sua maior conquista pessoal. Desde então, exerce a profissão de contabilista com muito amor e extrema dedicação, afirmando que nessa atividade não ia encontrar grandes êxitos financeiros, mas tem a oportunidade de partilhar e contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Iola começou a trabalhar aos vinte anos, nas Casas Pernambucanas, como auxiliar de escritório, e, em 1962, foi para a empresa Vva. Maggi de Cesaro, inicialmente como auxiliar de escritório e, posteriormente, como contadora. Ficou na empresa por 30 anos, até 1992, quando requereu aposentadoria. Foi sócia da empresa de contabilidade Stilos Com. e Prest. Ltda., e, atualmente, é sócia da Qualitytis Plus Contadores Associados S/C Ltda., do mesmo ramo. Na vida comunitária, trabalhou como



voluntária junta à paróquia Santo Antonio, no bairro Petrópolis, onde mora. Foi também sócia fundadora e Presidente do Lions Clube Passo Fundo Amizade gestão 98/99. Iola diz perceber que, tanto na Cáritas como no Lions, há muitas dificuldades pela falta de solidariedade e apoio da população mais favorecida. O que se faz ainda é pouco, e frustra-se por não poder realizar mais. Apesar da dura realidade, Iola não se deixa atingir pelo negativismo e continua a desenvolver seus trabalhos sociais, dentro de seus limites. Estão em pé, da esquerda para a direita: Maria Capoani da Silva, Geni Giordani, Nilva Pereira da Silva, Maria Leonora Ribeiro Martins, Maria Lourdes do Nascimento, Nilza Pereira da Silva e Maria Luiza do Nascimento. Sentadas: Iola Mercê Rodrigues, Olenca Ferreira, Teresinha Toscan e Maria Terezinha Susin.

IONE MARI UGHINI MENTZ – A proprietária da Montefiori nasceu em Passo Fundo, no dia 28 de maio de 1948, filha do casal Camilo Ughini e Delcídia Biasuz Ughini. Realizou todos os seus estudos fundamentais nesta cidade e ingressou na faculdade de Ciências Contábeis da UPF, onde se formou com a primeira turma desse curso. Como sempre teve atração pelas artes e pelas belas coisas da vida, principalmente a música, fez também o Curso Superior de Piano. Em 1974 casou-se com o dr. Jorge Pedro Mentz, então um jovem cirurgião geral e médico do aparelho digestivo, formado pela 1ª turma da Faculdade de Medicina da UPF. O casal tem dois filhos: dr. Maurício Mentz (cirurgião geral, formado em 1998 pela UPE, especializando-se em cirurgia do aparelho digestivo no Hospital Evangélico, em Curitiba) e dra. Liège Mari Mentz, (formada em medicina pela UPF em 2000, fazendo residência em ortopedia no IOT). Atualmente, Ione dedica sua atenção à Montefiore, empresa agrícola pioneira na região na produção de palmas (gladiolos) e bulbos, além de produzir uma linha bem diversificada de cestas artesanais, confeccionadas com madeira, palha e sementes, oriundas de sua propriedade rural. As flores são disputadas pelas floriculturas e decoradores da região. Seguindo uma tradição familiar, Ione divide seu tempo na administração da Montefiore e no acompanhamento dos seus familiares, incentivando-os em suas atividades, com a graça e a simpatia tão admirada por seus amigos dos tempos de colégio. A foto mostra a família reunida: Maurício, Ione, Jorge e Liège.





IRENE LÚCIA KNACK LOPES – A professora Irene nasceu no dia 17 de outubro de 1916, filha do casal Roberto Knack e Selma Knack. Segundo conta, veio residir em Passo Fundo de forma inusitada. Estava viajando de trem, de Porto Alegre para São Paulo, com sua família, onde pretendiam morar. Na estação da gare em Passo Fundo, seu pai encontrou um amigo que o convidou para ficar na cidade, onde instalariam uma oficina para máquinas pesadas. Convencido, o sr. Roberto resolveu ficar, e a família, logicamente, o acompanhou. Dona Irene era professora de matemática, no ano de 1935, e, nessa época, começou a

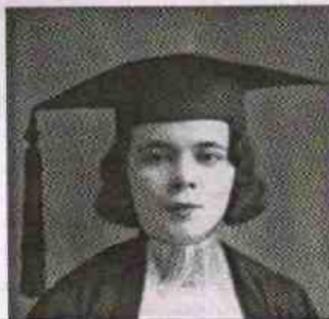
lecionar nas escolas municipais de Passo Fundo, trabalhando gratuitamente, pois o município não tinha verbas para pagar professores. Em 1943, dona Irene fundou, em Campo do Meio (então distrito de Passo Fundo), o grupo “Amigos da Terra”, talvez a primeira entidade ecológica do estado, iniciando um movimento que, mais de meio século depois, tem representantes no mundo inteiro, e tornou-se de extrema importância para a própria sobrevivência da espécie humana. Dona Irene casou-se com o sr. Ciro Lopes (já falecido) e teve os filhos Ciro Lopes Filho e César Lopes, ambos engenheiros mecânicos. Biografou a história da administração pública na gestão do prefeito Armando Araújo Annes.





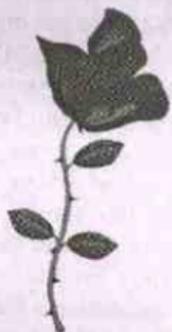
IRENE NEFF SCIESSERE – Nascida em Porto Alegre, em 3 de fevereiro de 1907, filha de João Carlos Neff e Maria Isabel Neff, dona Irene chegou em Passo Fundo no ano de 1926, aos dezoito anos de idade, em companhia de sua irmã Ottilia Neff Rosa, que era professora, e de seu cunhado Lindolpho Rosa, ferroviário, e aqui permaneceu até os dias de hoje, dizendo que sua terra é Passo Fundo, cidade onde passou a maior parte da sua existência. Em 1934, formou-se professora na antiga Escola Complementar. Foi nomeada professora em 1936, assumindo suas funções no Grupo Escolar do Boqueirão, hoje Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Foi transferida, mais

tarde, para a Escola de Ensino Médio Protásio Alves, de onde foi convidada a trabalhar no Curso de Aplicação, na antiga Escola Normal Osvaldo Cruz, Hoje Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, onde permaneceu até 10 de agosto de 1962, data em que se aposentou após 25 anos de magistério. Casou-se, no dia 14 de janeiro de 1942, com o sr. Adelmir Scieessere, do comércio local, fundador da antiga Casa Omega, que deu origem à atual Joalheria Scieessere, de propriedade do sr. Clélio Ênio Scieessere. Dona Irene tem os seguinte enteados: Jandira, residente nesta cidade; Josênia Alvarenga, residente em Porto Alegre e viúva do sr. José Arthur Alvarenga que era funcionário do Banco do Brasil; Cleide Scieessere Bertagnolli, casada com o sr. Tertuliano Bertagnolli, empresário aqui residente e Clélio Ênio Scieessere, proprietário da Joalheria Scieessere, casado com Marlene Freitas Scieessere, também dedicada ao ramo de Joalheria. Dona Irene é tia das senhoras Maria de Lourdes Rosa Marques, ferroviária aposentada e viúva de Daniel Mendes Marques e de Zilka Neff Rosa, professora aposentada. Dotada de profundo sentimento religioso, faz parte da “Sociedade São Vicente de Paula” e “Ordem Terceira”. Também participou, por muitos anos, das “Damas de Caridade”, sempre realizando obras sociais. Durante os 25 anos como professora, foi sempre muito querida por sua total dedicação ao magistério. Pelas suas mãos passaram centenas e centenas de alunos que, quando a encontram, sempre a cumprimentam com muito afeto. Entre eles há médicos, advogados, engenheiros e até um general do exército. Irene, ou “Bisa”, como é carinhosamente



Dona Irene, em 4.4.1935

chamada, tem os seguintes netos: Arthur Fernando, Paulo Roberto e José Ênio Alvarenga; Cléber Bertagnolli, Ana Cristina Scilessere Bellotti, Adelmir Freitas Scilessere e Ivan Rogério Freitas Scilessere. Os bisnetos: Arthur Fernando Alvarenga Júnior, André Luís Alvarenga, Gustavo, Bárbara, Marcos e Paula Alvarenga; Serghei, Gabriela e Renata Alvarenga; Daniela Bertagnolli; Bruna e Júlia Scilessere Bellotti. Tem ainda a sobrinha-neta Célia Regina Marques e sobrinho-bisneto Pedro Augusto Marques da Silveira.





IRMA HELENA ANNES SALTON – Filha de Armando de Araújo Annes e Doralina Mader Annes, dona Helena nasceu no dia 21 de setembro de 1922, na cidade de Santa Maria (RS). Casada com Wolmar Antonio Salton, teve os filhos João Antonio, Carlos Armando e Jorge Alberto Salton e a filha Maria Luiza Salton Matteve. Dona Helena teve um destino singular: seu avô, seu pai, seu esposo e um de seus filhos foram todos prefeitos de Passo Fundo! Ela era neta do coronel Gervásio Lucas Annes, que por três vezes foi intendente de Passo Fundo, e um dos mais influentes políticos daquela época. Seu pai, Armando Annes, foi intendente de 1920

a 1924, foi prefeito nomeado de 1932 a 1934 e prefeito eleito de 1947 a 1952. Seu esposo, Wolmar Salton, foi eleito prefeito no período de 1956 a 1960 e, novamente eleito em 1977, cargo que ocupou até 1980, quando se afastou devido a uma enfermidade. Seu filho Carlos Armando Salton foi eleito vice-prefeito para o período de 1989 a 1992, mas acabou exercendo o cargo de prefeito nos últimos oito meses de mandato. Com toda essa influência familiar, dona Helena foi militante política do antigo PTB, posteriormente MDB e, finalmente, PDT. Assumiu as mais diversas obras sociais no município, procurando, sempre, amenizar a vida dos mais necessitados. Foi presidente da LBA passofundense por mais de dez anos. Foi presidente da antiga CEBEM (hoje FEBEM), e seu trabalho frente a esta entidade foi premiado com o Troféu Cacique, que lhe foi entregue na capital do estado. Fez parte de diversas associações beneficentes, como as “Damas de Caridade” e Leão XIII. Foi mentora das construções de



Dona Helena como mais gostava: junto às crianças, inaugurando uma creche.

várias creches que, até hoje, ainda servem ao município. Dona Helena talvez tenha sido a única mulher que realizou a cerimônia de seu casamento na Capela do Colégio Notre Dame. Este era seu desejo porque foi nesse colégio que estudou desde menina, até o curso Normal (hoje magistério) Na época, precisou pedir uma licença especial ao Bispo Diocesano, porque aquilo não era permitido. Apesar

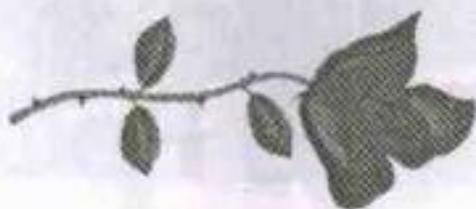
da constante atuação política, sempre na área social, dona Helena sempre dedicou o maior carinho aos filhos e à família, carinho esse que, até hoje, se pode perceber nas palavras de seu filho João Antonio, empresário que continua dirigindo a empresa familiar, uma das pouquíssimas que resistiram à passagem dos anos, quando lembra das atividades de sua mãe.. Até sua morte, em 29 de maio de 1990, dona Helena sempre se preocupou com as pessoas carentes, ajudando como podia aos mais necessitados. Sua ausência ainda é sentida por todos que tiveram a felicidade de conhece-la. Na foto, dona Helena e seu esposo Wolmar Salton num churrasco com o famoso cantor tradicionalista gaúcho Teixeira e sua companheira Mari Teresinha.





IRMA MARIA TROMBINI – Nascida em Ibirubá (RS), em 21 de fevereiro de 1926, filha de Alexandre Trombini e Carolina Ciprandi Trombini, esta educadora emérita passou a residir em Passo Fundo a partir do ano de 1957. Além do curso de magistério, é licenciada em Filosofia, Sociologia e Psicologia, pela UPF. Possui muitos cursos afins, intensivos, de extensão universitária, de extensão cultural, religiosa e social, numa constante atualização para o exercício de suas atividades. Irma participa ativamente de entidades assistenciais, como o Leão XIII, Caritas Diocesana, Conselho Municipal de Educação, Casa Lar da Menina (onde é a 2ª vice-presidente) e Associação das Entidades Particulares (AIPAS), da qual é Presidente. A AIPAS compõe o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, que foi fundado pela própria professora Irma

Trombini. Devido ao seu profundo conhecimento educacional, cultural, religioso e sindical, em 1978 aceitou o convite da federação dos Círculos Operários do RS para que assumisse a Direção da Escola Circulista, cargo que mantém até hoje. Em 1994, assumiu o cargo de Presidente do Círculo Operário Passo-Fundense. Colabora com a Igreja Matriz N.S. da Conceição e com diversos movimentos comunitários. Muito caridosa, ela foi como uma mãe para muitas pessoas carentes, que, com seu apoio, puderam, hoje ocupar cargos de importância na escala social. Uma dessas pessoas foi o menino Noedi Arosi, atualmente Juiz Federal do Trabalho no Tribunal Federal do Trabalho de Campo grande (MS). É dele este trecho de uma carta enviada à professora Irma Trombini, reproduzido a seguir: "A esta culta e bondosa pessoa devo eterna gratidão., pela ajuda que me propiciou nos tempos difíceis, enfrentados por minha família, especialmente por me indicar, em 1975, para trabalhar no Banco do Brasil, como menor aprendiz. Reconheço que a oportunidade foi fundamental para minha ascensão pessoal e profissional. Espera que esse agradecimento recompense um pouco de sua abnegação em prol da educação das pessoas carentes. Muito obrigado, professora Irma Trombini. Assinado – Dr. Noedi Arosi." Por decisão da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, em 1997 foi concedida à professora Trombini o título de Cidadã Honorária do Município.



ITÁLIA DURGANTE (Dona Dindinha) – Esta pioneira atriz do teatro amador de Passo Fundo, nasceu na cidade de Silveira Martins (RS), no ano de 1888. Era filha de Felipo Durgante e Olívia Brandini Durgante. Costureira e modista, ela, residindo em Passo Fundo já há algum tempo, começou a participar de peças com o Grupo X de Teatro, na década de 30. Esse grupo foi criado pelo sr. Cid Alvisis, funcionário público estadual que veio chegou em Passo Fundo vindo de Rio Grande (RS). O grupo durou até a década de 40 quando o sr. Alvisis retornou à sua cidade. Em 16 de agosto de 1944 foi criado o Grupo de teatro Amador Delorges Caminha, que teve esse nome em homenagem ao ator de cinema e teatro, protagonista principal do famoso filme, na época, “Bonequinha de Seda”. Com a encenação da peça “Dindinha”, onde dona Itália fazia o papel da protagonista que dava o nome ao espetáculo, sua performance foi tão marcante que, a partir daí, todos passaram a chamá-la também de Dindinha. Dona Dindinha encenou dezenas de peças, entre elas “Testemunha de Acusação” (cuja primeira versão cinematográfica teve Charles Laughton e Marlene Dietrich como personagens principais), Dona Xepa, Bicho do Mato, Está Lá Fora Um Inspetor, Mania de Grandeza, Pertinho do Céu, YaYá Boneca, entre outras. Em 1963, o grupo, com todo o elenco, sendo a mais velha dona Dindinha, fez turnê em Porto Alegre, incluindo uma apresentação no Theatro São Pedro. Dona Itália e sua irmã, dona Nininha, moravam juntas, e nunca se casaram. Dona Itália costurava roupas masculinas e atendia famosas alfaiatarias locais, como a do sr. Juvenal da Luz e do sr. Gustavo Kuchembecker.

Dona Dindinha era uma atriz que vivia intensamente seus papéis, representando com muito realismo suas personagens. Faleceu com 82 anos de idade, em 28 de setembro de 1970, na cidade que tanto amou, Passo Fundo. A foto abaixo, hoje histórica, mostra, da esquerda para a direita: Marília Bexiga, capitão Geraldo Magela Monteiro Bernardes (de pernas cruzadas), Honorino Barbisan (em pé, atrás), Gildo Flores (em pé, atrás, à direita), Rosa Terezinha Sacchet (primeira sentada, à esquerda), Paulo Giongo (sentado, no meio), dona Itália Durgante (sentada), Dorotéa Della Méa (sentada, de blusa branca), Fausto Branco (último

à direita, sentado) e Hortêncio Coimbra da Silva (de camisa branca, bem à frente), que era o elenco da peça “Bicho do Mato”, do Grupo Delorges Caminha.



IVANILDE ANNA VOLPI MARINI – Filha de Lodovico Marini e Annita Volpi Marini, esta professora e Diretora da Faculdade de Artes nasceu em Passo Fundo, em 27 de dezembro de 1934. Realizou os estudos básicos no Colégio Notre Dame e fez o Curso Técnico de Contabilidade no Colégio Conceição. Foi uma das únicas cinco mulheres do curso, entre mais de cinquenta homens, a se formar. Em 1957, começou a lecionar Arte Infantil na Faculdade de Belas Artes, passando,



depois, a ensinar História da Arte, na UPE. cursou Belas Artes, Filosofia, Pedagogia (na área de Administração Escolar) e Metodologia em 3º grau como especialização. Fez Mestrado em Antropologia Cultural na PUC, em Porto Alegre. Lecionou Antropologia Cultural na UPE, nos cursos de Artes, Medicina, Odontologia, Agronomia, Ciências Humanas, Biológicas e Exatas. Foi diretora da faculdade de Artes durante doze anos. Lecionou, também, nos colégios Notre Dame, CENAV e Escola Agrícola de Sertão. O traço marcante de Ivanilde é a sua forma de se relacionar com as pessoas. Durante sua gestão na faculdade de Artes, recebeu várias homenagens em razão da valorização que dava aos alunos, aos colegas e aos mais humildes funcionários. Pessoalmente, Ivanilde diz que suas

melhores impressões são das viagens que realizou, conhecendo todas as capitais brasileiras, as duas viagens à Europa e outra pelas Américas. Em 1979 fez uma viagem ao México para participar de Seminário de Antropologia, onde visitou museus e estudou as civilizações dos maias e aztecas. Esteve em todas as capitais das Américas em viagens de estudo. Visitou Berlim, logo após a unificação das Alemanhas, classificando a cidade, na época, como fascinante e assustadora. Também esteve visitando os países do norte europeu, como Dinamarca, Suécia e Noruega, assim como os do leste, como Polônia, Hungria e República Tcheca. Em 1983, Ivanilde foi Presidente da APAE, em substituição a Alice Costi, permanecendo no cargo até 1990, quando o entregou a Noeli Albuquerque. Esta nova experiência causou-lhe, inicialmente, um pouco de receio, por causa da grande responsabilidade de tratar com crianças especiais. Em pouco tempo, porém, constatou que, na APAE, só existe carinho e amor, e essa passagem foi extremamente gratificante, segundo ela, uma das melhores experiências de sua vida.

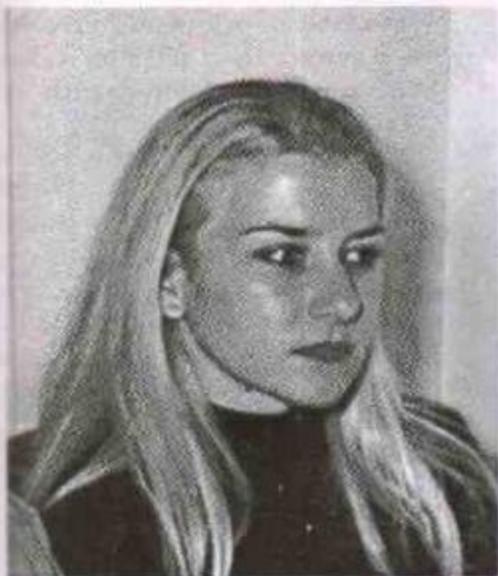




IZABEL LOUREIRO KRUEL - Filha de tradicional família passo-fundense, Izabel nasceu nesta cidade em 28 de setembro de 1923, para alegria dos pais João Kruel e Aurora Loureiro Kruel. Ainda criança, tomou gosto pela música e estudou, paralelamente, Belas Artes e Serviço Social, em Porto Alegre. Com a vocação artística

evidente, foi convidada pelo conhecido professor Carlos Barone para cursar Canto Orfeônico na Escola Villa Lobos, no Rio de Janeiro. Lá permaneceu por três anos, tempo de duração do curso, e também se formou em Orientação Educacional. Voltando a Passo Fundo, lecionou didática da música e regência coral por 26 anos na UPF. Também na UPF, lecionou Orientação Educacional no Curso de Pós-Graduação. Trabalhou por muitos anos como Orientadora Educacional no EENAV. Izabel diz que as viagens são suas melhores lembranças. A primeira foi em 1954, quando visitou sete países na Europa. Viajou outras vezes ao Velho Continente, aos Estados Unidos, Canadá, Parte da Ásia e Japão, que considera os mais hospitaleiros e agradáveis de todos. Na Polônia, lembra com emoção a oportunidade que teve de assistir a uma missa, em homenagem a Nossa Senhora de Chestakova, na qual o celebrante era o então Primaz Karol Wojtilla, que viria a se tornar o Papa João Paulo II.





JANETE SCHELL STAND – O leitor deverá esquecer agora os filmes, especialmente os americanos, que ele assistiu sobre os militares e quartéis, onde, inevitavelmente, cada pelotão tem um sargento durão e truculento, geralmente mal-encarado, a dar berros e sopapos nos recrutas. É que esta jovem senhora é Policial Militar, e, atualmente, 2º sargento no Regimento da Brigada Militar de Passo Fundo, comandado pelo Tenente-Coronel Waldir João Reis Cerutti, seu marido. Nascida em Porto Alegre, em 16 de fevereiro de 1968, filha de Manoel Fidelino Stand e Alzira Schell Stand, irmã de Luiz Carlos Schell Stand, a sargento Schell,

como é chamada na Unidade Militar, é mãe de Marcelo Schell. Ingressou na Brigada militar em 3 de setembro de 1987, em Porto Alegre. Concluiu o curso de soldado, no qual tirou o primeiro lugar entre as 63 mulheres que entraram no curso, em 13 de maio de 1988. Na Escola de Formação de Cabos e Soldados da BM, formou-se em 2º lugar, tendo concluído o curso de cabo em janeiro de 1989. Fez o Curso de Sargento na Academia de Polícia Militar, concluído em maio de 1998. Além desses, também fez os cursos de Informática no SENAC, o Curso de Socorrista Básico no Corpo de Bombeiros da BM em Porto Alegre, Curso de Auxiliar de Enfermagem na Escola de Enfermagem Ana Neris (Porto Alegre) e estágios nos Hospitais Parque Belém, Pronto socorro e Hospital da Brigada Militar, todos em Porto Alegre.. Integrou a 1ª Companhia de Polícia Feminina (Policciamento de Rua e Escolas) de Porto Alegre, na época em que essa companhia, a primeira criada para mulheres, era separada dos soldados homens. Foi digitadora no setor da Diretoria Administrativa da Brigada Militar de 92 a 98 e também participou do Pelotão de Xangri-lá, como encarregada do cartório de Trânsito naquela cidade. Desde setembro de 1999 está no 3º RPMon de Passo Fundo, como chefe do cartório de trânsito e, atualmente, como Monitora do PROSEPA-BM (Programa Social Educativo de profissionalização de Adolescentes). Hoje, perfeitamente integradas à Polícia Militar, mesmo assim as mulheres ainda são um grupo pequeno. Em Passo Fundo, atualmente, há menos de vinte e a sargento Schell é a mais graduada. Ela conta que entrou para a Corporação porque, quando se é jovem, sempre há admiração pela farda e pelo ritual da Polícia Militar, dos Bombeiros. Logo que surgiu o primeiro concurso para ingresso na Brigada, ela



ficou sabendo pelo rádio, inscreveu-se e entrou. Ela já tinha uma idéia do que seria, portanto o treinamento, os cursos, as exigências da profissão não a decepcionaram. Ela sente apenas que a realidade não seja exatamente como na ficção, como nos filmes, onde há uma estrutura perfeita, com equipamentos miraculosos e viaturas sempre novas. Na prática, a coisa não é bem assim. Há toda uma burocracia para se pedir material e há dificuldades para se obter alguns equipamentos mais sofisticados. Quanto à capacidade física, é evidente que, num confronto físico

o homem leva vantagem. Na Brigada, entretanto, há procedimentos pré-estabelecidos para situações de risco e há uma orientação para que, nesses confrontos, sempre haja uma supremacia de força, justamente para proteção do próprio civil e do militar, quando for o caso. Quanto aos relacionamentos pessoais, dentro do quartel, há um regulamento interno que é rigoroso, justamente para prevenir abusos. Isto não impede, porém, que muitas policiais militares acabem casando com companheiros de farda, como é o seu caso e de muitas outras PMs. A Sargento Schell não percebe, hoje, estranheza por parte dos civis quando abordados por uma PM. Ela sabe, é claro, que ninguém gosta de ser advertido, seja por mulher ou por homem, e que aquela reação de alguns tipo "Não tem outra coisa para fazer? Por que não vai pegar bandido?" é comum a ambos os sexos. Do início da carreira ela lembra que a criação de um corpo policial feminino foi um grande evento, e isto gerou uma discussão sobre o tipo de serviço que as mulheres fariam e qual seria o fardamento adequado. Neste momento, entrou na história o estilista Rui, que desenhou todos os fardamentos para que o efetivo feminino fosse para as ruas com autoridade, seriedade, mas sem perder a feminilidade. Este uniforme constava de saia-calça, camisa safári, sapato de salto, chapéu de feltro e bolsa para carregar a arma. Com o passar do tempo e pela necessidade das mulheres assumirem qualquer tipo de serviço na Corporação, o uniforme original foi sofrendo alterações e, atualmente, percebe-se que muitos policiais femininos usam o mesmo uniforme que os PMs masculinos. É fácil imaginar a dificuldade de fazer uma perseguição usando saltos altos e saia-calça, ou ter que tirar a arma de uma bolsa, ao invés da cintura. Hoje, o uniforme é composto de calça ou saia-calça, coturno ou sapato sem salto, boina e cinto de guarnição para carregar a arma.



JOSENIRA OLIVEIRA DA SILVA FERREIRA - Sócia fundadora do Movimento de Consciência Negra de Passo Fundo, hoje IREN, nasceu em 9 de fevereiro de 1954, nesta cidade, filha de José Martins da Silva e Cenira Oliveira. Fez o primeiro grau na Escola Menino Jesus, o 2º na Escola Normal Osvaldo Cruz (na época era chamado de curso Normal – equivalente ao magistério) e, em 1986, formou-se em Pedagogia na UPF. Na mesma faculdade fez pós-graduação *lato sensu* e, de 1997 a 19998, especialização em Psicopedagogia. Nesta área, participou da Secção dos Psicopedagogos do RS e Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 1999 a 2001. Atuou profissionalmente em várias cidades e escolas e também na Divisão Pedagógica da 7ª Delegacia de Ensino no projeto “O Negro e a Educação”, no período de 1987 a 1994. É membro e sócia da Comissão de Direitos

Humanos de Passo Fundo, uma ONG (Organização Não Governamental) integrante do Movimento Nacional de Direitos Humanos. Foi presidente/coordenadora eleita por dois mandatos da Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo, no período de 1989 a 1993. Foi uma das fundadoras do Movimento de Consciência Negra de Passo Fundo, atual IREN, em 1986. É articuladora do movimento de Mulheres Negras do RS e do Núcleo Estadual de Educadores Negros. Faz parte da Comissão Diocesana ampliada – Pastoral – da Diocese de Passo Fundo., onde também é Ministra Extraordinária da Eucaristia e Agente da Pastoral do Negro. É Conselheira/fundadora do CMAS – Conselho Municipal de Assistência Social de Passo Fundo, além de ter ocupado cargos e funções nos CPMs de diversos colégios. Participou das 1ª e 2ª Conferência Municipal da Saúde como delegada, foi membro representante da Diocese de Passo Fundo na Plenária Nacional de Agentes Pastorais Negros em São Paulo, no ano de 1988 e no Encontro Intereclesial de Comunidades de Base na Arquidiocese do Rio de Janeiro (em 1990). Foi delegada e participante do Congresso Nacional do Movimento de Direitos Humanos em Salvador, Bahia, em 1996. Participou, como representante da Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo e do Movimento de Consciência Negra da “Marcha Zumbi dos Palmares – 300 Anos”, em Brasília, 1995. Já em 1999, foi delegada da Comissão de Reconstrução do Movimento Negro de Passo Fundo no Seminário Estadual para Reformulação dos Estatutos do CODENE, em Porto Alegre. Foi a primeira delegada negra eleita para o Orçamento Participativo, região da produção – em Passo Fundo – de 1998 a 1999. A professora Josemira ainda é sócia e Vice-Presidente da ACMUA – Associação Cultural de Mulheres Negras e Afrodescendentes do RS no período de 2000 a 2003. Esta ativista política e social, lutadora e defensora da causa negra, das mulheres e da educação ainda foi expositora representante do espaço “Negritude em Ação e Cidadania”, no Colóquio

Internacional de Educação Popular CPERS/SIMPRO/UPF no ano de 2000. Por esse vasto currículo, dá para ver que as atividades desenvolvidas e defendidas pela professora Josenira sempre foram pautadas pela seriedade, lutas, dificuldades, esperança e otimismo. É ela mesma quem diz: "Precisamos nos organizar cada vez mais, buscar formação, ampliar nossos conhecimentos e ocupar nosso espaço, de forma consciente e cidadã. Devemos resgatar a bravura de Zumbi e a garra de heroínas e heróis negros que muito construíram partindo das bases da população social, histórica, religiosa e cultural brasileira. A mulher negra, com menos de meio século de vida civil já tem dado muito de sua contribuição para o povo desta terra, tanto na religião como na educação, no sindicalismo e na cidadania para todos. Axé! Valeu Zumbi!"





JOSEPHINA DE OLIVEIRA VOLTOLINI

- A primeira Rainha do CREATI e Rainha do Clube Comercial em 1927 nasceu em Estação Getúlio, em 5 de julho de 1913. Filha de Floriano José de Oliveira e Umbelina Lima, casou-se com César Raul Voltolini (que se tornou um dos mais conhecidos e estimados gerentes do Banco do Brasil em Passo Fundo). O casal teve três filhas: Ceres Voltolini Bertão, Waleska Voltolini de Azambuja e Magda Voltolini Fletcher, os netos Michele e Edson Bertão, Leticia, Henrique e Fernando Azambuja, e, hoje, estaria brincando com seus bisnetos, Leonardo e Frederico Bertão. "Dona Zefinha", como era chamada, desde jovem era uma pessoa alegre e exuberante, mantendo essas qualidades por toda sua vida. Talvez por isso mesmo tenha sido eleita Rainha do Clube Comercial em 1927 e, em 1991, Rainha da Terceira Idade.. Por onde passou auxiliou a comunidade em

trabalhos assistenciais, desde a SAIC - Sociedade de Amparo à Infância - até os trabalhos no centro Espírita Bezerra de Menezes, na Casa do Bebê, juntamente com suas amigas. Amparou os filhos de outras pessoas como se fossem seus. Dona Zefinha foi também uma das fundadoras do Hospital Espírita Bezerra de Menezes, junto com as companheiras Glorinha Vaz, Helena Lângaro e Nídia Carnacini. Foi também uma líder na promoção de espetáculos e eventos puramente sociais, ao lado do esposo e de sua irmã Djanira Lângaro, trazendo a Passo Fundo personalidades de destaque de diferentes áreas artísticas e culturais. Batalhou sempre pelo bem, pela paz e pela fé. Tinha uma grande estrela dentro de seu coração, que, neste instante, deve estar batendo em uníssono com os sons do universo, porque quem conseguiu amar a vida assim como o fez dona Zefinha, vive eternamente



JOVINA LEITE VERGUEIRO – Filha de João Andrade Leite e Maria Urbana Desessart Leite, nascia em Porto Alegre, em 1886 aquela que seria a esposa do primeiro médico de Passo Fundo, dr. Nicolau de Araújo Vergueiro. Dona Jovina casou-se aos vinte anos, em 1906, com o recém formado em farmácia e em medicina, dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, em Porto Alegre. Imediatamente, o casal estabeleceu-se em Passo Fundo, com farmácia e clínica. O casal teve os filhos dr. Ruy Vergueiro (casado com Albina Vergueiro) e Maria Vergueiro Malheiros (casada com Honorino Malheiros), todos falecidos. Seu marido foi integrante do Partido Republicano e ocupou os cargos de Conselheiro Municipal, Intendente Municipal, Deputado Estadual por cinco legislaturas e Deputado Federal de 1929 a 1949. Durante esse período, dona Jovina atuava como sua fiel conselheira. Jamais se esqueceu das entidades assistenciais, trabalhando voluntariamente e distribuindo verbas aos hospitais de Passo Fundo e região. Dona Jovina sofreu muito com a morte do esposo, em 1956 e, apenas dois anos depois, também faleceu, no dia 16 de junho de 1958.



JULIETA BASTOS ENGELSING – A primeira mulher a trabalhar em um Banco na cidade de Passo Fundo era filha de Horácio Bastos e Antonina Bastos. Trabalhava no antigo Banco da Província, no final dos anos 30, numa época em que existiam apenas quatro agências bancárias na cidade: Banco da Província, Banco do Comércio, Banco Pelotense e Banco do Estado do Rio Grande do Sul. Apenas homens trabalhavam nessa área e dona Julieta era exceção. Quando se casou com Rodolpho Engelsing teve que deixar o emprego, por força de uma lei, existente naquela época, que proibia mulheres casadas de trabalhar em bancos. Quis o destino, porém, que, apenas um ano depois do matrimônio, seu esposo viesse a falecer, e dona Julieta voltou a trabalhar no Banco da Província. Rodolpho, antes de casar com Julieta, era viúvo e tinha uma filha, Maria. Maria Engelsing Stafford, é casada com Osmildo Stafford, que foi presidente nacional do Sindicato dos Bancários, e ambos residem, atualmente, no Rio de Janeiro. Segundo Maria, sua madrasta Julieta era uma mulher bondosa e verdadeira amiga. Ela diz que, após o falecimento de seu pai, morar com Julieta foi ganhar uma verdadeira família. Um fato curioso: o então namorado de Maria, Osmildo Stafford, comandou uma greve dos bancários naquela época. Sua madrasta, grata à gerência do Banco, resolveu não aderir, sendo taxada de traidora pelo futuro genro. Maria a apoiou, ficando contra o namorado. Este fato, porém, ocasionou um longo rompimento entre Julieta e Stafford, somente superado quando Maria, já casada, esperava a primeira filha. Dona Julieta faleceu em 19 de dezembro de



1973. Na foto estão, da esquerda para a direita: Marcelina Xavier Oliveira, Lady Damian, o sr. Moreira (gerente do Banco da Província).





JUREMA CARPES DO VALLE – A professora, advogada e poeta Jurema Carpes do Valle nasceu em Cruz Alta, filha do casal Aurino Schannes do Valle e Ercília Carpes do Valle. Formou-se professora pela Escola Notre Dame e em Direito pela Universidade de Passo Fundo, em 1964. Integrou a primeira turma do Curso Superior de formação de professores em disciplina específica de 2º grau, licenciada em Direito e Legislação. Em 1970 passou a integrar a Academia Passofundense de Letras, ocupando a cadeira nº 12, cujo patrono

é Miguel Eramy Guedes. É sócia efetiva da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil (ASEB). No ano de 1972 foi diplomada pela ADESG. Lecionou nas escolas Ana Luíza Ferrão Teixeira, Notre Dame, CENAV, Escola Normal Osvaldo Cruz, Protásio Alves e Cecy Leite Costa, estando, atualmente, aposentada. Iniciou-se na literatura, conforme ela mesma diz, por influência da amiga Geisa Lima Benvenuti, e, em 1957, junto com um grupo de colegas, criou o Grêmio Literário denominado “União de Ideais”. Em 1958, participou de três concursos literários no colégio Notre Dame, ganhando o primeiro lugar em todos. Tem trabalhos literários e poesias publicados nos jornais Diário da Manhã, O Nacional, Aliança, Jornal do Dia, Revista Panorama do Planalto, Boletim Informativo do Centro dos Professores do Rio Grande do Sul e Correio do Povo. Pessoa amável e delicada, Jurema diz sentir o maior prazer quando é reconhecida por seus ex-alunos, dos quais ainda recebe homenagens e cartões. Ela lembra que, na escola Ana Luíza Ferrão Teixeira, havia um pequeno aluno que, de tão inseguro e carente que era, fazia os deveres da aula de mãos dadas com ela. Hoje, ele é uma pessoa extrovertida, bem falante e um sucesso no meio artístico de Passo Fundo. Em 1983 Jurema publicou o livro de poesias “Canção da Liberdade”. Seu nome e sua poesia estão em duas antologias publicadas pela Shogun Editora e Arte do Rio de Janeiro, denominada Poetas Brasileiros de Hoje, em 1986 e pela Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, em 1988. Um fato marcante de sua vida foi ter recebido três prêmios no VI POEMATUR, concurso promovido pela EPATUR e Casa do Poeta Rio-grandense de Porto Alegre, sem saber que seus trabalhos estavam concorrendo (sua irmã Mara Carpes do Valle e a amiga Maria Lucina Busato é que haviam inscrito seus trabalhos). A poesia vencedora chamava-se “Ternura”

Sonoridade de canção de pássaro
Doce aroma de flor
Sorriso de criança
Olhos que buscam outros olhos
Na procura do essencial que invisível
Palavras
Silêncios
Que são poemas
Mãos que à distância
Mesmo sem se tocarem
Se afagam.

LAURA BORGES FELIZARDO - Nasceu em Passo Fundo, em 10 de janeiro de 1920 a filha do casal José Maria Borges e Guilhermina Zúguel Borges e, anos mais tarde, viria a ser uma das pioneiras professoras de artes plásticas no município. Casada com João de Deus Felizardo Júnior, dona Laura teve os filhos João de Deus Borges Felizardo, Guilhermina Borges Felizardo e José Luiz Borges Felizardo (já falecido). Fez seus estudos básicos no IE e, com apenas 16 anos, foi morar e estudar em Porto Alegre, onde se formou em Desenho e Plástica na UFRGS. Na mesma Universidade fez pós-graduação em escultura. Sua vocação para as artes veio desde o berço. Seu avô e sua mãe eram artistas plásticos e Laura criou-se nesse ambiente. Ela lembra que sua casa era um verdadeiro atelier. Estudou com grandes mestres. Seus professores na universidade, dentre tantos, foram João Fario, Ângelo Guido, Lutzemberger, todos com obras no MARGS e nos grandes museus de arte no Brasil. Ingressou no magistério através de concurso público, indo lecionar no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro (hoje ENAV), a disciplina de Aprendizagem e Desenho para formação de professores. Lecionou também no colégio Cecy Leite Costa. Juntamente com suas irmãs, Cecília e Adelaide, criou um atelier de arte, que funcionou precariamente no palco do Salão de Eventos do Círculo Operário. Mais tarde, o atelier fundiu-se com o Conservatório de Música para formar o Instituto de Belas Artes, que é a atual Faculdade de Belas Artes da UPF. Dona Laura, com formação superior, passou a lecionar na Universidade de Passo Fundo. Entre suas alunas destacam-se atualmente, Miriam Postal, Maria Lucina Bueno e Roseli Preto. A professora nunca expôs seus trabalhos em galerias, pois lhe bastava o reconhecimento dos alunos. Obras encomendadas, porém, ela as fazia com prazer. É de sua autoria o busto do reverendo William Schissler, defronte o IE. Em 1993, pouco antes de se aposentar, recebeu o título de Professora Emérita da UPF.





LAURA VARGAS JUNQUEIRA DA ROCHA – Uma das fundadoras do Hospital São Vicente de Paula, filha de Miguel Ribeiro de Sant'Ana Vargas e Justina Marques de Vargas, nasceu em Passo Fundo no dia 13 de julho de 1891. Casou-se com Antonio Junqueira da Rocha em 28 de março de 1917, e teve oito filhos: Naura da Rocha Pereira (professora aposentada), Lúcia Vargas Junqueira da Rocha (professora aposentada), Alcindo Vargas Junqueira da Rocha (já falecido), Jandira da Rocha Heck (falecida), Maria Vargas

Junqueira da Rocha (falecida logo após o nascimento), Álvaro Vargas Junqueira da Rocha (odontólogo e advogado), Siloé da Rocha Bordignon (falecida) e Mário Vargas Junqueira da Rocha (oficial do Exército, médico e empresário). Dona Laura teve dezenove netos e trinta e um bisnetos, todos com formação acadêmica nas mais diversas áreas de atuação. Pessoa extremamente religiosa e caridosa, foi ela quem, juntamente com o esposo, doou a imagem de Nossa Senhora Aparecida para a Catedral de Passo Fundo. Na Igreja Santa Terezinha, foi uma das madrinhas da imagem do Coração de Jesus. Foi também madrinha na inauguração da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Colaborou na campanha para fazer o Coro da Igreja Matriz da Conceição e trabalhou para renovar o piso onde se encontra o altar-mor da mesma. Na reconstrução da Igreja de São Miguel, foi quem trabalhou angariando tijolos, mão-de-obra grátis e todo tipo de material de construção. Uma manhã, logo que o comércio abriu, dona Laura saiu para trabalhar pela capela. Encontrou, então, Eduardo Barreiro que lhe perguntou aonde ia tão cedo. Ela respondeu: "vou ver se consigo alguém que me dê madeira para os andaimes da Igreja de São Miguel". "Vou junto", disse Eduardo, e levou dona Laura ao escritório de Salomão Iochpe, que lhes deu a madeira que pediram. Quando saíam, Eduardo deu uma risada e dona Laura perguntou-lhe o motivo da graça. Ele respondeu: "Já imaginou? Uma beata, um comunista (que era ele) e um judeu trabalhando para São Miguel!" Dona Laura foi uma das fundadoras (a última a falecer) do Hospital São Vicente de Paula. Contribuiu, como fundadora, para a manutenção do Asilo Lucas Araújo, até sua mudança para Lar da Menina. Era "Dama de Caridade", como suas companheiras de missão. Junto com o esposo, foi uma das fundadoras da SAMI, com os casais João Junqueira da Rocha, Dr. Armando Vasconcelos e William Richard Schissler. Na Igreja Matriz fez parte da Ação Católica, Apostolado da Oração (como uma das fundadoras e zeladoras) e da Ordem Terceira de São Francisco, que registrou em cartório, quando a presidiu. Colaborou em muitas outras ações sociais e religiosas e com as pessoas que a ela recorriam nas suas necessidades. Teve mais de sessenta afilhados de batismo, crisma e matrimônio. Foi esposa e mãe amorosa e dedicada, sempre praticando o bem dentro e fora de seu lar, colaborando para melhorar a vida de todos, da melhor maneira que podia e, muitas vezes, sacrificando até suas necessidades. Ainda é lembrada, com carinho e gratidão, por muitas pessoas, além de seus inúmeros familiares. Viveu quase noventa e oito anos. Faleceu, muito lúcida, alegre e carinhosa como sempre viveu, no dia três de março de 1989.



Dona Leda e o esposo Dr. Aires

LEDA ROSA RAMPAZZO – Esta marauense de nascimento, casada com o advogado dr. Aires Rampazzo, filha do casal Abrahão Viesseli e Amália Piccoli Viecelli é uma das pioneiras a ocupar cargos numa associação tão orgulhosa da bravura e do *machismo* (no bom sentido) dos seus membros: os Centros de Tradição Gaúcha, os conhecidos

CTGs. Dona Leda, junto com seu esposo, no período de 1998 a 2000, ocupou o cargo de patroa do CTG Lalau Miranda, um dos mais conhecidos e renomados de Passo Fundo. Anteriormente, em 1992, também junto com o marido, comandou a 7ª Região do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que é composta por diversos municípios da região. Nesta ocasião, trouxeram para Passo Fundo, pela primeira e única vez, o Congresso Estadual do MTG. Foi também durante sua gestão que, pela primeira vez, Passo Fundo venceu o Concurso de 1ª Prenda do Rio Grande do Sul. O casal tem duas filhas: Tatiana Rampazzo Zanella (casada com o arquiteto Fernando Zanella) e Daniela Rampazzo (estudante). Dona Leda recorda que um dos momentos mais marcantes de sua vida foi quando sua filha Tatiana foi eleita 1ª Prenda Regional da 7ª Região do MTG. Ela lembra que o CTG Getúlio Vargas estava lotado, com delegações vindas de dezenas de cidades, com as torcidas organizadas. Havia dezoito concorrentes, todas muito bonitas, e sua filha Tatiana, representando o CTG Lalau Miranda, de Passo Fundo, foi escolhida como a 1ª Prenda Regional. Foi uma festa indescritível, com todos emocionados, trocando abraços e felicitações, porque não só era a vitória do CTG a que dona Leda sempre pertenceu, como a representante era sua filha.



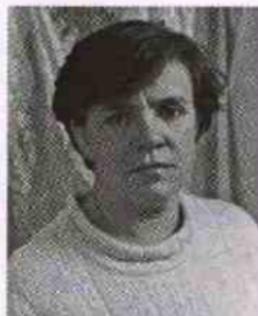


LENIRA ZIMMERMANN BATTISTI – Filha do casal Nilo B. Zimmermann e Hilda Loureiro Zimmermann, irmã de Danilo Loureiro Zimmermann, a passo-fundense Lenira, formada em Artes Plásticas pela UPE, casou-se com o empresário Aldo Bettinelli Battisti, também de pioneira família da cidade, com tradição no ramo do comércio. O casal tem os filhos Paula, Carlota, Santiago e Betina. Após o casamento, Lenira passou a exercer o cargo de Diretora Compradora das Casas Battisti, atividade que realiza com prazer há trinta anos. Tradicional loja de roupas e acessórios, as Casas Battisti passaram a contar

com a experiência e bom gosto de Lenira, cuja formação em Belas Artes certamente contribuiu para que as evoluções estéticas desenvolvidas na loja fossem sempre bem sucedidas. Junto com o esposo Aldo, ela e os filhos Paula e Santiago dirigem, atualmente, a Planet Battisti, uma loja de porte médio que já completou 60 anos de existência, sendo que seus filhos representam a terceira geração da empresa. Lenira está sempre viajando, participando de feiras, pesquisando tendências, atualizando-se constantemente. Não é por acaso que sua loja tem um layout diferenciado, chamando a atenção pela ousadia da fachada e das vitrines.

LEOFRIDA THEVENET BARBIEUX – Dona Gringa Barbieux, como era mais conhecida, nasceu em Uruguaiana (RS) em 16 de setembro de 1912. Filha de Mario Thevenet e Mathilde Passano Thevenet, casou-se com o empresário Walter Barbieux, já falecido. Seus filhos são Jorge, Liana e Mathilde Barbieux. Esta pesquisadora da história de Passo Fundo é muito modesta quando lhe perguntam o que andou fazendo. Com seus 89 anos bem vividos, ela diz “Nada. Eu não fiz nada. Aliás, eu fiz foi muita festa.” Dona Gringa chegou em Passo Fundo com apenas três anos de idade. Casou-se com o sr. Walter em 1930, aos dezoito anos. Seu marido era dono da maior empresa de Passo Fundo, a Cervejaria Bade e Barbieux, fabricante da Gasosa e da Cerveja Gaúcha. Anos mais tarde, a firma seria vendida à Cia. E Cervejaria Brahma. Durante grande parte de sua vida dona Gringa foi uma “socialite”. Viveu intensidade o que se chamou de “anos dourados do Clube Comercial”, nas décadas de 30 e 40. Mas ela não se ocupava apenas com as festas. Participou da comissão pró-construção da Igreja Catedral, organizando festas para arrecadar fundos para a obra. Também foi integrante do grupo Pró-Memória de Passo Fundo, no setor fotográfico, tendo como companheiros o fotógrafo Deoclides Czamanski, o dr. Frederico Daudt e o professor Lindolfo Kurtz. Graças à sua memória privilegiada, atualmente pesquisa a história fotográfica do Clube Comercial.





LEONILDA TEREZINHA FERNANDES REVEILLEAU – Uma das fundadoras da CUT (Central Única dos Trabalhadores) no estado do Rio Grande do Sul, Leonilda nasceu em 23 de fevereiro de 1963, em Passo Fundo. É filha do casal Joaquim Antonio Fernandes e Maria Ondina Teixeira Fernandes. Casada com Antonio Augusto Reveilleau, tem os filhos Rafael Joaquim e Natália Maria Reveilleau. Realizou seus estudos básicos nas escolas Prestes Guimarães e EENAV. Em 1980, foi atraída para as atividades políticas, religiosas, sociais e sindicalistas

quando passou a fazer parte da Juventude Operária Católica. Entre 1984 e 1987, integrou a diretoria do Sindicato dos Empregados no Comércio de Passo Fundo. Na mesma época, participou da fundação da CUT no estado do Rio Grande do Sul, pois esse movimento, mesmo já conhecido nacionalmente, ainda não era oficialmente organizado em vários estados brasileiros. Após assídua participação em reuniões, e depois de muita reflexão, Leonilda decidiu ingressar no Partido dos Trabalhadores. Graças ao seu empenho e militância, em 1990 assumiu a presidência do PT em Passo Fundo, tornando-se, assim, a primeira mulher a ser Presidente de um partido político no município. Assumiu a Coordenadoria da Fundação Gaúcha do Trabalho e Assistência social – FGTAS – onde permanece trabalhando. Leonilda, que participou ativamente do movimento sindical nos anos 80 e 90, numa época (principalmente nos anos 80) em que as liberdades individuais ainda não eram tão amplas como hoje, costuma dizer que a militância na Juventude Operária Católica despertou-a para a realidade da classe operária e para as injustiças sociais do país. Teve a certeza que, sem uma participação consciente nos movimentos sociais, sindicais e políticos, nada se conseguiria mudar. Por isso ela é persistente no seu objetivo de *provocar mudanças* em favor dos mais fracos e empobrecidos. Determinada, segue em frente, sem receio de quem se julga poderoso ou capaz de derrubar seus projetos e ideais. Mulher forte e combativa, sabe respeitar a democracia. Venceu até as adversidades que o destino cedo lhe apresentou (é deficiente física) e tornou-se uma guerreira vencedora. Como líder comunitária, tornou-se um orgulho para Passo Fundo, especialmente para as mulheres. Leonilda gosta de afirmar que a mulher tem um papel fundamental a desempenhar no sentido de construir uma sociedade mais justa e mais fraterna.



LEONORA BRÍGIDA LACHNO – Dona Lola, como era chamada, nasceu no dia 1º de fevereiro de 1907, na cidade de Júlio de Castilhos (RS), filha de Ludovico Della Mía e Beatriz Della Mía. Aos dois anos de idade, veio para Passo Fundo com sua família, onde permaneceu até 1993, quando veio a falecer. Casou com o dr. Savva Ivanovich Lachno, médico vindo da Rússia, em 1927. Teve cinco filhos e uma neta: Olga e Beatriz Lachno (solteiras e professoras aposentadas), Ivan e Ludovico Lachno e Márcia Lachno, médica residente do Hospital São Vicente de Paula, a única casada (com o engenheiro Cristian Thans). A neta Letícia Lachno é solteira e estudante. Desde criança

dona Lola mostrou sua aptidão para as artes. Dedicou-se à música, iniciando seus estudos em Passo Fundo e concluindo-os em Porto Alegre. Aos sete anos de idade pintou um quadro que surpreendeu até aos professores de arte. Foi aí que iniciou seus estudos em desenho e pintura com a professora Guilhermina Borges, sua contemporânea. Por amor à arte, trabalhou como voluntária na Escola Municipal de Artes, que funcionava num prédio em frente à Praça Tamandaré, posteriormente transferido para a avenida Brasil, onde hoje existe o estacionamento do Bella Città. Desta escola originou-se o Instituto de Artes, que viria a se transformar na Faculdade de Belas Artes. Ingressou como aluna no Curso de Artes Plásticas do Instituto, formando-se em 1957. A convite do reitor dr. Reyssoli José dos Santos, começou a trabalhar como professora de pintura na cadeira de Paisagem e Natureza Morta. Assim, dona Lola foi uma das fundadoras da Universidade de Passo Fundo. Fez parte do primeiro quadro de Professores da Faculdade de Belas Artes, onde atuou por 22 anos. Trabalhou ainda como professora estadual de Educação Artística no Colégio Monte Castelo. Com uma vida inteira dedicada à Arte, mesmo aposentada continuou dando aulas particulares em sua residência, procurando, além de pintar, transmitir seus conhecimentos. Um



Dona Lola é a que está de óculos, no meio, na inauguração do Instituto de Belas Artes

conhecimentos. Um detalhe curioso sobre o namoro e o casamento de dona Lola é contado por suas descendentes. Dizem que, quando o médico russo chegou ao Brasil, permaneceu algum tempo no Rio de Janeiro, adaptando-se aos costumes e ao idioma. Veio para passo Fundo onde conheceu familiares de dona Lola (Biasuz e Della Mía), que

conheciam a região de Vila Teixeira, Água Santa outras localidades de uma grande região onde não havia médicos. Os pais de Leonora receberam o dr. Lachno em sua casa e Lola, que havia rompido um noivado de longo período, com um ilustre médico passofundense (hoje falecido), recebeu as atenções do dr. Savva, um estrangeiro muito simpático, gentil, com alguma dificuldade no idioma, mas que despertou nela o que ela chamou de “amor à primeira vista”. Em apenas três meses namoraram, noivaram e casaram. O casal estabeleceu-se primeiramente em Vila Teixeira (hoje Tapejara), onde o dr. Lachno foi o primeiro médico a clinicar naquela localidade.

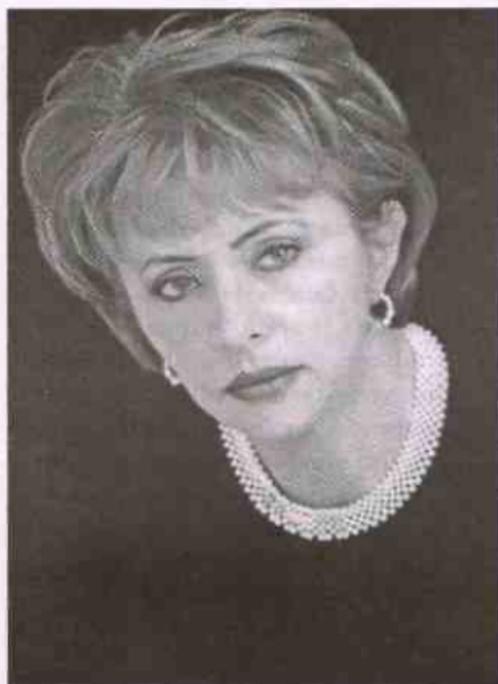




LINDA DEGRAZIA SARTURI - Nascida em Itaqui (RS), filha de Osvaldo Degrazia e Alba Lenzi de Carvalho Degrazia, dona Linda casouse com o conhecido médico e político passofundense dr. Anildo José Sarturi. O casal teve os filhos Linda Cristina e Jorge Antonio Sarturi. Formada na Escola de Formação de Professores Primários do Instituto Educacional General Flores da Cunha de Porto Alegre em 1951, dona Linda, porém, nunca exerceu o magistério do curso primário. Residindo em Passo Fundo, ingressou na Faculdade de Direito em 1965, passando, no ano seguinte, a cursar Filosofia, a fim de lecionar para alunos secundaristas, pois desejava que os jovens se conscientizassem de sua importância para o futuro do país. Seu trabalho nessa área foi tão profícuo que dona Linda foi convidada a

concorrer a uma cadeira no Legislativo Passofundense, na mesma eleição em que seu marido era candidato a Prefeito. Ambos concorreram pela ARENA, mas apenas Linda conseguiu se eleger. Junto com Thereza Almeida, foram as primeiras mulheres a se elegerem vereadoras em Passo Fundo, à exceção da professora Olga Poletto que exerceu determinado tempo na vereança, mas como suplente. A bandeira de campanha de Linda Sarturi era a luta pela justiça social, através do apoio à educação e oportunidades de trabalho. Filha de tradicional família da fronteira sul do estado, Linda Sarturi continua a mesma mulher idealista, de forte personalidade, sem deixar de ser bondosa e generosa com o povo que a apoiou.





LORENA MARIA PIERDONÁ RAMIRES – Há lugares que se tornam maiores que seus endereços. Eles mesmos acabam sendo referência para que se saiba onde fica uma rua ou outra coisa qualquer. Assim é com a Globo, em Porto Alegre, na esquina da Borges com a Rua da Praia, assim é com a Banca do Pepê nas praias do Rio de Janeiro, assim é com a Revisteira Central, em Passo Fundo. Situada na Avenida Brasil, ao lado do Banrisul (ou melhor seria dizer, o Banrisul fica ao lado da Revisteira?), esta loja, hoje empresa dos Correios, livraria e, futuramente, também um agradável bistrô, há mais de vinte anos tornou-se um valioso auxiliar quando se quer indicar a alguém uma direção no centro da cidade: “fica antes ou

depois da Revisteira”, ou “fica na quadra de trás ou na da frente”. Um feito destes não se consegue por acaso. Uma grande parte desse mérito, certamente, pertence à figura suave, delicada, sempre gentil e elegante de sua proprietária, Lorena Ramires. Filha de Reinaldo e Carmelinda Pierdoná, numa família de oito filhos, cinco mulheres e dois homens, Lorena é natural de Passo Fundo e, até o 5º ano primário, estudou na Escola Municipal Almirante Saldanha da Gama, em São Valentin, distrito de Passo Fundo, onde moravam seus pais. Fez as três primeiras séries do ginásio nas Irmãs Paulinas, em Porto Alegre, como aluna interna. Lá, as alunas do internato, em geral, estudavam de manhã e, à tarde, trabalhavam na gráfica ou serviços gerais. Lorena trabalhava na gráfica e, à noite, quando não havia serão (para imprimir as conhecidas obras das Edições Paulinas), estudavam até determinado horário e a hora de dormir era rigorosa. Sair do colégio era um acontecimento raro, e isto só acontecia com acompanhamento das irmãs. Cinema, então, era só através dos filmes exibidos pelas próprias irmãs, sempre com motivos religiosos. Apesar do rigorismo do internato, com horários determinados para tudo, Lorena não acha que passou muito sacrifício e lembra com carinho aquela época. Voltou para Passo Fundo, onde entrou no Colégio Bom Conselho para fazer a 4ª série ginásio e fazer a Escola Normal, que era o equivalente ao Magistério, hoje, e, depois do estágio,

começou a lecionar exatamente na Escola Almirante Saldanha em São Valentin, no 3º ano primário, coincidentemente na mesma escola e na mesma série da qual sua mãe foi professora por trinta anos, e onde ela, quando pequena, brincava de dar aulas, pois sua casa era ao lado da escola. No ano seguinte, fez vestibular e entrou no curso de Ciências Naturais (2 anos) e fez mais dois anos de Biologia (a chamada plena). Ao mesmo tempo, sempre lecionou: Pontão, Carazinho, Ernestina – onde foi diretora da escola Estadual Raimundo Correa por dois anos. Dali, foi para a 7ª DE, na época em que a Diretora era a professora Valéria Gehm da Costa. Ali ficou por alguns anos e depois foi para o Protásio Alves, como professora de Matemática. Nesse meio tempo, quando saiu de Ernestina e veio para Passo Fundo, casou-se, em 1977, com o empresário Aldrian Ramires, proprietário da Revisteira Central. Depois do casamento, Lorena lecionava à noite e, durante o dia, passou a trabalhar na empresa da família, que começava a inovar o mercado de publicações em Passo Fundo, trazendo revistas importadas, jornais do centro do país e publicações que só se encontrava nas capitais. No magistério, depois do Protásio, Lorena foi para o Núcleo de Orientação do Ensino Supletivo, onde continuou trabalhando à noite, até sua aposentadoria. O contato com os mais diversos tipos de publicações fez com que Lorena se tornasse uma mulher bastante informada sobre todos os assuntos. Depois de viajar pelos estados Unidos, Europa e parte da Ásia, ela acha que, se tivesse que escolher um lugar no mundo, esse seria mesmo Paris. Gosta muito de viajar, mas como as atividades com a empresa da família exigem sempre a presença dela, do marido ou dos filhos, lamenta nunca ter feito uma viagem com todos juntos, coisa que espera fazer um dia. Ativa, gosta do seu trabalho. O trabalho a realiza e rejuvenesce. Continua a atender os amigos com a mesma naturalidade e simpatia de sempre, fato que é um dos motivos pelo qual a Revisteira Central tornou-se ponto de referência na cidade.



LORI KREISCHE CORÁ – A Áustria é o berço da música erudita e nela nasceram vários dos mais famosos músicos e compositores clássicos do mundo. Pois foi essa veia que Lori Kreische, filha dos austríacos Ernest e Caterine, sobrinha do



Atrás da menina está dona Lori, ao lado de Adelaide Morsch.

professor Richard Kreische, formado em música pelo Conservatório de Música de Praga, república Tcheca, herdou de sua família. Nascida em Getúlio Vargas, na época pertencente ao município de Erechim (RS), em 1916, dona Lori estudou violino e violoncelo, e passou, depois a lecionar música. Veio residir em Passo Fundo, onde conheceu e veio a casar-se com o mago da fotografia, Odone Antonio Corá (já falecido) e teve os filhos Dagmar (hoje residindo em Brasília) e João, engenheiro agrônomo, residente em Passo Fundo. Lori Corá, como ficou conhecida, foi fundadora do Conservatório de Música de Passo

Fundo, entidade que, mais tarde, passou a chamar-se Cultura Artística de Passo Fundo. Mas os dons artísticos de Lori não ficaram restritos à música. Sua infância na pequena Getúlio Vargas, junto ao campo, pomares e flores, inspiraram-na a retratar a própria natureza em telas a óleo que pintava como hobby mas que, depois, se transformaram num meio de vida. Telas com sua assinatura, especialmente sobre as rosas, são vendidas em países como a França, Áustria, Alemanha, Suíça e Estados Unidos. Somente no Brasil foram vendidos mais de trezentos quadros de sua autoria. Dona Lori lecionou música por oito anos no colégio Teuto-brasileiro Gustav Adolf, em Erechim. Nessa época, as aulas eram dadas em alemão. Sua filha Dagmar Corá Kraemer, é casada com Carlos Kraemer, residente em Brasília, e foi Rainha do Clube Comercial de Passo Fundo.. Com mais de 80 anos de idade, Lori Kreische Corá é um exemplo de vitalidade. Sua música ao piano entenece quem as ouve e suas pinturas encantam os olhos daqueles que as observam.



LOURDES DA SILVA PITHAN – Quando a Igreja Metodista, mentora do Instituto Educacional de Passo Fundo, o conhecido IE, sentiu a necessidade de ampliar o seu trabalho na área social, resolveu iniciar um programa de alfabetização de adultos. Foi uma iniciativa inédita e de maior importância. À professora Lourdes Pithan foi confiada a organização e desenvolvimento do programa, então pioneiro no município, e a esse programa ela dedicou o melhor de seus esforços. Sendo, reconhecidamente, uma das melhores alfabetizadoras de crianças, dona Lourdes alcançou, com os adultos, o mesmo êxito, sentindo-se gratificada pelos seus esforços ao inserir na vida social aqueles até então marginalizados pelo analfabetismo. Ao IE ela dedicou toda a sua vida. Ao lado dos saudosos professores William Richard Schisler, Luiza Bianco Ferreira, Maria Rezende de Rezende, Oscar e Cecília Kneip, Eduardo e Ediles Otto e outros tantos, que fizeram do velho educandário do Boqueirão uma lenda e um celeiro para o meio cultural do Estado, dona Lourdes está, por certo, no coração reconhecido de tantos nomes, hoje ilustres, que receberam dela a luz da alfabetização e a preparação para a vida. Filha de José Francisco Silva e Irene Graebin Silva, Lourdes da Silva Pithan nasceu em Passo Fundo, no dia 2 de março de 1924. Casada com Ruy Pithan, teve os filhos Ruy Pithan Filho (já falecido), Eduardo Pithan (médico, residente em Porto Alegre), Brunilde Pithan Mader (residente em São Paulo) e José Francisco Pithan (residente em Porto Alegre). Concluiu o curso de magistério, que, na



época, chamava-se curso Normal, no colégio Centenário de Santa Maria, onde lecionou por alguns anos. Em 1945 passou a lecionar no IE, onde trabalhou por mais de trinta e cinco anos. Membro atuante da Igreja Metodista, por diversas vezes foi Presidente da Associação das

Senhoras Metodistas. Em 1976 foi escolhida como a “Mãe Iense do ano”. Por indicação da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, A Prefeitura Municipal denominou como “Parque Infantil Professora Lourdes Pithan” o parque de recreação situado num dos canteiros centrais da Avenida Brasil, próximo ao IE. Dona Lourdes faleceu em seis de junho de 1987.



Lúcia Palma (de vestido escuro) e seus amigos do CREATI

LÚCIA TEREZINHA S ACCOMORI PALMA – Esta passofundense, nascida em 9 de dezembro de 1948, filha de Leonildo e Ezita Saccomori, optou, como profissão, pela área da Educação.

Formada pela UPF em Pedagogia e Letras, gerontóloga pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com linha de pesquisa sobre Educação Permanente e Qualidade de Vida, em 1990 despertou para sua nova e definitiva paixão: a gerontologia, quando participou da criação do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade – CREATI – da UPF. Foi sua Diretora de Atividades até 1996, quando assumiu a coordenação do Centro e, a partir de então, reformulou o Programa dentro dos princípios de Educação Permanente, inserindo-se no movimento latino-americano das UNI 3. Foi Presidente da R.U.A (Rede Latino-americana das Universidades Abertas), e representa o Brasil na Federação Internacional das Associações de Pessoas de Idade – FIAPA, atividades que desempenha no âmbito internacional. Nacionalmente, é membro da Comissão do Concurso de Especialista em Gerontologia da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, da Comissão Científica da SBGG/seção RS e vice-presidente da Associação Nacional de Gerontologia do Rio Grande do Sul. É membro do Fórum das Instituições de Ensino Superior, com ações voltadas ao envelhecimento. Recentemente, foi eleita conselheira do CONDEPRO. Também exerce o cargo de Assessora para Assuntos Internacionais e Interinstitucionais na Universidade de Passo Fundo. Tem dois livros publicados sobre o tema envelhecimento: “Educação Permanente e Qualidade de vida: Indicativos para uma velhice bem sucedida” e “Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre Gerontologia Social”, como organizadora, junto com Carmem Schons. Foi selecionada como bolsista pelo governo israelense para o curso de aperfeiçoamento em Haifa, Israel (1994), sobre “Serviços para Terceira Idade na Comunidade e na Família”. Em 1999, pelo Programa Itecampus, participou, também como bolsista, na Universidade de Barcelona, Espanha, de atividades na cadeira de “Sociologia Gerontológica”, junto ao Máster em Gerontologia, tendo como tutor o dr. Moragas. Neste ano de 2001 foi outra vez selecionada, como bolsista, na modalidade de professor, para a área de “Sociologia do Bem-Estar e da Velhice”, na Universidade de Múrcia, igualmente na Espanha, sob a tutoria do dr. Pedro Vera. Os estágios na Espanha ampliaram não só seus conhecimentos como também suas relações com universidades e profissionais da área de educação gerontológica. Colocaram-na

em contato com o envelhecimento e a velhice dos países desenvolvidos, nos quais pode constatar a forma séria com que tratam este tema e as tecnologias usadas com a preocupação em oferecer qualidade de vida às pessoas que envelhecem, sob forma de serviços e de atendimento à saúde. Essa experiência adquirida é toda repassada para o seu trabalho junto ao CREATI UNI 3, como prevenção e promoção de uma velhice bem sucedida da comunidade passofundense. Como pedagoga gerontóloga, Lúcia Palma realiza-se ao perceber que os participantes do programa encontram na Universidade satisfações educativas e culturais. Na educação percebem um novo sentido em suas vidas, fazendo-se receptores de um bem cultural e social até agora reservado a outras gerações. Mesmo na terceira fase da existência, sentem-se capazes de realizar profundas transformações através de uma maior participação pessoal e interativa na sociedade em que vivem. Entusiasta, vibra ao ver surgir um adulto maduro ou idoso universitário com possibilidades de desenvolver suas potencialidades, com experiência e maturidade, trilhando um caminho de enriquecimento e re-inserção, constituindo-se sujeito e protagonista de sua existência. Lúcia é viúva de José Carlos Palma, que foi uma das pessoas muito queridas na sociedade passofundense, especialmente na área dos esportes, falecido prematuramente. Tem três filhos: Andréa (cirurgia-dentista, residente em Marcelino Ramos RS), Carla (farmacêutica em Porto Alegre -RS) e Marcelo (acadêmico de Direito na UPF).





LUCIANE AMARAL CORREA – Aos profissionais do Direito, há pouquíssimo tempo atrás, quando lhes era apresentada a ocasião de participar de audiências com a presença de magistrados, especialmente nas varas federais, a quase totalidade deles sequer preocupava-se com a pessoa física do juiz, ou, melhor explicando: cada um sabia que tinha que apresentar seu trabalho e, conforme seu arrazoado fosse melhor ou pior do que o do profissional que representasse a outra parte, quase que se podia ter uma idéia da sentença, pois, principalmente no Rio Grande do Sul, a capacidade e a imparcialidade do Judiciário são notórias e históricas.

Assim, acostumaram-se a lembrar muito mais dos nomes dos juízes e das câmaras ou comarcas a que pertenciam, do que propriamente de suas fisionomias. Com a entrada das mulheres nessa área tão exclusiva, isto começou a mudar, de uma forma quase que obrigatória, pois qual o advogado que seria tão insensível a ponto de não perceber as diferenças na entonação da voz e na presença física tão atraente de tantas juízas, procuradoras, oficiais de cartório etc. que hoje já são comuns no universo jurídico nacional? Esta breve introdução é necessária quando se trata de pessoas como a dra. Luciane Amaral Correa, filha do saudoso dr. Alcione Niderauer Correa e Silésia M. A. Correa, nascida em Passo Fundo em 25 de maio de 1970 e hoje, como o pai, é Juíza Federal Substituta. Luciane ingressou na faculdade de Direito através da UPF, mas formou-se na UFRGS, em Porto Alegre. Em 1992, então com 23 anos, foi a única gaúcha aprovada no concurso para Juiz Federal Substituto. Tirou o 3º lugar entre os apenas seis candidatos aprovados, entre 1.500 inscritos. Na época foi a mais jovem juíza da história da magistratura nacional. Coincidentemente, quando seu pai, o dr. Alcione, prestou concurso para Juiz do Trabalho, também tirou o terceiro lugar, e, igualmente, na época, foi o mais jovem juiz a assumir esse cargo. A dra. Luciane trabalha na 14ª Vara da Justiça Federal em Porto Alegre. É professora de Direito Constitucional Público na Escola Superior da Magistratura Federal. Fez mestrado em Direito do Estado na PUC gaúcha e é uma das autoras do livro “A Constituição Concretizada Construindo Pontes com o Público e o Privado”, editado no ano 2000.





LUCIANE MERLIN BERNIERI – Que ninguém se engane com a aparência bonita e delicada da jovem Luciane. Muito menos se vier a saber que ela, em 1990, ingressou na Faculdade de Letras da UPF, formando-se em 1993, o que a tornaria uma Professora de Língua Portuguesa. Ou ainda que, em 1994, ingressou na Faculdade de Direito, também na UPF, formando-se advogada no ano de 1999. Pois esta jovem, nascida em 29 de março de 1973, na cidade de Sertão (RS), filha do casal Lídio Bernieri e Valdéres A. Bernieri, irmã da Viviane e do Tiago, exerce uma atividade que, até bem pouco tempo atrás, era exclusividade masculina. Luciane

é Escrivã de Polícia. Ingressou na Academia de Polícia em Porto Alegre em 1995, onde ficou por seis meses, recebendo ensinamentos de técnicas de investigação, defesa pessoal, técnicas de tiro e outras disciplinas relacionadas com a área policial. Durante o curso, não teve problema nenhum ao praticar o treinamento com armas de fogo, mesmo que nunca tenha pegado um revólver antes. O fato curioso é que algumas colegas tiveram dificuldade no treino com o revólver calibre 38, cujo gatilho, mais duro do que o das armas semi-automáticas, fez com que algumas tivessem que fazer musculação específica para o dedo indicador, para ter força suficiente para disparar a arma com uma só mão. Luciane diz que prestou o concurso para a Academia de Polícia por acaso, pois nunca tinha pensado em ser uma policial. Depois do curso, e, com a prática na função, ela aprendeu a gostar do seu trabalho e pretende seguir com a carreira, sempre estudando e se atualizando. Seu próximo passo, será, provavelmente, o concurso para Delegada de Polícia. Como escrivã, tem o dever estatutário de portar arma de fogo, mas isso não a incomoda de forma alguma. No desempenho da função, uma das coisas que ela observa, em relação à diferença entre os policiais homens e as mulheres, é que, por exemplo, ao conduzir um depoimento, os suspeitos reclamam das minúcias que ela pergunta, e alguns chegam a dizer que “tratar com mulher é fogo”.



LUCILA VIEIRA SCHLEDER RONCHI – A primeira Rainha da Cidade de Passo Fundo nasceu nesta cidade, em 16 de setembro de 1914. Filha de Guilherme



Schleder e Maria Conceição Vieira Schleder, casou-se com o médico dr. Severino Ronchi. Foi professora de Língua Portuguesa, por muitos anos, no Instituto Educacional. Em sete de abril de 1938 foi uma das fundadoras do Grêmio Passo-Fundense de Letras, mais tarde transformado na Academia Passo -Fundense de Letras. Na época, essa foi a primeira associação literária no interior do estado. Dona Lucila foi membro atuante da Associação das Senhoras Metodistas. Ficou noiva por nove anos do então poeta e jornalista Severino Ronchi, com o qual se casou, em 1938, logo após a formatura deste em medicina, na capital Porto Alegre. Também lecionou as disciplinas de química, física, história e ciências naturais, no IE. Dotada de singular beleza, em 1936 o Grupo Record promoveu o concurso Rainha de Passo Fundo, vencido por

Lucila. Por seus trabalhos literários e por sua marcante atividade no magistério, dona Lucila recebeu, em 1997 o diploma do Mérito Acadêmico, oferecido pela Academia Passo-fundense de letras. Ela veio a falecer recentemente, no ano de 1999. Nunca teve filhos.





LURDES CANELLES – Nascida em Nonoai (RS), filha de Angelo Fernandes Canelles e Nair Ana Canelles, a administradora de empresas e professora Lurdes Canelles realizou seus estudos básicos no Colégio Nossa Senhora das Graças e Ginásio Estadual de Nonoai e Colégio La Salle, de Carazinho(RS). cursou a faculdade de Administração de Empresas da UPF, com cursos de formação de professores e licenciatura nas disciplinas de Contabilidade e Custos e Economia e Mercados. Fez cursos de especialização em Computação Aplicada ao Ensino – pós- graduação lato sensu, na UPF. É professora na rede pública estadual desde 1977, tendo sido professora de contabilidade no Colégio Conceição. É Professora no curso de pós-graduação em Informática Aplicada à Educação na UPF. Foi Secretária Municipal de Turismo, Cultura e Desporto, no período de 1994 a

1996. Também na área política, foi vereadora eleita na Legislatura 97/2000. Foi líder da bancada do PMDB e 1ª Secretária da mesa diretora, além de Secretária dos Dirigentes de Cultura do RS e membro do Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo. A prova de seu dinamismo e versatilidade está no fato de ter sido a primeira mulher pára-quadista de Passo Fundo, no ano de 1971, aos 21 anos de idade. Quando se elegeu vereadora, em 1996, foi a única mulher a conseguir este feito, naquela eleição. Fez a expressiva votação de 1257 votos. Lurdes costuma dizer que sua atuação política é sempre com o objetivo de contribuir para que as desigualdades sociais sejam diminuídas, construindo uma Passo Fundo melhor. Sempre procurou tomar decisões acertadas, apresentando projetos que beneficiaram a sociedade, mesmo que precisasse desafiar limites e criar soluções para velhos problemas. Foi uma das grandes incentivadoras do Festival Internacional do Folclore, sendo que foi um projeto de sua autoria que oficializou o evento, que se tornou, hoje, um dos maiores no gênero em todo o estado. Esta mulher idealista e trabalhadora incansável tem dois filhos, Rafael e Felipe Canelles Muller.





LYDIA ONGHERO FAZOLO - Esta ex-Delegada de Ensino nasceu em Chapecó(SC), filha de Mansueto Onghero e Dozolina Zamprogna Onghero. Casou-se com Alberto Fazolo e tem os filhos Verena e Tiago. Filha de humildes agricultores, cursou o primário e ginásial (equivalentes ao 1º e 2º graus, na época), em Chapecó. Entre 1958 e 1961 fez estudos de formação religiosa, no Colégio São José, em Erechim, chegando a professar os primeiros votos ao final desse curso. Não chegou a seguir a carreira religiosa, porém. Mais tarde, atuou como nutricionista e chefe de cozinha em hospitais de Erechim , Getúlio Vargas e no Hospital São Vicente de Paula, em Passo Fundo. Nesse período, completou o 2º Grau no CENAV. Em 1974, desligou-se da Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora e passou a cursar

a Faculdade de Economia Doméstica na UPE. Começou também a lecionar no interior do município, dentro do projeto UMIT (Unidade Móvel de Iniciação ao Trabalho). Lecionou na Escola João de Cesaro, ao mesmo tempo em que dirigiu a confeitaria e a cozinha do supermercado da Cia. Zaffari. No ano de 1988, assumiu a direção da Escola CIM João de Cesaro. Em 1991, aceitou o convite para assumir a Delegacia de Ensino, onde ficou por dois anos. Lydia costuma dizer que , no período em que foi Delegada de Ensino, precisou administrar com mão de ferro, o que desagradou a muitas pessoas, e que sua saída do cargo teria razões políticas. Lembra, entretanto, que, em sua administração, foram implantados importantes projetos, como a instalação da escola Aberta, CIEP da Vila Bom Jesus, Sistema de Informatização e muitos outros, sendo que o mais importante, sob sua análise, foi o Projeto Pedagógico, coordenado pela eficiente professora Iara Forcelini Caierão. Dona Lydia faz questão de lembrar das assessoras, professoras Sirlei França Cardoso e Helena Rotta de Camargo. Durante sua gestão, foram atendidos, pela 7ª DE, 30 municípios, 153 escolas, 3.320 professores e 50.420 alunos.





MANOELA BERTAGNOLLI – Esta bela jovem passo-fundense com 22 anos de idade, é filha de Ronald Bertagnolli e Sandra Carneiro. Solteira, formada em Jornalismo pela UPF, foi escolhida Miss Itália Nel Mondo – Brasile, em 1996, para representar o Brasil no concurso mundial, realizado na própria Itália. O concurso Miss Itália in the World é realizado todos os anos pela RAIUNO (empresa italiana de telecomunicações), em parceria com os organizadores dos concursos de misses da Itália. Este concurso tem como objetivo principal cultivar as raízes italianas em todo o mundo e estreitar os laços de descendentes italianos.

Apenas as mulheres descendentes de italianos em países credenciados para o concurso estão aptas a participar dessa escolha. Em todo o mundo, são mais de 50 países com descendentes italianos, e, dentre esses, o Brasil é o país que mais descendentes de italianos possui. Na Itália, o concurso é chamado de Miss Itália Nel Mondo, e as mulheres italianas que lá residem não podem participar da escolha, apenas as descendentes de antepassados que já tenham deixado o país

tem esse privilégio. A final do concurso, é realizada em Salsomaggiore Terme, uma estação de águas termais muito popular naquele país, conhecida também como “cidade das misses”, porque, além do Miss Itália Nel Mondo, lá também é realizado o concurso para



eleger a própria Miss Itália. Há um hotel especial onde todas as misses ficam hospedadas, onde são tratadas como verdadeiras rainhas, preservadas em sua importância. Na semana em que é realizado o concurso Miss Itália Nel Mondo, as misses ficam sob vigilância dos seguranças, bem como da equipe da TV RAIUNO. São desenvolvidas diversas atividades para que, no dia em que o programa for ao ar, tudo esteja perfeito. Manoela Bertagnolli, em 1996, foi escolhida para representar o Brasil nesse concurso. Concorreu com outras 20 candidatas, e as provas a que foram submetidas variaram desde entrevistas com jurados a portas fechadas até o desfile na passarela. Para ficar atualizada com a situação dos italianos no Brasil, Manoela fez aulas de História. No ano em que concorreu, 1996, tinha apenas 17 anos. Havia 28 candidatas representando 22 países que enviaram descendentes italianas que neles residiam. Com a exceção de alguns quadros que foram gravados com antecedência, tudo foi ao vivo, com a apresentação de Paolo Bonolis, que entrevistava as candidatas no ar. A proposta de Manoela no concurso foi de ressaltar seu avô, Pedro Bertagnolli, que foi um dos pioneiros da cultura de trigo no Brasil, pois o motivo desse concurso é perpetuar a memória e mostrar o trabalho e o valor dos imigrantes italianos através do mundo. Seu traje típico era um chiripá com bordados de trigo no colete. Manoela teve de passar três meses com aulas diárias de italiano, para aprender o idioma, aulas essas ministradas por um italiano nato. O concurso, propriamente dito, deu-se em várias etapas, todas acontecendo na mesma noite, com a opção de votação por telefone dos telespectadores. Num primeiro momento, tirou-se oito candidatas, ficando vinte. Depois, desclassificou-se mais dez, depois mais cinco. Das cinco, restaram três, entre as quais, Manoela. A vencedora foi a candidata da Suíça, a segunda era do Canadá e a passo-fundense Manoela, representante do Brasil, ficou em terceiro, tornando-se, assim, em 1996, uma das três descendentes de italianos mais belas do mundo.





MARA DA GRAÇA CARPES DO VALLE

- A simpática, extrovertida e alegre professora Mara Carpes do Valle é natural de Passo Fundo, filha de Aurino Schanes do Valle e Ercília Carpes do Valle. É professora formada pela Escola Nicolau de Araújo Vergueiro (hoje EENAV) e licenciada em Ciências e Matemática pela Universidade de Passo Fundo. Fez pós-graduação em Produção e Conhecimento de Ciências e Matemática, em 1996, também pela UPE. Exerceu suas funções de magistério em diversos estabelecimentos de ensino, como o Ginásio estadual Bandeirantes de Sertão (RS), Escola Estadual Santo Tomás de Aquino, de Marau(RS), Antonino Xavier de Oliveira e Escola Estadual de 1º e 2º Grau

Protásio Alves, ambos em Passo Fundo. Foi ainda supervisora de Matemática na 7ª Delegacia de Ensino e atuou junto ao Laboratório de Matemática da UPE, no período de 1994 a 1997. Participou de diversos cursos, seminários e congressos de âmbito nacional e internacional referentes à sua especialidade de ensino, ou seja, nas áreas das ciências exatas e da comunicação. Com um trabalho reconhecido pela comunidade acadêmica, Mara tem inúmeros artigos referentes à Matemática, seu uso e aplicação, publicados nos jornais locais. Atualmente, aposentada, ela assessora o professor Alcides Sartori no Centro de Aperfeiçoamento Pessoal, em Passo Fundo, onde se desenvolvem cursos de Oratória, Português, Inglês, Francês, Matemática e palestras nas áreas de Comunicação, Auto-Estima e Ciências Exatas. O CAP, como é conhecido o Centro, também presta assessoria a empresas do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros na área da Comunicação e do Aperfeiçoamento Pessoal. Filha de um dos pioneiros em vendas na região, o sr. Aurino, e irmã da poetisa Jurema Carpes do Valle, Mara sempre foi uma jovem presença que traz alegria e alto astral aos ambientes que frequenta. Participante, bem informada, é daquelas pessoas com as quais o tempo parece passar depressa demais. Versátil, dotada de uma cultura geral abrangente, de uma fidelidade aos amigos rara, na época atual, Mara está bem à vontade nas atividades que agora realiza, onde são exigidos, além dos requisitos básicos de cultura e conhecimento, uma capacidade natural para a comunicação.



MARA LÚCIA BERTOLDO BALEN – A professora e pintora Mara Lúcia é natural de Passo Fundo, filha de Osvaldo e Zelinda Bertoldo. Casada com o engenheiro civil Edival Silveira Balen, tem os filhos Leonardo e Lauren. Fez os estudos básicos no colégio Notre Dame e, mais tarde, formou-se nos cursos de

Educação Artística e Aperfeiçoamento em Artes Plásticas pela UPF, com Curso de Decoração e Desenho de Interiores no Centro de Artes e Decorações de Passo Fundo.. Há doze anos é professora no Instituto Educacional. Está cursando Língua italiana na Societá italiana de Passo Fundo, pois pretende expor seus trabalhos na Itália. Está idealizando exposições de suas telas em Passo Fundo e outras cidades. Sua vocação para a pintura é uma coisa natural. Suas telas procuram retratar figuras humanas em diferentes situações de vida. Sua inspiração, na criação dos trabalhos, vem muito de suas viagens. Há alguns anos, em viagem ao Mato Grosso, passou a metade de suas férias pintando um quadro para presentear-lo a um irmão. Na foto abaixo, a artista junto a um painel de sua autoria.





MÁRCIA KOZMA BENINCÁ – Márcia Fontoura da Silva Kozma nasceu em Passo Fundo, no dia 4 de abril de 1939, filha do médico radiologista (nascido em Budapest – Hungria) dr. Miguel Kozma e Eulina da Silva Kozma (Dona Pinta), natural de Coxim (Mato Grosso), ambos passo-fundenses de coração. Seus irmãos são Miguel Carlos Fontoura da Silva Kozma, residindo em São Paulo e atual Secretário Adjunto dos transportes Metropolitanos do Governo paulista e Gerson Amauri Fontoura da Silva Kozma, Diretor Administrativo das Companhias de Transmissão de energia Elétrica Paulista e Empresa Paulista de Transmissão de Energia (antiga CESP), em São Paulo, capital. Márcia fez o Curso Normal na Escola Normal Osvaldo Cruz



Márcia, no carro alegórico, desfilando na avenida Brasil

e o Curso de Letras na Faculdade de letras da UPE. O ano de 1957 foi muito especial para a jovem e bela Márcia. Comemorava-se, nessa época, o 1º Centenário

de Passo Fundo, e tinham de escolher uma Rainha. Convidada a participar do evento, Márcia foi eleita a Rainha do Primeiro Centenário do Município e este fato foi muito marcante em sua vida. Conforme ela mesma diz, hoje ela conta aos netos sobre suas emoções e eles vibram, procurando entender o significado desse título. Nesse mesmo ano, ela iniciou o namoro com o também passo-fundense Dr. Carlos Alberto Benincá, médico como seu pai. Em julho de 1959 os jovens estavam casados, e, dessa união, vieram três filhos : Sílvia Benincá, publicitária, casada com Fernando Toson (deram-lhe os netos Franco e Manoela Benincá Toson); Tânia Benincá, arquiteta, casada com Elísio dos Santos Graeff (com o neto João Pedro Benincá Graeff) e Carlos Benincá, Administrador de Empresas, que cuida dos negócios da família, casado com Ciomara Ribeiro da Silva (com duas netas : Maria Eugênia e Amanda). Em 1959, Márcia foi contratada para lecionar no Grupo Escolar da Vila Santa Maria, de onde foi transferida para Serafina Correa, na época pertencente ao município de Guaporé (RS), onde passou a residir, acompanhando o esposo que lá exercia a profissão de médico. Ficou naquela cidade por quinze anos, quando retornou a Passo Fundo para acompanhar os filhos, que passaram a concluir os estudos nesta cidade. Nos anos 70, retornou ao Curso de Letras na UPF e fixou residência em Passo Fundo, enquanto seu



O flagrante mostra o saudoso Maurício Sirotski Sobrinho, o criados da RBS (na época, locutor de Rádio muito conhecido), entregando uma jóia à Márcia

marido continuou trabalhando em Serafina Correa até seu falecimento, em 1983, deixando um vácuo até hoje não preenchido. Em 1974, quando retornou a Passo

Fundo, a professora Valéria Gehm da Costa assumiu como Delegada da 7ª Delegacia de Educação e, como Márcia era sua amiga de infância e colega de estudos desde o Jardim de Infância até a Faculdade, ela foi trabalhar na 7ª DE como Assistente de Gabinete, atuando mais diretamente com a Delegada Adjunta, Marlene Flores da Silva, também sua amiga e colega desde a infância. Lá permaneceu até sua aposentadoria, em 1983, após 25 anos de magistério.





MÁRCIA SIMONE GRASSI – Pode-se dizer que a jovem Márcia foi dos oito aos oitenta quando, de professora de escolinha infantil tornou-se escritvã de polícia. Nascida em Passo Fundo, filha de Paulo Walter Grassi e Nair Grassi, tem uma irmã, Marlusa, também escritvã de polícia. Casada com Francisco Paulo Rodrigues de Camargo, tem o filho Jean Paulo Grassi de Camargo e a enteada Suziane Freiras de Camargo. De voz suave e gestos delicados, Márcia estudou na Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, onde fez o 1º e 2º graus, este último com Habilitação para o Magistério. Após a conclusão do 2º Grau, fez vestibular para o Curso de Letras, pensando em tornar-se professora. Frequentou a universidade por algum

tempo, mas não chegou a terminar o curso. Sempre achando que seria professora, Márcia criou uma escolinha de recreação infantil, chamada "Pimplinho", que funcionou de 1992 a 1995, junto à Praça do Hospital da Cidade, e também a meia quadra de onde se situava a Delegacia Regional de Polícia. Talvez essa proximidade com um posto policial ou o fato de ter um primo, dr. Sérgio Luiz Grassi Beck, que é Juiz de Direito, ou seu pai ter trabalhado como escrivão judicial no Fórum de Passo Fundo, ou um pouco de cada coisa, tenham influenciado a futura professora a seguir a carreira policial. O fato é que, no ano de 1994, ela fez concurso para ingresso na Polícia Civil. Passou, e formou-se escritvã em 1996. Antes de ir cursar a Academia de Polícia em Porto Alegre, prestou estágio na 1ª DP de Passo Fundo. Depois de concluído o curso, foi lotada nesta cidade, onde iniciou sua carreira profissional junto à Delegacia de Trânsito. Trabalhou também na 3ª DP, uma das mais movimentadas da cidade, e, atualmente, está lotada no Centro de operações da polícia Civil, cuja titular é a Delegada Cláudia Cristina Santos da Rocha, primeira Delegada de Polícia de Passo Fundo. Hoje, Márcia não se arrepende da sua opção profissional. Seu trabalho nunca é rotineiro e é sempre repleto de desafios. Por ser mulher e policial, Márcia diz que nunca se sentiu discriminada, mas, às vezes, no começo da carreira, ela recebia algumas observações jocosas por parte dos colegas homens, as quais ela sempre recebeu como consequência do espírito brincalhão do que por preconceito dos companheiros, já que sente ter seu trabalho respeitado e valorizado. Ademais, sente-se absolutamente à vontade no meio policial, pois seu marido e sua irmã também fazem parte da instituição.

MARIA AMABILE ZAMBENEDETTI (Irmã Guiomar) – Esta religiosa, filha de Luiz Zambenedetti e Rosa Lunardi Zambenedetti, nasceu em Porto Alegre no dia 1º de abril de 1929. Quando jovem, insistiu com seus pais porque queria ingressar na vida religiosa e, quando o fez, por opção integrou-se à Congregação Franciscana Missionárias de Maria Auxiliadora para poder dedicar-se inteiramente ao trabalho missionário, favorecendo pessoas humildes e, especialmente, crianças abandonadas. Começou, então, sua longa carreira de benemerência, e, com outra missionária, Irmã Consolata, fundou obras de caridade junto à sociedade Vicentina de Erechim. Como tinha curso de enfermagem, a Irmã Guiomar (seu



nome religioso) percorria todos os municípios da região do Alto Uruguai para atuar, na área da saúde, junto aos indigentes. Em 1965 foi transferida para Passo Fundo e passou a trabalhar no Lar da Menina. Também trabalhou em

Marau, como Diretora da Escola Cristo Rei, e lá fundou, junto com o padre Turra, o Coral Juventude Canta. Em 1969 participou de estudos franciscanos para a América Latina, no Rio de Janeiro. Voltou a Passo Fundo e foi trabalhar na Escola Maria Dolores de Freitas Barros, na Vila Santa Marta, que era, na época, uma das mais pobres da cidade, como voluntária. A irmã Guiomar sofria muito ao ver as crianças famintas e quase sem roupas que iam à escola, e resolveu que era necessário a instalação de uma congregação de fraternidade naquele bairro. Arrecadando doações e com o trabalho braçal dos moradores da vila, foi iniciada, em 1972, a construção da creche. Irmã Guiomar e mais três colegas tiveram que residir numa pequena peça, na Igreja da Vila, durante o período de construção. Nos dias de chuva tinham que se proteger com plásticos, para poder dormir. Em 1974 foi inaugurada a creche, que recebeu o nome de São Francisco. Mais tarde, oficializada pelo Poder Público, e já atendendo como uma escola de 1º grau, passou a denominar-se Sociedade Cultural Recreativa e Beneficente São João Bosco – SOCREBE. A Vila Santa Marta, antes muito pobre e considerada marginal,

creceu e melhorou a qualidade de vida de seus moradores depois da criação da SOCREBE. O bairro, aliás, pode ser classificado em duas épocas: antes e depois da SOCREBE. Em 1997 a Irmã Guiomar recebeu, merecidamente, o título de Cidadã Honorária de Passo Fundo, em projeto apresentado pelo vereador Luiz Miguel Scheiss. Atualmente, a Irmã Guiomar continua a dirigir a SOCREBE, que atende a centenas de crianças e adolescentes da Vila Santa Marta. Ela costuma dizer que essa obra é uma obra de Deus, pois muitas e muitas vidas foram salvas, dentre todos os que por lá passaram, e hoje conseguem viver com dignidade.





MARIA ANGÉLICA WEISSHEIMER

– A moça da TV! Neste ano de mudança de século e milênio, será difícil encontrar uma pessoa, moradora na Região do Planalto, entre as dezenas de cidades nas quais chega o sinal da RBS TV de Passo Fundo, que não reconheça este rosto. Angélica, como é mais conhecida, é, inegavelmente, a cara da TV Umbu nos dias de hoje. Nascida em Caxias do Sul (RS), filha do grande locutor e redator Carlos Weissheimer, ainda hoje lembrado por todos os profissionais de rádio da região, e Nelci Weissheimer, irmã da Cristina, Carlos Augusto e Marco Aurélio Weissheimer e mãe do Érviton Quartieri Júnior, esta jovem jornalista, que aparenta dez anos

menos do que seus trinta e poucos anos, consegue prender ainda mais a atenção pessoalmente do que ao vivo, dando as notícias durante o Jornal do Almoço. Bem articulada, objetiva, séria e muito, muito inteligente, esta jovem não apenas conversa, ela palestra sobre os mais diversos assuntos, demonstrando não ser aquela locutora leitora de teleprompter (aparelho que transmite o texto a ser dito na TV ou Rádio) que se costuma conhecer. Ela tem opinião sobre cada assunto tratado, mesmo reconhecendo que, por limitação profissional, algumas vezes não possa dizer-las no ar. Sente os dramas e alegrias que notícia, mas consegue impedir que os acontecimentos externos a atinjam. Mostra matérias chocantes, dolorosas, tristes, mas consegue dizer, com honestidade, que nunca chorou por causa de uma reportagem, até hoje. Ela explica porque: o público tem suas próprias emoções. Ao repórter cabe mostrar o fato. Quem sente a emoção é a audiência. Mostrar a realidade é seu trabalho e, se deixar-se envolver, ela estará se desgastando como pessoa e falhando como jornalista. Atuando numa área que forneceu grandes nomes para a História e para a Literatura – basta lembrar do grande Ernest Hemingway (cujas premiadas obras eram fruto de sua experiência jornalística) ou Woodward e seu colega do Washington Post cujas reportagens depuseram Nixon) – todos homens, Angélica, hoje, faz parte de um crescente grupo de mulheres que conseguiram a credibilidade do público suficiente para que se acreditasse em “palavra de mulher”. Quando ela diz gostar do que faz, sente-se convicção em sua voz. Tanto que já recusou convites para assumir

postos na Capital, porque entende que seu trabalho rende mais aqui, no grande interior. Por que essa profissão? Ela mesma diz que tem gente que parece nascer com marca profissional registrada, como se fosse uma missão nesta vida. A sua marca ela tem certeza que é o jornalismo. Ela lembra que ficava olhando os pais trabalhando na Rádio Municipal de Passo Fundo, quando criança. Seu pai, já falecido (o conhecido Carlos Weissheimer), ganhava pouco, mas amava a profissão. Seu padrinho de batismo, Gildo Flores, era gerente de Rádio. Herança de família ou não, ela cresceu igual. Entrou para a televisão por acaso, quando, aos dezoito anos, foi contratada para ser apresentadora do jornal do Almoço na RBS TV Passo Fundo. Sentiu-se em casa e ficou. Sua dedicação e experiência foram aumentando com os anos e, atualmente, é a primeira mulher a ocupar o cargo de Coordenadora de Telejornalismo na emissora de Passo Fundo, quando, até agora, penas os homens dominavam o editorial. Das coisas que fez e gosta de lembrar, uma delas foi quando ingressou no CIOFF, a convite do dedicado amigo Paulo Dutra, e teve a oportunidade de conhecer culturas diferentes. Viajou para a Grécia, Taiwan, Rússia, Israel, Bélgica, lugares magníficos, cada um com sua história. Angélica costuma dizer que viajar renova a alma. Pessoalmente, uma de suas paixões são os animais. Adora ter bichinhos em casa. Não dispensa cães e gatos. Quanto a esportes, uma surpresa: seu coração pertence ao pára-quedaismo, embora não pratique mais. A admiração pelos amigos que fez, a lembrança dos bons momentos de “queda” e a sensação de voar vão acompanhá-la por toda a vida. Planos para o futuro? Angélica diz não se preocupar com isso. Do futuro nada sabe ou espera. Vive o “agora” com toda a intensidade. Tem muita energia e não quer guardá-la para depois. Ama as boas pessoas e deseja isso para seu filho. A moça da TV já tem seu lugar na História.





MARIA AUGUSTA CORRÊA TAGLIARI - A rainha que encantou a sociedade passo-fundense é filha de Valdomiro Corrêa da Silva e Maria da Luz Ribas Corrêa da Silva. Nascida em Passo Fundo, iniciou seus estudos no colégio Notre Dame e fez Curso Superior de Música (piano), no Instituto de elas Artes de Porto Alegre. Foi atraída pelo curso por causa das aulas que teve, em Passo Fundo, com a professora Nilza Giovaneti, uma eficiente maestra que deixou sua marca no magistério local, especialmente no CENAV, onde lecionou por muitos anos. Maria Augusta, depois de formada, lecionou Educação Artística no EENAV, onde se aposentou, deixando saudades em seus alunos e colegas professores. Casada com o empresário Alberto Ângelo Tagliari, que também é engenheiro agrônomo e agro-pecuarista, tem

os filhos Cristiano Corrêa Tagliari (casado com Sônia Regina Tagliari e tem dois filhos: Alberto Ângelo e Cristiano) e o mais moço Evaristo Tagliari Neto (casado com Melissa Milano Tagliari e tem duas filhas, Victoria e Valentina). Dos filhos, o primeiro, Cristiano, administra a parte da lavoura e mora em Passo Fundo. O mais jovem, mora em Primavera do Leste, Mato Grosso, onde administra o setor da pecuária. Em 1956, Maria Augusta chamava a atenção por sua beleza e, dentre muitas concorrentes, foi eleita Rainha da Beleza do Carnaval no Clube Comercial. Com uma formação familiar sólida e tradicional, como era costume na época, Maria Augusta era tido como moça recatada, qualidade peculiar que conserva até hoje, mantendo suas atitudes com discrição e modéstia. Mesmo assim, isto não impedia que os rapazes e poetas lhe mandassem mensagens e escrevessem versos como esses, reproduzidos a seguir, do escritor Gomercindo dos Reis:

Maria Augusta

Venho saúda-la Rainha
Nesse trono de beleza
De honra, glória e beleza
Rainha do Comercial!
Maria Augusta é bonita
De uma bondade infinita
De atrativos fascinantes
De um sorriso divinal

Rainha, ó linda Rainha
Que empolga a mocidade
Tem glória e majestade
Nesse reinado de luz
Neste trono rutilante
É tão linda e fascinante
Tão sublime e divinal
Que nos encanta e seduz.



MARIA CÉLIA GIONGO – Ela não conta nem dez por cento do que sabe, e escreve um pouco menos ainda, na página mais lida do *Jornal O Nacional*, de Passo Fundo, nos dias em que publica sua coluna. E nem poderia fazê-lo, se quisesse, sem correr o risco de tumultuar boa parte daquilo que se costuma chamar de alta sociedade local. Maria Célia, conhecida quase que exclusivamente por Célia Giongo, esta advogada, formada pela UPF em 1974, filha do dr. Paulo Giongo (já citado em diversos outros verbetes deste livro, tantas são as áreas nas quais atua) e dona Elaine Machado Giongo, irmã de Maria Helena Giongo Duda (professora), Maria Teresa Giongo (advogada), João Batista Machado Giongo (médico) e Renata Giongo, começou, por assim dizer, no jornalismo social há cerca de dez anos, quando, de colunável, convidada constante

do saudoso Joãozinho Magro, começou a ajudá-lo nos seus últimos meses, tornando-se a colunista social definitiva do *Nacional*, a convite do seu amigo Múcio de Castro Filho, quando a página de Joãozinho deixou de existir. Desde então, Célia revelou-se a substituta ideal de figuras como Horácio César, Laney Lângaro, Décio Ilha e do próprio Joãozinho, tornando-se leitura obrigatória quando se quer saber a quantas anda a sociedade passo-fundense. Com uma filha, Fernanda Giongo Fernandez, acadêmica de Arquitetura, Célia consegue administrar seu tempo atendendo aos inúmeros compromissos sociais, ao trabalho no jornal e ainda viajar, ocasiões em que, via Internet, mantém seus leitores informados com fatos recentes, uma das principais características de sua coluna. Célia conta que nunca toma notas. Ela prefere escrever com o material que guarda na memória. Na hora do trabalho, nunca tem uma idéia pronta do que vai fazer. Senta-se ao computador e aí, o que escrever fica valendo. Com os cuidados naturais que toda pessoa do meio jornalístico deve ter, em relação aos limites da privacidade de cada um, e, pensando nas pessoas ou empresas que mantêm um jornal diário funcionando, ela, muitas vezes, precisou conter o entusiasmo natural do jornalista e teve que dar alguns “furos” escrevendo nas entrelinhas, confiando na velha máxima “para bom entendedor...”. Nunca foi sua intenção, porém, falar mal ou ofender alguém, deliberadamente. Ela apenas foi mais dura em ocasiões nas quais, em favor de algum amigo ou amiga, saiu em sua defesa e teve gente que não gostou, como quando da morte de sua amiga Neusa Maldaner, quando um



A filha Fernanda

comentário seu desgostou a polícia local, que a intimou para prestar depoimento, intimação esta, nunca atendida, por ter sido enviada com o nome errado, para sua irmã, naquela ocasião. Céia, ao longo destes anos, não permitiu que a aspereza do mundo da fofocas e futilidades da vida social contaminassem a doçura de seu temperamento, que a torna uma mulher extremamente meiga, qualidade certamente herdada de seu pai, professor Paulo Giongo, uma das pessoas mais queridas da cidade. A simpatia contagiante e a prosa fácil de Céia faz com que os minutos se tornem horas num estalar de dedos, e quase que se esquece que ela é uma das poucas mulheres na região que praticam o novo colonismo social, aquele no qual são colhidas informações importantes até para quem quer fazer negócios. De espírito democrático, evita tocar em assuntos políticos, pois tem amigos em todos os partidos. Ouve as pessoas que a procuram e as orienta quando lhe perguntam sobre os requisitos necessários para participar de sua coluna. Céia parece estar sempre tranqüila e realizada. Gosta do que faz e é a única no seu gênero. Nessa atividade, dominada, até pouco tempo atrás, por homens, ela tornou-se uma saudável exceção. Maria Célia, no diminutivo Céia, é, definitivamente, uma grande mulher.



A família Giongo reunida. Da esq. para a direita: Maria Helena, Renata, João Batista, dona Elaine, dr. Paulo, Maria Céia e Maria Teresa.





Dona Glorinha (com as flores), Nidia Carnacini e Ney Vaz da Silva

MARIA DA GLÓRIA FRANÇA DA SILVA (GLORINHA VAZ) – Em 22 de fevereiro de 1913, nasceu em São Gabriel (RS), a filha do casal Athanagildo

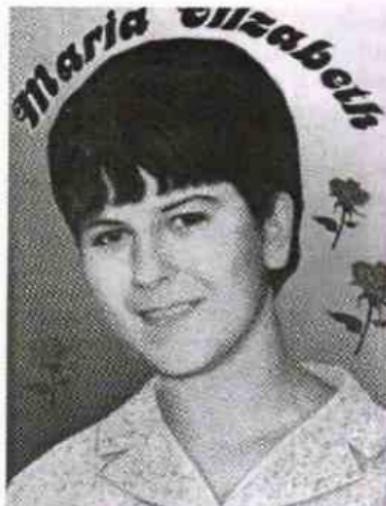
Fernandes França e Amélia Garcia França. Casou-se com Ney de Deus Vaz da Silva em 29 de maio de 1937. Após o nascimento da primeira filha, Marinei, mudou-se para Passo Fundo, em 1946, onde nasceu o segundo filho, Luciano, em 1950. Dona Glorinha viveu e morou em Passo Fundo até 1994, quando passou a morar com o filho Luciano, em Capão da Canoa (RS), após o falecimento do seu querido companheiro Ney. Lá residiu até 2001, quando foi reunir-se com o amado esposo. Durante os cinquenta anos passados em Passo Fundo, dona Glorinha sempre participou de incontáveis atividades beneficentes. Sua maior preocupação foi com a construção do Hospital Espírita Bezerra de Menezes, atualmente Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes. A criação desse Hospital foi uma idéia prometida em preces pela amiga Helena Lângaro. Seu filho Luciano é que conta: “Esta dupla de espíritos, irmãos em outra vida, juntou-se à saudosa Nidia Carnacini e, com o apoio constante dos maridos Ney, Valdemar e José, jamais descansaram enquanto o Hospital não foi concluído. A senhora Mariquinha Bastos uniu-se, posteriormente, às três, colaborando com a obra”. Dona Glorinha costumava encantar as pessoas em Capão da Canoa, quando contava como ela e suas companheiras, muitos anos antes de se falar em ONGs e Associações dos Direitos Humanos, criavam múltiplas formas de ajudar as pessoas carentes, angariando fundos, sensibilizando corações para problemas que poderiam ser resolvidos apenas com o apoio comunitário. Até o último de seus dias, dona Glorinha dava aulas de crochê e de artesanato com fios e costuras, coisas que aprendeu desde a infância e que repartia com os mais jovens. Sempre fazendo novas amizades, nunca deixou de participar das campanhas do Rotary Clube, da sociedade Leão XIII, Cáritas Diocesana, Roupeiro do Centro Espírita Bezerra de Menezes, das sugestões para desfiles de moda, rifas de torta, jantares beneficentes, chás com sorteios ou da “Boutique de roupas usadas” no centro da cidade. Sua religião sempre foi a fé em Jesus Cristo e as leituras para a busca do caminho para ser uma boa espírita e cristã. Doou caixas de livros com literatura espírita para centros

Kardecistas de Passo Fundo e outros tantos para a Universidade e colégios, a fim de colaborar com o desenvolvimento da cultura nessa área ainda desconhecida por muitos. Seus mimos eram as duas netas, Juliana (que mora com a mãe em Porto Alegre e é formada em Turismo) e Paula (casada, residindo em Madri, Espanha, sempre teve espírito de cidadã do mundo, mas com o coração em Passo Fundo). Dona Glorinha e seu esposo Ney organizaram e reuniram a família espírita. Demonstraram sempre ser bons cristãos, respeitando outras religiões, especialmente a Católica, com a qual muito colaboraram através das campanhas sociais, especialmente as da Associação Assistencial Leão XIII, da qual chegaram a ser presidentes, a convite de seu grande amigo Dom Cláudio Colling, Bispo Diocesano. Dona Glorinha sempre dizia: todas as religiões cristãs levam a Deus. Sua figura delicada, miúda, educada, ficará para sempre na memória de todos que tiveram a felicidade de conhece-la. Seu filho Luciano, artista plástico de reconhecido talento, que mora em Capão da Canoa, conforta-se ao dizer que, no dia 4 de agosto de 2001, sua mãe não partiu, mas foi chamada para junto de Jesus e das queridas amigas que a estavam esperando.



MARIA DE LOURDES PAES LEME – Professora, cronista e poetisa, Maria de Lourdes nasceu em Florianópolis, filha de Elpidio da Silva Fragoso e Aurelina Dutra Fragoso. Casou-se em Amaury Paes Leme (já falecido) e teve os filhos Sérgio, Maria Angela e Dóris Paes Leme. Seus estudos começaram no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Florianópolis, cidade onde sua família gozava de grande prestígio, onde seu pai, político influente, havia participado dos governos Hercílio Luz, Felipe Schmidt, Gustavo Richard, Vidal Ramos, Adolfo Konder, Fúlvio Aducci e Nereu Ramos. Ao casar, em 1942, com o então funcionário federal Amaury Paes Leme, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde o casal ficou até 1958. Na década de 60, passaram a residir em Passo Fundo, e dona Maria de Lourdes, que já havia deixado o magistério para dedicar-se à família e à vocação de cronista e poetisa, passou a escrever para o jornal Diário da Manhã, sendo seu primeiro artigo intitulado “A Propósito do Dia das Mães”, publicado em 12 de maio de 1963. Prestou serviços assistenciais no Rotary Clube Passo Fundo Centro, do qual seu esposo foi presidente, na Sociedade de Auxílio à Maternidade e à Infância (SAMI) e no Clube da Saúde Arthur Leite. Seu talento como escritora foi reconhecido quando ingressou na Academia Passo-fundense de Letras, ocupando a cadeira nº 15, cujo patrono é Herculano de Araújo Annes.





MARIA ELIZABETH DE OLIVEIRA – Esta menina, nascida em 6 de fevereiro de 1951, no Hospital São Vicente de Paula, em Passo Fundo, primeira filha do empresário Alcides de Oliveira e de sua esposa Leda Morandi de Oliveira, morta devido a um trágico acidente, numa ensolarada tarde de domingo, no dia 28 de novembro de 1965, às 15 horas e quinze minutos, atingida por uma Kombi desgovernada que a atingiu na calçada da avenida Presidente Vargas, numa esquina a duas quadras da hoje avenida Sete de Setembro (onde, antigamente, passavam os trilhos da Viação Férrea), tornou-se, hoje, motivo de romarias e excursões procedentes de todo o Brasil e dezenas de outros países, alguns até de fora da América do Sul. O motivo dessa devoção não tem uma origem

definida. O que se sabe, de concreto, é o seguinte: quando morreu, Maria Elizabeth tinha apenas um irmão, Roberto, que tinha quatro anos de idade. Dois anos depois da morte da filha, Dona Leda teve a inspiração de pedir a Nossa Senhora Aparecida a graça de ter outra filha, para ocupar o lugar de Bete, como era chamada em família. Na época, aconteceu uma visita da imagem de Nossa Senhora que é venerada na cidade de Aparecida do Norte (SP) a Passo Fundo. Dona Leda fez o pedido a ela, implorando, também, proteção à filha desaparecida. Engravidou em seguida e, por ocasião do parto, que se apresentava difícil, conta-se que Dona Irani Rossal Guimarães, ex-professora de Maria Elizabeth, ofereceu-se para receber todo o sofrimento necessário para que Dona Leda fosse feliz, tendo ela a certeza de que a criança seria uma menina (na época, não havia os, hoje comuns, exames de ultrasonografia). No dia 3 de março de 1968, na mesma hora em que dona Leda havia dado à luz à primeira filha, Elizabeth, nasceu Margareth, sem que a mãe sentisse as dores do parto, que ficaram para Dona Irani – um sofrimento incrível! Margareth, porém, foi logo colocada na incubadeira, pois estava com o corpinho todo preto e um lado do rosto completamente arroxeadado. Na época, diz-se que o médico e as enfermeiras acharam que o bebê ficaria desfigurado. Conta-se que rezaram, pedindo a Maria Elizabeth que interferisse pela irmã e, para espanto de todos, a criança transformou-se de repente, ficando bem clarinha, uma linda criança loura. Margareth, depois de crescida, cursou Jornalismo na Unisinos. Quanto aos milagres, há vários livros sobre o assunto, a maioria deles encontrados na Floricultura Maria Elizabeth de Oliveira, de propriedade de Roberto Morandi de Oliveira, irmão de Maria Elizabeth, situada na rua Teixeira Soares 310, a poucos metros do Cemitério Municipal de Passo Fundo, onde está o corpo da Santinha, como está sendo chamada. Roberto, que residia em São Francisco de Paula, onde trabalhava para a empresa Gaúcha Madeireira S.A. (da qual seu pai, Alcides, era sócio e gerente), voltou para Passo Fundo em outubro

de 1999, para acompanhar de perto essa devoção das milhares de pessoas que se deslocam até o túmulo da irmã. Como era muito solicitado a contar fatos, dar explicações e detalhes sobre a vida da irmã, resolveu abrir essa floricultura, em 6 de fevereiro de 2000, cerca de 35 anos depois da morte da irmã. Com um trabalho particular e quase solitário, ele mesmo cuida da capela mortuária de Maria Elizabeth, pintando-a a cada sessenta dias, em média, arrumando a frente da capela, pois, diariamente, centenas de pessoas fazem peregrinação até o local. Roberto só lamenta que as administrações municipais, até agora, sequer construíram banheiros suficientes no Cemitério Municipal para dar o mínimo de conforto aos romeiros. Na cidade mineira de Uberaba, por exemplo, terra de Chico Xavier, os dirigentes públicos sabem da importância que tem as milhares de pessoas que vêm ao município, trazendo divisas e divulgando o nome da cidade. Pelas palavras de Roberto, fenômeno semelhante está acontecendo em Passo Fundo, onde, diariamente, dezenas de ônibus, especialmente de Santa Catarina, chegam à cidade para visitaçao do túmulo de Maria Elizabeth. Se houvesse melhor estrutura, ele tem certeza de que esse número se multiplicaria cinco vezes mais. Sua irmã mais nova, Margareth, está escrevendo um novo livro, que se chamará Maria Elizabeth de Oliveira, Eternamente Uma Rosa, onde será contada a história de Bete com a família. Quanto aos milagres, num dos primeiros livros de Fidélis Dalcin Barbosa (frei Capuchinho, já falecido) conta que um dos



Dona Leda, o filho Roberto, o marido Alcides e a filha Margareth.

primeiros aconteceu em agosto de 1969 (pouco mais de três anos após a morte de Bete) a sra. Leonilda Jacoby dos Santos encontrava-se no Hospital São Paulo, de Lagoa Vermelha (RS), inconsciente e desenganada pelos médicos, com os rins paralisados e todo o organismo comprometido. Colocou-se sob o travesseiro da moribunda a gravatinha de colegial de Maria Elizabeth e dona Leonilda recuperou-se, sendo que os médicos Dr. Silveira Neto e dr. Agustín Nieto Rey declararam tratar-se de um milagre. A partir daí, muitos outros casos, com pessoas honestas, conhecidas, de boa reputação começaram a acontecer e o nome e a fama de "milagreira" de Maria Elizabeth se espalharam com uma rapidez incrível, transformando-a na "santinha" de Passo Fundo.

se sob o travesseiro da moribunda a gravatinha de colegial de Maria Elizabeth e dona Leonilda recuperou-se, sendo que os médicos Dr. Silveira Neto e dr. Agustín Nieto Rey declararam tratar-se de um milagre. A partir daí, muitos outros casos, com pessoas honestas, conhecidas, de boa reputação começaram a acontecer e o nome e a fama de "milagreira" de Maria Elizabeth se espalharam com uma rapidez incrível, transformando-a na "santinha" de Passo Fundo.



MARIA ELY XAVIER – Nascida na vizinha cidade de Marau(RS), filha de Astrogildo Xavier e Maria Luiza Xavier, em 28 de agosto de 1944, a primeira Miss negra de Passo Fundo era uma bela mulher, alta e de corpo escultural. Em 1978, no concurso para a escolha da Miss Passo Fundo daquele ano, Maria Ely representou o Clube Visconde do Rio Branco. O concurso foi realizado no Cine Pampa, a maior casa de espetáculos da cidade, que estava completamente lotado. Antes do evento, houve uma etapa do III festival de Música Popular de Passo Fundo. Além de Maria Ely, eram candidatas as moças Mirna Loi Schizzi, representando o Clube Juvenil, Maria Teresinha Desordi, representando a Associação dos Cronistas Esportivos e Maria de Fátima Moreira, representante do Grupo de Teatro Amador Delorges Caminha. Esses concursos, cujo objetivo era eleger a Miss Rio Grande do Sul, eram organizados pelos Diários e Emissoras Associados, de Porto Alegre (dos quais fazia parte a extinta TV Piratini). Eleita Miss Passo Fundo 1978, Maria Ely, depois de receber várias homenagens, inclusive do Poder Público local, foi representar a cidade no concurso estadual, que, naquele ano, aconteceu na cidade de Caxias do Sul. Entre as 42 candidatas de todo o estado,

Maria Ely ficou entre as dez primeiras. Atualmente, ela reside em Porto Alegre.





MARIA EMÍLIA CAVALHEIRO LIMA (MARIA GALVES) – Filha de Armando Loureiro Lima e Priscila Cavalheiro Lima, nascida em Palmeira das Missões, ficou órfã de mãe ainda na primeira infância, e órfã de pai na adolescência. Recebeu, por isso, teve sua formação familiar, religiosa e educacional no convívio com sua avó materna Eugi Lima Galves, a qual, mais tarde, por capricho do destino, passou a ser sua tia e sogra. Estudou, em regime de internato, no Colégio Notre Dame, de Passo Fundo, e no Colégio Savigné, de Porto Alegre. Sentindo sempre a falta dos pais, e observando o rigor dos regimes de internato nas décadas de 50 e 60, Maria Emília sabia que, para atingir seu objetivo de preparar-se para a vida precisava resignar-se às dificuldades que apareciam. Após o colégio, com juventude e personalidade

marcantes, ela procurou sua própria independência e realização pessoal. Trabalhou como locutora e na programação musical da Rádio Universidade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.. Nesse tempo, a OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre) apresentou-se sob a regência do maestro Pablo Kamelos, na UFRGS. Coube a Maria Emília fazer uma apresentação sobre as composições clássicas apresentadas pelo maestro, e este fato tornou-a a primeira jovem a realizar tal apresentação ao público. No ano de 1950, foi Rainha do Clube Comercial, recebendo a coroa de sua antecessora, Edite Araújo, com a presença do animador José Lamaison Porto. Em 1963, porém, foi que Maria Emília diz ter recebido seu maior presente de Deus: seu casamento com o dr. Carlos Galves (que se tornou um dos mais conhecidos e respeitados advogados do estado), que foi seu grande protetor nos momentos de solidão e um grande amor que durou até a morte deste. Maria Emília gosta de dizer que foi sua secretária, enfermeira e eterna namorada. Após o casamento, incentivada pelo marido, seguindo sua vocação artística, prestou vestibular para o Curso de Belas Artes na UPE, passando em primeiro lugar. Antes mesmo de terminar o curso, foi convidada para lecionar História da Arte Universal. Após a formatura, continuou seu aperfeiçoamento, fazendo muitos cursos de atualização e especialização, e ficou como titular dessa cadeira por muitos anos. O mundo das artes plásticas e musicais é uma paixão que cultiva até hoje. Teve a felicidade de inaugurar o Prédio “Professor Carlos Galves – Mestre e Fundador” na UPE, na gestão do Padre Alcides Guareschi e o “Foro da Justiça Federal Dr. Carlos Galves” com o Ministro Paulo Brossard. Pessoa extremamente amável e simpática, Maria Galves foi “Destaque” quando aluna na UPE e também “Destaque” como professora da História da Arte Universal,

junto com seu colega Solano Finardi. Foi também escolhida paraninfa da Turma de 1988 por sua amizade e dedicação aos alunos. Sempre atuante em todas as promoções da comunidade, Maria Emilia deslocou a imprensa do Senado da República para a Jornada da Literatura. Também assegurou a publicação do livro "Cacimba de Fogo", de autoria do seu irmão Antonio Augusto Cavalheiro, residente em São Paulo, autor de muitas obras, produtor de longas metragens. Seu maior desejo? Maria Emília responde: "Estudar e incentivar cada vez mais sobre a Arte em geral. Cada um pode criar, criar e criar a seu modo." Seu ídolo? Seu saudoso esposo Carlos Galves, do qual tem sempre em mente os sábios ensinamentos, seu exemplo de mestre modesto, humanista e de espírito solidário. Na foto abaixo, Maria Emilia Cavalheiro Lima, Edite Araújo e o radialista José Lamaison Porto, que viria a se tornar um conhecido político gaúcho.



MARIA FIALHO CRUSIUS – A professora criadora do Laboratório de Matemática da Universidade de Passo Fundo nasceu em São Luiz Gonzaga(RS), em 26 de fevereiro de 1914, filha de Antonio Carlos Fialho e Zulmira Vogt Fialho. Casou-se com Erwin Crusius e teve os filhos André, Paulo Sérgio e Carlos Augusto. Seus netos são Luciano, Marcelo, Cassiano, e Mariano (filhos de Paulo Sérgio e Delcídia Crusius), Andréia, Audrey e André (filhos de André e Gláucia Crusius) e Cezar e



Tarsila (filhos de Carlos Augusto e Yeda Crusius). Tem ainda os bisnetos Rodrigo, Sofia, Gabriela, Helena, João Guilherme e Vinícius. Dona Maria perdeu o pai muito cedo, quando tinha apenas quatro anos. Sua mãe, viúva aos 22, nunca mais se casou, e criou os filhos, Maria e Rosauro, enfrentando muitas dificuldades. Residindo em São Leopoldo (RS), Maria conseguiu concluir o Curso Normal (equivalente ao atual Magistério), mas seu irmão Rosauro, que estudava no Colégio Militar, morreu afogado, vítima de uma enchente, no Rio de Janeiro. Dona Maria só começou a lecionar quando se casou. Vieram morar nesta região e, enquanto o sr. Erwin trabalhava em Carazinho, ela lecionava em Colorado. Lecionou Alfabetização e, posteriormente, Matemática.

Foi Diretora da Escola Normal Osvaldo Cruz, em Passo Fundo, de 1940 a 1945. Após deixar a direção da escola, voltou aos estudos para receber o título de Bacharel Licenciada em Pedagogia pela PUC de Porto Alegre, e passou a lecionar Matemática e Fundamentos da Matemática. Inovadora e pioneira, dona Maria rompeu barreiras no ensino tradicional da Matemática. Propondo uma metodologia diferente, ativa e dinâmica, o aluno deveria ser visto como autor de seu próprio saber. O ensino proposto caminhava do concreto para o abstrato, ou seja, adotava uma linha construtivista e interacionista na educação. A linha metodológica do Laboratório de Matemática, idealizado e fundado pela professora

Maria Crusius, apresentava aos alunos autores como Piaget (para embasamento teórico), Dienes, que respeitava as fases do desenvolvimento das estruturas mentais na criança, proporcionando a construção do conhecimento, do saber. Era a base do ensino onde o aluno aprende a fazer, fazendo. Quando da inauguração do Laboratório de Matemática da UPE, a professora Mari Caetano assim se manifestou: "A música era feita por números. Nós formamos uma grande orquestra. As partituras eram os textos, as fichas de estudo, as bibliografias. A Regente, a grande Maestrina, professora Maria, conduziu-nos à apoteose da Sinfonia da Beleza da Ciência da Matemática." Dentre os inúmeros títulos que dona Maria recebeu, destacam-se: Cidadã Honorária Passo-fundense, Professora Emérita pela SEC, Desta que em Educação e Matemática pela UFRGS, Professora Emérita Jubilada pela UPF, Prêmio Qualidade Comunitária e Professora homenageada na Feira do Livro de 1998. Seu método de ensino de Matemática foi ressaltado e elogiado em conferências em todo o país por sua colega Ester Grossi , Mestre em Metodologia da Matemática, ex-Secretária Estadual de Educação e Deputada Federal.



MARIA GREGÓRIE, SND (Irmã religiosa, da Congregação de Nossa Senhora – Notre Dame) – Irmã Maria Gregórie nasceu em 9 de junho de 1911, na cidade de Kassel, Alemanha, e seu nome de batismo é Antonie Elisabeth Maria. Seus pais eram Antonio e Wilhelmine Schwiegershausen. Teve uma irmã mais velha, Wilhelmine e um irmão mais novo, Antonio Augusto. Brasileira naturalizada, missionária, educadora, professora e catequista, Irmã Maria herdou do pai o amor à natureza, a paixão pela leitura e estudo. Com a mãe, aprendeu



a rezar, a ser devota de Nossa Senhora e do Anjo da Guarda e a ajudar as crianças pobres. De sua infância guarda as lembranças dos passeios com a família pelas florestas próximas de sua cidade, Paderborn. O pai lhe ensinava os nomes das flores silvestres e dos pássaros. As crianças colhiam moranguinhos, amoras, cogumelos comestíveis, nozes e avelãs. Nas noites compridas de inverno, ele lia histórias e contos para os filhos, enquanto a mãe tricotava roupas quentes para os seus. Aos seis anos Maria ingressou na escola primária. Desde logo sonhava ser professora para ensinar as crianças a ler e escrever. Seus brinquedos não eram a boneca e a casinha. Brincava de dar aulas, sendo ela a professora, e não cedia o lugar para ninguém. Desde então, entre os presentes de Natal, não podia faltar um livro. Isto continua até hoje. Frequentou por

cinco anos a escola fundamental, passando para o Liceu e, depois, para o Liceu Superior Notre Dame. Aos 20 anos conquistou seu diploma de Professor Primário. Por causa das leituras de histórias e relatos de missionários da África, Ásia e Brasil, nasceu em seu coração a vocação religiosa e missionária. Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora (Notre Dame) em setembro de 1932, em Mullhausen, na Baixa Renânia, Alemanha. A emissão dos votos religiosos foi em 18 de junho de 1935. Dois dias depois, com quatro companheiras, embarcou em Hamburgo no transatlântico que as traria ao Brasil. Chegou em Porto Alegre em 24 de julho de 1935, onde estudou a língua portuguesa por seis meses. No início do ano letivo de 1936, assumiu sua missão como professora e passou por diversas escolas da Congregação: em Taquara, Caçapava do Sul, Canoas, Carazinho e, a partir de 1948, no Colégio Notre Dame de Passo Fundo. Além de diplomada pela PUC em Pedagogia, Irmã Maria fez inúmeros outros cursos de

aperfeiçoamento e extensão universitária. Desde 1948 lecionou no curso ginasial e colegial (Científico e Clássico) e na Escola Normal Notre Dame em Passo Fundo. Nos primeiros lecionou Latim, Matemática, Religião, Espanhol e no último Religião, didática da Catequese, Filosofia, história e Psicologia da Educação. De 1957 até 1968 foi Diretora do Colégio Notre Dame. Em 1972 participou do grupo de educadores que fundaram a Faculdade Notre Dame e Educação no Rio de Janeiro, junto ao Colégio Notre Dame em Ipanema. No período de 1969 a 1980 foi responsável pela supervisão e coordenação das Escolas Notre Dame no Brasil, escolas estas que se estendiam desde o Rio Grande do Sul até Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e, a partir de 1971, estados do Acre e Amazonas. Este trabalho implicava, naturalmente, em muitas viagens do sul ao norte do país. De 1957 a 1960, lecionou Filosofia e História da Educação na Faculdade de Filosofia, fundada pelo Consórcio Católico da Diocese de Passo Fundo. Foi membro do Conselho Municipal de Educação e participou de diversas outras atividades e funções. Atualmente, Irmã Maria está dedicada ao registro e estudo da História da Congregação de Notre Dame no Brasil, desde 1923. Faz traduções do alemão, inglês e espanhol para o português e vice-versa. Mantém correspondência e projetos com entidades assistenciais da Alemanha buscando recursos financeiros para o desenvolvimento do povo carente do Brasil. Ainda dá aulas particulares de língua alemã. As Escolas Notre Dame, fiéis à herança de sua fundadora, Santa Júlia Billiard, grande pedagoga do século XVIII/XIX, visam a ser Centros de Educação, Cultura e Evangelização. As Irmãs educadoras consideram sua missão como uma obra divina. Empenham seu tempo e seus talentos para “colocar os educandos, crianças e jovens, no caminho da salvação”, isto é, da felicidade terrena e eterna. Procuram formar cristãos convictos, cidadãos conscientes e críticos, capazes e engajados em seus deveres civis de colaborar na transformação do mundo a fim de torna-lo mais humano, mais justo e fraterno. Orientam as jovens a conquistarem seu lugar na sociedade, seja como boas esposas, donas de casa ou mães de família, ou como profissionais competentes no campo da educação, da saúde, da vida econômica ou política, conscientes de seu papel e responsabilidade na construção de um mundo melhor.





MARIA HELENA ANDREIS LORENZATTO - Natural de Marau (RS), filha de João Andreis Filho e Antônia Lúcia Vieceli Andreis, teve os filhos Rudimar, Mauricio e Jairo, e os enteados Gilson Luís, Carlos Alberi, Oscar César (os três já falecidos) e Maria Salete, que é professora em Araraquara (SP). A professora Maria Helena fez o curso primário na Escola Cristo Rei e no Grupo Escolar Charruas, de Marau. Fez o Ginásio e o Curso Normal na antiga

Escola Normal Osvaldo Cruz de Passo Fundo. Fez Ciências Naturais e Matemática na UPF e pós-graduação *latu sensu* em Estatística, Matemática e Psicologia, na mesma universidade. Começou sua carreira como professora contratada em Liberato Salzano, distrito de Constantina (RS). Mais tarde, lecionou Matemática e Ciências Naturais nas escolas Conceição, Notre Dame, Menino Jesus, Bom Conselho e no instituto de Ciências Exatas e Geociências da UPF, por mais de 10 anos. Por mais de trinta anos atuou na educação e formação de jovens lideranças. Helena foi a primeira mulher a ser candidata ao cargo de Prefeito de Passo Fundo. O candidato a vice-prefeito, na sua chapa, era o renomado jornalista e advogado dr. Meirelles Duarte. Ela também foi diretora do CPERS (Centro dos Professores do Estado do RS) em Passo Fundo, e foi durante sua gestão que foi adquirida a sede atual. Também na sua gestão o CPERS manteve um programa semanal na Rádio Planalto. Foi a professora Helena quem idealizou o Primeiro Colóquio Nacional de Educação Popular de Passo Fundo. Ela implementou, de forma criativa e original, a formação de lideranças do magistério e conselheiros de escolas. Interiorizou o CPERS em toda a região e ampliou de forma significativa o quadro de sócios do CPERS. Foi durante sua gestão, quando era governador Jair Soares, que o magistério gaúcho conquistou, pela primeira vez, o piso de dois e meio salários mínimos. Também organizou e participou de diversas caravanas de professores a Brasília para conquistar a aposentadoria especial aos 25 e trinta anos, respectivamente. Sempre batalhou pela democratização das escolas e eleição dos diretores. Helena foi uma das líderes que fundaram a CUT, em Praia Grande, São Paulo. Foi a primeira professora filiada à CUT nesta região, juntamente com os professores Sandra Verns e Paulo Morsch. Integrou a seccional dos Direitos Humanos de Passo Fundo e organizou o histórico e famoso "Chá das Aposentadas". Desafiando o regime de exceção, integrou diferentes segmentos sindicais na região, no início da década de 80. Em 1984, deixou a UPF e transferiu-se para o Rio de Janeiro, a convite, para atuar na Fundação de Assistência ao Estudante, como gerente de distribuição de todo o material de ensino do Brasil (FAE). Atualmente, a combativa Helena está aposentada, residindo na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro e curte o convívio com os filhos e netos, além de participar dos eventos culturais que se realizam na Cidade Maravilhosa.

MARIA LILIAN MOOJEN – Filha de João Pedro Bortholacci e Ruth Maria Noal Bortholacci, Lillian, como é chamada, é natural de Passo Fundo, cidade na qual sua beleza e simpatia foram reconhecidas em quase todos os níveis e concursos. Alta, elegante e bonita, poderia ter seguido uma carreira de sucesso como modelo,



se, na década de 70, essa atividade fosse organizada como o é atualmente.. Mesmo assim, onde havia algum evento que precisasse de uma figura feminina de classe e beleza, Lillian era logo convidada a participar. Também, não era para menos. Depois de concluir seus estudos básicos, Lillian cursou a Faculdade de Belas Artes da UPE. Antes disso, em 1970, foi eleita Rainha dos Estudantes pelo CENAV (atual EENAV). Em seguida, foi Rainha das Piscinas no concurso promovido pela UPE (União Passo-fundense de Estudantes) no Garden Clube. Em 1972, foi eleita Rainha do Trigo do Rio Grande do Sul, numa promoção da Secretaria de Turismo de Passo Fundo e Diários Associados (dos quais faziam parte a TV Piratini e o Diário de Notícias).

No mesmo ano, foi eleita Miss Passo Fundo, no concurso realizado pelos mesmos promotores e que aconteceu na EFRICA daquele ano. Como consequência, Lillian foi participar do Concurso Miss Rio Grande do Sul, realizado na cidade de Bagé (RS), ficando entre as quinze finalistas. Lillian casou-se com o cirurgião plástico dr. Jorge Guilherme Nácul Moojen, e o casal tem três filhos: Jorge Guilherme Nácul Moojen Filho, Jorge Augusto Moojen e Maria Luiza Nácul Moojen. Desde então, Lillian passou a dedicar-se à família, acompanhando os filhos que estão fazendo seus

estudos na universidade. Realizou cursos de estética corporal e tratamento de beleza em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Buenos Aires, como complemento à atividade do marido, cirurgião plástico. É sua a decoração e ornamentação da clínica do dr. Moojen, situada na Vila Vergueiro, em Passo Fundo.



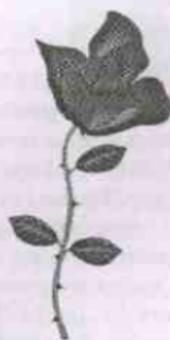
MARIA LUCINA BUSATO BUENO – esta produtiva artista plástica é natural de Casca (RS), filha de Guerino Busato e Modesta Camilotti Busato. Casou-se com Sophocles Ferreira Bueno (já falecido), e tem três filhos: Marisa Lúcia (médica), Paulo Roberto (engenheiro mecânico) e Luciana (formada em Ciências Contábeis).

Seus netos são Rafael e Guilherme. Fez o curso primário no grupo Escolar Vitória, de Casca (RS), o curso ginásial no Colégio Monsenhor João Batista Scalabrini em Guaporé (RS), o curso normal já em Passo Fundo, na Escola Normal Oswaldo Cruz e, finalmente, o curso de graduação Licenciatura em Desenho e Pós-graduação em Arte, Teoria e Métodos na Universidade de Passo Fundo. Foi professora estadual nas cidades de Francisco Beltrão (PR), entre 1957 e 1958. A partir de 1961, já em Passo Fundo, lecionou nos colégios Fagundes dos Reis, Nicolau de Araújo Vergueiro, Notre Dame e João de Cesaro. Ainda no ano de 1980 passou a lecionar no Instituto de Artes da UPE, nas disciplinas de pintura, e hoje é titular das cadeiras de pintura no curso de artes plásticas da Faculdade de Artes e Comunicação da UPE. Sempre participando de inúmeros cursos de extensão, com o intuito de manter-se atualizada, realizou laboratórios de arte e participou de cursos com renomados artistas. Proferiu dezenas de palestras, participou de workshops, ministrou cursos de pintura em várias cidades gaúchas, sendo citada em diversas publicações de arte, e tem muitas de suas obras em acervos institucionais e particulares como as Prefeituras de Casca e Santa Rosa, a Academia Internazionale



Maria Lucina com o esposo e os filhos, nas bodas de prata em 1983

Dárte moderna em Roma (Itália), a Reitoria da Universidade de Passo Fundo, fundação Casa das Artes de Bento Gonçalves, Museu de Artes Visuais Ruth Schneider e Museu José Bicca de Medeiros em Alegrete, além de muitos outros. Paralelamente às pinturas com tintas industrializadas, a professora Maria Lucina desenvolve pesquisa com tintas produzidas com pigmentos naturais de nossa região, destinadas à pintura artística, disso resultando uma segunda edição de livro sobre o assunto. Ela diz: "Minhas pinturas são experiências estéticas profundamente enraizadas lá no pátio de infância, em contato direto com a natureza e a cultura dos imigrantes italianos que cultivam o amor à família e à convivência em grupo. Entendo que a pintura sustentada pelo desenho exige esforço, constância e muita dedicação. A Arte, para mim, é uma necessidade básica, essencial como respirar e me alimentar. Considero a Arte humanizadora, mágica, capaz de mudar, transformar o homem e, conseqüentemente, o mundo. A Arte é meu projeto de vida."



MARIA LUISA OLIVEIRA CAMOZZATO – Esta jovem empresária, nascida em Passo Fundo no dia 22 de abril de 1956, filha de João Carlos Oliveira e Liana Barbieux, casada com Edegar Camozzato, mãe de Fernanda (acadêmica de



Farmácia da UFRGS) e Luísa, tem formação superior em Química Industrial pela Universidade de Santa Maria. Ela já foi professora de Química orgânica e Análise Orgânica na UPF e Coordenadora do Curso de Licenciatura de Química da mesma universidade. Quando lecionava, sua meta era ensinar o “porquê” das coisas. Sempre acreditou que ensinar é ajudar a raciocinar. Deixou o magistério para dedicar-se ao comércio, mas, principalmente, para ficar mais tempo junto com as filhas, que eram pequenas. Em 1985, junto com seu esposo, adquiriu a tradicional loja de calçados Klaser. Esta loja, que foi inaugurada na década de 50 por dona Mariazinha Klaser, tinha sido vendida, anos depois, para o sr. Oldermes Lima. Em 1985, o sr. Oldermes encontrou-se

com a sra. Gringa Barbieux e lhe disse que pretendia vender a loja. Dona Gringa, avó de Maria Luisa, contou o fato à neta e o negócio foi realizado. Mais tarde, Maria Luisa inaugurou, na Rua Morom, a Loja Klaser Mulher. O contato com o mundo dos negócios fez com que Maria Luisa sugerisse a criação de uma “Faculdade para Lojistas”, tal é a complexidade desse ramo de atividades. Sua atuação como professora, entretanto, foi marcante. Em certa ocasião, ao assistir um curso sobre química na UPF, teve a surpresa de ver que o palestrante havia sido seu aluno, que, ao reconhece-la, pediu licença aos demais participantes dizendo que iria abraçar sua professora. Esse gesto emocionou-a demais. A emoção ainda foi maior quando ele pediu que ela voltasse a lecionar. Naquele momento, ela percebeu que seu amor à educação tinha valido a pena. Hoje, este seu ex-aluno é professor de sua filha Fernanda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



MARIA OSAÍLA VIRGÍNIO – Nascida em Teresina, capital do Piauí, em 31 de dezembro de 1937, filha de Osaél Virgínio e Francisca Dalila Bonfim, Osaíla viveu, até os doze anos, na mesma cidade, onde inciou-se nas primeiras letras, desenvolvendo precocemente o gosto pela literatura, teatro e música. Com o falecimento de seu pai, passou a morar com a avó materna, na cidade de Crateús, no Ceará, para depois, aos quinze anos, vir morar em Passo Fundo, juntamente com sua mãe, que já estava no Grande do Sul. Completou o primeiro grau nas escolas Notre Dame e Bom Conselho. Osaíla, que sempre teve aptidões artísticas, ficava encantada com as peças de teatro encenadas pelo grupo de teatro amador Delorges Caminha, sob a direção do dr. Paulo Giongo, que também atuava como ator. Dona Dalila, mãe de Osaíla, era renomada fotógrafa em Passo Fundo e retratava cenas das peças do Delorges

para fazer os cartazes que eram expostos nos cinemas. Casou-se, aos dezoito anos, com Juarez Batista Assunção, passando a assinar Maria Osaíla Assunção. Tiveram sete filhos: Alexandre, Juarez, Roberto, Rejane e Rogério (gêmeos), Edson e Cláudia. Osaíla concluiu o curso Normal (hoje magistério) na Escola Normal Oswaldo Cruz, ingressando no magistério público através de concurso. Foi no Grupo Escolar Gomercindo dos Reis que Osaíla passou a desenvolver atividades artístico-recreativas, com teatro de varas, fantoches e marionetes. Tudo começou de forma assintomática, mas foi tomando vulto e culminou com a fundação do “Teatro Escolar Dr. Paulo Giongo”, que muito apoiou e participou do grupo, oferecendo, na época, uma excelente bibliografia. As peças eram adaptadas ou escritas pela própria Osaíla e inspiradas no universo da literatura infantil, como “Os três porquinhos”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O coelhinho que queria ter asas”, “O Casamento de Dona Baratinha”, “João e Maria” e outras. Ela trabalhava até tarde com os alunos (primeira série ou pré-escola) e, pela manhã, ensaiava com os alunos de outras séries que haviam demonstrado aptidão em testes anteriores. Destes ensaios eram lavradas atas, para justificar aos pais a participação das crianças nessas atividades extraclasse. Os fantoches, marionetes e outros eram confeccionados por Osaíla, com a ajuda das crianças, usando papel marchê e outros materiais. O Teatro Escolar Dr. Paulo Giongo marcou época, sendo a única atividade teatral prestigiada pela comunidade passo-fundense.

Era solicitado em eventos, e apresentava-se, a convite até em cidades vizinhas, onde fazia muito sucesso. Transferida para o Grupo Escolar Fagundes dos Reis, Osaila recebeu um desafio da diretora Edí Zimmermann, que lhe disse: “Osaila, por que você não usa o teatro e todas as habilidades que Deus lhe deu para enriquecer suas aulas e beneficiar seus alunos?” Este foi o ponto de partida que a levaria, com o total apoio da diretora, a usar o teatro, a música, a poesia e a dança como fontes motivadoras na alfabetização de seus alunos, criando uma metodologia eclética e “sui generis” que teve grande repercussão em Passo Fundo e em todo o Rio Grande do Sul. Osaila ainda continuaria seus estudos na UPF através dos cursos de Estudos Adicionais para especialização em 1ª Série, Licenciatura Curta em Educação Artística, Licenciatura Plena em Artes Plásticas e Pós-Graduação em Artes, Teorias e Métodos.. Aos 18 anos de atuação como alfabetizadora, foi convidada por Valéria Gehm da Costa, então Delegada de Educação, para divulgar sua experiência, e passou a trabalhar na 7ª DE de Passo Fundo, onde ficou até sua aposentadoria. Durante o tempo em que permaneceu na 7ª DE, Osaila aprimorou seus conhecimentos, participando de inúmeros cursos e treinamentos, promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Foi uma batalhadora incansável pela melhoria do ensino nas séries iniciais, como docente em palestras, cursos e treinamentos, onde primou pelo dinamismo, entusiasmo e fé num tipo de ensino recreativo, alegre e idôneo, alicerçado no teatro, música, poesia e dança.



Bem ao fundo, a professora Osaila com seu grupo de teatro dr. Paulo Giongo, com a presença do mesmo (bem no meio, ao fundo).

MARIA TERESINHA SUSIN – A primeira mulher a exercer o cargo de Advogado do Estado (hoje Defensoria Pública) em Passo Fundo, é natural desta cidade, filha de Constantin Susin e Nair Formigheri Susin. Formada em Direito pela UPF em 1969, Teresinha transferiu residência para Bagé (RS), onde trabalhou como



advogada até 1973. Vale lembrar que, até a década de 70, poucas mulheres sequer exerciam a advocacia. As próprias turmas nas faculdades de Direito contavam, quando muito, com uma ou duas alunas por ano. Mesmo assim, Teresinha enfrentou os preconceitos e, graças ao reconhecimento por sua capacidade profissional, em 1979 foi nomeada advogada do Estado, pelo então Procurador Geral do Estado, Dr. Mario Testa. A função de Teresinha era atender as pessoas carentes financeiramente, que necessitavam dos serviços judiciários. Foi a primeira mulher a exercer esse cargo em Passo Fundo. Com a Constituição de 1988, essa função foi regulamentada e passou a se

chamar Defensoria Pública. A dra. Teresinha atendia principalmente a área cível e a vara de família. No início, sofreu um pouco com o preconceito por ser a única mulher num reduto antes exclusivamente masculino. Este preconceito, muitas vezes, não partia dos colegas advogados, mas do próprio público. Ela conta que, certa vez, estava trabalhando e uma mulher chegou na ante-sala, pedindo para falar com o advogado. A secretária respondeu, então, que era uma advogada que estava atendendo. A mulher, contrariada, deu-lhe uma olhada de soslaio, pronunciou alguns resmungos e acabou dizendo que “mulher não sabe de nada!”. Em 1983 Teresinha ajudou a criar o Escritório Modelo, que existe até hoje. É uma espécie de convênio entre a Procuradoria e a UPE. A Procuradoria cede os profissionais para coordenar os trabalhos que são realizados pelos estagiários, estudantes de Direito. Em 2000, Teresinha aposentou-se da função. Além das atividades judiciárias, Teresinha foi uma das fundadoras e primeira presidente do Lioness, um clube do Lions Clube Passo Fundo Centro, exclusivamente composto por mulheres, sejam solteiras, viúvas ou separadas. Em 1993, transformou em Clube Lions, onde a mulher passou a ser sócia efetiva, com a denominação de Lions Clube Passo Fundo Amizade. Aponta como destaque em seu período de Lions Clube a construção do Hospital de Olhos, obra gerada pelo trabalho de 85 clubes do Distrito.



MARIANA TAGLIARI – Esta jovem acadêmica de Agronomia, no esplendor de seus 22 anos de idade, é filha de Paulo Tagliari, conhecido empresário no ramo da agricultura de Passo Fundo, e Elaine Maria Bertagnoli. Tem as irmãs Luciana e Andréia e adora a sobrinha e afilhada Isabella (filha do cunhado Marcelo e sua irmã Luciana), que está com dois aninhos. Pertencente a duas famílias tradicionais na área da agro-pecuária passo-fundense, Mariana não se acomodou, como poderia ter feito qualquer outra

jovem em sua posição. Com um porte digno de qualquer modelo das passarelas, Mariana sempre se aplicou nos estudos. Estudou até o 1º ano do 2º grau no Colégio Conceição e, com 16 anos, foi morar em Porto Alegre, onde fez o 2º e 3º ano no Colégio Americano. Em 1997, voltou para Passo Fundo, quando ingressou na Faculdade de Agronomia da UPF, onde se encontra cursando o oitavo semestre. Ela fez esta escolha porque cresceu neste meio. Tanto do lado paterno como materno, sua família é de grandes proprietários de terra, nada mais natural, portanto, que a jovem Mariana se interessasse pelo ramo. Além disso, ela adora o campo e a faculdade de Agronomia vai lhe permitir um conhecimento mais profundo sobre todas as áreas relacionadas com as atividades da família. Mesmo tão jovem, ela já viajou pela Europa, onde conheceu a França, Itália, Espanha, Alemanha, Suíça e Inglaterra (onde ficou por um mês). Conhece também os Estados Unidos e a Argentina. Destes lugares, considera inesquecíveis a Gruta Azul, na ilha de Capri (Itália) e a vista do terceiro andar da Torre Eiffel, em Paris. O que mais gosta, porém, é a praia. O mar é essencial para ela. Costuma dizer que todos os anos ela precisa ver o mar, e prefere as praias pequenas, limpas e simples como a Guarda do Embaú, a Praia do Rosa e a Praia do Silveira, todas em Santa Catarina. Mariana é uma jovem calma, realista, que diz não fazer muitos planos para o futuro porque gosta de viver o dia-a-dia. É uma pessoa simples que gosta de simples prazeres, como ver a lua, o pôr-do-sol e a natureza. Adora música e os amigos. Preza muito a amizade a ponto de dizer que não saberia viver sem eles. O que mais quer fazer na vida é trabalhar bastante e viajar, conhecendo lugares e pessoas diferentes. Por enquanto, seu maior sonho é ter um filho, mas só quando achar que já viveu o bastante. Enquanto isso, dedica seu tempo livre à sobrinha e afilhada Isabella, com a qual fez questão de posar para a fotografia que ilustra este texto.



MARÍLIA MATTOS – Filha de Protásio Xavier e Oliveira e Isabel Albuquerque e Oliveira, Marília é viúva de Alípio de Souza Mattos, com quem teve os filhos Mauro Marcelo, Miriam, e Marluza Mattos. Nasceu em 22 de março de 1939 na cidade de Videira (SC). Com nove meses de idade veio para Passo Fundo, onde fez o Curso Primário no Colégio Notre Dame, o ginásial na Escola Normal Oswaldo Cruz e a Escola normal no Colégio Bom Conselho. Precoce, com 12 anos de idade começou a lecionar alunos que apresentavam dificuldade de aprendizagem. Aos 16 anos começou a trabalhar no Cartório do Registro Civil de Passo Fundo, onde trabalhou por seis anos. Fez o Curso de Geografia na

Fundação faculdade Estadual de Filosofia, Ciências Humanas de união da Vitória (PR). Fez ainda cursos de Cartografia na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, curso de análise e conservação do solo na Universidade do Paraná, curso de cartografia na análise do espaço geográfico e sensoriamento remoto da UFRGS e treinamento em sensoriamento remoto aplicado a recursos naturais – cartografia – em São José dos Campos, SP. Em 1963 exerceu a atividade de escrituraria no Banco Riograndense de Expansão Econômica. Exerceu o magistério público estadual, municipal e particular durante 33 anos, nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, tendo sido diretora de vários colégios e na 7ª DE. Professora da UPF há trinta anos, iniciou o exercício político como membro ativo da UPE (União Passo-fundense de Estudantes). Foi membro efetivo do PTB, no qual foi presidente da Ala Moça Feminina. Na área acadêmica, foram incontáveis os trabalhos e participações, bem como publicações e apresentações. Co-autora de diversos livros, tem trabalhos publicados em jornais e revistas locais, estaduais e nacionais. A professora Marília costuma dizer que é catarinense de nascimento e gaúcha de coração. Aprendeu a amar Passo Fundo e o adotou, através das diretrizes geostóricas locais incontestáveis deixadas por seu avô Antonino e por suas histórias, bem como por seu exemplo de cidadão. Tem nele um grande símbolo de amor, retidão, seriedade, humildade, fé, honestidade e sabedoria.



MARILÚCIA DA ROSA XAVIER -

Esta jovem é outra futura Juíza ou Promotora de Justiça que aumentará o número de mulheres nos quadros da Justiça. Nascida em São José do Ouro, em 19 de março de 1973, filha de Olímpio Xavier e Vivaldina Belusso Xavier, com os irmãos Luciano, Marciano, Criciana, João Fernando e Isadora, esta acadêmica de Direito é secretária no Escritório de Advocacia e Imobiliária Mezzomo de Passo Fundo, e diz ser uma pessoa bastante caseira, que não curte badalações. Gosta de ouvir músicas românticas, de ler e viajar para lugares onde possa estar em contato com a natureza. Sempre que pode, vai para a casa dos pais, residentes em Santo Expedito do Sul, hoje município, mas que era distrito de São José do Ouro (RS), entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha,

para aliviar as tensões do dia-a-dia- de uma cidade agitada como Passo Fundo se encontra, atualmente. Fez o primário e o 1º grau na escola Genoveva Pelisser, em Santo Expedito do Sul, e o 2º grau no EENAV, em Passo Fundo. Depois de passar algum tempo sem se decidir a fazer uma faculdade, percebeu que teria que completar seus estudos. Como já trabalhava num escritório de advocacia, sentiu-se inclinada a seguir a profissão. Entrou num curso pré-vestibular e já na primeira tentativa foi aprovada para o Curso de Direito da UPF Mari, como é chamada pelas amigas, diz estar realizada, porque gosta do seu trabalho e está fazendo uma faculdade que lhe dará a chance de realizar seus sonhos. Educada, bonita e atenciosa, ela diz ser apenas mais uma dentre as muitas mulheres que saem de pequenas cidades do interior com um sonho para realizar e só podem fazê-lo com muito trabalho e dedicação. Diz que aprende muito com seu chefe, dr. Casemiro Mezzomo, que sempre a apoiou e incentivou para lutar por seus ideais. Sabe que ainda tem um longo caminho a percorrer, mas tem a certeza de que atingirá todos os seus objetivos

MARINA XAVIER E OLIVEIRA ANNES – A filha de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Ana Joaquina Xavier e Oliveira nasceu em Passo Fundo, em 6 de fevereiro de 1906. Em nove de dezembro de 1926, casou-se com Gervásio Araújo Annes, sendo que a cerimônia do casamento foi realizada na Loja Maçônica



Concórdia do Sul, cujo Venerável e Mestre de Cerimônias era exatamente seu pai, Antonino Xavier. Dona Marina fez seus estudos básicos no Colégio Elementar, hoje Protásio Alves e foi aluna exemplar, conforme dizia sua professora, Ana Luiza Ferrão Teixeira (dona Zoca). Seu marido era Delegado de Polícia e ia atender pessoalmente aos chamados, geralmente para apartar brigas, tiroteios ou desordens, principalmente na rua Quinze de Novembro. Os riscos pessoais, já naquela época, eram enormes. Mais tarde, compraram a Agência Ford, do sr. Archimino Miranda e Marina passou a auxiliar o marido na administração da mesma, até o nascimento de seu primeiro filho, em fevereiro de 1940. Tiveram

dois filhos: Alberto Oliveira Annes e Alceu Oliveira Annes. Em 1939, quando surgiu a obrigatoriedade da Carteira de Condutor de Veículos Automotores, dona Marina, dona Olga Menegaz e dona Dejanira Lângaro foram as primeiras mulheres que tiraram esse documento em Passo Fundo. A 2ª Guerra Mundial começou poucos anos depois, e era proibido o uso de automóveis de passeio. O veículo mais usado, então, era a charrete. Marina dedicou-se, também, à pintura e às artes plásticas. Continuada da obra do pai, herdou deste o gosto pelos livros, organizando uma sortida biblioteca em sua casa. Também se interessou pela genealogia da família. Nos anos 70 iniciou estudos e pesquisas que resultaram no livro “Johann Adam Schell e sua descendência”, publicado em 1980. Escreveu também “A família Lucas Annes” e “Francisco Antonino Xavier e Oliveira e sua Genealogia”. Deixou um livro pronto, sobre quatro importantes famílias passo-fundenses, que ainda não foi editado. O esforço e o interesse dessa historiadora influenciou e fez surgir novos pesquisadores, que, com os recursos modernos, estão com essa tarefa facilitada, especialmente na parte de informação e pesquisa. Nos últimos anos de sua vida, a falta de visão fez com que dona Marina ficasse privada de pintar, ler ou escrever, mas ela jamais se queixou. Tinha sempre um sorriso amável para quem a visitasse. Esta importante historiadora faleceu em Passo Fundo, em 12 de fevereiro de 2001.

MARISA POTIENS ZILIO – Natural de São Paulo (SP), onde nasceu em 25 de junho de 1944, filha de Octávio Potiens e Iolanda Michelle Potiens, fez a Escola Normal no Colégio Santa Teresinha do menino Jesus (São Paulo). Em dezembro de 1971, recém-casada com Juarez Paulo Zílio, professora há sete anos em São Paulo, nas escolas Montessorianas, método no qual é especialista, Marisa veio morar em Passo Fundo. Antes, em 1966 (quando conheceu o Juarez), veio pela



primeira vez ao Rio Grande do Sul para ministrar cursos no Método Montessoriano de Educação, inicialmente junto às Irmãs Carlistas (em Bento Gonçalves, Caxias, Farroupilha...) e, posteriormente, para professores das APAES e estudantes de Pedagogia na Universidade de Passo Fundo. Após o casamento, em 1972 iniciou suas atividades como estudante de Pedagogia na UPF e professora na APAE de Passo Fundo. Neste mesmo ano, nasceu Luciana, em plena campanha política do marido Juarez que era o candidato a vice-prefeito na chapa de Edu Azambuja. Nessa época, Marisa acompanhava alguns trabalhos sociais, especialmente na Vila Santa Marta,

buscando junto à Igreja Católica trazer para Passo Fundo os movimentos para adultos e jovens, dos quais ela e o marido faziam parte, em São Paulo, e , principalmente, a Escola de Pais. Eles tinham mil idéias. Havia muito para construir. Aproveitaram a campanha política para formar consciências, levando mensagens cristãs para a formação de cidadãos comprometidos com suas comunidades. Vencidas as eleições, um novo desafio a esperava: o espaço que se abria na Prefeitura para a Educação e o trabalho Social. Em 1973, a convite da 7ª DE, Marisa realizou um curso intensivo para preparação de Supervisores da Educação Especial. Esse cargo deu-lhe a oportunidade de, junto aos municípios (22) pertencentes à 7ª DE, implantar a educação especial, levando conhecimento aos professores , criando espaços para Classes Especiais nas escolas e divulgando a formação dada pela UPF aos professores. Conseguiu, na ocasião, abrir uma classe em cada município, passando às crianças portadoras de excepcionalidades um atendimento especializado e integrado ao sistema de ensino. Em 1974 nasceu Andréa, e, no mesmo ano, os movimentos de Cursilho da Cristandade, para o qual vinham se preparando, além do casal, os padres Santinon, Ottone e outros,

há um ano, aproximadamente. Durante anos, com seus irmãos cursilhistas de Passo Fundo e Porto Alegre, dirigiram esse movimento. Mais tarde, trouxeram para cá o TLC, movimento de liderança cristã para jovens, depois o Emaús, o Encontro de Casais com Cristo, e muitos outros que, ainda hoje, formam líderes cristãos. Trouxeram também, de forma polêmica, o Movimento Carismático, pregado por Frei Felipe no seminário carlista. Formada em Pedagogia – Orientação Educacional, com especialização no Método Montessoriano e em Educação Especial, Marisa passou a coordenar os cursos de formação de professores em Educação Especial na UPF. Em 1976, nasceu Pietro Paolo. A idéia, o movimento da Escola de Pais se tornava cada vez mais forte. Formaram-se os primeiros grupos e logo veio para cá o Presidente do Movimento nacional, que constituiu oficialmente a Escola de Pais.. Marisa continua a estudar. Outras especializações vão sendo construídas: em Psicologia, Psicopedagogia, aprofundamento em Educação Especial, na Pró Escola, em Orientação Educacional. Junto com Juarez ela atua na política, nos movimentos da Igreja e de ação social. Juarez é candidato a prefeito, ocupa cargos na presidência do Leão XIII, no Patronato e na Feira da Ternura, movimento criado para subsidiar e divulgar o trabalho assistencial em Passo Fundo. Em 1979 nasceu Luís Paulo. Sua atuação na comunidade, seja na política, na ação social, na igreja, na educação especial, na educação em geral é muito grande. Seus amigos lutam juntos com o casal, especialmente Agostinho e Solange Both, João e Iara Caierão, Dorival e Suelle Zonta. Criam movimentos e encontros para debutantes auxiliares do lar, comunidades do interior, enfrentavam qualquer desafio. Em 1981, Luís Paulo adoece. Até 1985 Marisa ficou dedicada a ele, enquanto Juarez continuava sua luta. Ela o acompanhava, mas com reservas. Em 1982, Juarez assumiu a presidência da FEBEM do Rio Grande do Sul, e a família mudou-se para Porto Alegre, de onde retornaram em 1986. Nesse ano, Marisa inicia atividades junto ao Núcleo de Ensino Supletivo e na Clínica Psique, como psicopedagoga. Sem nunca ter se afastado da UPF, ela também atua no Bom Conselho e no antigo Polivalente. Em 1989 começa o Mestrado na PUC RS, concluindo o curso no ano do falecimento do esposo, Juarez, 1993. Desde então, sua missão como mãe, pai e hoje avó (pela chegada do neto Bruno Zílio), dobrou suas exigências. sua atuação social se restringe, mas não abandona o espírito de luta por um mundo melhor. Participa da Fundação Fabrício Marasca em Tapera (RS), no seu sonho e na sua construção. Atualmente, trabalha na Coordenação dos Cursos de Formação de Professores Especialistas em Educação Especial e em Psicopedagogia. Atua também na Clínica Psique em Passo Fundo, no Centro de Atendimento Integrado em Tapera e na Escola de Educação Continuada em Passo Fundo. Os ideais sociais, religiosos, educacionais e político não se desfizeram. Para Marisa, a luta só ficou mais difícil na ausência do Juarez. Ela tem a certeza de ter sido recebida por esta terra de braços abertos, onde os ideais de um mundo melhor puderam e podem ser construídos. Ela diz que, se fez, também muito recebeu e só tem a agradecer a Passo Fundo, que acolhe os que aqui passam e os que aqui ficam.

MARIVONE TERESINHA CASTELLI – a professora, ex-Delegada de Educação e política Marivone Castelli nasceu em São Domingos do Sul (RS), filha de Luiz Castelli e Alba Vanini Castelli, sendo a terceira filha entre dez irmãos. São sete mulheres e três homens, todos residindo em Passo Fundo. Marivone tem curso de Ciências na UPF, com licenciatura Plena em Biologia e Pós-graduação em Metodologia de Ensino de 2º Grau, e seu trabalho de conclusão do curso



“Problemas no Ensino de Biologia em Escolas de 2º Grau da Região do Planalto” foi aprovado com distinção, recebendo a nota 10. Participa constantemente de encontros, seminários, jornadas, congressos educacionais locais, regionais, nacionais e internacionais. Iniciou sua carreira como professora em 1969, em uma escola rural de David Canabarro, na comunidade de Santo Isidoro. Mais tarde lecionou no Distrito de Pulador e, em Passo Fundo, nas escolas estaduais Cardeal Arcoverde, Anna Luisa Ferrão Teixeira e Protásio Alves. Ao mesmo tempo, lecionou também na cidade vizinha de Carazinho, na escola João Batista Sorg. Também lecionou na escola Assis Brasil, distrito de

Saltinho, município de Itatiba do Sul, como Coordenadora Pedagógica e professora de Matemática, História e Geografia, tendo se aposentado nessa escola em julho de 2000. Durante sua caminhada pelo Ensino, ocupou inúmeros cargos nas mais diferentes hierarquias : de 1988 até 1991 foi Delegada Adjunta de Educação da 7ª DE. De 1993 até 1995, foi Diretora Administrativa da Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo e Secretária Substituta de Educação. De 1995 até abril de 1998, assumiu como Delegada de Educação da 7ª DE, com jurisdição sobre trinta municípios, e se afastou do cargo para concorrer a uma vaga como Deputada Federal pela região. Desde 1982, quando se filiou ao PMDB, atuando no setor jovem,, participou da Campanha Diretas Já, foi membro do Diretório Municipal e da Executiva Municipal, como secretária Geral de 1990 até 1992. Ainda em Passo Fundo, após a instalação do Comitê Municipal “O Direito é Aprender” coordenou o plano para evitar o fracasso escolar (evasão e repetência) junto às escolas do município e rede estadual, com o apoio de entidades oficiais e não governamentais de Passo Fundo. Seu passatempo predileto é viajar, ler e escrever. Mesmo sendo professora de ciências exatas, a literatura é seu hobby favorito. Escreve contos, crônicas e poesias. Na década de 70, participou ativamente do Grupo Literário Nova Geração, e era Presidente do mesmo quando realizou o Concurso Estadual de Contos e Poesias, que teve enorme sucesso. Na mesma

época, num trabalho que se estendeu pelos anos 80, escrevia regularmente no jornal O Nacional. Atualmente, casada com o Dr. Santiago Andia Sandagorda, vive em Itatiba do Sul (RS) e, sempre atuante, recebe convites para palestras e trabalhos junto a educadores de vários municípios, principalmente da Região do Planalto, onde viveu e trabalhou por mais de 30 anos. Marivone costuma dizer: "É muito importante que saibamos que ser mulher é muito mais do que sermos simples seres humanos, pois nosso papel é de sermos mulheres sem jamais perdermos a ternura e a feminilidade e, com muita candura, participar e atuar em todas as áreas das atividades humanas, como verdadeiras artífices da história da humanidade e do desenvolvimento da sociedade. A mulher deve levantar a sua voz para propor novos rumos, ocupar espaços e identificar sua capacidade de transformação. As mulheres realizam suas atividades com amor, paixão, otimismo. As mulheres são idealistas. As mulheres São artífices culturais. O trabalho para a mulher é o seu mundo, é a expressão do seu poder político e do seu poder feminino."



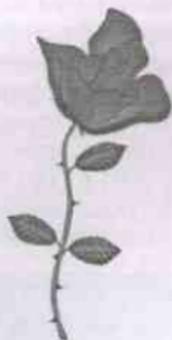
MARLENE TERESINHA VOLPI FRIGERI – Uma antiga expressão que se usava para designar o homem versátil, aquele para o qual nada era impossível, nunca se cansava, enfim, quando se tinha algo difícil para resolver e não se tinha a quem chamar, era “fulano é pau para toda obra”. Esta característica, até hoje, quase só é atribuída aos homens hoje chamados “multimídia”, isto é, são capazes de fazer muitas coisas ao mesmo tempo – e bem feitas. Talvez não seja exagero considerar a sra. Marlene o correspondente feminino a este caso., tantas e tão diferentes são as atividades que ela enfrenta com sucesso. Nascida em Passo Fundo, filha de Geraldo Volpi e Raimunda Bonella Volpi, casada com Nelson Dino Frigeri (professor e corretor de imóveis), o casal tem os filhos Eduardo Volpi Frigeri, que é engenheiro civil e Gisele Volpi Frigeri, professora de inglês,



um dos rostos jovens mais bonitos da sociedade local. Formada em Música, Estudos Sociais e Pós-Graduada em Geografia Humana pela UPF, Marlene lecionou por muitos anos nos principais colégios da cidade, como IE, Bom Conselho, EENAV e Fagundes dos Reis. Preocupada com o lado social, ela sempre esteve

a exercer algum cargo nessa área nas diversas entidades beneficentes do município. Foi Assessora da Terceira Idade, foi a arregimentadora, materializadora, sócia fundadora e primeira Presidente do Lions Clube União, fundado em 1997 pelo Governador Dyogenes Pinto e dona Clélia. Foi assessora do governador do Distrito LD-7 do Lions Clube e Diretora Social e de Divulgação da Societá Italiana Leonardo Da Vinci. Autora de vários artigos culturais publicados nos jornais da região, especialmente sobre a Itália, Marlene é formada em Língua Italiana e Língua Inglesa. Sua atuação nas campanhas cívicas e beneficentes foi reconhecida através das dezenas de prêmios e troféus que recebeu, como o Troféu Gente de Expressão de 1998, Personalidade do ano 2000, Distintivo de

100% de Eficiência Leonística em 1997, Distintivo Ponte da Amizade Brasil-Estados Unidos, medalha 500 Anos do Brasil e 125b Anos da Imigração Italiana no Brasil. Seu desejo de participar de programas que favoreçam a comunidade vem desde jovem. Em 1968 ela participou do Projeto Rondon, um programa governamental no qual jovens universitários são levados às regiões mais carentes do país para lá ficarem alguns meses prestando todo o tipo de trabalho, melhorando as condições de vida de pessoas que vivem numa miséria quase absoluta. Na Società Italiana Leonardo Da Vinci, Marlene foi Diretora de Divulgação e secretária, sendo Diretora de Filantropia para o período 2001/2003. É 2ª Secretária do Lions União e foi presidente da Comissão de Sócios. Esta mulher de tantas atividades faz questão de deixar esta mensagem: "Viver é amar, compreender, respeitar, doar-se aos nossos semelhantes, pois só assim atingiremos o grande objetivo da nossa história terrestre, tanto no plano físico e emocional, como do ser humano".



MARLUSA SFAIR DA SILVA - filha do saudoso líder comunitário Mansur Scms Sfair e Maria Niederauer, Marlusa nasceu em Passo Fundo, em 19 de agosto de 1944. estudou no Colégio Bom Conselho desde a 1ª série até concluir o curso de Magistério. Mais tarde, Concluiu o Curso de Licenciatura Plena em Economia Doméstica e Artes Plásticas na UPF. Casou-se com o empresário João Wattes da Silva e tiveram quatro filhos Silvana, João Gilberto, Marcus Vinicius e André Luiz. Tem um genro, Edson Burgausen e três noras: Simoni Albertom, Sandra de Martine e Ana Rosa Donadussi. Os netos são Ana Clara, Alex, Victória, Rodrigo e Ana Gabriela. Marlusa atuou como professora estadual em várias escolas e instituições. Iniciou sua carreira em 1975, na cidade de Sertão(RS), no colégio Ângelo Bernardon. Três anos depois, passou a lecionar na Escola Estadual Ernesto Tochetto e Adelino Pereira Simões. Foi orientadora no Presídio Regional por 2 anos, foi técnica e supervisora na Campanha Nacional de Alimentação Escolar, antiga CNAE, orientadora para gestantes e nutrizes na Legião Brasileira de Assistência, atuou na escola João de Cesaro e está atualmente, na Escola Estadual Antonino Xavier de Oliveira, fazendo um trabalho paralelo junto à entidade que preside há 7 anos. Em 1994 foi eleita Presidenta do COMSESC (Comissão de Segurança nas Escolas), que tem como objetivo prevenir a violência na família, escola e sociedade. Esta comissão é formada por voluntários altamente capacitados como psicólogos, psicopedagogos, pedagogos e orientadores educacionais. Este trabalho é desenvolvido com a parceria e comprometimento da Promotoria da Infância e da Juventude, representado pela pessoa da dra. Ana Cristina Ferrareze Cirne e pelas técnicas em educação Maria Olinda Steim e Maria do Carmo Vanzo Ambrosi, da Secretaria da Criança e Ação Social (STCAS), pela Brigada Militar e outros segmentos da sociedade. A professora Marlusa está na presidência do COMSESC há sete anos, isto é, passou por três gestões, demonstrando sua dedicação, entusiasmo, competência e espírito de liderança. É muito querida pelo grupo de trabalho, e, onde passou, deixou rastros de afeto, carinho e compreensão.. No ano de 2001 o COMSESC foi agraciado com o prêmio Direitos da Criança e do Adolescente, como destaque em primeiro lugar no Estado do RS na defesa e promoção do Estatuto da Criança e do Adolescente. A foto que



Da esq. Para a direita: Tenente Coronel Ariovaldo Mariano, Primeira Dama Judith Dutra, prof. Marlusa e Cap. César Cônsul, 1º Pres. do COMSESC

ilustra este texto mostra a ocasião do recebimento desse prêmio, entregue pela Primeira Dama do Estado, professora Judith Dutra.



MARLY PICCININI DE SOUSA – Nascida em 2 de dezembro de 1935, na cidade de Santa Maria (RS), filha de Pantaleão Nunes de Sousa e Ana Piccinini de Sousa, desde cedo veio morar em Passo Fundo, onde estudou as primeiras séries no Protásio Alves. Em 1963 licenciou-se em Filosofia pela UPE, em 1973 fez Habilitação em Administração Escolar pela Faculdade de Educação, em 1981, Especialização em Psicologia, Pós-graduação Lato Sensu, também na UPE e, em 1972, participou do ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento na ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Lecionou em diversos colégios em Marau e

Passo Fundo, mas costuma sempre lembrar que sua vida escolar e profissional está intimamente ligada a uma Escola e a uma professora em especial. Nas primeiras séries estudou na Escola Estadual Protásio Alves. Naquela época, a diretora da Escola era a competente professora Maria Súrria Dipp, acompanhada por um grupo de eficientes e dedicadas professoras. Foi nessa escola que, através do conhecimento e experiências recebidas dessas renomadas educadoras, sua personalidade e caráter solidificaram-se. Passaram-se os anos e, já formada, foi lecionar no Grupo Escolar Charruas, de Marau(RS). Na primeira semana de trabalho aconteceu uma reunião com a participação da supervisora da 7ª DE, que era a professora Súrria. Sua alegria por rever a antiga professora foi imensa. Anos mais tarde, voltando ao seu querido Protásio como professora, encontra lecionando no Ginásio Estadual de Passo Fundo, que funcionava em anexo à escola, novamente a professora Súrria. Agora eram colegas e trabalhavam na mesma escola, trocando experiências e orientações pedagógicas e educacionais. Foi designada Diretora do Protásio Alves e passou a ser Diretora da sua querida ex-diretora Súrria. Ao final de sua carreira profissional, foi designada Delegada de Educação, e, entre as professoras que exerciam atividades na 7ª DE, novamente encontrou a amiga e colega. Por isso, a professora Marly considera a Escola Protásio Alves um importante marco educacional e formador de várias gerações de passo-fundenses, a base de sua própria educação com um espírito livre e lutador, ciente de sua responsabilidade como cidadã. Ela faz questão de lembrar sempre a professora Maria Súrria Dipp, a quem considera um exemplo de vida passada durante mais de 40 anos de marcante atuação educacional. Marly diz que, em todas as funções que exerce, tem sempre em mente a função pedagógica como instrumento de promoção humana, pois ser professor é contribuir para a construção do ser total consciente, livre, justo e responsável.

MATHILDE WALLY KOERICH FERREIRA – Nascida em Florianópolis (SC), em 26 de setembro de 1922, filha de Carlos Miguel Koerich e Juliana Mathilde Nau Koerich, uma das médicas pioneiras em Passo Fundo casou-se com o também médico dr. Hélio dos Santos Ferreira. Tiveram os filhos Heloisa Ferreira Lorenzato (casada com Carlos Lorenzato, já falecido), Eliana Koerich Ferreira (bancária,



A dra. Wally está de pé, à direita, de branco com a filha Diva no colo. Atrás, em pé, Teresinha e Ivo Braga, os Stivalet, Therezinha Perez e outros.

casada com o advogado Júlio César dos Santos Oliveira) e Diva Ferreira Capanhoni (casada com o empresário Roberto Borges Capanhoni, de Vacaria). Formada em Medicina, na cidade de Curitiba (PR) em 1947, a dra. Wally era uma pessoa

diferenciada, para a época, principalmente entre as mulheres. Sua independência financeira, consequência da atividade na medicina, onde pouquíssimas



Esq.p/dir.em pé:Therezinha e Odil Perez, Paulo e Ruth F. Leite, Zilda,Maria e Diva Ferreira, Wally e Hélio dos Santos Ferreira

mulheres atuavam, sempre bem remunerada, causava uma certa inveja e alguma polêmica entre o sexo feminino. Na época, uma das poucas atividades públicas reservadas às mulheres estava o magistério. Outras atividades, como a medicina, a advocacia, eram exceção. Logo que se formou, a dra. Wally

foi clinicar em Londrina (PR), uma cidade bem pequena na década de 50. Lá, ela e o esposo passaram muitas dificuldades. Na verdade, quando se transferiram para Passo Fundo, ela foi a segunda mulher a exercer a medicina, mas a primeira, dra. Hilda, mudou-se algum tempo depois, e a dra. Wally foi a primeira médica a aqui fixar residência. Ficou conhecida como médica muito bondosa, generosa e paciente. Dava atenção especial às crianças, mesmo sendo clínica geral, pois, naqueles anos, ainda não havia especialização. Era credenciada pelos Institutos de Previdência da época, como IAPI (dos industriários) IAPB (dos bancários)



MEIBE RIBEIRO - Foi num dia 18 de dezembro, na cidade de Panambi (RS), que nasceu Meibe Abreu Malheiros, a segunda filha do casal José e Anita Malheiros, que, provavelmente, não imaginavam que aquele lindo bebezinho iria tornar-se uma das mais conhecidas e combativas líderes na área da educação contemporânea no Rio Grande do Sul. Meibe passou a infância e parte da juventude em Panambi, onde iniciou seus estudos formais. Fez o curso Normal (atual Magistério), no Colégio

Nossa Senhora de Fátima daquela cidade. Em 1977, começou o curso de Direito na Faculdade de Cruz Alta, mas não chegou a concluí-lo. Casou-se, em 1979, com Arlindo Ribeiro, mudando-se para a cidade de Rio Grande e, lá, sim, concluiu a Faculdade de Direito. Nessa mesma época, iniciou suas atividades no magistério, como professora do Currículo por Atividades. Depois disso, fez o Curso de Especialização em Supervisão Escolar. Mudou-se para Passo Fundo em 1986, quando passou a exercer sua atividade de educadora na Escola Estadual Adelino Pereira Simões. Nessa escola, encontrou um grupo de professores de vanguarda político-pedagógica, do qual passou a fazer parte ativa. Também se integrou a um grupo de professores petistas de Passo Fundo, começando, assim, sua militância no CPERS/Sindicato e no Partido dos Trabalhadores. No ano de 1988 foi eleita Conselheira do CPERS. Em 1991, concorreu ao cargo de Diretora do 7º Núcleo do CPERS, fato que fortificou seus princípios de luta e preparou sua eleição para 1993. Em 1992, foi candidata a Vice-Prefeita de Passo Fundo pelo Partido dos Trabalhadores. Concorreu, novamente, em 1993 à Diretoria do 7º Núcleo do CPERS, vencendo a eleição e assumindo a função de coordenadora dos 40 municípios que fazem parte da sua área de abrangência. Aí participou como destacada liderança em mobilizações de reivindicação dos direitos dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Sul. Em sua gestão, o CPERS/

Sindicato filiou-se à CUT (Central Única dos Trabalhadores), ampliando as bandeiras de luta pela categoria. Teve também um papel decisivo em greves, discussões, caravanas de Educação e Congressos. Presidiu o Partido dos trabalhadores em Passo Fundo, de 1994 a 1996. Nesse mesmo ano, candidatou-se à vereadora, sempre pelo PTJá em 1997, foi eleita Conselheira da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, representando o CPERS/Sindicato. Idealista e incansável, Meibe sempre lutou pela valorização dos trabalhadores em Educação. Com a eleição do sr. Olívio Dutra para Governador do Rio Grande do Sul em 1999, Meibe foi convidada para assumir a então 7ª Delegacia de Educação, hoje 7ª Coordenadoria Regional de Educação, cargo que aceitou por entender que o programa da Frente Popular, construído com sua efetiva participação, garante a valorização da Educação, bandeira que sempre defendeu. Sempre idealista, Meibe Ribeiro continua em busca da realização de seu sonho: uma sociedade justa e igualitária.





MIRIAN BUSATO – Como já foi escrito na apresentação deste livro, um dos objetivos dessa obra é mostrar como as mulheres estão ocupando cargos e posições, na cidade de Passo Fundo, que antes eram exclusivos do público masculino, como exemplo do que está acontecendo no resto do mundo, pelo menos nas nações civilizadas, no início do Terceiro Milênio. Mesmo hoje, em 2001, ainda nos surpreendemos quando verificamos que algumas atividades, hoje tão bem exercidas por mulheres, eram proibidas a elas, até bem pouco tempo atrás, até mesmo por força de lei. O próprio preconceito social provocava estranhas situações. Mulher bonita, por exemplo, jamais poderia ser inteligente. Loura, então, pior ainda. Até

uma música, que tornou-se bastante popular, dizia em sua letra que loura era burra. Entre as mulheres retratadas neste livro, que estão provando exatamente o contrário, está Mirian Busato, nascida no dia 12 de julho no Hospital da Cidade de Passo Fundo, filha do industrial aposentado Antonio Carlos Busato e da professora, escritora e artista plástica Nelcy Bier Godinho. Ela foi aluna do primeiro e segundo graus no Colégio Nossa Senhora da Conceição, de 1973 a 1983, tornando-se uma das primeiras alunas do sexo feminino a iniciar e concluir integralmente seus estudos na escola (o Conceição era tradicional escola de irmãos maristas, essencialmente masculina), onde se destacou com um desempenho brilhante, tanto nas atividades curriculares como esportivas e artísticas. Formou-se em Agronomia na UPE, em janeiro de 1989, ocasião em que participou dos mais diversos encontros, simpósios, cursos e seminários. Iniciou estudos de Citogenética junto à EMBRAPA – Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Através de Concurso Público Federal, em 1989, assumiu o cargo de Escriuraria, na Caixa Econômica Federal. Após prestar concurso interno, exerce, desde 1991, a função de Caixa Executivo. Mirian participou ativamente na organização das Agronomiades (encontro cultural e esportivo das faculdades de Agronomia) de Passo Fundo. Secretariou, nesta cidade, a organização da Festa da Família Busato, e foi uma das idealizadoras do 1º Concurso Lendo com a Caixa. Atualmente, faz parte do Lions Clube União, e é assessora de filantropia da Società Italiana Leonardo Da Vinci de Passo Fundo, onde tem ativa participação nos eventos em prol da comunidade carente. Casada com o escritor, também passo-fundense, Jefferson e Souza, tem em suas queridas filhas, Patrícia e Greice, sua maior realização.

MODESTA VANZO – A filha do casal Luigi Pizzutti e Giosephina Rozzalini, provenientes do norte da Itália, nasceu em Guaporé (RS), no dia 13 de agosto de 1889, pouco antes do Brasil tornar-se uma República. Modesta cresceu auxiliando seus pais na lida da roça e nas atividades domésticas, pois, como toda família de pioneiros, era numerosa e o trabalho exaustivo. Logo após completar 18 anos, casou-se com Giuseppe Amedeo Vanzo, nascido em Mestre, localidade próxima a Veneza, que chegou ao Brasil, ainda menino, no mesmo ano em que Modesta nasceu. Desse abençoado casamento, que duraria quase 60 anos (até o falecimento de Giuseppe), nasceram 15 filhos, sendo que oito chegaram à idade adulta, deixando numerosa descendência. Estes oito eram: Erzolina (casada com Ubaldino Falkembach e teve dois filhos), Haydée (casada com Argemiro Flores e teve 5 filhos), Onildo (casado com Glória Gonçalves e teve 6 filhos), Geny (casada com Hélio da Costa e Silva e teve 5 filhos), Norma (casada com Ubirajara Andrade (e teve 5 filhos), Luiz (casado com Malvina Baccega e também com 5 filhos), Nelson (casado com Celita Guedes igualmente com 5 filhos) e a única solteira, Adyilia Vanzo. Sua descendência, até 2001, é de 29 netos, 50 bisnetos e dez trinnetos. Enquanto viveu, Modesta transformou sua casa no centro da família e nos seus mais de noventa anos, irradiou a todos afeição e otimismo. Transmitiu essa alegria para todo o bairro, prestando serviços à comunidade e, especialmente, à Igreja Santa Terezinha, na qual foi Presidente do Apostolado por diversas ocasiões. Além desse papel primordial nos eventos religioso, se encarregava das deliciosas e sempre procuradas “cucas” nas festas. Seu grande trabalho, porém, foi junto à Fundação Beneficente Lucas Araújo, de cujo Asilo foi presidente durante dez anos, cargo que entregou em 2 de março de 1957. Quando da inauguração do prédio da administração central da Fundação, em 1974, o então Bispo Diocesano, Dom Cláudio Colling, em comovente pronunciamento, lembrou de uma ocasião em que Modesta, como presidente da entidade, chegou, em grande desespero, à Casa Episcopal para pedir ajuda, pois o Asilo Lucas Araújo estava correndo o risco de não conseguir se manter. Sua primeira reação foi percorrer o comércio, reunir algumas sacas de alimento e trazer para o Asilo, que abrigava no mesmo prédio, velhos, crianças e meninas adolescentes. Foi então que Dom Cláudio



Dona Modesta, sentada, bem no meio, entre as jovens do Lar da Menina, em 1956

reuniu toda a documentação e procurou o dr. Rui Cirne Lima, quando, juntos, transformaram a Sociedade em Fundação. Segundo depoimento do Padre Paulo Augusto Farina, essa atitude foi determinante na administração de Dona Modesta, pois a inexistência de recursos para sustentar o Asilo iria obriga-la a vender a propriedade a empresários, impossibilitando que as crianças carentes tivessem um futuro garantido. Em 1979, com a presença de autoridades Estaduais e Municipais, dona Modesta e Dom Cláudio Colling receberam uma homenagem pelos serviços prestados à Fundação Beneficente Lucas Araújo. Os Conselheiros de dona Modesta eram, além do Bispo, o dr. Frederico Daudt e o Promotor de Justiça, dr. César Dias. Em 26 de maio de 1980, Dona Modesta faleceu. Seu trabalho, porém, continua vivo, assim como sua memória, perpetuada no nome de uma rua no bairro Schisler e na lembrança dos sacerdotes que ajudou a formar, bem como na recordação e nos corações das centenas de pessoas a quem ajudou.





MOEMA DE TOLEDO ROGRIGUES

- A professora e ex-delegada de Ensino, nasceu em Soledade (RS), em 6 de novembro de 1935, filha de Aurélio Franco de Toledo e Coralina Cardoso de Toledo (Dona Corinha). Casada com o advogado dr. Aivo Fernandes Rodrigues, teve as filhas Rosangela, Ana Eliza e Cláudia, esta última casada com Carlos Alberto Fornari, que lhes deram a neta Maria Eduarda Rodrigues Fornari. A professora Moema fez os

estudos básicos em Soledade e completou-os na Escola Normal Oswaldo Cruz, em Passo Fundo. cursou Licenciatura em Pedagogia e Habilitação em Administração Escolar na UPF. Fez ainda Habilitação em inspeção Escolar na UCS. Realizou sua pós-graduação em inspeção Escolar na PUC. Foi professora primária, Diretora do Ginásio Estadual (junto ao Grupo Escolar Protásio Alves) e foi fiscal de ensino da Escola Regina Celi, em Carazinho e do Colégio Bom Conselho.. Foi Delegada de Educação na 7ª DE, de 1971 a 1975, em Passo Fundo. De 1975 a 1983, foi Inspetora Escolar da 16ª DE de Bento Gonçalves. Como Delegada de Ensino, foi uma pessoa gentil, eficiente e dedicada. Sofria quando não podia atender alguma reivindicação. Contava com o auxílio da Delegada-adjunta, professora Mafalda, a qual, com um forte temperamento, dava o "ponto final" em determinadas situações. As pessoas que trabalharam com a professora Moema dizem que ela era de uma sensibilidade extrema, sempre sorrindo, primava pela elegância e delicadeza. Antes de entrar em seu gabinete, fazia questão de cumprimentar todos os funcionários, sem exceção, especialmente as serventes e outras serviçais da casa, que lhe demonstravam especial afeição. Em suas reuniões com diretores e professores, transmitia confiança e tranquilidade. Desenvolveu importantes projetos de atualização nas áreas pedagógica, social, cultural e religiosa, que marcaram sua administração. Coube a ela, Delegada Moema, a construção e inauguração do atual prédio da Delegacia de Ensino, em 28 de maio de 1974. Naquela ocasião, também foram inaugurados ao CACT (hoje CIM) João de Cesaro e, em Coxilha, o projeto Carro-Chefe. Estiveram presentes nas solenidades, o então Ministro da Educação Ney Braga, o Secretário Estadual Mauro da Costa Rodrigues e o Prefeito Edu Villa de Azambuja. Todos, em seus discursos, mencionaram o importante trabalho realizado pela professora Moema. Ela também fez parte do Conselho Municipal de Educação e foi integrante da Liga de Defesa nacional.



Dona Nair e o esposo, com suas quatro filhas, nas bodas de diamante.

Oswaldo, Gilberto e Dulce Ana. Seus netos são Gisele, Antonio e Luciana Soares Gomes; Gustavo e Natália Patussi Gomes; Fernanda e Rafael Deboni Gomes; Juliana e Carolina Gomes Zago; Anelise, Cérés e Daniel Gomes Vaz; Lilá Gomes Romano; Felipe, Sílvia e Arthur Piovezano Gomes; Larissa, Eduardo e Marina Muller Gomes; e Daniele Gomes Oppits. Dona Nair residiu em Erechim desde pequena, onde conheceu seu esposo e, com ele, dedicou-se à agricultura. Ela aliou-se ao movimento católico Legionários de Maria e passou a trabalhar em auxílio aos necessitados. Em 1972 vieram residir em Passo Fundo, onde dona Nair continuou seu incansável trabalho social, com especial dedicação aos deficientes físicos. Com o auxílio de Dom Cláudio Colling e pessoas como o sr. Antonio Fernandes, fundou a Associação dos Deficientes Físicos. As reuniões e o atendimento aos deficientes eram realizados numa sala, nos fundos do Hospital São Vicente de Paula. Dona Nair é presidente da Associação Bom Pastor, que cuida dos problemas dos deficientes físicos, há vários anos. Há mais de vinte



Na foto, os cinco filhos de dona Nair com seu esposo Faustino. O prefeito Oswaldo está à esquerda de seu pai.

anos ela luta em defesa dos deficientes físicos, promovendo reuniões, elaborando projetos, realizando trabalhos.

Ela lembra um exemplo, para provar que seu esforço vale a pena. Uma ocasião, um tetraplégico foi levado a Brasília, para tratamento. Hoje, esse jovem renasceu para a vida, e está cursando a faculdade em Passo Fundo. Mesmo aos 80 anos de

NAIR GIACOMELLI GOMES – A mãe do sr. Osvaldo Gomes, prefeito de Passo Fundo em 2001, nasceu em Encantado(RS), no dia 17 de abril de 1921. Filha de Ângelo Giacomelli e Judith Rostirolla, casou com Faustino Perêncio Gomes, e teve nove filhos: Carlos Antonio, Jaime Gotardo, Fernando, Judith, Therezinha, Helena,

anos ela luta em defesa dos deficientes físicos, promovendo reuniões, elaborando projetos, realizando trabalhos.

idade, continua um exemplo de dinamismo, dedicando-se sempre às nobres causas. Elaborou um projeto, e entregou-o pessoalmente ao Presidente Fernando Henrique, para criação de programas de atendimento especializado aos portadores de deficiência, dando-lhes treinamento para o trabalho e convivência social. Orgulha-se dos filhos e netos, demonstrando sua satisfação com a eleição do filho Osvaldo, pela segunda vez, como Prefeito de Passo Fundo, e de Dulce Ana, recentemente aprovada no concurso para a Magistratura no RS. Dona Nair também atua, desde a fundação, até hoje, no Hospital Bezerra de Menezes.





Natália e o esposo na chegada ao Brasil.

NATÁLIA BATTISTI BONELLA – Nascida na Província de Trento, na Itália, em 12 de agosto de 1887, casada com Emilio Bonella, dona Natália realizou curso superior em obstetrícia na cidade de Innsbruck, na Áustria, diplomando-se em 1913. Foi convocada para os campos de batalha, durante a Primeira Grande Guerra, como enfermeira. Já casada, Dona Natália fixou residência em Passo Fundo no ano de 1930. Na época, criou, com o auxílio do médico Dino Câneva, uma maternidade, que se situava onde hoje está edificado o prédio da CRT, na rua Capitão Eleutério. Durante 28 anos dirigiu a maternidade do Hospital São Vicente de Paula. Nesse período, milhares de crianças passofundenses vieram ao mundo pelas mãos de dona Natália. Dentre elas, muitas crianças de importantes famílias judaicas, que residiram em

Passo Fundo, nasceram com o auxílio dessa dedicada parteira. O empresário Jaime Sirotski foi uma dessas crianças. Os próprios médicos utilizavam o trabalho de dona Natália no nascimento de seus filhos, como o dr. Sabino Arias, conceituado cirurgião local. Natália e o sr. Emilio tiveram uma filha, Angelina Gisella Bonella. Seus outros descendentes são Lorena Battisti Klein (casada com Valdemar Klein), Laura Battisti Nardes (casada com José Otaviano Ribeiro Nardes), Alexandra Battisti Klein Scheidmandel (casada com Alexandre Scheidmandel),



Dona Natália, a 2ª da esq. para a dir., ao lado do marido, Emilio, e da filha Angelina. Em pé, à direita, está o padre Luiz Serraglio.

Cristiane e Fernanda Battisti Klein e Otávio Augusto Battisti Nardes e Paola Klein Scheidmandel. Dona Natália faleceu em 15 de outubro de 1976

NEUSA MARIA HENRIQUES ROCHA – Filha do Coronel Sebastião Rocha e dona Áurea V. Henriques Rocha, Neusa nasceu em Porto Alegre, no dia 10 de agosto de 1950. Na infância e na adolescência, motivada pela mãe, costumava dizer poesias em apresentações na escola. Seu pai gostava muito de ouvi-la cantar e tocar acordeón. Sua música predileta era “Saudades do Matão”. Alegre e comunicativa desde a infância, Neusa foi escolhida “A Melhor Colega”, quando era aluna da Escola Estadual Monte Castelo. Seu sonho sempre foi ser professora.



Ela lembra que, com sua irmã Sônia, a diversão predileta era brincar de “aulinha”. Uma era a professora da outra. Teve uma infância simples e tranqüila. Seus pais eram muito exigentes, especialmente com os estudos, o cumprimento de horários e com a organização da casa. O respeito às outras pessoas, não importando sua classe social, os valores morais, foram sentimentos cultivados desde muito cedo. Ela realizou todos seus estudos básicos em Passo Fundo. Desde a pré-

escola até a universidade. Fez o primário na Escola Estadual Monte Castelo, o curso ginásial no CENAV e o curso Normal na Escola Normal Osvaldo Cruz. Seu filho Fabiano é acadêmico de Direito na UPF, Ivana é acadêmica do Curso de Artes, também na UPF e Fernanda freqüenta o 2º grau. Neusa, aos 19 anos, já era professora de pré-escola na Escola Municipal Tenente Martins, hoje extinta. Na mesma escola, no ano seguinte, foi designada Diretora pelo então prefeito Guaracy Marinho, tornando-se uma das mais jovens diretoras de escola de Passo Fundo. Também foi diretora, de 1971 a 1972, na Escola Georgina Rosado. Em 1972, passou no concurso para o Magistério Estadual, tornando-se Professora de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª séries, lecionando em várias escolas e localidades, como Victor Graeff e Mato Castelhanos. Em Passo Fundo, na Escola Alberto Pasqualini, também foi Coordenadora Pedagógica e Vice-Diretora. Sua formação acadêmica, a partir daí, é composta por inúmeros títulos, como Mestrado em Linguística Aplicada (na PUC), Especialização em Língua Portuguesa, Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola; Licenciatura em Pedagogia – Habilitação em Supervisão Escolar, além do Curso

de aprimoramento em Língua Espanhola para Estrangeiros, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Extremadura, na Espanha, entre outros. Neusa sempre trabalhou pela conscientização do papel político do professor, e teve atuação importante dentro do sindicalismo, através do CPERS, integrando não só a diretoria do sindicato como sendo Conselheira Representante do 7º Núcleo. Desde 1983 ela desempenha a função de professora no curso de Letras da UPF. Atua nas disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Ela considera sua mais importante atuação o período de 1996 a 2000, quando participou da administração do prefeito Júlio Teixeira, como Secretária Municipal de Educação. Nesse cargo, desenvolveu um trabalho que primou pelo pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, visando garantir a autonomia das escolas e dos que nela fazem parte e a realizar um trabalho humano, participativo e democrático, valores esses que vivenciou em sua própria família e no decorrer de sua vida profissional. Seu objetivo sempre foi fazer com que a política trabalhasse em favor da educação e não o contrário. Enfrentou dois grandes

desafios: a permanência do aluno na escola, com vistas à redução da evasão escolar e os índices de repetência. Com seminários e encontros, alicerçou uma caminhada que resgatou a necessidade



O ex-prefeito Júlio Teixeira e a então Secretária de Educação Neusa Rocha

de formação continuada dos professores e a qualificação profissional, planejando, ao mesmo tempo, a ampliação da estrutura física das escolas. Sua atuação ficou marcada pelo diálogo, pelo respeito às divergências e pela valorização ao professor. Entre as muitas inovações que implantou, deu um destaque especial à Pré-Escola. Quem acompanhou seu trabalho costuma dizer que Neusa Rocha ficará como um marco referencial na área da Educação Municipal.



NIDIA NESSI CARNACINI –
Nascida em Uruguaiana (RS), em
11 de junho de 1926, filha de
José Nessi e Alayde Madureira
Nessi, Nídia viria a se casar com
José Carnacini Filho. Tiveram
três filhos: Paulo Roberto, (já
falecido) , Cláudio e Rodrigo.
Praticante da doutrina espírita,
dona Nídia passou sua vida
ajudando aos
necessitados. Nunca deixou de
atender os que batiam em sua
porta e que precisavam de apoio
material, espiritual ou
sentimental. Filha, mãe e esposa
extremosa, teve uma vida
exemplar, dedicando a todos que
com ela conviviam dedicação,
carinho e amor. Seu rosto
deixava transparecer uma

tranquilidade espiritual que a mantinha sempre serena, mesmo diante das piores adversidades. Juntamente com as sras. Helena Lângaro e Glorinha Vaz da Silva, trabalhou incansavelmente para a obtenção de recursos para a construção do Hospital Espírita Bezerra de Menezes, atualmente Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes. Dona Nídia faleceu em 3 de maio de 1997, após ver concluído o Hospital que havia idealizado com suas inseparáveis amigas. À medida que o tempo passa, mais aumenta a saudade das pessoas a quem ela tanto ajudou.





Nilce, a Glamour Girl de Passo Fundo, com o presidente do clube

do Clube Comercial e Miss Glamour de Passo Fundo. Dotada de uma linda voz, Nilce é solicitada para cantar em acontecimentos sociais e religiosos. Faz parte do Coral Terra Nostra, dirigido pelo maestro Carino Corso. Nilce foi casada com D'Artagnan Costamilan, e tem os filhos D'Artagnan, Cristiano e Tavane.

NILCE LOPETEGUY GRAEFF – Neta de Alfredo Graeff e Leopoldina Graeff, naturais da Alemanha, e Martim Lopeteguy e Ignácia Lopeteguy, naturais da Espanha, a filha de Alfredo Graeff e Genoveva Lopeteguy Graeff é natural de Passo Fundo. Sua mãe, Genoveva, é Argentina de nascimento. Nilce estudou nos colégios Notre Dame e CENAV, em Passo Fundo, e Colégio Bom Conselho, de Porto Alegre. Realizou curso de Língua e Literatura inglesa, que aprimorou nos dois anos em que residiu na Flórida, Estados Unidos, na Universidade de Tampa. Em Passo Fundo, fez cursos de Língua e Literatura Portuguesa na UPF e, no Instituto de Belas Artes, cursou acordeom. Dotada de uma forte personalidade, de uma beleza discreta e charmosa, Nilce, na sua juventude, encantou a sociedade passo-fundense, conquistando diversos títulos de beleza. Foi Rainha dos Estudantes na Escola Normal Oswaldo Cruz, rainha do carnaval



Nilce como Rainha da ENOC, com o par José Darcy, em 1955



Da esq. para a dir.: Irmã Líria, Selma Costamilan e Nilda Cornélio, à direita.

NILDA OLIVEIRA CORNÉLIO

– A primeira diretora da Escola Municipal do Presídio Regional é natural de Carazinho(RS), onde nasceu em 19 de maio de 1930, filha de Pedro Antonio de oliveira e Afonsina Cardoso de Oliveira. Casada com o funcionário público e gerente dos Cinemas Rossi Mário Cornélio (falecido em 1991),

Nilda tem os filhos Margarete, Paulo Fernando, Mario Cezar e Lucimar Oliveira Cornélio. Formada em Educação Artística, com Pós-Graduação em Artes Plásticas pela UPE, Nilda iniciou sua carreira no magistério municipal ensinando para adultos, no programa dos Cursos Populares. Em 1983 foi convidada pelo Conselho de Assistência aos Presidiários, dirigido pela Professora Selma Costamilan, assessorada pela Irmã Líria, irmã Ely e Ana Cerutti, para assumir a Direção da Escola do Presídio, que ainda não era oficializada. Nilda conseguiu, junto às autoridades, a oficialização da escola, para que os reeducandos, quando em liberdade, pudessem dar continuidade aos estudos. Esta oficialização deu-se durante a gestão do prefeito Carrion. O trabalho de Nilda ajudou a humanizar a Casa Prisional, diminuindo a tensão natural, lá existente. Com o apoio do Conselho, ela instalou biblioteca, gabinete dentário e aumentou o número de salas de aula no Presídio. Um fato que marcou sua gestão na escola, foi a denúncia que formalizou ao Secretário de Justiça do Estado, na época Mendes Ribeiro Filho, sobre os maus tratos infringidos aos presos. Por ocasião da visita do Secretário, os mais machucados foram transferidos, no dia anterior, para a Penitenciária do Jacuí, para que a comitiva não os visse. Essa denúncia causou o afastamento do Diretor do Presídio e de vários agentes. O fato provocou uma frase do Secretário de segurança, que disse a dona Nilda: “Vejo aqui os direitos humanos ressurgirem”. Mesmo assim, após esse episódio, Nilda Cornélio, junto com sua equipe de professores e todos os membros do Conselho, retiraram-se da escola. Nilda afirma que vale a pena lutar pelo ideal de tentar transformar a casa prisional num centro de reabilitação, como deveriam ser todos os presídios. Se não conseguiu totalmente o seu intento, o fato de fazer ressurgir os direitos humanos, como afirmou o Secretário, já valeu por todo o trabalho. Em 1989, na gestão do Prefeito Airton Dipp, ela assumiu a Secretaria da Assistência Social do Município, até aposentar-se. Hoje, atua junto ao CREATI, como membro do Diretório Acadêmico, onde, com alegria, conta histórias de seu trabalho em favor dos excluídos. Dona Nilda faz questão de lembrar nomes como o do então Juiz de Direito Dr. Olmiro Pautz Flores e do Promotor Silvério Herbert, que lhe deram todo o apoio quando de sua gestão à frente da Escola do Presídio.

NOELLY SAGEBIN ALBUQUERQUE – Seu nome sempre foi associado ao magistério ou a alguma obra social. A figura elegante, altiva educada, da professora Noelly Albuquerque é sempre lembrada nas reuniões e encontros de ex-alunos e professores. Nascida em Pelotas, em 31 de maio de 1926, filha de Mário Sagebin e Yolanda Abad Sagebin, Noelly, após concluir o curso normal, iniciou as atividades como professora com apenas 17 anos, na localidade de Torrinha, distrito de Pinheiro Machado (RS). Casada com o médico Antonio Marinho Albuquerque, em 1965 veio residir em Passo Fundo. Vieram os filhos Ana Christina, Christiane e Luiz Antonio. Continuou a lecionar em Escolas Estaduais, como o CENAV e Fagundes dos Reis. Foi Inspetora Estadual de Ensino e Secretária Municipal de Ensino, na administração do prefeito Guaracy Barroso Marinho. Sensibilizada especialmente pelas crianças, dedicou especial carinho àquelas com problemas físicos e mentais. Talvez por isso tenha permanecido, por mais de dez anos, na presidência da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Sempre disposta a ajudar ao próximo, também presidiu, em determinado período, a Casa Lar de Passo Fundo. Dona Noelly continua desenvolvendo atividades nas áreas filantrópica e comunitária, dando um exemplo para as pessoas que tem tempo e disposição para que ajudem o semelhante, pois só assim a sociedade melhorará como um todo, diminuindo as diferenças e desigualdades. A foto mostra a feliz dona Noelly com sua neta.



NOEMY DAMIAN – Há cinquenta anos atrás, Passo Fundo era uma cidade pacata,, sem os recursos educacionais que vieram mais tarde. Neste ambiente, viveu Noemy



Damian a sua mocidade, cujos sonhos, da maioria das jovens era, ainda a realização matrimonial. Noemy, contudo, era inquieta. Habituada à leitura desde muito cedo, fugiu aos padrões vigentes e idealizou sua realização pessoal, profissional, visando, também, uma independência econômica. Neste sentido foi pioneira. Em Passo Fundo, terminado o ginásio, só existia o curso Normal, recomendado às mulheres pelo conteúdo didático, voltado à educação e às lides domésticas, e o curso Técnico em Contabilidade, que formava os homens para a profissão de “guarda-livro”. No Instituto Educacional já existia o Científico e o Clássico, que preparava para a continuidade dos estudos,

porém pouco freqüentado pelas famílias católicas, antes do ecumenismo. Noemy decidiu ser bancária, mediante concurso, classificando-se como 1ª funcionária do Sulbanco, hoje Santander, onde trabalhou por 11 anos, sempre com o desejo de continuar seus estudos. A oportunidade veio com a abertura do Curso Científico na Escola Notre Dame. Abarreira foi a conciliação de horários entre estudo e trabalho bancário, que acabou sendo vencida pelo primeiro. Três anos de expectativas e é fundada a Faculdade de Filosofia em Passo Fundo. Noemy foi a primeira a se matricular, realizando, com entusiasmo, o seu curso, contando com a compreensão dos seus colegas de trabalho. Já no 4º ano do Curso de Filosofia começou a lecionar na Escola Notre Dame, onde trabalhou por 11 anos. Findo o Curso de Filosofia, foi convidada a lecionar, assumindo a cadeira de Ética, tornando-se a primeira aluna a ingressar no Corpo Docente da Faculdade de Filosofia. Como acadêmica, foi fundadora do Centro Acadêmico Sto. Agostinho, exercendo a função de Secretária. Foi fundadora do núcleo da JUC – Juventude Universitária Católica – em Passo Fundo, movimento que teve grande repercussão naquela época. Como professora universitária, foi fundadora da Associação dos Professores Universitários. Por ocasião da criação da Universidade de Passo Fundo, recebeu o título de Professora Fundadora, por pertencer ao Corpo Docente, como

professora titular das cadeiras de Ética e Filosofia da Educação. Ingressou no magistério estadual com a titulação de Professora Fiscal junto a Secretaria de Educação, sendo co-responsável pela criação da Escola Normal Santa Clara, de Getúlio Vargas (RS), onde serviu por 2 anos. Transferindo-se para Passo Fundo, trabalhou 20 anos na Escola Normal Oswaldo Cruz e Curso de Magistério do EENAV, na disciplina de Fundamentos da Educação. Concluiu sua carreira como Supervisora do Ensino, no Grupo de Programação da 7ª DE, até sua aposentadoria por tempo de serviço. Ainda quando professora, foi convidada a fundar o Conselho Municipal de Educação, órgão importante para o Ensino Municipal, onde exerceu, por duas gestões, o cargo de 1ª Secretária. Já aposentada, procurou respostas aos problemas religiosos, no curso de Teologia que frequentou com os seminaristas, por 4 anos, ainda como pioneira, por não ser comum uma católica leiga, tornar-se teóloga. Dentre os cursos que fez, destacam-se os de Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1961; em 1963 Licenciatura em Filosofia; em 1970 Curso de Especialização em Martin Heidegger – “Problemas da Reconstrução Metafísica” – na Unisinos, em São Leopoldo; em 1981 Curso de Especialização Metodologia do Ensino de 2º Grau Pós-Graduação lato sensu na UPF; e, em 1996 o Curso de Teologia, no Instituto de Teologia e Pastoral da Diocese de Passo Fundo. Participou de dezenas de outros cursos, palestras, convenções. Desde 1986 é sócia da Associação Internacional de Lions Clube, e, atualmente, pertence ao grupo de voluntárias da Liga Feminina de Combate ao Câncer. Quando indagada sobre o caminho percorrido, Noemy afirma: “Enquanto houver vida, a busca de sentido continua sem cessar”. Noemy é natural de Passo Fundo, nascida dia 6 de junho de 1926. É filha de João Damian e Affonsina Lima Damian





ODILA MINÚSCOLI STOLFO – As pessoas que a conhecem costumam dizer que, se há uma pessoa que merece destaque e justos elogios por suas intensas e variadas atividades relacionadas à educação dos jovens, à formação de professores e, ultimamente, à terceira idade, é a professora Odila. Sua incansável dedicação, sua competência e seu dinamismo, juntos com sua contagiante disposição e alegria, são qualidades que fazem dela uma pessoa querida e estimada por onde passar, pois ainda trabalha, embora já tenha se aposentado da função de professora estadual de Educação Física. Natural de Casca (RS), onde nasceu em 24 de outubro de 1948, é filha de Ernesto Minúscoli e Helena Magnanti Minuscoli. Casada com Ricardo José Stolfo desde

1972, tem três filhos: Rafael (formado em Engenharia Civil pela UFRGS), Raquel (acadêmica de Direito na UPF) e Ricardo Magno (acadêmico de Arquitetura e Urbanismo na UPF). Seus dois netos são Beatriz Stolfo e João Pedro Fernandes Stolfo. Odila fez o curso superior de Licenciatura em Educação Física em 1973, pela UPE. Em 1984 fez Pós-graduação em Ciências Aplicadas à Educação Física e, em 1994, Pós-graduação em Gerontologia Social, ambas na UPF. Sua larga experiência profissional foi desenvolvida atuando como professora de Educação Física em escolas estaduais e particulares nos anos de 1972 a 1994. Atualmente, é coordenadora da Oficina do Corpo do CREATI (Centro Regional de Estudos e Atividades Para a Terceira Idade) da UPF, onde, além de professora, é fundadora dessa oficina, no ano de 1990. É Coordenadora do DAATI (Departamento de Apoio às Atividades da Terceira Idade) do município de Passo Fundo. Entre inúmeras outras experiências, vale destacar os cursos de Atividades Físicas para a terceira idade (em 1990), curso de monitores – UPF (em 1991), curso A Arte de Viver a Terceira Idade (1990* 1996), Instrutora do Módulo V no XI Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia Social na UERJ (Rio de Janeiro) em 1997, curso Música e Movimento, trabalho prático no II Congresso Brasileiro de Gerontologia Social e II Fórum Permanente de Política Nacional do Idoso (UFRGS – 1998). Participou da comissão organizadora do V Encontro Latino-Americano de Universidades Abertas – UNI 3, na UPE, em 1997. É autora do livro “Noções de Educação Física para a Terceira Idade” (1993) e, em parceria, do “Lazer, Qualidade de Vida Na Terceira Idade” (1994). Colaborou em anais da Escola Superior de Educação Física na Universidade Federal de Pelotas (RS) e da Revista Maturidade. O DAATI conta hoje, com 1.500 pessoas idosas e 30 professores, pertencentes aos bairros e vilas de Passo Fundo, as quais sentem-se felizes de participar das promoções coordenadas pela professora Odila. É um trabalho pertencente ao município, e recebe o total apoio do Prefeito Osvaldo Gomes.



OLGA BORTOLÁS COPPETTI MENEGAZ - Primeira filha do casal Guilherme e Amábile Bortolás Coppetti, dona Olga nasceu em 12 de outubro de 1917. Fez seus estudos básicos nos colégios Instituto Educacional e Notre Dame, em Passo Fundo. Aos 18 anos foi trabalhar na oficina mecânica de propriedade de seu pai, como responsável pelo escritório da pequena empresa. Não era raro, entretanto, que a jovem Olga, muitas vezes, ficasse responsável pela entrega dos carros que seu pai consertava. Seu gosto por automóveis, entretanto, já vinha de há muito tempo, quando, aos doze anos de idade, começou, por conta própria, a aprender a dirigir os automóveis, sem que o pai soubesse. O sr. Guilherme, mais tarde, começou a confiar na coragem da jovem, e, quando ia às caçadas (geralmente perdizes,

uma tradição naquela época), Olga deixava-o com o cachorro perdigueiro num determinado local, e pegava-o com o carro em outro, às vezes numa distância superior a 15 quilômetros. Nessas ocasiões Olga estava sempre acompanhada pela mãe e suas irmãs, Tióia e Maria. Aprendeu a dirigir num carro Fiat, tendo sido pioneira em dirigir o primeiro Ford 27 de Passo Fundo. Era costume, aos domingos, que a mocinha Olga, com suas irmãs e amigas, saísse dirigindo pela cidade, encantando a todos pela proeza, sentindo-se feliz e realizada. Este espírito pioneiro e corajoso, dona Olga acredita ter herdado de sua avó Estela Cecatto Bortolás, que chegou da Província de Belluno, Itália, em 1879, casando-se, em 1885 com Pietro Bortolás, residindo em Antonio Prado (RS) por alguns anos, mas voltando para Passo Fundo algum tempo depois, onde exerceu a função de parteira, em tempos muito difíceis. Dedicada e corajosa, sua avó dizia que seu trabalho era um sacerdócio. Muitas crianças nasceram com sua ajuda, dentre elas o dr. Telmo Ilha, dr. Petracco, Dr. Eduardo Barreiro, entre muitos. Vó Estela, como era chamada, teve 9 filhos. Faleceu aos 79 anos, após cumprir sua nobre missão com coragem e abnegação. Pois bem, com um exemplo destes na família, dona Olga certamente recebeu como herança o espírito corajoso que sempre demonstrou ter. Em 1941, casou-se com Armando Menegaz, com o qual teve os filhos Jucélia (com os netos José Armando e Graziela); Vanda Angelina (com os netos Vanessa, Vicente e Ramiro); Celso Antonio (com as netas Alessandra – e bisneta Luiza – e Camile) e Lúcia Marlene (com os netos Ana Carolina e Guilherme). Outra coincidência na vida de dona Olga é o fato de, dezenas de anos depois de ela ter dirigido seu primeiro Fiat, seu filho Celso, atualmente, é Diretor-Proprietário da Guaracar, Revenda de veículos Fiat em Passo Fundo e região.



OLGA CAETANO DIAS - A professora que mais tempo permaneceu como Delegada de Ensino em Passo Fundo, nasceu nesta cidade, em 22 de janeiro de 1918. Era filha de Plácido Caetano e Júlia Rocha Caetano e casou-se com o capitão Darcy Dias. Teve os filhos César Augusto (já falecido), Luiz Paulo, Maria Lúcia (casada com Geraldo Fernandes), Maria Alice, Maria Célia e Maria Júlia. Formou-se professora na antiga Escola Complementar, e começou a lecionar no então Distrito de Coxilha. Para isso, foi aprovada no primeiro concurso estadual para o magistério, em 1941. Na época, o trajeto era uma aventura, com a estrada de terra cheia de buracos, ônibus que não tinham hora certa para chegar ou sair e, quando chovia, então, muitas vezes o trajeto ficava impraticável. Após casar-se com o militar e esportista Darcy Dias, dona Olga passou a trabalhar em Passo Fundo, lecionando no Grupo Escolar Fagundes

dos Reis. Acompanhando o esposo, residiu nas cidades de Guaporé (RS) e Bom Jesus (RS), sempre a lecionar. De volta a Passo Fundo, trabalhou nas escolas Protásio Alves e Nicolau de Araújo Vergueiro, nas quais foi também Diretora. Por sua dedicação e competência, foi nomeada Delegada de Ensino da 7ª DE, cargo que ocupou por oito anos, tempo ainda não superado por nenhuma outra delegada. Talvez o fato de não ser vinculada a nenhum partido político mais a reconhecida competência e serenidade, com as quais exercia o cargo, tenha contribuído para que a professora Olga Caetano Dias ficasse tanto tempo numa função muito delicada. Ao pedir exoneração como Delegada de Ensino, dona Olga ocupou o cargo de Diretora do CENA, aposentando-se em março de 1972. Conta-se que sua menina dos olhos, porém, era a Escola Protásio Alves, onde também havia sido diretora. Ela dizia que sua neta, ao passar com ela em frente à escola, dizia: "Olha a sua queridinha, vó!". Após a aposentadoria, dona Olga dedicou-se ao trabalho social. Foi integrante do grupo Pró-Memória de Passo Fundo e do Grupo de Vicentinos da Conferência Santa Izabel. Este símbolo da Educação faleceu em 4 de abril de 2000. Neste ano de 2001, foi sancionado pelo Prefeito Municipal, decreto criando e denominando como Escola Professora Olga Caetano Dias a Escola Municipal Especial, para atendimento de pessoas autistas. Uma justa homenagem a quem dedicou a vida ao magistério.



OLGA DURGANTE POLETO – Nascida Em Passo Fundo, em 26 de outubro de 1915, filha de João Durgante e Hercina da Silva Durgante, a professora, escritora e primeira mulher a assumir uma cadeira no Legislativo Passo-fundense (mesmo como suplente), casou-se com o comerciante Juliano Poletto e teve os filhos Márcia, formada em letras e música (viúva do advogado e economista Antonio Carlos Oltramari) e Juliano Poletto Júnior, médico veterinário (casado com a professora Maria Tereza Girardelo Poletto). Seus netos são Luciane, Andréa e Ricardo Poletto Oltramari e Felipe e João Girardelo Poletto. Sua marcante carreira no magistério começou quando se formou na antiga Escola Complementar, em 1934 e iniciou o magistério em 4 de julho de 1938, na cidade de Soledade (RS), onde permaneceu até 28 de fevereiro de 1940. Já em Passo Fundo,

foi diretora do Grupo Escolar Monte Castelo de 1940 a 1946. De 1946 a 1947, lecionou na Escola Normal Oswaldo Cruz (hoje EENAV). A partir de 17 de maio de 1947, passou a exercer atividades na 7ª Delegacia Regional da SEC, onde permaneceu por mais de 21 anos, até sua aposentadoria. Foi a primeira Supervisora do Núcleo do CPERS de 1962 a 1968. Consciente de que o exercício do magistério não deve ficar restrito apenas em dar aulas, dona Olga Poletto, em 1945, quando Diretora do G.E. Monte Castelo, iniciou, com o corpo docente e Associação de Pais e Mestres, uma campanha junto às autoridades estaduais e municipais pra a construção de um novo prédio. Em 1946, finalmente foi inaugurado o prédio que serviu ao bairro Vila Rodrigues por mais de vinte anos, até abril de 1968. Em 1958, como suplente pelo Partido Liberal, assumiu uma cadeira de vereadora no Legislativo Municipal, mas ali ficou por pouco tempo, pois foi solicitada para dirigir um Concurso de Remoção e Entrância. Mesmo assim, este fato tornou-a a primeira mulher a assumir uma cadeira no Legislativo Passo-fundense. No período em que esteve na Câmara, batalhou pela criação de uma Escola Industrial, que pudesse amparar e dar uma profissão aos menores de Passo Fundo.. Em 1961, foi uma das fundadoras da Cruzada Passo-fundense de luta Contra a Tuberculose, sendo secretária dessa entidade desde sua fundação até 1968. Fez parte de várias comissões de serviços prestados à comunidade local, em movimentos sociais, educacionais e sindicais. Em 1962, coordenou, supervisionou e fundou, nesta cidade, o Núcleo do Centro de Professores Primários do Estado do Rio Grande do Sul, hoje o CPERS. Foi supervisora desse sindicato

de 1962 a 1968. Nesta função, manteve no jornal "O Nacional", a "Coluna do Magistério", para divulgar as atividades, realizações e conquistas da entidade,. E do Clube do Professor Gaúcho, do qual também era sócia-fundadora. Quando viajou à Europa, após aposentar-se, sua viagem foi divulgada em capítulos no jornal O Nacional, e estes serviram de tema de estudo nas escolas. Como professora, Olga Poleto representou o "mestre" em seu sentido mais dignificante. Como Diretora, foi eficiente e dedicada, bondosa e gentil, administrando com firmeza e justiça, fazendo do seu cargo a realização de um ideal. Na função de Orientadora de Educação, foi inigualável na arte de infundir, no professor, o amor pela criança. Esta figura inesquecível faleceu no dia 4 de janeiro de 1994.



ONDINA MARQUES DAUDT – Esta professora de música e fundadora do Conservatório Municipal de Música nasceu em Passo Fundo, no dia 7 de agosto de 1912. Filha de Josino Savignone Marques e Eulina dos Santos Vaz, casou com o advogado Frederico Cornélio Daudt. Seus filhos são Luiz Wilson Marques (general



A professora Ondina e seu esposo, saudoso dr. Frederico Daudt

do Exército, residente no Rio de Janeiro), Valter Daudt (médico psiquiatra, residente em Porto Alegre) Maria Virgínia Daudt Baron (professora de música) e Edmar Vianey Daudt (Procurador do Estado). Sua ligação com a música vem desde pequenina, quando ficava encantada ao ver

e ouvir seu pai, Josino Marques, tocando, ora violino, ora flauta, interpretando belas, suaves e saudosas melodias. Não tardou para que ele presenteasse a seu irmão, Francisco, com um violino e a ela com um bandolim. Durante vários anos tocou bandolim, mas já sonhava com o piano. Ao frequentar o Colégio Notre Dame, conheceu a Irmã Maria Arnolfa, competente professora de piano, com quem iniciou o curso desse instrumento. Teve a imensa alegria de ganhar de seu pai um piano Steinway & Sons, um dos melhores do mundo, até hoje.. Antigamente, sem a televisão e os shopping center, era comum as pessoas se reunirem em alguma casa para tocar, declamar, cantar. Era costume, também, nas solenidades, haver uma apresentação musical, e dona Ondina quase sempre era convidada para isso, sozinha ou não. No aspecto religioso, quando jovem ela fazia parte do Coral das Filhas de Maria, na Igreja Nossa Senhora da Conceição, cantando ou tocando. Mais tarde, já casada, foi uma das organistas do Coro da Catedral Nossa Senhora Aparecida, na década de 50. Aliando o religioso com o social, cantou e tocou em muitos casamentos. Como professora, concluiu o Curso Superior de Piano no Instituto Musical, em Porto Alegre.. Criou a Escola de Música Carlos Gomes, registrada na Secretaria de Educação e Cultura, dando aulas de piano em sua residência, e foi assim que, em 1952, colaborou para a instalação do Conservatório de Música de Passo Fundo, levando, para sua formação, seus alunos particulares. São desta época Hélivia Miotto, Berta Bacaltchuk, Clair Ribas, Carmen Terezinha Lucca, Elida Marques, Nair Alice Bürgel, Nilva Ghem, dentre tantas outras. Foi Diretora do Conservatório nos anos de 1954 e 1955, e, além de piano, lecionou História da Música. O Conservatório – primeira célula da hoje Universidade de Passo Fundo – juntamente com a Escola de Belas Artes, também criada no ano de 1952, vieram a ser encampados pelo Município e, unidos, passaram a ter o nome Instituto de Belas Artes. Em 1957, o Instituto passou a

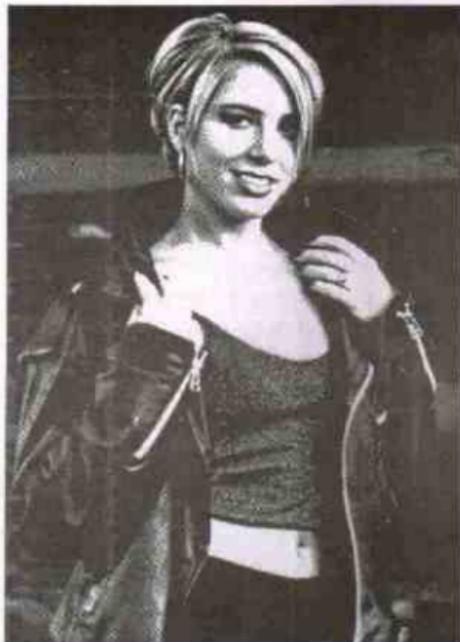
integrar a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, sendo hoje denominada Faculdade de Artes e Comunicação. Em 1966, Passo Fundo estava em grande atividade na preparação da 1ª EFRICA. Foi aberto concurso para escolha de um



Professora Ondina Daudt junto aos seus filhos

hino, e dona Ondina participou. Seu trabalho foi o escolhido e, na ocasião, a professora Irene Wagner Teixeira, competente regente de corais, preparou a apresentação do hino. A Professora Ondina acredita que sua maior contribuição para Passo Fundo tenha sido ajudar na formação de muitas jovens, algumas hoje excelentes profes-

soras de música, pois a música é a manifestação artística que mais contribui para o desenvolvimento da sensibilidade das pessoas, como também de seu senso crítico. Sobre seu livro "O Resgate da Música em Passo Fundo", Ondina diz que é o resultado de duas etapas de um trabalho em que procurou resgatar um pouco da vida musical de Passo Fundo, até a década de 50. Ela decidiu que era a oportunidade de registrar não só suas lembranças, mas principalmente de buscar fatos que hoje estão apenas na memória de alguns passo-fundenses, antigos moradores. Pediu a diversas pessoas que escrevessem sobre organizações, instituições, eventos ou fatos a que estiveram ou estão ainda ligados, visando recuperar, sob diferentes aspectos, um pouco da vida musical em nosso meio. Poucas se recusaram a fazê-lo e isto explica porque algumas instituições estão superficialmente abordadas, ou apenas citadas. Dona Ondina diz que, por isso, dentro de suas limitações, o livro transmite o que vivenciou e também o que, de um passado mais ou menos distante, procurou saber a respeito da arte musical em Passo Fundo, na primeira metade do século passado. Seu desejo é que seus apontamentos sirvam de motivação para a continuação de uma pesquisa sobre a presença da música em nossa região.



PAULA ZIMMERMANN BATTISTI – Filha de Aldo Bettinelli Battisti e Lenira Zimmermann Battisti, nascida em Passo Fundo em 27 de abril de 1971, Paula tem três irmãos: Carlota (bacharel em Comércio Exterior pela UNISINOS), Santiago (acadêmico de Direito na UPF) e Betina (cursando Fisioterapia na UPF). Está casada há quatro anos com seu (conforme suas próprias palavras) “eterno amante, marido e companheiro Roberto Corso Zanin (Beto Zanin)”, com o qual namorou por doze anos antes de se casar. Apesar da pouca idade, Paula parece ter nascido para ser empresária de moda, pois já trabalha há quinze anos na loja. Ela cumpriu a rotina que se vê nos filmes, nos quais o chefe mistura-se aos funcionários para ver o andamento dos negócios. No seu caso, porém, era a vida real. Paula começou

como empacotadora, e, atualmente, é responsável pelas compras, junto com sua mãe. Estudou no Colégio Conceição, de onde tem muita saudade dos campeonatos de vôlei, quando era sempre titular e muitas vezes foi escolhida como a melhor atacante. Formou-se em Administração de Empresas pela UPF. Tem muito orgulho de seu trabalho na empresa de sua família, porque a loja Battisti, Battisti & Cia Ltda. Teve início com a chegada de seu avô João Battisti (nascido em Trento, na Itália) ao Brasil em fevereiro de 1924. Estabeleceu-se em 1930 com sapataria de consertos. Em 1939 foi transformada em loja de calçados. A abertura da loja filial, na rua Morom, em agosto de 1966, foi a ocasião em que seu pai, Aldo, começou a fazer parte da firma, que funciona até hoje como um Mix de mercado diversificado. Com esta tradição familiar, Paula é a 3ª geração da Planet Battisti e encara com grande responsabilidade essa profissão, porque tem consciência de que ser referência de alguma coisa para um determinado grupo de pessoas, é um grande compromisso. Paula participa de todos os eventos de moda do país. Já amanheceu em Porto Alegre, passou a tarde no Rio de Janeiro e dormiu em São Paulo devido aos intensos compromissos profissionais de desfiles das coleções das quase tem exclusividade. Ela costuma dizer que “o importante é você sentir que vale a pena, graças à sua força de vontade e ao amor com que você vive seu dia a dia”. Um de seus sonhos é fazer com que a Planet Battisti chegue aos 100 anos, com o mesmo sucesso com que chegou aos 60.



REJANE MARIA BERNARDON – A professora fundadora do Curso Técnico de Eletrônica do Colégio Cecy Leite Costa é natural de Passo Fundo, filha de Sinval Bernardon, conhecido empresário e político local, e Ignês Formighieri Bernardon. Concluiu o curso secundário no Colégio Bom Conselho, quando iniciou sua carreira no Magistério. Desde muito jovem cultivou o estudo das artes, e concluiu o Curso Superior de Música, com nível de Pós-graduação na Faculdade Musical Palestrina, de Porto Alegre e lá foi professora por mais de dez anos. Também é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UPF. Como professora estadual, foi Diretora da Escola Estadual Cecy Leite Costa, quando elaborou, em conjunto com

a ACISA, SENAI e Prefeitura Municipal, o projeto de criação do Curso Técnico de Eletrônica, que deu início à primeira turma de alunos com a criação de um moderno laboratório, que serviu de base para o curso que, hoje, é referência regional em Educação profissionalizante. Este feito muito a orgulha, pois costuma dizer que a Cecy Leite Costa foi sua escola do coração, na qual se aposentou. No ensino municipal, foi Diretora da Divisão Administrativa da Secretaria municipal de Educação, tendo participado da criação do Núcleo de Atendimento dos Alunos Com Dificuldade de Aprendizagem, coordenado pela professora Selma Costamilan, quando Rejane percorreu as escolas do município para a legalização das APPs, com eficiência e dedicação. Foi Supervisora dos Cursos Profissionalizantes Municipais e Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Luiz Gonzaga, onde realizou um trabalho dentro da área social, beneficiando os alunos carentes. Atualmente, desempenha funções junto à SOCREBE, entidade que atende grande clientela carente, dirigida pela grande benfeitora Irmã Guiomar. Por influência do pai, Sinval Bernardon, que foi tradicional político passo-fundense, sempre participou de campanhas políticas e movimentos sociais da cidade. Na comunidade onde mora, colabora e incentiva promoções junto à Igreja Santo Antônio, fundada por seus tios Adelina Madalosso e esposo e seus pais Sinval e Ignês Bernardon. Na vida pessoal, sua maior realização é sua família, especialmente os filhos Fabrício Bernardon Reveilleau e Marcelo Bernardon Reveilleau. Rejane é aquela figura gentil que colabora com todos. Por onde passa, deixa marcas indeléveis por sua experiência administrativa e conhecimento jurídico, dando uma grande contribuição à educação, à cultura e, especialmente, à área administrativa.

ROSA THERESA SACHETTI – Esta pioneira atriz, radialista e apresentadora de televisão, nasceu em Santa Maria (RS), em 2 de outubro de 1931. Rosa é filha de Felix Sachetti e Edwirges Conegunda Marangon. Antes de tornar uma das mais populares e conhecidas atrizes de teatro, uma das primeiras radialistas, uma das poucas (senão a primeira) passo-fundenses a participar de um filme nacional, e a primeira apresentadora do programa Variedades, na TV Umbú, Rosa se fazia presente, entre 1959 e 1962, como Presidente do Sindicato dos Comerciantes de Passo Fundo. Católica praticante, foi membro das Benjamins, Ação Católica e Juventude operária Católica (JOC) e, atualmente, faz parte do Movimento Encontro Com Cristo. Fez os estudos básicos nas escolas Protásio Alves, Bom Conselho e Colégio Santa Maria. Em seguida, formou-se em Letras, pela UPE. Lecionou, entre 1966 e 1974, no Colégio Cristo Redentor e CENAV. Trabalhou no Serviço de Assistência da Fundação Benficiente Lucas Araújo, entre 1975 e 1987. Antes disso, na administração Mário Menegaz, trabalhou no Serviço de Assistência Social do Município. Entre 1954 e 1963, fez teatro com o Grupo Teatral Delorges



Rosa, de blusa branca, na peça "Onde estás, felicidade?" na década de 50

Caminha, de Passo Fundo, grupo hoje histórico, por onde passaram os maiores nomes ligados à Arte na cidade. Bonita, alta e elegante, Rosa foi protagonista nas peças Testemunha de Acusação, Está lá Fora Um Inspetor, Essa Mulher É

Minha, Pertinho Do Céu, Onde Estás Felicidade, Bicho do Mato e Dona Xepa. Por dez anos, de 1954 a 1964, trabalhou na Rádio Passo Fundo, onde exerceu diversas atividades, como discotecária, operadora de mesa de som, redatora, apresentadora do programa feminino Chá das Três, recepcionista e, principalmente, ao lado de vários atores e atrizes de rádio-teatro. No cinema, fez um pequeno papel como a esposa do médico (interpretado no filme pelo dr. Paulo Giongo), no filme Gaúcho de Passo Fundo, um grande sucesso nacional do saudoso cantor tradicionalista gaúcho Teixeira. Para que se tenha uma idéia da exata importância de um fato como esse, naquela época, basta dizer que seria o equivalente a uma passo-fundense, hoje, ter participado no filme Central do

Brasil, que percorreu o Brasil e concorreu ao Oscar, tal era a popularidade de Teixeira em aquele tempo. Em 1980, com a inauguração da TV Umu, retransmissora da RBS, Rosa foi convidada para ser a apresentadora do programa Variedades. Naquela época, entrevistou pessoas importantes, como o então ministro da Previdência Jair Soares, o Deputado Odacyr Klein, o artesão Arthur Guarisse, os músicos Sidney Magal e o saudoso compositor /Gonzaguinha, entre muitos outros. Rosa lembra com saudade seus companheiros de Delorges Caminha, como Walter Portela, Jaime Sirotski, Paulo Giongo, Pedro de Alexandre, Itália Durgante, Marília Bexiga, Leonilde Marini, entre tantos outros atores que passaram por esse grupo de teatro.



Rosa, de saia escura e blusa branca, à esquerda; Dr. Paulo Giongo, sentado bem no meio; dona Itália Durgante, sentada à esquerda do dr. Giongo; Pedro de Alexandre, em pé, penúltimo à direita.





SALETE MARIA POSSAN NUNES – Esta combativa líder na área do magistério é nascida em Passo Fundo, no dia 9 de agosto de 1953. É casada com José Itacir Nunes e é mãe de cinco filhos. Sua formação educacional é a clássica da maioria das professoras: normalista, fez Licenciatura em história e é Pós-graduada em Metodologia de Ensino de 2º Grau. Foi professora da rede Municipal de Ensino de Passo Fundo de 1974 a 1988. iniciou suas atividades no Magistério Estadual em 1977, lecionando em Victor Graeff, então Distrito de Passo Fundo. Após o período de três anos, foi transferida para a cidade de Passo Fundo, onde lecionou da Escola Estadual Gervásio Luccas Annes por cinco anos. Procurando trabalhar, o mais próximo possível, de sua residência, foi

remanejada para a Escola Estadual Anna Luiza Ferrão Teixeira, onde trabalhou até sua aposentadoria. Foi na Escola Anna Luiza que exerceu a maior parte de sua vida profissional, atuando como professora de História, Geografia e Ensino religioso, de 5ª a 8ª séries. Entre 1988 e 1991, exerceu a função de Diretora, eleita em lista triplíce. Segundo ela, foi uma profunda experiência de vida profissional, foram três anos de muitos desafios, entre eles a construção de um projeto político-pedagógico, em conjunto com a Comunidade Escolar. Também foi importante, nesse período, a ampliação da Escola, com a construção de um prédio de três pisos, 10 salas de aula, refeitório e sala de reunião, para atender à grande demanda da vila. Outro desafio importante vivido na mesma escola, como professora de História, foi a implantação de uma nova abordagem numa nova metodologia de Ensino de História. Este projeto, que envolveu mais de 14 escolas da cidade, nasceu sob sua coordenação. Juntamente com a vida profissional, Salete sempre esteve engajada nos movimentos sociais e sindicais. Neste ano de 2001, Salete exerce a função de Diretora do 7º Núcleo do CPERS/Sindicato, eleita para a 2ª gestão. A experiência vivida junto ao CPERS é cada vez mais determinante, segundo ela, para enfrentar a lógica de exclusão do sistema neoliberal. O Centro de Professores do Rio Grande do Sul é o maior da América Latina. Orgulham-se os professores associados e sentem-se bem acolhidos no 7º Núcleo quando necessitam de encaminhamentos para solicitações diversas à Secretaria de Educação, tais como direitos adquiridos de promoção, aposentadorias, triênios e outros. Esse sindicato conta com um setor jurídico para dar atendimento aos professores que necessitem requerer qualquer direito ao Estado. A professora Salete atende a todos com seu sorriso e sua dedicação, sem medir esforços para bem servir os colegas, mesmo fora do horário de expediente. Quem a conhece diz que Salete é uma guerreira, uma forte lutadora pelos direitos dos professores e funcionários da escola. Ela tem a força de mobilizar e unir todas as correntes do CPERS devido ao seu carisma peculiar. É uma líder que transmite confiança e solidariedade.



SANDRA MARA SERRANO CARNEIRO – Primeira mulher que ousou abrir uma Galeria de Arte em Passo Fundo, Sandra é nascida em Soledade (RS), filha de Antonio dos Santos Carneiro e Consuelo Serrano Carneiro. Tem quatro filhos: Verônica, Marcelo, Caroline e Manoela Bertagnolli. Dotada da beleza típica da morena gaúcha, Sandra, de gestos delicados e gosto refinado, embora sem formação acadêmica na área das Artes Plásticas, sempre gostou de belas telas, esculturas, porcelanas, tapetes e tudo o mais que representasse o esforço de um artista em busca da perfeição. Resolveu, por isso, em 1986, abrir uma galeria de arte para preencher esta lacuna na

sociedade passo-fundense. A galeria chamava-se Espaço da Arte, e se localizava na esquina da rua Morom com a Capitão Eleutério, em frente ao Posto Esso Morom, bem no centro da cidade. Até 1998, ano em que fechou a Galeria, Sandra realizou várias exposições de artistas nacionais e estrangeiros, além de muitos leilões de arte. Ela também levava exposições e leilões para outras cidades gaúchas, como Uruguaiana, por exemplo, na fronteira sul do Estado.. esta atividade lhe trouxe momentos gratificantes e a possibilidade de conhecer vários artistas de renome, além de muitos lugares pelo mundo todo, onde buscava material para expor em sua galeria. Entre os artistas que participaram de exposições por ela promovidas, estão Maria Tomazelli Cirne Lima, Armando Romanelli, Xico Stockinger, Márcia Novaes, Iberê Camargo, Vasco Prado, Alice Brill, Cão Dornelles, Nackle (artista uruguaio), as passo-fundenses Rosa Coitinho, Roseli Preto, Maria Lucina Bueno, Nadja Rossato, Soriano e ainda Glauco Pinto de Moraes, Pietrina Checatti, Paulo Portella, Alex Fleming, Sergio Ferro e Juarez Machado. Entre as muitas experiências que vivenciou, uma a marcou profissionalmente: ela estava no atelier de Iberê Camargo, que, na ocasião, pintava o quadro de uma senhora idosa, sentada. Sandra, que não tinha predileção por arte contemporânea, sentia-se angustiada naquele ambiente. Repentinamente, Iberê pediu que ela desse uma opinião sobre o quadro que pintava. Pega de surpresa, Sandra disse apenas o que sentia – muita angústia. Iberê riu, e disse que era exatamente aquilo que queria ouvir, pois ele retratava a angústia da velhice. A partir desse episódio, Sandra passou a gostar um pouco mais da moderna arte contemporânea.



SANTINA RODRIGUES DAL PAZ – Nascida em Ijuí (RS), em 28 de janeiro de 1930, filha de João Gomes de Oliveira e Natália Rodrigues Gomes, casada com Augusto Dal Paz (já falecido), a professora, pesquisadora e escritora Santina Dal Paz é mãe de Cátia Maria Dal Paz Benvenuti. Seus estudos foram feitos nos colégios Protásio Alves, Notre Dame e Bom Conselho., de Passo Fundo. Quando criança, ela queria ser professora. Na adolescência, seu sonho era ser bancária. Para isso, procurou o Colégio Conceição, para matricular-se no Curso Técnico em Contabilidade, mas o curso havia sido temporariamente extinto. Foi então que uma Irmã da Congregação Salvatoriana notou que Santina era talhada para o magistério, e lhe conseguiu um contrato com a Prefeitura, para que ela lecionasse.

Depois disso, Santina foi professora no CENAV, Notre Dame, Bom Conselho, Protásio Alves e Escola de Enfermagem do Hospital São Vicente de Paula. Foi a primeira diretora do Colégio Cecy Leite Costa e a primeira Diretora do Núcleo do CPERS da região. Exerceu o magistério por 31 anos, e costuma dizer que, ser professora, foi uma dádiva de Deus. É membro da ADESG e da Academia Passo-fundense de Letras, da qual foi Presidente no exercício de 1998. Neste ano de 2001 ela exerce o cargo de vice-presidente.. No ano de 1980, Santina recebeu o Prêmio Destaque em Liderança no Magistério, instituído pelo Jornal Diário da Manhã. Durante 15 anos assinou a coluna intitulada “Aconteceu a ¼ de século” no Diário da Manhã. Continua assinando matérias nos jornais locais sobre educação e artigos na revista Somando. É co-autora do livro “Vultos da História de Passo Fundo” com o escritor Welci Nascimento, que traz a biografia dos patronos das escolas de Passo Fundo. Segundo a historiadora, a idéia de escrever o livro veio de uma forma curiosa. Ela estava escutando a Rádio Planalto, quando o entrevistador perguntou à entrevistada, uma professora, se ela conhecia a história do patrono da escola em que ela lecionava. Ante a total desinformação da professora, Santina, estarrecida, idealizou a idéia de escrever sobre o assunto. Algum tempo depois, o livro foi publicado.

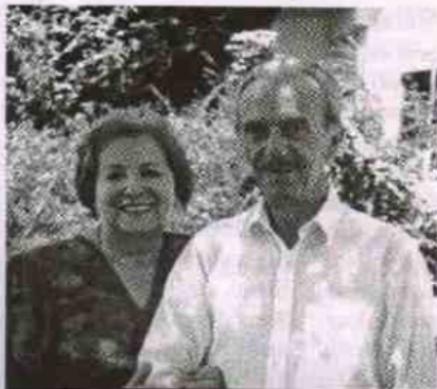


SELMA GANDINI COSTAMILAN -

A co-autora desta obra reside em Passo Fundo há mais de 35 anos. Filha de Sebastião Gandini e Amália Zanatta Gandini (ambos já falecidos), é natural de Montenegro (RS), nascida no dia 1º de setembro de 1926, sendo a décima filha do casal Sebastião e Amália. Quando criança, veio residir em Tapejara (RS), onde seu pai foi um dos pioneiros no setor de madeiras, tornando-se destacado madeireiro em toda a região. Dona Selma fez seus primeiros estudos na Escola Medianeira de Todas as Graças, em Tapejara, continuando seus estudos na Escola Complementar de Passo Fundo e na Escola São José de Vacaria. Fez curso de complementação Pedagógica para Magistério no Colégio Normal Bom Conselho de Passo Fundo. Depois, fez o Curso de Formação Pedagógica no Centro de Pesquisa e Orientação

Educacional da SEC, durante quatro anos. Realizou, também, diversos cursos de Extensão universitária para o Ensino Musical e Regência de Coral. Também fez Curso de Teologia Pastoral, durante quatro anos, para o exercício da disciplina de Educação religiosa. Coursou, em etapas, mil horas de Treinamento para o Exercício de Serviço Social Escolar no Departamento de Assistência ao Educando. Sempre atualizada, a professora Selma cursou o Curso Superior de Pedagogia Especial na UPF, para educação de deficientes mentais e deficientes de aprendizagem, dentro da psicopedagogia, numa intensa pesquisa dentro da área da Educação Especial, motivada pela clientela que Selma encontrou dentro dos programas do Serviço Social Escolar, no antigo MOBRAL, e nas próprias Escolas de Currículo Regular na lentidão de aprendizagem. Ela iniciou sua carreira como professora particular, em 1955, passando, um ano depois, para a rede estadual, no Grupo Escolar Fernando Borba, de Tapejara. Em 1960 transferiu-se para Marau (RS), onde foi Coordenadora do SEDEP (Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário), cargo de elevada confiança do Governo daquela época, em que o Programa semeou o Estado do Rio Grande do Sul com escolas, e no qual dona Selma foi destaque no Estado, por seu espírito dinâmico e criativo. Em meados de 1964, dona Selma transferiu residência para Passo

Fundo, onde foi designada pela 7ª DE para exercer função na Escola Lucille Fragoso de Albuquerque, no bairro Valinhos, onde realizou trabalho de Serviço Social, além de exercer classe. Destacou essa escola num Seminário de Artes, compondo, também, o hino daquele educandário, cantado até hoje. Em 1966, passou a exercer suas funções na Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira, da Vila Luiza, onde, além de dar aulas de música e educação religiosa, engajou-se na luta para a solução de problemas daquela vila, como construção da escola, da Igreja São Judas Tadeu e



Dona Selma e o esposo Iedo

do Monumento ao Padre Jacques. Destacou a escola com muitos trabalhos premiados, entre eles o 1º lugar com peça teatral de sua autoria, montada por ela mesma e apresentada por 35 crianças da escola, na Semana do Exército em 1971, no concurso promovido pelo Comandante do então denominado 16º RCMEC, quando era Comandante o Cel. Edu Villa de Azambuja. Fundou e dirigiu, por seis anos, o “Coral Vicentino Padre Jacques”, composto por alunos da Escola Antonino Xavier, que se destacou em toda a região, levando a palavra do Evangelho. Compilou várias biografias de pessoas ilustres e históricos de empresas, trabalho esse que faz parte do acervo da Biblioteca da Escola Antonino Xavier em dois volumes com o título de “Conhecimento de Valores de Passo Fundo”. Fundou e dirigiu, na Vila Luíza, a Conferência Vicentina Padre Jacques, junto a um grupo de professoras, para atendimento ao “Escolar Carente”. Em 1972, a convite da 7ª DE, passou a integrar a equipe do Departamento de Assistência ao Educando, sendo responsável pelo “Programa de Serviço Social Escolar”, que coordenou a organização e legalização dos Círculos de Pais e Mestres dos municípios da 7ª Região Escolar, com o objetivo primordial de dar assistência ao menor carente. Presidiu, também, a antiga comissão Municipal do MOBRL, a convite do ex-prefeito sr. Wolmar Salton, cargo que foi considerado “Destaque Nacional”, constando com “Menção Honrosa”, assinado pela Coordenação Estadual e Nacional. Nos últimos anos, até sua aposentadoria, em março de 1984, exerceu funções junto ao EENAV, ministrando aulas de “Educação Religiosa”, coordenando um Clube de Jovens, promovendo organizações festivas, além de prestar serviço de Delegações Públicas da Escola. Como Conselheira do 7º Núcleo do CPERS, dona Selma procurou a união dos professores junto à entidade. Escreveu o Histórico do CPERS na 7ª região, num livro que foi lançado festivamente no 7º Núcleo. Durante dez anos, presidiu o Conselho Comunitário de Assistência aos Presidiários, e lutou para a oficialização da Escola Municipal do Presídio Regional de Passo Fundo, na época da administração de Fernando Carrion. Com

idéias avançadas referentes à Educação Social, Dona Selma mantém a preocupação com a Educação Especial para Presidiários. Lutou, engajada a um grupo de pessoas, para a recuperação de presidiários e sua reintegração ao convívio familiar. Selma Gandini Costamilan casou-se, em 1947, com o sr. Iedo João Costamilan, na cidade de Tapejara. Tem os filhos Ben Hur Tadeu, D'Artagnan, Tâmara, Arquimedes José e Clarice. Seus netos são D'Artagnan, Cristiano e Tavane Graeff Costamilan, filhos de Nilce e D'Artagnan Costamilan; Renato Costamilan Liska, filho de Tâmara Costamilan Liska e Rogério Liska; Ramon Costamilan, filho de Marilena de Freitas e D'Artagnan Costamilan; Amanda e Ângelo Costamilan, filhos de Fabianne Tatin Cato e Arquimedes José Costamilan. As sobrinhas, "filhas do coração" (que conviveram por muitos anos com tia Selma) são: Neide Gandini, Eunice Spagnolo e Osvaldina Gandini (Neca), casada com Juliano Foresti, com o qual teve três filhos e duas netas: Fabrício (casado com Ana Carolina Souza Ferraz Foresti), pais da menina Gabriela; Ana Paula (casada com Marcos Pereira) pais da menina Ornella; e Fernando Foresti, todos residentes em São Paulo. Tia Selma, como é chamada por muitos de seus ex-alunos e pessoas que ela ajudou, continua realizando trabalhos assistenciais, visitando pessoas carentes na periferia da cidade, entrando em contato com as autoridades para a solução de problemas e mantém estreito contato com a imprensa local. Por seus trabalhos, já recebeu diversas honrarias, dentre elas Menção Honrosa da Qualidata, da Academia Passo-Fundense de letras, do Exército, do Clube de Oficiais da Brigada Militar, da Câmara de Vereadores e muitos outros.

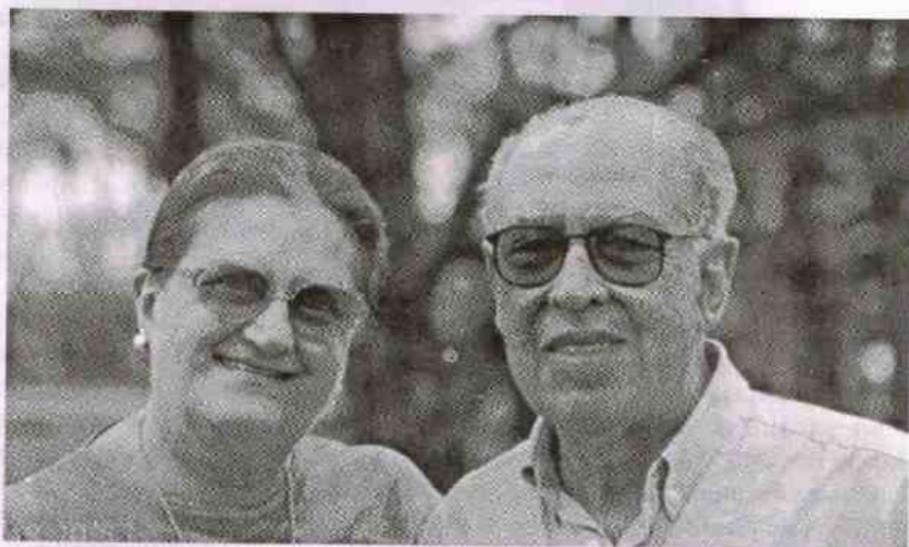




SILÉSIA MENEGAZ DO AMARAL CORREA – A primeira Rainha das Piscinas de Passo Fundo e Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul nasceu em Aparados da Serra, hoje Bom Jesus (RS), em 6 de setembro de 1947. Filha de Nelson Amaral e Aldemira Menegaz Amaral, Silésia, já residindo com seus pais em Passo Fundo, aos 16 anos de idade foi convidada para representar o Garden Club, então recém-fundado, para o concurso Rainha das Piscinas de Passo Fundo, em 1964. Foi o primeiro concurso desta categoria na cidade, até porque os clubes com piscina recém estavam começando a surgir (O Garden tinha sido inaugurado em 1963, o Gaúcho em 1964 e a AABB também em 1964). Além de Silésia, as outras participantes eram Alice Silveira, representando a AABB, Maria da Graça Varella representando o

Gaúcho e Tânia Kuchembecker (hoje a nacionalmente conhecida organizadora da Jornada de Literatura, Tânia Rösing) o Clube Náutico Capinguí. Ao vencer o concurso, realizado na recém-inaugurada Piscina do Gaúcho, Silésia foi a Porto Alegre , participar da esta estadual. Lá, eram 39 candidatas concorrendo no Ginásio da SOGIPA. A expectativa era geral. Silésia foi passando pelas etapas: ficou entre as quinze finalista, depois entre as cinco e, finalmente, para alegria de Silésia, dos familiares e da comitiva que a acompanhava desde Passo Fundo, o título inédito de Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul. Como prêmio, ela ganhou um fogão a gás da marca Wallig, que era a patrocinadora do evento. Silésia casou-se , anos depois, com o dr. Alcione Niederauer Correa, Juiz do Trabalho e professor

SILLY ANNITA BORGMANN DE MIRANDA – Nascida em Ijuí (RS), filha de Afonso Leopoldo Borgmann e Ana Walter Borgmann, imigrantes alemães, dona Silly mudou-se ainda pequena, para Porto Alegre, onde a família passou a residir. Lá, fez seus estudos básicos no tradicional Colégio Seigné. Conheceu o jovem médico dr. Álvaro Severo de Miranda, com o qual se casou. Como era quase uma tradição, naquela época, os médicos formavam-se nas capitais e clinicavam no interior. Assim, dona Silly e Álvaro mudaram-se para a cidade de Sananduva (RS), onde residiram por 16 anos. Em 1965, vieram para Passo Fundo, onde dona Silly passou a desenvolver atividades filantrópicas, principalmente na área da saúde pública. Fez parte da Diretoria da Sociedade de Amparo à Maternidade e Infância – SAMI – e do Clube da Saúde dr. Arthur Leite. Sua atuação mais marcante foi quando, em conjunto com as amigas, preocupadas com uma doença que, até hoje, vitima milhões de pessoas em todo o mundo, foi fundadora da Liga Feminina de Combate ao Câncer. Foi, também, sua primeira Presidente. Preocupada com a enfermidade infantil, dona Silly participou da fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE – e foi sua primeira Vice-Presidente. O casal Miranda tem os filhos Renato, Fernando, Helena e Maria Lúcia. Na foto, dona Silly e o marido Álvaro.





SILOÉ ROCHA BORDIGNON - O ano de 1929 apenas tinha começado em Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, quando aos 24 de fevereiro nascia na Rua Capitão Araújo, número 719, quarta filha do casal Antonio Junqueira da Rocha e Laura Vargas Junqueira da Rocha, que recebeu o nome de **SILOÉ VARGAS JUNQUEIRA DA ROCHA**. Estudou na Escola Elementar de Passo Fundo, onde foi aluna da primeira turma de magistério, concluindo o curso com um grupo reduzido de sete colegas, suas amigas pela vida a fora - algumas das quais voltaram a compartilhar de sua vida, trabalhando como professoras nas mesmas escolas. Logo após formada, iniciou sua carreira trabalhando como professora primária no distrito de Pulador, onde por dificuldades de transporte e locomoção próprias da época - 1950 - residiu durante um

longo ano. Em janeiro de 1951, casou-se com Euclides Bordignon, e foi morar em Getúlio Vargas, lecionando então no Grupo Escolar Padre Manoel da Nóbrega. Exatamente um ano depois, ao retornarem para Passo Fundo, continuou a lecionar como professora estadual, primeiramente no Grupo Escolar Protásio Alves e a partir de 1958, até sua aposentadoria em outubro de 1980, no Curso de Aplicação da Escola Normal Oswaldo Cruz, trabalhando principalmente com classes de alfabetização. Pertencendo a uma família tradicionalmente integrada à vida da comunidade e principalmente ligada à busca de soluções para os problemas enfrentados pelas crianças e populações de baixa renda de Passo Fundo, tão logo lhe foi possível, e estando com seus quatro filhos criados - Laura Eliza, Fabíola, Maria Lúcia e Thales, passou a dedicar-se como voluntária, ao trabalho desenvolvido pela Sociedade de Auxílio à Maternidade e à Infância - SAMI. Iniciou, dando continuidade ao trabalho de sua mãe que integrou os quadros da SAMI desde a sua fundação, em 20.04.1942. Foi algo que começou de mansinho, entrando aos poucos em sua vida. Mas como o serviço voluntário é algo que cativa e envolve aqueles que a ele se dedicam, em 1972 a Siloé já estava participando ativamente da vida e dos destinos daquela Entidade, integrando a Diretoria como 1ª Secretária. A partir de sua aposentadoria em 1980, tendo aumentando sua disponibilidade de tempo, passou a intensificar a sua atuação na diretoria daquela casa, exercendo cargo de 1ª Tesoureira, Vice-Presidente até que, em junho de 1986, com a saída de Passo Fundo de sua amiga e companheira de voluntariado a sra. Esther Bacaltchuck, incansável e dedicada Presidente, foi escolhida para presidir a SAMI. Começaram, nesse momento, sete anos inesquecíveis para todos aqueles que deles participaram. Tempos de dificuldades superados com garra, determinação e muito amor, principalmente pelas crianças

que diariamente vinham para a SAMI, em busca de carinho, atenção, aprendizado, alimento e vestuário. Tempos em que os recursos escassos, obrigavam a buscar incansável e continuamente o envolvimento da comunidade sempre sensível aos chamados, veementemente formulados. Tempos de alegria e gratificação pela certeza de se ter a recompensa maior, que é a verificação de que o trabalho foi bem feito, de ver nas crianças e nas famílias que integraram a "grande família da SAMI" o resultado positivo do trabalho e esforço dedicados. Após sua aposentadoria como professora, organizou-se com algumas colegas, formando um grupo chamado "Sempre Ativas", que por alguns anos reuniu-se na realização de trabalho voluntário junto a entidades de Assistência Social como, por exemplo, a APAE de Passo Fundo. Com um grupo de funcionários do Banco do Brasil S.A., desejosos de realizar um trabalho social voluntário na comunidade passofundense, intercedeu junto ao Gabinete da 1ª Dama do Estado, sra. Dionéia Soares, obtendo recursos que viabilizaram a construção de novas instalações para um ponto de atendimento do CEBEM - Centro de Bem Estar do Menor, em terreno e mão de obra cedidos pela Prefeitura Municipal, e que hoje integra a rede como creche municipal. Com a fundação da AIPAS - Associação das Instituições Particulares de Assistência Social em 1984, da qual participou, a atuação voluntária de Siloé expandiu-se ainda mais, muito além dos muros da SAMI, uma vez que sempre foi uma batalhadora das causas sociais e, viu brotarem as primeiras sementes rumo a realização de um trabalho social em rede, em Passo Fundo. Foram dias de mobilizações e campanhas de sensibilização da comunidade para o trabalho de Assistência Social, desenvolvido na época praticamente pela sociedade civil organizada, em nossa cidade. E enquanto isso, o trabalho junto à SAMI continuava cada vez mais intenso, com o número de crianças atendidas aumentando, e a Entidade continuando sempre a cumprir seus propósitos de atender além da infância, à maternidade através das entregas de enxovais aos recém nascidos. Estes, eram e continuam sendo até hoje, confeccionados por senhoras também voluntárias que compartilhavam as tardes de quarta-feira na Entidade, ano após ano. No final da década de 80, a partir do trabalho realizado na AIPAS, sentiu-se a necessidade de envolvimento das, então surgidas, entidades governamentais e a ampliação da participação das não-governamentais. Foi quando atuou ativamente do surgimento do COMPASSO - Conselho Municipal de Promoção Humana e Assistência Social de Passo Fundo, que mais tarde evoluiu para a criação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - COMDICA. Foram muitas as assembléias para discussão e encaminhamentos da Lei Municipal que, em 1991 criaria o COMDICA. Delas, Siloé participou com 100% de freqüência às reuniões, e mais tarde, de campanhas para eleição e instalação desse Conselho, do qual viria a ser Conselheira nos anos que lhe restavam viver. Na 1ª Diretoria, participou da Comissão que tinha a atribuição de melhor conhecer a realidade e carências de cada uma das entidades, propondo o reordenamento institucional preceituado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, recém criado. No momento de viabilizar o funcionamento do

Conselho Tutelar em Passo Fundo, integrou a Comissão Eleitoral que efetivou o processo de eleição e posse dos primeiros Conselheiros Tutelares. Em decorrência das visitas realizadas pelo COMDICA, surgiu a necessidade de organização das Políticas Municipais de Assistência Social. Foi novamente um momento de participação ativa, levantando problemas e buscando soluções junto às entidades e estabelecendo contatos permanentes com a LBA com a finalidade de garantir a continuidade do atendimento às crianças, não somente da SAMI da qual continuava Presidente, mas de todas as entidades conveniadas. Em abril de 1992, organizou em conjunto com a Diretoria, Professores e Funcionárias da SAMI as festividades que coroaram os 50 anos da Entidade na vida da comunidade. Em 22 de janeiro de 1993 faleceu, estando ainda no exercício da Presidência da SAMI à qual dedicou tantos anos de sua vida, deixando um exemplo a seguir e a ser lembrado por todos aqueles que a ela sucederem.





SIMONE MÜLLER CARDOSO – Simone do Valle Muller, nascida em Passo Fundo no dia 19 de fevereiro de 1964, é filha de Lúdio José Muller e Marilene do Valle Muller. Talvez por herança familiar (Uma tia é professora e a outra poetisa e membro da Academia Passofundense de Letras), escreve desde os oito anos de idade. Em trabalhos nas categorias conto, crônica, poesia, romance e ficção infantil. Aos onze anos de idade, em novembro de 1976, obteve o quarto lugar na categoria Conto Infantil no “II Concurso Estadual de Conto e Poesia”, promovido pelo Grupo Literário “Nova Geração”. Aos dezoito anos, lançou o livro de poemas intitulado “Uma Gota de Vida”, na Academia Passofundense de letras, obra essa que ainda teve o mérito de ser prefaciada pelo grande poeta gaúcho,

nacionalmente conhecido, Mário Quintana. Simone foi empossada na Academia Passofundense de Letras em abril de 1983, tornando-se, aos dezenove anos de idade, o mais jovem membro efetivo dessa instituição. Durante sete anos ela publicou uma apreciada coluna dominical no jornal “Diário da Manhã” de Passo Fundo, intitulada “Ser Jovem”, tornando-se muito conhecida em toda a região. Também em 1983, ela recebeu o diploma de “Destaque em Literatura”, conferido pelo Diário da Manhã, e também um diploma como homenagem do Executivo Municipal e Liga de Defesa Nacional em reconhecimento de seu trabalho literário. Nesta época, ainda prefaciou o livro de poesias “Etnarama”, escrito por seu colega e amigo Roberto Amarante. No ano seguinte, 1984, classificou-se no “V Concurso Nacional de Poesias”, promovido pela Revista de Brasília. Formou-se em Psicologia na Faculdade de Psicologia da UPF em dezembro de 1986. Seu nome consta do “Dicionário de Autores Contemporâneos”, de Faraco & Hickman, “Quem é Quem nas letras Riograndenses”. Participou da antologia “Poetas Brasileiros hoje – 1986”, lançada em março daquele ano, no Rio de Janeiro. Casou-se, em setembro de 1987 com Nilson Marques Cardoso, e tem os filhos Eduardo e Vinícius. Atualmente, Simone trabalha como psicóloga na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Montenegro (RS), onde também possui consultório particular. Realiza palestras no Município de Montenegro e região, nas áreas de Educação e Psicologia. Tem inúmeras publicações literárias e informativas, voltadas para as áreas da Educação e Psicologia, em jornais e revistas de circulação nacional. É membro atuante do Núcleo de Psicólogos e da Associação Montenegrina de escritores. Em junho de 2000 lançou, juntamente com mais onze escritores montenegrinos, a antologia “Rebento”, no Centro de Eventos da Associação Comercial e Industrial de Montenegro.



SINARA DA COSTA ALARCONY – Esta professora de danças nasceu em Passo Fundo, no dia 14 de agosto de 1969, filha de Casemiro José Lourival da Costa e Elba Ferreira Costa. Casada com Leonel Alarcony, tem os filhos Nicole e Leonardo da Costa Alarcony. Apesar de nascida em Passo Fundo, Sinara aprimorou sua vocação artística em Curitiba (PR). Lá ela bacharelou-se fazendo licenciatura em Dança Clássica pela PUC paranaense. Realizou curso profissionalizante de danças clássicas na Fundação Teatro Guaíra, de Curitiba. Fez Pós-graduação em Educação Fundamentada da Arte na Universidade Tuiuti, de Curitiba. Realiza, periodicamente, cursos de aperfeiçoamento com renomados professores do Brasil e Exterior. É

professora e proprietária do Espaço de Dança Petipá, onde ministra aulas de baby-class, balé clássico, moderno, jazz, street dance, dança livre e dança do ventre. Também coordena o Grupo Tanz, da UPF, desde 1992. Sinara, desde criança, sentiu vocação para a dança e, em nenhum momento, se afastou do seu objetivo. Ela entende que dançar é levar seus alunos através da experimentação, é a descoberta de suas possibilidades e a uma identificação com os movimentos da música e da dança. Ela costuma dizer, sobre a arte da dança que “o corpo é a tela onde expresso minha sensibilidade. Crio no espaço a harmonia de movimentos e ritmos. Eu sou a dança. Como a pintura, sou arte do princípio ao fim”.



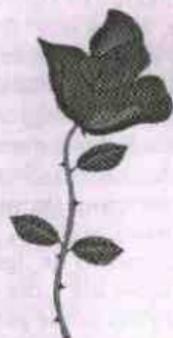


Sirlei e seu esposo, com o filho Giovanni, agora com dezoito anos.

SIRLEI FRANÇA CARDOSO – Esta educadora que se tornou empresária nasceu em Passo Fundo, filha de João Batista França e Octília Rezende França. Casou-se com Giovani Teixeira Martins Cardoso e tem um filho, Giovani França Cardoso. Sua trajetória na área da educação é extensa. Além do Curso de Magistério, Curso Superior de Pedagogia com Especialização na área de Orientação Educacional e inúmeros cursos de extensão universitária, ela continua numa atualização constante para o desempenho de suas atividades. Nomeada pelo Governo do Estado, em 1966, exerceu o magistério nas escolas Ângelo Bernardon, Dolores Barros, Cristo Redentor (Direção do Supletivo), Coordenadora do Grupo de Orientação Educacional na 7ª DE (gestões das delegadas Valéria e Marli), Delegada Adjunta da 7ª DE

(gestão Lydia Fasolo), Orientadora Educacional das escolas EENAV e CTN (na qual se aposentou). Integrou o Conselho Municipal de Educação na gestão Airton Dipp. Após sua aposentadoria, Sirlei não se acomodou e foi à luta, após seu esposo ter sofrido um acidente vascular cerebral, que o impossibilitou de continuar sua atividade profissional, quando era um bem sucedido empresário do setor distribuidor de anestésicos e produtos hospitalares. Com este impacto, Sirlei resolveu testar suas forças e lançou-se ao desafio de ingressar num ramo totalmente diferente de suas qualificações, dominado por homens. O fato de ser mulher não a amedrontou. Ao contrário, animou-a Ela acha que a mulher, muitas vezes, tem mais tática para a negociação. E assim assumiu a “Dimecor” (Distribuidora de Medicamentos e Correlatos), tornando-a uma empresa sólida que goza de ótimo conceito. Ainda que, no mundo dos negócios, existam épocas de ascensão e períodos de declínio, ela afirma que usa a criatividade para buscar soluções que sempre abrem novas oportunidades. Assim, sua empresa progride dia a dia. Há quatro anos iniciou pequena, e hoje já ocupa considerável espaço dentro da área da saúde, atingindo toda uma região com a venda de medicamentos e correlatos nas Casas de Saúde, Hospitais, laboratórios, etc. com uma competente equipe de revendedores. Vale lembrar que, na fase mais difícil de organização da empresa, Sirlei contou com o trabalho eficiente da dinâmica colega Lúcia Zibetti, que tem vasta experiência administrativa. Hoje, esse cargo é ocupado pelo sr.

Ronaldo Marques, jovem que exerce suas funções perfeitamente integrado com as equipes de trabalho interno e externo. Sirlei é uma “Mulher Gente Nota 10”, como a denomina Lurdes De Conto (do Diário Da Manhã). Admirada pela comunidade onde reside, é sempre prestativa e atenta a qualquer problema, especialmente com pessoas idosas e doentes. Muitas vezes ela toma para si a responsabilidade de conseguir hospitalização para as mesmas. Estas qualidades, certamente, foram herdadas de seus pais, que sempre praticaram a solidariedade e a boa convivência familiar. Sirlei, assim, consegue conciliar os diferentes papéis dentro da família. A busca do conhecimento é uma constante, tornou-se sua principal meta para poder, simultaneamente, atender ao esposo, à mãe idosa, dirigir a empresa com sucesso e dar e receber apoio de seu filho Ricardo, um jovem de vida exemplar, estudante do curso pré-vestibular para prestar vestibular para Medicina. Sirlei é uma empresária cuja vida é o exemplo de que, sempre, a coragem supera a adversidade.





SIRLEY TEREZINHA DOSSA MARCHIORI – O motivo pelo qual apenas homens trabalhavam com gráficas e impressoras até pouco tempo atrás, era simples: em geral, era preciso muita força para operar as prensas, inicialmente, quando eram torcidas à mão. Depois, venceu a tradição, e só recentemente se encontra mulheres no ramo de gráficas. Este é o caso da sra. Sirley, filha de Alberto Domingos Lago Dossa e Jovita Ribeiro Dossa, casada com o empresário Osvaldo Marchiori, de tradicional família de gráficos, com o qual teve os filhos João Alberto, Juliana e Osvaldo Marchiori Jr. Sirley, que cursou o 1º grau na Escola Menino Jesus e fez o Curso Técnico de Contabilidade no Colégio Conceição, ao casar-se com

Osvaldo, entrou para o ramo gráfico, onde está até hoje, dirigindo a empresa da família, a Gráfica Planalto. Mesmo com o corre-corre da vida atual, dona Sirley acha muito importante não descuidar da família, mantendo sempre contato com os filhos e o esposo, priorizando seu tempo para assuntos de interesse familiar, sem envolver negócios. Procurou passar essa idéia aos filhos, juntamente com exemplos de organização, honestidade e respeito para com as pessoas. Seu filho mais velho, João Alberto, assim como seu pai, seu avô paterno, seus tios e primos, já é empresário no ramo gráfico, sendo proprietário da Gráfica J. Print. A filha Juliana casou-se com o professor Carlos Alberto Romero, proprietário do Colégio Objetivo, e está cursando a faculdade de Direito na ULBRA. O mais jovem, Osvaldo Jr., atualmente com 15 anos, cursa o 2º Grau e já faz parte ativa da administração da empresa dos pais, onde, apesar da pouca idade, está se revelando um empresário de futuro. Sirley é avó de Carolina Marchiori, filha de João Alberto, que tem 7 anos e estuda no Colégio Objetivo. Conhecedora de todos os detalhes de sua atividade, dona Sirley é quem trata de orçamentos, lida com as fábricas, cuida dos pedidos e dos prazos. Seu lado feminino, porém, faz com que considere as datas mais importantes de sua família o aniversário dos filhos, do esposo e da neta, e, em especial, o Natal, porque é quando a família sempre se reúne para celebrar o nascimento de Jesus, “o maior exemplo de amor que devemos seguir em nosso dia-a-dia”, diz ela. Assim, como parte da família Marchiori, dona Sirley vinculou seu nome permanentemente à indústria gráfica de Passo Fundo.





SOLANGE LORECI SIMÕES – Filha de Helma Wommer, nascida em Passo Fundo em 19 de agosto de 1956, no Hospital de Caridade (hoje Hospital da Cidade), irmã de Teresinha Nedy Farah, Antonio Vicente Wommer e Jorge Gilmar Wommer Pimentel, Solange foi criada pela avó, a doce e saudosa Bernardina Lawall. Cresceu na Vila Cruzeiro, e sua primeira escola foi o grupo Escolar Salomão Iochpe. Terminou o 2º grau na E.E. Cecy Leite Costa cursando o turno da noite. Por força das dificuldades que o destino lhe impôs, precisou trabalhar muito cedo. Trabalhava de dia e estudava à noite, e

seu primeiro emprego com carteira assinada foi na Casa Samir, onde atuava como vendedora e desempenhava funções administrativas. Seguiram-se outros empregos em lojas, entre essas a antiga Casa São Paulo (quando dos Soldatelli). Nessa época, conheceu seu marido, Artur Dreher Simões e tiveram dois filhos: Fábio Simões, com 21 anos e estudante de Administração na UPF e Augusto Simões, com 16 anos, estudante do 2º ano do Curso de Eletrônica no Cecy Leite Costa. Após muito esforço e determinação, Solange formou-se em Licenciatura Plena em Economia Doméstica, na UPF, daí, prestou concurso público e ingressou no magistério estadual, trabalhando, como professora, por quase dez anos na E.E. Cardeal Arco Verde. Convidada para atuar na 7ª DE, foi a coordenadora do Setor de Apoio e Assistência aos municípios, atendendo aos 30 municípios de abrangência da Delegacia, cujo trabalho era diretamente com professores, secretários municipais e prefeitos. Também trabalhou como professora na CIM João De César, sendo professora de Técnicas Comerciais nas 7ª e 8ª séries e coordenadora do curso de Empreendedorismo, parceria ACISA/Júnior Achievement. Seguindo os ensinamentos da avó, que foi incansável no incentivo para que Solange desse continuidade aos estudos, apesar da dificuldade de precisar trabalhar em horário integral, em nenhum momento Solange permitiu-se fraquejar. Sua avó sempre a fez acreditar que era capaz de grandes conquistas e, principalmente, que nada se consegue sem esforço e dedicação. Convicta nessa teoria de não pedir, e sim doar, de lutar para conseguir, foi que Solange sempre enfrentou as dificuldades. Hoje, Secretária Municipal da SEMCAS – Secretaria Municipal da Criança e Ação Social – afirma que, felizmente, desempenha uma função que lhe permite não apenas interferir, mas melhorar a estrutura de uma secretaria tão importante como a da Ação Social, por atender também crianças e

adolescentes. O papel dessa secretaria, as condições de trabalho, dependem de uma estrutura administrativa, humana e, acima de tudo, dedicada. Isso parece óbvio, mas diante das dificuldades da sociedade brasileira, cujos reflexos aparecem também em Passo Fundo, Solange costuma dizer que suas atividades, nesse momento, exigem muito mais do que o óbvio. Necessita-se mudança, e isso é o mais difícil, pois mudanças não podem ser traumáticas nem impopulares. Apesar da complexidade social em que se vive, é preciso ter consciência, agir de maneira homogênea, atender a toda as solicitações que são feitas, realizar as tarefas que são designadas, dando sempre o melhor. Solange é uma mulher que sempre acreditou que transformações dependem de um desejo, de experiências e de uma boa convivência, que é preciso desfazer impressões e, ao mesmo tempo, incorporar outras, além da percepção de se está constantemente exposto ao convívio com as mais diferentes formas de vida, e que, no cotidiano, a surpresa é uma realidade sem escapatória. Ela confia, entretanto, que, com a união de forças será possível modificar a injustiça e acabar com a miséria e o sofrimento.



SOLANGE TERESINHA LAUS – A professora universitária e empresária, filha de Alceu Laus e Wilma Salton Laus, nasceu em Passo Fundo em 17 de dezembro de 1943. Iniciou seus estudos primários no Grupo Escolar Protásio Alves e concluiu o ensino médio no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro. Licenciada em



Pedagogia, especializou-se em Metodologia de Ensino pela Universidade de Passo Fundo. Lecionou Geografia e Matemática no Ginásio Estadual Santo Tomás de Aquino, em Marau (RS), e no Ginásio Estadual junto ao Grupo Escolar Protásio Alves, em Passo Fundo, sendo que neste último exerceu a função de Assistente de Direção. Colocada à disposição da UPF, em 1974, atuou em diversos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação. Coordenou vários departamentos e dirigiu a faculdade de Educação, em 1986. Foi membro de três Conselho Superiores da Universidade: CEPE (de 1976 a 1987), CU (de 1972 a 1978) e CD (1985 a 1989). Participou de inúmeras atividades de extensão, em especial, na Capacitação de

Professores para as Redes de Ensino, com convênios com a Secretaria de Educação do RS e com as Secretarias Municipais de Educação da região, com também em propostas conjuntas com outras Instituições de Ensino Superior. Foi uma grande batalhadora nas iniciativas e nos projetos educacionais. Seu prematuro falecimento abalou a conceituada casa comercial “Casa Rádio”, da qual foi co-proprietária e inesquecível gerente. A Faculdade de Educação da UPF perdeu uma de suas mais atuantes professoras restando sua eterna e viva lembrança para substituir o vazio de sua ausência. Pessoalmente, Solange era uma moça alta, de compleição robusta, porém delicada. Era particularmente amável e educada com todas as pessoas. Alguém disse uma vez que Solange era a mais doce das criaturas. Ela faleceu, vítima de doença fulminante em 7 de agosto de 1992.



TANIA MARIZA KUCHENBECKER RÖSING – Algumas pessoas dedicam-se tanto a determinadas obras ou projetos, que acabam fundindo-se com elas, tornando-se um sinônimo do outro. Um exemplo nacionalmente conhecido é Sílvio Santos, o Homem do Baú, tal a identificação do personagem com o empreendimento. Tânia Rösing virou sinônimo de Jornada de Literatura, e vice-versa. Se se pretendesse colocar parte do currículo dessa incansável lutadora da Cultura, em seus mais elevados aspectos, neste livro, seria necessário um apêndice. Vamos dizer apenas que a professora Tânia, Licenciada em Letras e Pedagogia – Supervisão Escolar, pela UPF, também é Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela mesma universidade, e Mestre em Letras – Teoria da literatura, pela PUC (RS) e Doutora em Letras – Teoria da Literatura, também pela PUC (RS). Trabalha na UPF há 30 anos, onde é professora de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira no Curso de Letras e

professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, além de Coordenadora do Centro de Referência de literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – do Curso de Letras dessa universidade. Está realizando pesquisas sobre Perfil do Leitor Atual e Formação do Professor Leitor. E, claro, é criadora e coordenadora geral das Jornadas Literárias de Passo Fundo. A criação deste evento, hoje nacionalmente famoso e agora disputado por autores nacionais e estrangeiros, teve início por causa do sonho de Tânia em ver seus alunos participarem de um evento literário que não ocorresse só em Porto Alegre ou no centro do país, e que fosse acessível aos alunos de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul. Em 1981, numa tarde de domingo, Tânia e seu marido foram visitar o sr. Caio Machado, cunhado do escritor Josué Guimarães. Ela conta que, ao chegarem lá, encontraram Josué e Nydia, que haviam chegado de Porto Alegre para uma visita ao irmão e cunhado. Quando Josué, entre outras coisas, perguntou-lhe como estava a universidade de Passo Fundo, ela respondeu que estava bem e contou-lhe o sonho de realizar um grande evento literário com a presença de escritores sul-rio-grandenses com a preparação prévia do público acerca do conteúdo de suas obras. Só que achava difícil que escritores do porte de Moacyr Scliar, Mário Quintana e outros concordassem em vir ao interior do estado para dar palestras. Josué entusiasmou-se com a idéia e disse que, se a metodologia

fosse essa, de preparar antecipadamente o público com a leitura das obras, ele mesmo se encarregaria de fazer os convites. Assim, surgiu a 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense. Compareceram mais de 750 pessoas ao Salão de Atos do prédio onde funcionava a antiga Reitoria, em frente ao Hospital São Vicente. O evento foi precedido da primeira pré-jornada, organizando professores em grupos de leitura das obras dos autores convidados e as reuniões aconteceram na Escola Estadual Protásio Alves. A primeira edição foi regional. Depois, Tânia e Josué decidiram que o evento poderia ser bianual, e, por sugestão de Josué, que deveria ser nacional. Tânia assustou-se pelo mesmo motivo: quem aceitaria vir do centro do país a Passo Fundo para discutir Literatura? Novamente Josué não falhou, convidou seus amigos e um público de 1300 pessoas pode conversar com Fernando Sabino, Antonio Callado, Millor Fernandes e outros tantos de igual importância. A partir daí, a Jornada passou a evoluir tanto em estrutura como no número de atividades e convidados. Como não desejava repetir um escritor na jornada seguinte, foi criada a figura do coordenador de debates, para poder contar com a presença constante de Josué Guimarães e não haver reclamação dos demais escritores. Com a morte de Josué, ao longo dos anos diversos coordenadores se sucederam. O mais importante é que a Jornada desmistificou a literatura para o público em geral. Uma coisa que antes era tratada com distanciamento, em Passo Fundo tornou-se popular. Tânia, atualmente, já se acostumou com as perguntas do povo como: O Ziraldo vem de novo? O Veríssimo vai falar sobre humor na Jornada? As pessoas comuns e os estudantes falam dos autores como se deles fossem íntimos. Na verdade, a Jornada de Literatura de Passo Fundo é o maior evento literário da América Latina, tanto em número de participantes como, provavelmente, em número de livros vendidos durante sua

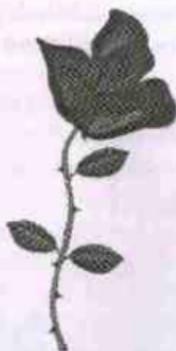
realização. O temor que Tânia tinha, no começo, de que os escritores não aceitassem seu convite para virem ao interior, transformou-se em preocupação em não melindrar



A professora Tânia, numa solenidade, tendo, à sua direita, o deputado Airton Dipp, e, à esq., o Reitor Ilmo Santos da UPF.

aqueles que ela não consegue encaixar no próximo evento, tal é o interesse hoje despertado em todo o país. O interessante neste fato é que Tânia, professora, mulher, criou e desenvolveu um evento único, reconhecido nacionalmente através dos incontáveis prêmios e distinções que recebeu e continua a receber, evento, aliás, que já começa a ser imitado por outras localidades. Particularmente, Tânia

desdobra-se para dar conta de todas as atividades que realiza, e talvez nem tenha tempo para se lembrar que já foi até uma Rainha de Beleza, como quando foi eleita Rainha das Piscinas do clube Capingui. Conserva a humildade e serenidade das grandes personalidades, e continua a tratar seus atuais e ex-alunos com a alegria e simpatia tão características dessa jovem senhora tão sonhadora quanto lutadora. Sobre sua criação, a Jornada, ela disse numa entrevista: "Começamos timidamente. Éramos poucos, muito poucos. Hoje somos uma grande equipe, interinstitucional, interdisciplinar, entusiasta, não medindo esforços para realizar o maior evento literário da América Latina com criatividade, seriedade, provocando transformações muito importantes nas concepções de leitura dos leitores, valorizando a plenitude do livro sem, no entanto, deixar de valorizar os meios eletrônicos e a riqueza que oferecem ao aprimoramento da leitura e da instalação de uma cultura de leitura no país."





TEREZINHA APARECIDA ZANETTE – Nascida, em 25 de janeiro de 1943, filha de Nicolau Ribeiro de Rezende e Elza Kurtz de Rezende, em Passo Fundo, a hoje professora e empresária Terezinha Zanette não esconde seu declarado amor por Passo Fundo e, particularmente, pela rua Morom, no trajeto de três quadras que leva ao centro da cidade, que se tornou uma espécie de “Rua da Praia” da cidade (uma alusão à Rua dos Andradas, em Porto Alegre, que é uma rua cheia de lojas, butiques, etc.). Casada com Ercy Zanette, que trabalha na área financeira da Burlamaque SA, o casal tem os filhos Elsa Cristine Zanette Reolon (psicóloga, responsável pelo setor clínico do Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes), Eduardo Tadeu Zanette (analista de

computação e funcionário do Banco do Brasil) e Cláudia Luciane Zanette Garcia (contabilista e administradora, casada com Ricardo Letizia Garcia – professor da UFRGS e economista do DAER -, sócia-gerente da Loja Pekenino) e os netos Luiza Zanette Reolon e Augusto Zanette Reolon, ambos estudantes no Colégio Conceição. A rua Morom faz parte de sua história, pois há mais de cinquenta anos vive no mesmo local. Viu a rua receber água encanada, calçadas, calçamento de paralelepípedos e depois asfalto. Quando jovem, a maioria das casas eram de madeira, e, aos poucos, foram sendo transformadas em edifícios. Ruas nas quais antes se brincava, agora servem só para carros. Tereza, como é chamada, pertence ao reduzido número de pessoas cujas famílias são as originais proprietárias dos imóveis, nesta região do centro de Passo Fundo. Ela lembra da época em que sequer telefone havia nas casas. Perdeu a conta das vezes em que abriram a rua, fosse para novos esgotos, ou para colocar fios subterrâneos, ou para telefone e assim por diante. Na área educacional, Tereza estudou na Escola Normal Oswaldo Cruz, onde fez o pré-primário e primário. As aulas eram administradas pelas normalistas e professores titulares que começavam a testar um ensino experimental, rico em atividades, como dramatizações, visitas, gincanas e outras. Lembra os nomes de alguns desses pioneiros como Ilse Canalli Ferreira, Geni

Chaise Borges, Melânia Ronchi Mello e Alda Matte da Costa. O curso ginásial foi realizado no Colégio Notre Dame, com professoras de formação francesa, que exigiam muita disciplina e os exames eram escritos e orais. Tereza lembra de um detalhe que muitos já esqueceram: para entrar no Curso Normal (o equivalente ao magistério de hoje), era preciso fazer um exame de seleção, uma espécie de vestibular. Ela fez, concluiu o curso e estagiou no Grupo Escolar Salomão Iochpe. Em seguida, completou o Curso de Estudos Sociais na Universidade de Passo Fundo e ainda o Curso de Especialização em Geografia na UPE, o Curso de Aperfeiçoamento no Ensino de Geografia na UFRGS, Pós-Graduação em Administração e Supervisão Escolar na UPF. Em 1965 foi nomeada para lecionar em Sertão(RS) no Grupo Escolar Ângelo Bernardon. Em 1966 foi transferida para o Grupo Escolar Arco Verde, em Passo Fundo, onde foi professora titular, vice-diretora e Diretora. No período em que esteve nesta escola, Tereza liderou os movimentos para aquisição de um terreno e construção do prédio de alvenaria onde hoje funciona a escola. Paralelamente, iniciou um movimento para a criação de uma Escola Polivalente naquele bairro. Foi nessa época, também, que houve a aquisição do terreno e construção do prédio, hoje Colégio Gervásio Annes. Foi também, no decorrer de sua gestão que houve a transformação da escola primária para Escola do Ensino Fundamental Cardeal Arcoverde. Em 1969, foi nomeada para lecionar no curso ginásial, de volta a Sertão, no Colégio Bandeirante. Em 1971, transferida para o Ginásio Anexo Grupo Escolar Ernesto Tochetto, após concurso realiza curso para lecionar no Colégio Polivalente, hoje Escola Estadual de 1º e 2º Graus Adelino Pereira Simões. Lecionou Geografia, Moral e Cívica, foi Coordenadora da Assistência ao aluno e a primeira Diretora Eleita. Transformou a Escola de 5ª a 8ª série – Ensino Fundamental; 1ª a 8ª série e pré-escolar em Escola de 1º e 2º grau. Integrou a diretoria do CPERGS de 1974 a 1985 e foi membro da Associação dos Ex-alunos do Colégio Notre Dame de 1974 a 1989. Exerceu por 28 anos o magistério estadual e hoje, aposentada, passou a trabalhar no comércio, sendo sócia da loja Pekenino, especializada em roupas infantis, sempre na Morom, esquina com Benjamin Constant, no centro da cidade. Esta atividade lhe é muito agradável, porque continua em contato com as crianças, que sempre gostou, e muitos de seus ex-alunos e colegas, com filhos pequenos, ou netos, até, vão até a loja procurar novidades para eles, e acabam tendo uma prolongada conversa com a amiga e ex-professora. De temperamento alegre e sempre bem disposta, Tereza tem sempre uma novidade para contar e bom humor para repartir. Ela, que tanto gosta de seu endereço, tornou-se uma espécie de referência na sua rua. Todos a conhecem e procuram quando querem saber algo mais sobre as pessoas e as casas desta região.



THEREZA ZULMIRA ARAÚJO DE ALMEIDA

– Filha de Clementino Bicca de Almeida e Maria da Glória Prates de Araújo, a poetisa, escritora, professora e vereadora Thereza Almeida nasceu em Santiago (RS), no dia 1º de outubro de 1929. Muito jovem ainda, aos 14 anos começou a escrever crônicas, sob pseudônimo, e enviar para publicação no jornal “A Platéia”, de Livramento (RS). Nem mesmo seus pais sabiam o que ela estava a fazer. Já adolescente, começou a escrever contos gauchescos, que mandava para publicar na “Revista da Semana”, do Rio de Janeiro. Esta revista semanal tinha um concurso chamado “Concurso Permanente de Contos”. Thereza, é claro, participava sempre, e suas histórias venceram dezessete vezes! Tal feito provocou um convite, por parte da revista, para que ela

visitasse o Rio de Janeiro. Eram os anos 40, e o Rio de Janeiro era a Capital da República. Uma vez na Capital, Thereza visitou vários lugares, inclusive a Academia Brasileira de Letras, onde tomou chá com os imortais Múcio Leão, Cláudio de Souza, Pedro Calmon, Padre Serafim Leite Viriato Correa e Olegário Mariano. De volta ao Sul, Thereza, aos 20 anos de idade, ingressou no magistério, aposentando-se após quase trinta anos de trabalho. Residiu em Passo Fundo por 23 anos. Neste período, continuou a escrever crônicas e poesias, que eram publicados nos jornais O Nacional e Diário Da Manhã, de Passo Fundo e Diário de Notícias, Última Hora e Correio do Povo, de Porto Alegre. Foi eleita vereadora em Passo Fundo durante a 6ª Legislatura, renunciando ao mandato em 28 de março de 1972. É autora do livro “Lembranças de Menina”, publicado em 1998. Foi membro da Academia Passo-fundense de letras, e hoje, residindo em Santana do Livramento, ocupa a cadeira nº 7 da Academia Santanense de Letras.





VALÉRIA GEHM DA COSTA – Muitas professoras ocuparam o cargo de Delegada do Ensino na 7ª DE. Muito, muito poucas, porém conseguiram marcar suas gestões a ponto de seus nomes serem imediatamente associados ao cargo como a professora Valéria. Nascida em Passo Fundo, em 19 de maio de 1940, filha de Waldemar Daniel Gehm e Delma Rosendo Gehm, casada com Polidoro Mendes da Costa, com os filhos Jorge André e Carlos Alexandre Gehm da Costa, a nora Linéia Michelin da Costa e o neto Alexandre Michelin da Costa, a professora Valéria iniciou sua formação profissional na Escola Normal Oswaldo Cruz, cursando, posteriormente, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Passo Fundo, e os cursos de Especialização em Administração Escolar na

Faculdade de Educação na UPF e Especialização em Metodologia do Ensino Superior – Pós-graduação lato sensu, também na UPF Na área da Educação, foi professora do ensino primário no Instituto Educacional, Protásio Alves e EENAV, de 1958 a 1964. Foi professora de Ensino Médio nas disciplinas de Matemática e Didática da Matemática, em 1962, no EENAV, escola na qual também foi coordenadora pedagógica de 2º grau, de 1975 a 1983. Assumiu como titular da 7ª Delegacia de Ensino em 1975 e só saiu em 1983, após duas gestões. Foi Diretora da Escola de 2º Grau da Fundação Universidade de Passo Fundo de 1989 a 2001. No Ensino Superior, foi professora titular de história da Educação na FAED da UPF, de 1963 a 2001; professora assistente de Metodologia e Didática Especial de Matemática, Supervisora de Estágio na Habilitação de Administração Escolar; professora titular de Administração Escolar; professora de estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus e Coordenadora do Departamento de Fundamentos da Educação, todos na FAED da UPF. Entre as homenagens que recebeu, destacam-se, em 1979, foi agraciada com portaria de louvor, pelo então Secretário de Educação, professor Airton Vargas, por relevantes serviços prestados à frente da 7ª DE de Passo Fundo. Em 1980, novamente agraciada com portaria de louvor, desta vez pelo Secretário dr. Ricardo Leônidas Ribas, pela colaboração prestada ao concurso Maratona Municipalista. Em 1982 recebeu o título de Educadora Emérita, concedido pelo Governador do Estado Amaral de Souza. Em 1983 recebeu o diploma de Professor Fundador da Universidade de Passo Fundo,

em solenidade comemorativa aos 15 anos da UPE. Em 1993, recebeu a Insígnia dos 25 anos da UPE, por relevantes serviços prestados àquela instituição. Em 1997, foi agraciada com portaria de louvor pelo Prefeito Municipal Júlio Teixeira, por sua atuação como membro e presidente do Conselho Municipal de Educação nos períodos 1983-1997 e 1984-1991, respectivamente. Como Delegada de Educação, o ponto de partida do seu trabalho foi um amplo levantamento da realidade educacional da Região, diagnosticando carências ou eventuais deficiências, apontando soluções, estabelecendo metas e fixando prioridades. Na região abrangida pela 7ª DE, durante o período de 1975 a 1983, foram construídos 57 novos prédios escolares estaduais, realizadas 25 ampliações e 22 recuperações de prédios antigos e deteriorados. Foram criadas 12 escolas de segundo grau, 11 de primeiro grau e o CRES de Carazinho, e ainda instaladas 134 novas séries no ensino de 1º grau. Outra área de grande preocupação foi com a qualidade de ensino, onde se levou em conta os seguintes componentes básicos: o aluno, o professor e o currículo. É impossível relatar em uma ou duas páginas oito anos de realizações, acontecidas no período em que Valéria foi Delegada de Ensino. O importante é ressaltar o que os colegas e assessores da professora Valéria dela recordam ainda hoje. “Uma mulher forte, dinâmica, dotada de espírito combativo, aceitou o desafio de dirigir, coordenar e executar um trabalho político-administrativo durante 8 anos, numa época muito conturbada politicamente”. Corajosa, enfrentava as dificuldades com autonomia, sem aceitar ingerências externas, sabendo dizer “não” às pressões políticas. Em sua gestão, abriu espaço para os pais, transformando as escolas em verdadeiros “centros comunitários”, com a reformulação e legalização dos Círculos de Pais e Mestres, projeto que marcou sua administração na comunidade escolar. Comprovando que inteligência e capacidade nunca foram impeditivos para a beleza, vale lembrar que, em 1958, a bela morena Valéria ganhou o título de Miss Passo Fundo daquele ano.





Valnira é a segunda, da esq. para a dir. no Congresso

**VALNIRA ZANONI
SCHAEFFER** –

Como já foi explicado na introdução desta obra, este livro nunca teve a intenção de ser uma obra acadêmica de origem. A intenção inicial dos autores era apenas mostrar,

através de relatos, uma imagem das mulheres de Passo Fundo hoje, no ano 2001, início do Terceiro Milênio, nas mais diferentes atividades, algumas inusitadas, até, e mulheres que enfrentaram ou enfrentam situações comuns ou incomuns, algumas desconhecidas da maioria das pessoas, justamente por serem vividas por reduzido grupo de indivíduos. Algumas dessas situações são apenas curiosas, pitorescas. Outras se revelaram dignas de admiração. E esta, na verdade, é a verdadeira intenção dos autores: um livro que contivesse um pouco de história, outro tanto de fatos, sem se tornar enfadonho. Assim, procurou-se não desmerecer nem endeusar ninguém, e simplesmente, contar histórias dessas mulheres que acabaram se revelando tão interessantes. Interessante como o relato dessa mulher, Presidente do Núcleo de Ostomizados de Passo Fundo, nascida nesta cidade em 15 de junho de 1948, filha de Eduardo Preste Schaeffer e Donatila Zanoni Schaeffer, mãe de Alexandre e Fabiane Schaeffer de Menezes, atualmente funcionária pública aposentada e que, durante 20 anos foi funcionária da Secretaria Estadual da Saúde em Passo Fundo. Valnira conta que sempre foi uma pessoa saudável procurava levar uma vida equilibrada. Por isso, ao tomar conhecimento de que era portadora de um problema que a levaria a uma deficiência física, sentiu sua vida desabar. Após todos os traumas emocionais conseqüentes da cirurgia, CTI, quimio e radioterapia, em relação à Ostomia ela sentia-se como sobrevivente de guerra: vitoriosa, embora com seqüelas físicas e emocionais. Procurava um meio que eliminasse o uso da bolsa de colostomia, pois embora dominasse perfeitamente seu manejo, não aceitava viver 24 horas por dia em função dela. Esse período foi doloroso psicologicamente, como Valnira conta no artigo “Luz de uma Jornada” (escrito em parceria com Aísa Magali Zauza), até que, resumindo, Valnira participou da VII Jornada Brasileira de Ostomizados em Curitiba, onde viu apresentações de canto, dança, participou de coquetéis, jantares e eventos todos com pessoas portadoras do mesmo problema. Descobriu, então, que a melhor maneira de conviver com isso não é se isolar, mas se reunir com pessoas que tenham problema semelhante e discutir, buscar novidades, procurar evoluir física e psicologicamente. Assim, tornou-se a fundadora do NOP – Núcleo

de Ostomizados de Passo Fundo – que é uma organização não governamental, que realiza um trabalho voluntário de solidariedade ao ostomizado e familiar. Está oficialmente legalizado e funciona na Avenida 7 de Setembro 1055, sala 3, no Parque da Gare, junto à SMSMA. A importância dessa associação é no processo de reabilitação da pessoa ostomizada. Este processo tem por finalidade: proporcionar continuidade no tratamento ao paciente e familiares (é importante começar este trabalho antes da operação cirúrgica); desenvolver a capacidade de aprendizado do auto-cuidado; contribuir para o retorno da pessoa às suas atividades; envolver a família no processo de reintegração (a família, nesse processo, é fundamental); e conscientizar, informar a comunidade (amigos, patrões, governo federal, estadual e municipal para que assegurem as condições de bem-estar e a aquisição de equipamentos para os ostomizados. Estas associações já existem nos estados brasileiros, no país e há também a Associação Internacional dos Ostomizados, com sede nos Estados Unidos, fundada em 1974. O núcleo de Passo Fundo, presidido pela valorosa Valnira Schaeffer foi fundado em 1998.





Vera fazendo rapel na SWAT americana

VERA LÚCIA GONÇALVES DOS SANTOS – A soldado Gonçalves (é assim mesmo que se diz: soldado – no masculino – e o nome de guerra da PM depois) nasceu em Passo Fundo, no dia 30 de julho de 1969. Filha de José Pereira Gonçalves e Santina Moreira Gonçalves, tem quatro irmãos, sendo três mulheres e um homem, o mais velho, que é Policial Militar assim como seu pai. Vera Lúcia é casada com o também soldado Alves e tem dois filhos, Anderson Luís (com nove anos) e Andressa (com um ano e oito meses). Assim, Vera Lúcia é filha, irmã e esposa de Policiais militares, e pode-se dizer que a farda está no seu sangue. Entrou para a Brigada Militar em outubro de 1990, em Passo Fundo, e frequentou

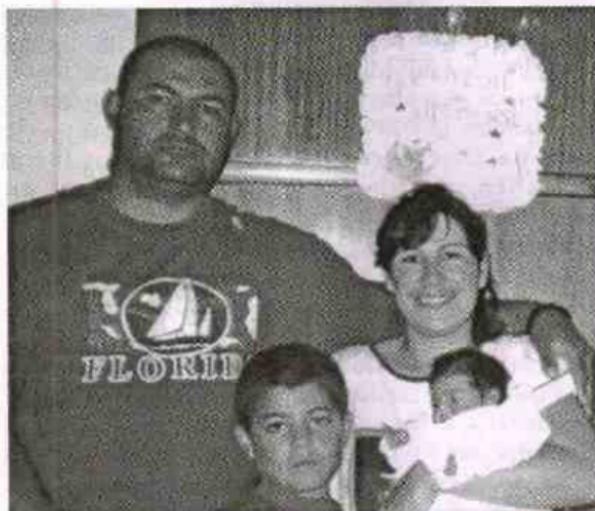


Vera, agachada, ao centro, com colegas do Grupo Tático G3.

nove meses de curso em Porto Alegre na Escola de Formação e Especialização de Cabos e Soldados. Depois do curso, trabalhou nove anos no Policiamento de Rua, depois foi para o Pelotão Especial, Pelotão de Choque e, finalmente, no Grupo Tático G3, uma espécie de pelotão de elite, onde participou do 1º Curso de operações Especiais, em 1997. Este curso teve quinze dias de duração, e é um dos mais difíceis da Brigada, sendo que o soldado precisa ter muito controle

emocional e bom condicionamento físico para chegar ao final, e Vera Lúcia teve que mostrar garra e determinação aos instrutores para provar que as mulheres tem condições de participar de um Grupo de Operações Especiais. Apesar de uma certa discriminação do sexo oposto, a PM Gonçalves conseguiu superar as provas e tornou-se a primeira mulher a participar de um grupo de operações especiais. Sempre buscando o aprimoramento profissional, em setembro de 1998 a soldado Gonçalves foi aos Estados Unidos participar de um curso na mundialmente famosa SWAT. Este curso teve a duração de quinze dias, e ela teve a oportunidade de conhecer um pouco sobre a grande potência que é a Polícia Norte-americana. Por acaso, ela foi a primeira mulher, no Brasil, a participar desse curso. Lá, ela teve a oportunidade de conhecer vários tipos de armamento e diversos modelos de granadas. Fez um curso de segurança de dignatário (VIP), aquele para proteção de autoridades, e também um curso na NIA (a Academia Nacional de Inteligência). Nos treinamentos, teve de fazer rapel (escalada de paredes), abordagem de veículos, situações com reféns e muitos outros. De volta

para o Brasil, no ano de 1999, participou do 1º Encontro de Mulheres da Secretaria de Justiça e Segurança, realizado em Porto Alegre, onde foram debatidas várias questões sobre a Segurança Pública e, principalmente, sobre a própria mulher e sua situação na sociedade atual. Seu marido, o soldado Alves, tem quase quinze anos de Brigada Militar e também fez cursos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, dá o maior apoio e compreensão para a esposa. Sabe que precisam trabalhar juntos para ter



O marido, soldado Alves, a soldado Gonçalves com Andressa no colo e Anderson Luís na frente.

um futuro melhor e mais digno. Com sua experiência, pode ajudar aos outros soldados nos momentos difíceis que sempre acontecem. Sua mulher, Vera Lúcia, ou, melhor dizendo, soldado Gonçalves, pretende estudar bastante para prestar concurso para Sargento, para progredir nessa atividade ainda considerada um tanto incomum para as mulheres. Sem farda, entretanto, Vera Lúcia é uma jovem senhora como qualquer outra, e ninguém imagina que ali está um soldado muito bem preparado para qualquer situação pela SWAT americana.



ZAIDA DA SILVA CAMARGO – Nascida em Carazinho(RS) em 4 de fevereiro de 1936, filha de Manoel Machado da Silva e Amália Alves da Silva, esta pioneira na área da Educação fez seus estudos básicos no Grupo Escolar de São Bento, Ginásio Nossa Senhora Aparecida e Escola Normal Nossa Senhora da Glória, todos em Carazinho. Completou o Curso Normal (2º grau) na Escola Normal Borges de Castro, em Palmeira das Missões (RS). Na Faculdade, fez Licenciatura Plena em Filosofia e como complementação, Orientação Educacional e História. No Magistério, atuou nas escolas Escola Isolada de São Bento (em Carazinho),

Grupo Escolar de Coxinho (Victor Graeff), Grupo Escolar Cacique Nenguirú (Palmeira das Missões), Escola Normal Borges do Canto (Palmeira das Missões), Grupo Escolar Araújo Ramos (Santa Maria), Grupo Escolar Ernesto Tochetto (Passo Fundo) e Grupo Escolar Fagundes dos Reis, também em Passo Fundo. Em 1974, em parceria com a orientadora educacional Terezinha Brito e com a assistência psicológica da Irmã Glória Delgado, criou a primeira oficina de Orientação Educacional Autônoma, em Passo Fundo, voltada para a Orientação Vocacional. Participou, também, de outros grupos pioneiros como a criação do Núcleo de Orientadores Educacionais do Planalto (NOEP), idealizado por um grupo de educadores que acreditavam na Orientação Educacional como força desencadeadora do senso crítico, da liberdade de pensamento, do autoconhecimento e da harmonia vivencial, suscitando no educando a capacidade de identificar as suas possibilidades e limitações, pré-requisitos essenciais para escolhas acertadas, especialmente em relação à decisão por uma profissão. O grupo conseguiu, pela valorização do serviço, incentivar a instalação do Serviço de Orientação Educacional (SOE) na maioria das escolas de Passo Fundo. Zaida integrou a primeira turma da Oficina Literária do CREATI, empenhando-se pelo reconhecimento do trabalho da Oficina na comunidade, através da divulgação nos meios de comunicação. Participou da criação e montagem do jornal "Novidade", que divulga as atividades do CREATI. Colaborou para que o primeiro livro da oficina, "Retalhos de Vida", fosse editado, expressando, assim, em poesia, os sonhos, as expectativas e as vivências de cada integrante do grupo. Educadora obstinada, norteou suas ações no magistério com idealismo, buscando permanente aperfeiçoamento profissional para oferecer à juventude que lhe era confiada, o melhor na área da educação, tendo que superar barreiras naturais de uma época em que se fazia uma educação, de certa maneira, "artesanal", em termos de recursos didáticos. Muitas experiências bem sucedidas e momentos raros marcaram sua vida profissional. Dentre todos, o mais gratificante foi o trabalho no então Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis, sob a direção da mestra Edy Zimmermann Silva. Lá, aprendeu que ser professora de algumas turmas era pouco, precisava envolver-se com o todo, vivendo o dia a dia da escola. Nesse período, essa escola foi considerada a escola-modelo do interior do estado, título esse

conferido pelo pioneirismo na implantação de projetos de grande alcance psicopedagógico e social. Nessa linha pioneira, pode-se citar alguns projetos importantes, como o trabalho com surdo-mudos integrados às classes regulares, num entrosamento com a APAE, envolvendo a participação de professores especialistas; a integração lar-escola pelo incentivo à participação ativa dos pais na vida da escola, através da dinamização do COM; a criação do Serviço de Assistência ao Educando, objetivando a assistência ao aluno carente, identificado pela pesquisa sócio-econômica da família fagundeana, trabalho esse feito com zelo e dedicação pelo SOE da escola. Toda a cobertura financeira pra esses projetos advinha de promoções realizadas pelo COM, sem nenhuma ajuda governamental. Zaida sempre que tem a oportunidade, presta homenagem à educadora Edy Zimmermann Silva cujo idealismo ultrapassou o que, para muitos, era o limite do possível, lançando-se a uma luta que visava desestabilizar um cotidiano discreto, remetendo a uma educação renovada e renovadora e aos educadores fagundeanos, que fizeram da educação não apenas um meio de vida, mas viveram para educar. Tal é seu amor pelo magistério que é de sua autoria o poema "Ao Mestre, com carinho", reproduzido a seguir:

Magistério,
Missão ou profissão?
Quem sabe
Profissão de ensinar,
Missão de educar
Não importa.
É destaque o burilar constante
No sentido da plenitude do ser
A força de um ideal
A coragem para enfrentar
O dia a dia da escola
A disponibilidade total
A doação sem limites
O transbordar do entusiasmo
O encantamento
A autenticidade do educador
Que é presença
Que luta
Que assume responsabilidades
Que aceita desafios
Porque aposta na juventude
E acredita na Educação.

A professora Zaida, por ela mesma, se define: "Na memória, o relembrar dos mais gratos momentos. No coração, a ternura de quem revive a presença vivificante da juventude. Na alma, a inquietude por não ter exaurido a capacidade de realizar".



Marlusa e o marido, Heitor Verardi

ZAIRA MARLUSA VERARDI

– Marlusa, como é mais conhecida, nasceu em Santa Maria (RS), em 8 de outubro de 1936, filha de Orlando Gerhardt e Alexandra Abelin Gerhardt. Casada com o dr. Heitor Verardi, teve os filhos Marcus Vinicius Verardi (já falecido), André Luiz Verardi, Fabiane Verardi Burlamaque e Fernanda Verardi Bendtius. Quando criança, seu sonho

era ser cantora. Marlusa cantava em programas de calouros do então apresentador Maurício Sirotski Sobrinho (criador da RBS TV), em corais, em festivais estudantis e em festas. As dificuldades, na época, para desenvolver a carreira, abortaram seus sonhos. Seus estudos básicos, desde o Jardim da Infância, até o Curso de Magistério, foram feitos no Colégio Notre Dame de Passo Fundo. Assim que começou a lecionar, passou a amar a profissão. Essa atividade muito a gratificou, desde o começo da carreira, na cidade de Seberi (RS), mais tarde no Grupo Escolar Visconde do Araguaia, no então distrito de Coxilha, até vir para Passo Fundo. Nesta cidade, começou na Escola Municipal Pedro Américo, que, ao tornar-se uma escola estadual, passou a se chamar Ernesto Tochetto, por sugestão de Marlusa, sua diretora, na época. Passou dois anos na Escola Salomão Iochpe e dezoito anos na Escola Fagundes dos Reis, sempre lecionando no curso primário. Depois de fazer Curso de Especialização, lecionou a disciplina de História, no CENAV. Desde 1964, junto com seu esposo, pertence ao Lions Clube Passo Fundo Norte, período em que, no seu tempo livre, dedica-se aos trabalhos assistenciais. Quando se esposo foi eleito Governador do Distrito L22 do Lions Internacional, no período 1983/84, Marlusa, para arrecadar fundos para entidades carentes, organizou e editou um livro de receitas culinárias, denominado "Receitas Que Domaram Nossos Leões", que teve grande sucesso. Quando Heitor foi eleito Presidente do Conselho Nacional de Governantes do Lions, no período 1984/85, o casal viajou por todo o Brasil e alguns países, como China, Canadá, Peru e Estados Unidos, trabalhando na organização de eventos e proferindo palestras. Há vinte anos trabalha voluntariamente na Liga Feminina de Combate ao Câncer, exercendo, atualmente, a função de Secretária da entidade. Quando se aposentou do magistério, há nove anos, foi convidada pela amiga Clélia Martins Pinto, Diretora do Jornal Diário da Manhã, para escrever uma página social. Desde então, vem realizando esse trabalho, que lhe dá muito prazer. Faz parte da Diretoria do Clube Comercial há muitos anos.



ZELI DO CARMO CAMPOS – Ainda que, na área do Jornalismo, seja comum a presença de mulheres repórteres, comentaristas e umas poucas fotógrafas, ainda são os homens a grande maioria que possui estúdios para fotos particulares ou de eventos. Em Passo Fundo, Zeli é uma saudável exceção, provando que até no olhar por detrás de uma objetiva as mulheres se saem tão bem (ou até melhor) quanto os homens. Filha de Armando de Campos e Adailde de Campos, nascida em Irai (RS), Zeli é a proprietária e fotógrafa do Vogue Mini Lab, conhecido estúdio e laboratório do centro da cidade, que administra sozinha há alguns anos. Mãe de três filhos, Rodrigo (médico-cirurgião em Porto Alegre), Daniela (Advogada, também em Porto Alegre) e Janaína Wobetto (cursando Administração de Empresas

na UPF), Zeli diz que gostaria de deixar marcado seu estilo, um jeito especial que transfere aos seus trabalhos fotográficos e que as pessoas começam a reconhecer. Ela se sente à vontade quando está trabalhando, especialmente quando se trata de algum evento público, como um casamento ou aniversário. Ela sabe que as pessoas ainda não se acostumaram a ver uma mulher realizando esse trabalho, mas essa atenção é que a incentiva. Ela sabe que fotografar é uma arte difícil, mesmo para os homens, porque não é qualquer pessoa que tem a sensibilidade para captar, em décimos de segundo, “aquele” momento que ficará gravado para sempre. Nas reportagens, isto fica a cargo exclusivamente do fotógrafo, que precisa decidir na hora quando e como vai registrar um instantâneo. Esse olho clínico, profissional, Zeli desenvolveu estudando publicações especializadas, nacionais e estrangeiras, examinando fotos dos mestres da fotografia mundial e aplicando esse conhecimento no seu trabalho diário. Mesmo em estúdio, ela conta que não é fácil colocar as pessoas à vontade, para que a foto saia natural. É preciso conversar com a pessoa, fazer com que ela relaxe, até que ela perceba que ali, num certo momento, a pessoa está se parecendo com ela mesma. É um trabalho que exige conhecimento da natureza humana. Talvez por isso Zeli queria ser psicóloga, sonho que ainda não realizou. Hoje, porém, ela se sente realizada com seu trabalho e sente-se na melhor forma quando está fazendo aquilo que sabe melhor: fotografar.

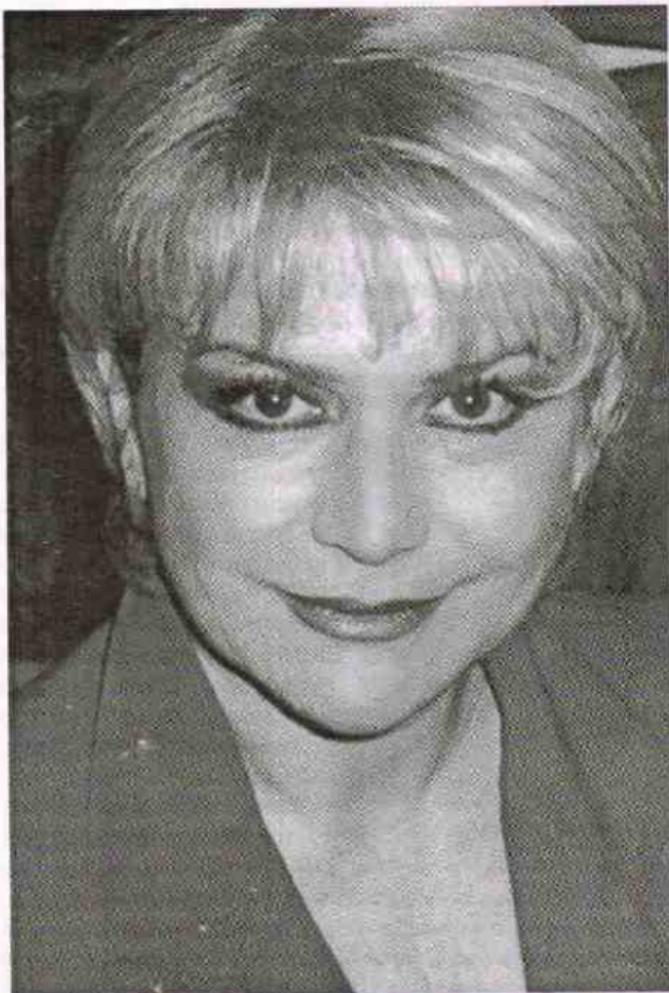


ZELINDA BRUGNERA DE TOMAS

- A professora e vereadora Zelinda nasceu em Nova Prata(RS), no dia 12 de março de 1956, filha de João Brugnara e Iracema Antoniazzi Brugnara. Casada com Sadi de Tomas, tem os filhos Giovani, Francielle e Vagner. Zelinda gosta de se definir como uma pessoa simples e lutadora, mas, na verdade, é muito mais que isso. Apesar do avanço que as mulheres estão tendo em todas as áreas sociais, principalmente em atividades cujo ingresso é por concurso público, na política os eleitores ainda votam muito pouco nas mulheres. Com a exceção daquelas famosas nacionalmente, sabe-se que, principalmente no interior dos estados, o eleitor médio é muito conservador. Por isso o fato de

Zelinda ter sido a única mulher a se eleger ao Legislativo Passofundense em 2000 é muito importante. Ela é professora da rede municipal e estadual de ensino. Courseu Magistério, fez Pedagogia na UPF e Pós-graduação em Supervisão Escolar. Concorreu, pela primeira vez, à vereadora, em 1996, ficando na suplência. Nas eleições de 2000, conseguiu 1.050 votos, tornando-se a única mulher eleita nesta legislatura. Mesmo tendo sido filiada ao PDT desde seu ingresso na política, na metade de 2001 Zelinda passou para o PSDB. Idealista, ela luta incansavelmente pela valorização da mulher no mercado de trabalho. Para isso, apresentou projeto de lei criando a "Semana da Mulher" no município de Passo Fundo.





ZELIR SALETE LAGO BUSATO – Nascida em Lagoa Vermelha (RS), em 22 de agosto de 1952, filha de Theodoro Lago e Delezia Ana Piccinini Lago, irmã de Carlos Alberto Lago, cirurgião-dentista e Flávio Lago, engenheiro agrônomo, casada com o cirurgião-dentista Elmo Busato, Zelir, atualmente, é Professora de Língua Portuguesa e Prática de Ensino de Língua Portuguesa na UPF e Coordenadora da Área de Práticas de Ensino e Estágios da Faculdade de Educação. Começou a lecionar muito cedo, em 1972, quando ainda era aluna do 2º ano de Letras na UPF.

Quando a professora Ceres Sartori entrou em licença para ter a primeira filha, Tatiana, ela foi convidada para substituí-la. No mesmo ano, lecionou no Instituto Educacional, onde foi professora de seu irmão. Lá, foi professora de diversas pessoas hoje muito conhecidas no mundo social, econômico e político da cidade, como Lelo Menegaz, Ramadan Kalil e muitos outros. Formou-se em Letras em julho de 1974 e, a partir daí, lecionou em diversas faculdades, como Economia, Direito, Ciências Contábeis. Dos tempos de estudante, Zelir orgulha-se de ter trabalhado com o pai na tradicional Churrascaria Lago, onde ela atendia as mesas, fazia a conta e qualquer outro serviço que fosse necessário. Seu dia era totalmente ocupado: de manhã, no IE; à tarde, ela era aluna e, à noite, ajudava o pai. Sua

vocação mesmo, entretanto, parece ser a de ensinar. Isto transparece nas conversas, quando ela lembra das pessoas que, um dia, foram suas alunas. À medida em que vai falando, vai lembrando: Osmar Teixeira (advogado), Renato Miranda (empresário). Brincando, diz que um dos alunos que ela não esquece é João Francisco dos Santos, porque, em 1973, (época em que ele foi seu aluno), cada vez que o João levantava a mão, ela sabia que viria uma pergunta difícil. Dava a impressão de que ele pesquisava antes alguma coisa muito diferente apenas para ver se “enrolava” a professora. Foi professora da Susana Teixeira (esposa do ex-prefeito Júlio Teixeira). Foi fundadora do Gama, um dos primeiros pré-vestibulares da cidade, em 1973. Ela sempre diz que continuou a lecionar na UPF por causa da Jalila Patussi, que não a deixava desistir. Cada vez que ela pensava em largar, a Jalila a aconselhava: “fica mais um pouco”. Sempre gostou

do contato com os alunos. Adora conversar, estar com pessoas. Substituíva qualquer professor, se fosse necessário. Com o casamento, vieram as filhas Bruna Lago Busato (Administradora de Empresas, formada pela UPF e sócia-proprietária da ZZZ Tur), Antonela Lago Busato (acadêmica de Direito) e Natália Lago Busato (Rainha do Centenário do Caixeiral Campestre Tênis Clube). Sua empresa de turismo começou por acaso, quando, em 1993, sua filha



*Da esq. para a dir.: Bruna, Antonela e Natália,
com Zelir e Elmo Busato.*

Bruna foi à Disney. Ela participou de uma excursão promovida pela famosa Tia Iara, que há muitos anos organiza este tipo de viagens em todo o Brasil. Zelir se encarregou de arrumar um grupo. Em poucos dias formou uma turma e a Tia Iara não a largou mais. Acabou tomando gosto por mais esta atividade e abriu uma agência de turismo, a ZZZ Tur. Dentre todas as atividades que realizou, a que mais gostou, que mais lhe deu satisfação, foi a de apresentadora da TV Suprema, através do Canal 20 pela TV a cabo local, no período de 1998 a 1999. Gostou tanto que acha que aquilo seria sua realização, se pudesse trabalhar só nisso. Na verdade, as câmeras parecem gostar da Zelir. Ela nunca pareceu tão à vontade como naqueles programas que foram ao ar enquanto esse canal manteve a programação. As pessoas que a assistiram são unânimes quando dizem que ela parecia ter anos de experiência. Essa atividade, aliás, que consistia em fazer

entrevistas com personalidades da região ou que estivessem visitando a cidade, fez com que ela ganhasse alguns apelidos, como Hebe Camargo do Planalto, Xuxa dos Pampas, etc. devido à enorme audiência que tinha, por ser um programa exclusivamente local, para pouco mais de dois mil assinantes, na época. É difícil, porém, identificar uma das qualidades dessa mulher que a tornaram uma figura tão conhecida e tão contraditória. Contraditória porque, em se tratando de Zelir Salete Lago Busato, assim mesmo, com o nome por extenso, como ela costuma se apresentar aos novos alunos, não há meio termo: ou as pessoas a amam ou a odeiam. O meio termo, para ela, não existe. Não se sabe precisar o quanto ela é temida ou admirada. Aos poucos a quem ela permitiu um conhecimento de seus verdadeiros sentimentos – ainda que ela não os escondia (apenas são difíceis de se decifrar) – foi apresentada uma mulher que teve de lutar pelo que queria. Nada na vida lhe foi dado ou presenteado. E o esforço em não deixar transparecer as cicatrizes das batalhas que lutou – e venceu, diga-se de passagem – deve ter chegado ao seu limite algumas vezes. Na verdade, talvez Zelir esteja sendo uma pioneira nesta área na qual os homens eram especialistas: o dilema existencial no qual luta-se tanto que se chega a um ponto em que se pergunta “vale a pena tudo isso?”. A tão desejada independência feminina, independência esta, deixe-se bem claro, apenas financeira e social, começa a causar, nas mulheres inteligentes (e só as inteligentes conseguem sucesso), este tipo peculiar de reação. Atingiu-se o que se queria, materialmente, na vida, mas, e agora? Uma pessoa tão rica de sentimentos como Zelir não consegue ficar parada sem buscar uma resposta. E esta busca é que atrapalha o brilho e a alegria dessa mulher de quem os verdadeiros amigos tem o maior orgulho. Se estamos a desenvolver teorias ou tecer comentários agora, é porque, por acaso, Zelir é a penúltima mulher a ser retratada nesta obra, e também porque, é preciso que se diga, foi ela, quando também foi professora, num temporário Curso de Letras na UPE, de um aluno já entrado nos quarenta anos, que dezenas de vezes o provocou a escrever um livro, exaltando qualidades que ele não possuía. Talvez apenas para contentá-la, este é o livro, e ela acabou sendo uma das personagens dessa primeira obra. Talvez ela não tenha percebido ainda, ninguém tem mesmo muitos amigos. Os poucos que se tem, porém, os verdadeiros, são eternos e incondicionais.





ZIZA DE ARAÚJO TREIN – Nascida em Passo Fundo, no dia 17 de outubro de 1903, filha do paulista e veterano da Guerra do Paraguai, Justimiano Ferreira de Araújo e de Madalena de Araújo, dona Ziza fez seus estudos básicos no Colégio Elementar, em Passo Fundo. Ingressou, mais tarde, no Colégio Americano, em Porto Alegre, onde ficou até concluir o Curso de Magistério. Seu pai lutou na Guerra do Paraguai. Ferido, conseguiu refúgio em São Borja (RS), onde se curou, e não mais deixou o Rio Grande do Sul. Quando passou a morar em Passo Fundo, foi um dos fundadores da Igreja Metodista. Depois de formada, dona Ziza lecionou no Instituto Ginásial (o atual IE) e no Colégio Israelita de Passo Fundo.

Seus alunos mais brilhantes foram Salomão Iochpe e Paulo Pargendler. Ela trabalhou algum tempo no Banco do Comércio. Casada com Edmundo Walter Trein, teve dois filhos: Eclérion de Araújo Trein e o ex-deputado, político de importância nacional, que ocupou um sem número de cargos em diversas administrações estaduais e federais Justimiano Augusto de Araújo Trein. Dona Ziza era uma mulher que sempre se vestiu com elegância, e, por ser de baixa estatura, jamais dispensava os sapatos de salto alto. Como consequência da importância política do filho Augusto, ela sempre esteve atenta aos acontecimentos políticos locais e nacionais. Gostava muito do trabalho assistencial, e foi uma das fundadoras do Lar da Vovó, no Bairro Fátima. Seu filho Augusto conta que dona Ziza doava parte dos seus rendimentos aos pobres e instituições de caridade. Fazia isso tão desprendidamente que, às vezes, precisava ser controlada para não abusar da caridade. É autora do livro "Vida e Poesia", editado em 1983. Seu hobby era as viagens, e, através delas, conheceu todo o Brasil, algumas regiões dos Estados Unidos, Europa, Ásia e até a Austrália e Nova Zelândia, conhecendo, desta forma, os cinco continentes. Como professora, seus alunos lembram dela como afável e cordial, disposta e bem humorada. Publicou vários poemas nos jornais locais, especialmente no O Nacional. Em 1971, sua poesia intitulada "Meu Rincão", tirou o 2º lugar no 1º Festival Gaúcho de Cima da Serra. Seu lado humanista transparece na sua poesia, como nos poemas intitulados "Mãe Adotiva", "Meu Fardo" e "Tapete de Retalhos". Ocupou a cadeira nº 27 da Academia Passofundense de Letras, cujo patrono é Ana Luiza Ferrão Teixeira, que, aliás, foi sua primeira professora. Dona Ziza faleceu em Passo Fundo, em 19 de setembro de 1998.

[Faint, illegible text covering the majority of the page, likely bleed-through from the reverse side.]

00005605

